AMIN MAALOUF

†

AS CRUZADAS VISTAS PELOS ÁRABES

4.ª edição

editora brasiliense

Em 1876 o crítico Jules Castagnary, escrevendo sobre uma exibição de pintura dizia que como por encanto todo mundo começara a pintar o Oriente: "um Oriente imaginário que ninguém jamais havia visto ou conhecido. Delacrois em seu *atelier* pintou o episódio do massacre de Quios (1824), Victor Hugo deu cores aos seus "orientais" (1927), enfim os canhões de Navarone estalaram. O Oriente estava aberto para a criação de nossos pintores..." Devaneio e fantasia: atributos ocidentais para supor um oriente exótico, estranho e idealizado.

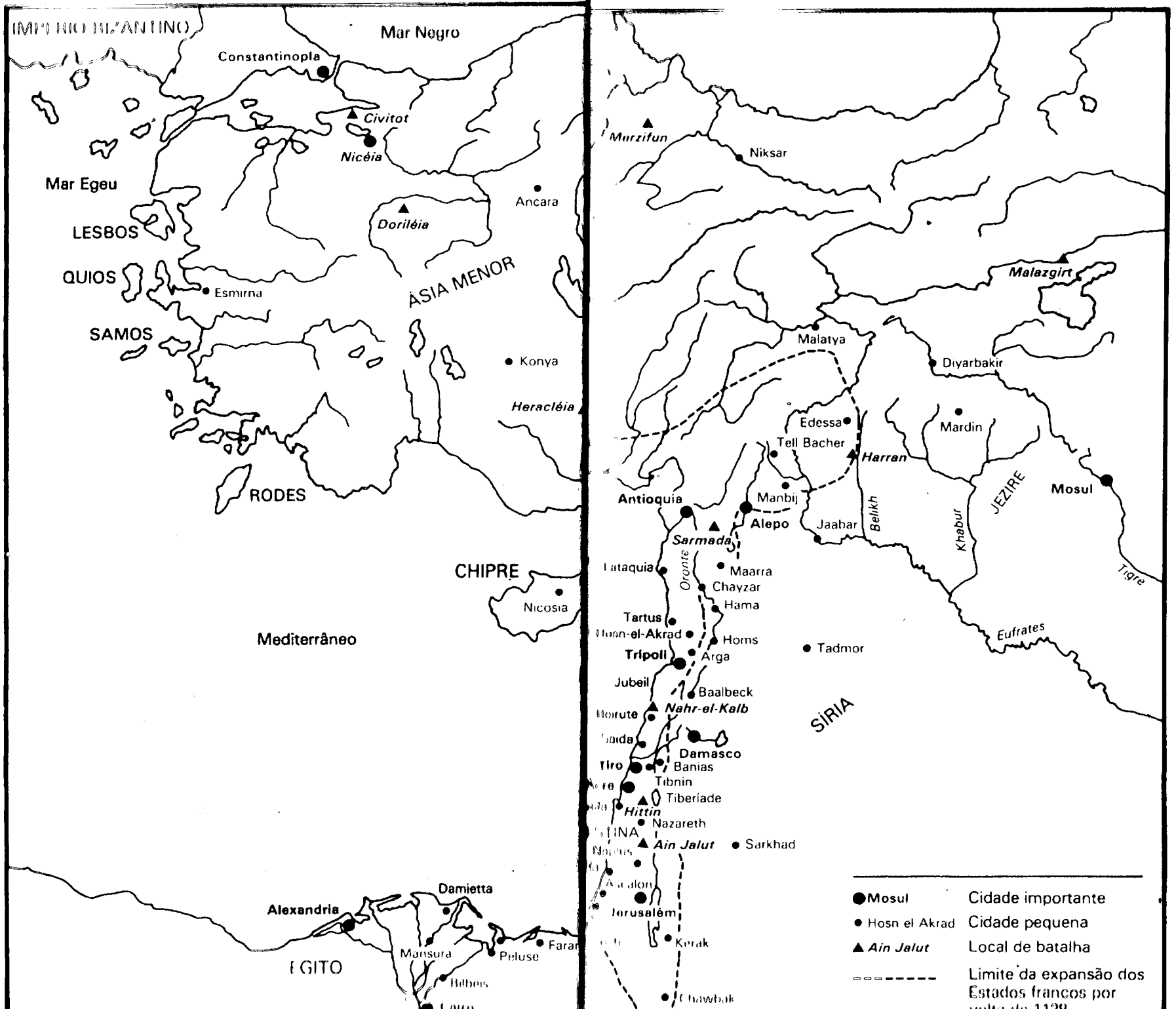
A imaginação sobre o Oriente sempre foi romantizada. A proposta de um universo desconhecido e mágico se mesclava com um raciocínio que versava sobre o maravilhoso e o fantástico. Desde logo se desenvolveu uma percepção que mostrava o espaço oriental como uma terra de odaliscas, haréns, misteriosos mercados, comidas, depositário de objetos místicos. Tudo feito para o encantamento dos ocidentais "civilizadores", homens abertos à aventuras cujos cenários seriam as areias dos desertos, as cidades amuralhadas e a inconquistabilidade social dos habitantes. Os enigmas do mundo árabe têm motivado pesquisadores de todas as áreas, porém ainda estamos longe das sínteses explicativas e das análises abrangentes. Desafios como a língua, a diferença dos valores morais e o entendimento do convívio de códigos tão diferenciados ainda se colocam como entraves. Contudo, desde a crise do petróleo (1973), tem-se feito um esforço para que as explicações sobre as longínquas terras das "mil e uma noites" se façam presentes.

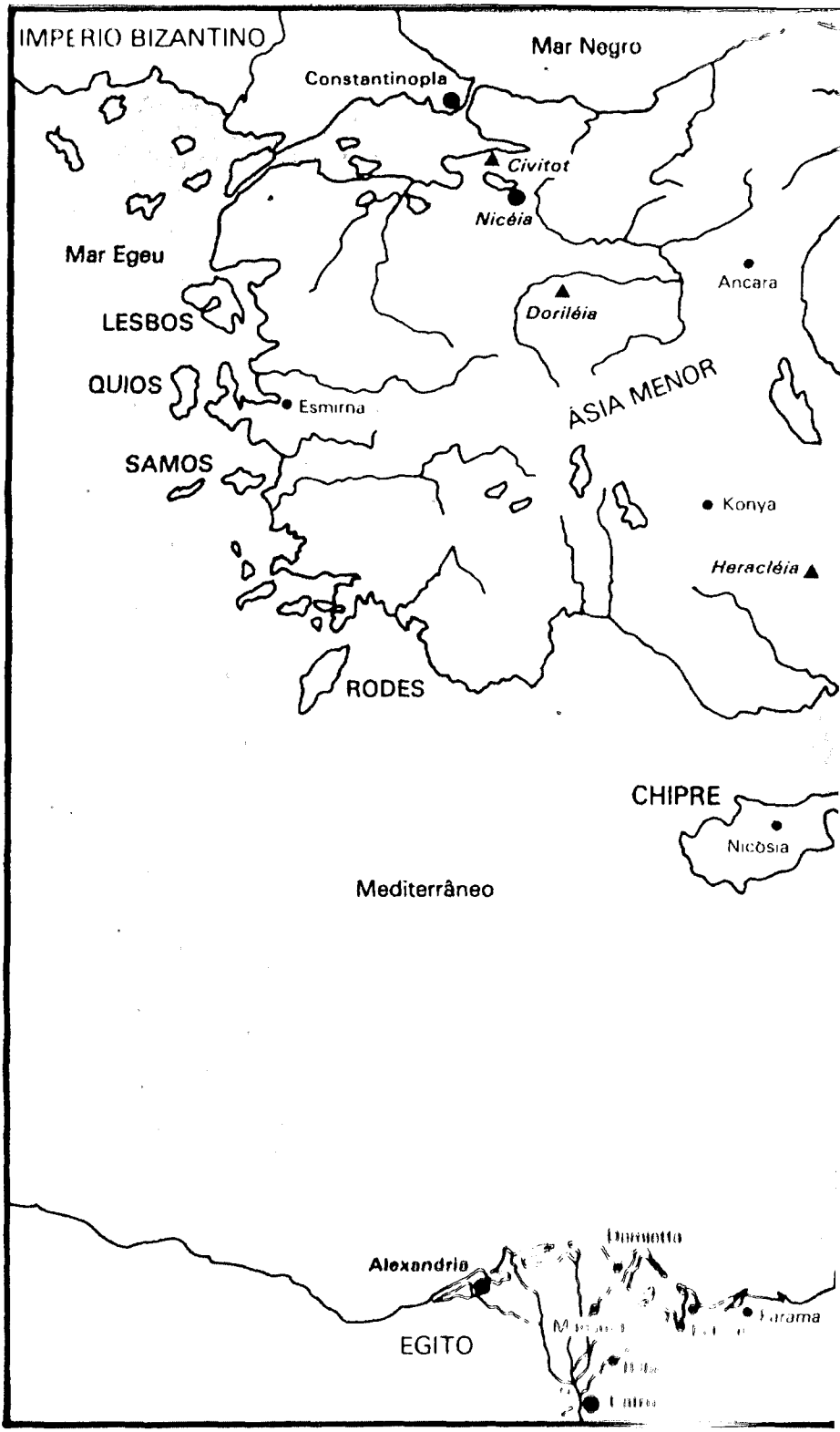
O livro de Amin Maalouf, *As Cruzadas Vistas pelos Árabes* se coloca no ocidente como um possível caminho para um trânsito desejável entre os dois mundos desconhecidos. Como rico baú trazido

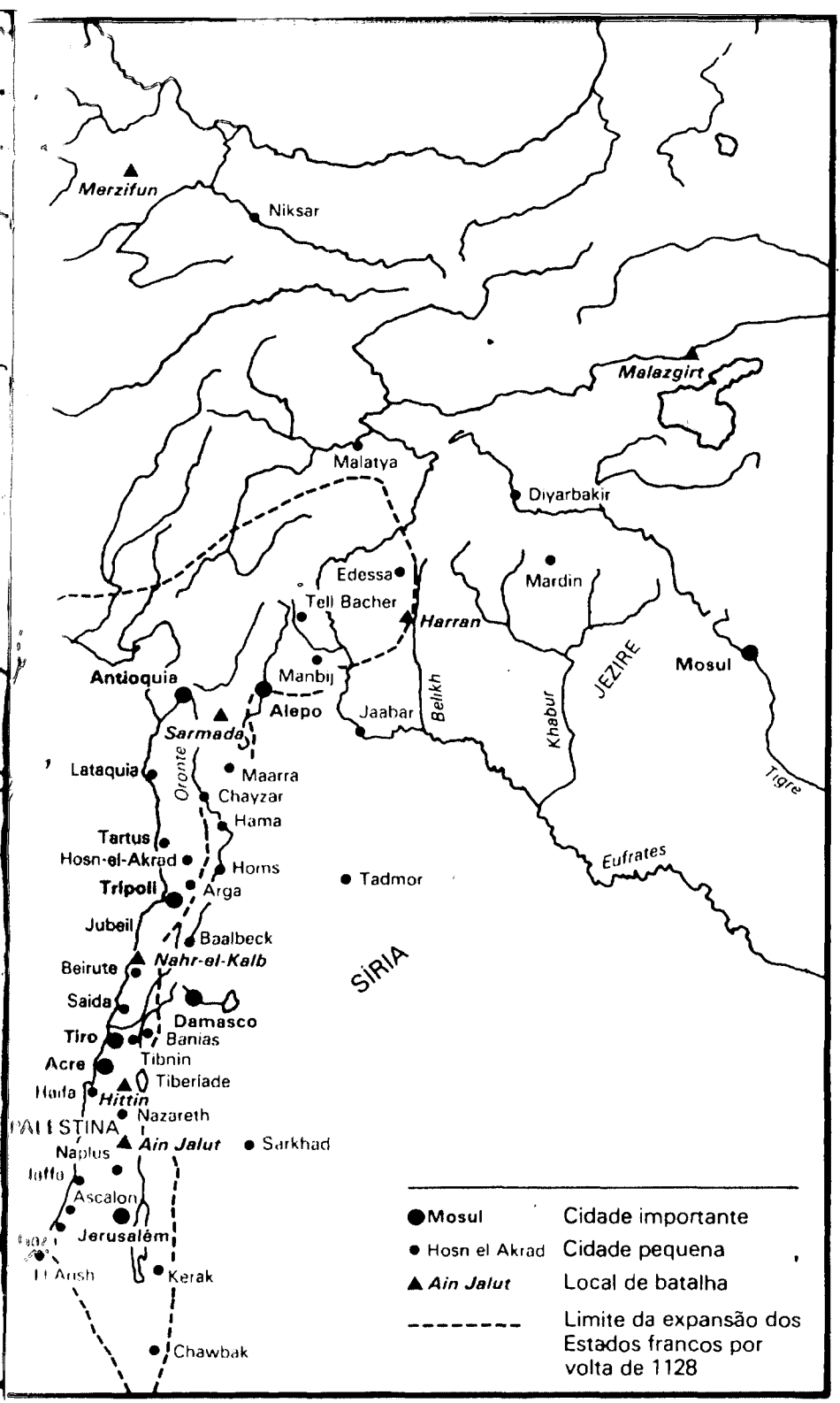
M113c 2007
abes
FIBRAC1
002402

FACULDADE INTEGRADA BRASIL AMAZÔNIA
Biblioteca
FIBRA

As Cruzadas Vistas pelos Árabes


IMPÉRIO BIZANTINO
Mar Negro
Constantinopla
Civitot
Nicéia
Mar Egeu
Ancara
Doriléia
LESBOS
QUIOS
Esmirna
ÁSIA MENOR
SAMOS
Konya
Heracléia
RODES
CHIPRE
Nicosia
Mediterrâneo
Damietta
Alexandria
Mansura
Peluse
EGITO
Bilbeis
Murzifun
Niksar
Malazgirt
Malatya
Diyarbakir
Edessa
Mardin
Tell Bacher
Harran
Antioquia
Manbij
Alepo
Jaabar
Belikh
Khabur
JEZIRE
Mosul
Sarmada
Oronte
Lataquia
Maarra
Chayzar
Hama
Tartus
Homs
Tripoli
Arga
Tadmor
Eufrates
Tigre
Jubeil
Baalbeck
Nahr-el-Kalb
SÍRIA
Damasco
Banias
Tibnin
Tiberíade
Hittin
Nazareth
Ain Jalut
Sarkhad
Jerusalém
Kerak
Mosul Cidade importante
Hosn el Akrad Cidade pequena
Ain Jalut Local de batalha
Limite da expansão dos Estados francos por


IMPÉRIO BIZANTINO
Mar Negro
Constantinopla
Civitot
Nicéia
Mar Egeu
Ancara
Doriléia
LESBOS
QUIOS
Esmirna
ÁSIA MENOR
SAMOS
Konya
Heracléia
RODES
CHIPRE
Nicósia
Mediterrâneo
Alexandria
EGITO


Merzifun
Niksar
Malazgirt
Malatya
Diyarbakir
Edessa
Tell Bacher
Harran
Mardin
Antioquia
Manbij
Alepo
Jaabar
Belikh
Khabur
JEZIRE
Mosul
Sarmada
Orante
Lataquia
Maarra
Chayzar
Hama
Tartus
Hosn-el-Akrad
Homs
Tripoli
Arga
Tadmor
Tigre
Eufrates
Jubeil
Baalbeck
Beirute
Nahr-el-Kalb
SÍRIA
Saida
Damasco
Tiro
Banias
Acre
Tibnin
Haifa
Tiberiade
Hittin
Nazareth
PALESTINA
Ain Jalut
Sarkhad
Naplus
Jaffa
Ascalon
Jerusalém
Arish
Kerak
Chawbak
Mosul
Cidade importante
Hosn el Akrad
Cidade pequena
Ain Jalut
Local de batalha
Limite da expansão dos Estados francos por volta de 1128

Amin Maalouf

FACULDADE INTEGRADA BRASIL AMAZÔNIA
Biblioteca
FIBRA

As Cruzadas Vistas pelos Árabes

Tradução
Pauline Alphene
Rogério Muoio

Revisão técnica
José Carlos Sebe

Ac. 2402 vol. 2
Class: 909.07
Cutter: M.11.3c
Tombo: 12883109
Data: 22/02/09

editora brasiliense

Copyright © by Amin Maalouf, 1983.
Título original em francês: Les Croisades vues par les Arabes
Copyright da tradução brasileira: Editora Brasiliense S.A.
Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada,
armazenada em sistemas eletrônicos, fotocopiada,
reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer
sem autorização prévia da editora.

Primeira edição, 1988
4ª edição, 1994
3ª reimpressão, 2007

Revisão: *José Waldir Santos Moraes*
Capa: *Isabel Carballo*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Maalouf, Amin.
As cruzadas vistas pelos Árabes / Amin Maalouf;
tradução de Pauline Alphene, Rogério Muoio;
revisão técnica José Carlos Sebe. - São Paulo : Brasiliense, 2007.

Título original:Les croisades vues par les Arabes.
3ª reimpr. da 4. ed. de 1994.
Bibliografia
ISBN 85-11-13078-0

1. Cruzadas - 2. Império islâmico - História - 750.1258
3. Historiadores Árabes I. Título.

07-8956 CDD-909.07

Índices para catálogo sistemático:
1. Cruzadas : História 909.07

editora brasiliense s.a.
Rua Airi, 22 - Tatuapé - CEP 03310-010 - São Paulo - SP
Fone/Fax: (0xx11) 6198-1488
www.editorabrasiliense.com.br

livraria brasiliense s.a.
Av. Azevedo, 484 - Tatuapé - CEP 03308-000 - São Paulo - SP
Fone/Fax: (0xx11) 6197-0054
livrariasbrasiliense@editorabrasiliense.com.br

Índice

Prefácio 9
Prólogo 11

PRIMEIRA PARTE
A Invasão (1096-1100)
1 — Os *franj* estão chegando 17
2 — Maldito fabricante de couraças 30
3 — Os canibais de Maara 45

SEGUNDA PARTE
A Ocupação (1100-1128)
4 — Os dois mil dias de Trípoli 65
5 — Um resistente de turbante 85

TERCEIRA PARTE
A Resposta (1128-1146)
6 — Os complôs de Damasco 107
7 — Um emir entre os bárbaros 119

QUARTA PARTE
A Vitória (1146-1187)
8 — O santo rei Nureddin 137
9 — A corrida em direção ao Nilo 151
10 — As lágrimas de Saladino 166

QUINTA PARTE

O *Sursis* (1187-1244)

11 — O encontro impossível 191
12 — O justo e o perfeito 204

SEXTA PARTE

A Expulsão (1244-1291)

13 — O chicote mongol 219
14 — *Praza a Deus que eles nunca mais coloquem os pés aqui* 229

Epílogo 241
Notas e fontes 246
Cronologia 251

Prefácio

Este livro parte de uma proposta objetiva: contar a história das cruzadas como elas foram vistas, vividas e relatadas pelo "outro lado", isto é, pela perspectiva árabe. O conteúdo dessa narrativa baseia-se, quase que exclusivamente, em testemunhos de historiadores e cronistas árabes da época. Estes não falam em cruzadas e sim em guerras ou invasões dos francos. O conceito que designa os francos é transcrito pelos árabes de diferentes formas segundo as regiões, os autores e os períodos das invasões *(faranj, faranjat, ifranj, ifranjat...)*. Para unificar, escolhemos o mais conciso, e sobretudo o que serve hoje ainda à fala comum para indicar os ocidentais, mais particularmente os franceses: *franj*.

Preocupados em não tornar a narração pesada com numerosas notas bibliográficas, históricas ou demais — preferimos guardá-las para o final, onde estão agrupadas por capítulo. Serão úteis àqueles que quiserem complementar seus conhecimentos, mas não são, em absoluto, indispensáveis à compreensão da narrativa que se pretende acessível a todos. De fato, mais que um novo livro de História, quisemos escrever a partir do ponto de vista até então negligenciado do "romance histórico" das cruzadas, daqueles dois séculos movimentados que moldaram o Ocidente e o mundo árabe, e que ainda hoje determinam suas relações.

Prólogo

Bagdá, agosto de 1099

Sem turbante, cabeça raspada em sinal de luto, o venerável cádi Abu-Saad al-Harawi, gritando, adentra a vasta tenda do califa al-Mustazhir-billah. Segue-o uma multidão de companheiros, jovens e velhos. Estes aprovam ruidosamente cada uma de suas palavras, e, a seu modo como ele, repetiam o espetáculo provocante de uma figura com vasta barba sob o crânio nu. Alguns dignitários da corte tentam acalmá-lo, mas, afastando-os com um gesto desdenhoso, ele caminha com determinação para o centro do compartimento. Depois, com veemente eloqüência, tal um pregador do alto de seu púlpito, admoesta todos os presentes, sem considerar suas condições.

— Vocês ousam vacilar à sombra de uma tranqüila segurança, numa vida frívola como flor de jardim, enquanto seus irmãos sírios têm por única morada o lombo dos camelos ou as entranhas dos abutres? Quanto sangue derramado! Quantas belas moças tiveram que, envergonhadas, esconder seu rosto meigo nas mãos! Os valorosos árabes conformam-se com a ofensa e os bravos persas aceitam a desonra?

"Era um discurso de fazer rolar lágrimas e comover os corações", dirão os cronistas árabes. Toda a assistência está sacudida por gemidos e lamentações. Mas al-Harawi não quer os seus soluços.

— A pior arma do homem — exclama ele — é verter lágrimas quando as espadas ateiam o fogo da guerra.

Se ele fez a viagem de Damasco a Bagdá, três longas semanas de verão sob o escaldante sol do deserto sírio, não é para mendigar piedade, mas para avisar as mais altas autoridades islâmicas sobre a calamidade que acaba

de se abater em cima dos crentes, e para pedir-lhes que se posicionassem sem demora a fim de fazer cessar a carnificina. "Nunca os muçulmanos foram humilhados desta forma", repete al-Harawi, "nunca antes suas terras foram tão agressivamente devastadas". Todos os homens que o acompanham eram fugitivos das cidades saqueadas pelo invasor; alguns deles estão entre aqueles raros que puderam escapar de Jerusalém. Ele os trouxe consigo para que pudessem contar, a viva voz, o drama que viveram um mês antes.

Foi, de fato, na sexta-feira 22 do tempo de Chaaban, do ano de 492 da Hégira, que os *franj* se apossaram da Cidade Santa, após um sítio de quarenta dias. Os exilados ainda tremem cada vez que falam nisso, seu olhar se esfria como se eles ainda tivessem diante dos olhos aqueles guerreiros louros, protegidos de armaduras, que espalham pelas ruas o sabre cortante, desembainhado, degolando homens, mulheres e crianças, pilhando as casas, saqueando as mesquitas.

Dois dias depois de cessada a chacina não havia mais um só muçulmano do lado de dentro das cidades. Alguns aproveitaram-se da confusão para fugir, pelas portas que os invasores haviam arrombado. Outros jaziam, aos milhares, em poças de sangue na soleira de suas casas ou nas proximidades das mesquitas. Entre eles, um grande número de imãs, ulemás e ascetas sufis que haviam deixado sua terra para viver um retiro piedoso, nesses santos lugares. Os últimos sobreviventes forçados a cumprir a pior das tarefas: transportar os cadáveres dos seus, amontoando-os, sem sepultura, nos terrenos baldios para em seguida queimá-los. Os sobreviventes por sua vez deveriam proteger-se para não serem massacrados ou vendidos como escravos.

O destino do judeus de Jerusalém foi igualmente atroz. Durante as primeiras horas da batalha, vários deles participaram da defesa de seu bairro, a Judiaria, situada ao norte da cidade. Mas quando a parte da muralha que delimitava suas casas desmoronou, os judeus se apavoravam, vendo que os louros cavaleiros começavam a invadir as ruas da cidade. A comunidade inteira, reproduzindo um gesto ancestral, reuniu-se na sinagoga principal para rezar. Os *franj* então bloquearam todos os acessos. Depois, empilhando feixes de lenha em torno, atearam fogo. Os que tentavam sair eram mortos nos becos vizinhos, os outros, queimados vivos.

Alguns dias após o drama, os primeiros refugiados da Palestina chegaram em Damasco trazendo, com extremo cuidado, o Alcorão de Othman, um dos mais antigos exemplares do Livro Sagrado. Em seguida, os fugitivos de Jerusalém aproximaram-se da metrópole síria. Avistando de longe a silhueta dos três minaretes da mesquita omíada que se destacam acima da muralha quadrada, então estenderam seu tapete de oração para agradecer ao Todo-Poderoso por ter assim prolongado suas vidas que acreditavam ter chega-

do ao fim. Como grande cádi de Damasco, Abu-Saad al-Harawi acolheu os refugiados com benevolência. Esse magistrado de origem afegã era a personalidade mais respeitada da cidade, conselheiro e consolador dos palestinos. Segundo ele, um muçulmano não deveria se envergonhar de ter tido que fugir de sua casa. O primeiro refugiado do Islã não fora o próprio profeta Maomé, que tivera que deixar sua cidade natal, Meca, cuja população lhe era hostil, buscando refúgio em Medina, onde a nova religião era mais aceita? E não fora a partir de seu exílio que lançara a Guerra Santa, o *jihad,* para libertar a pátria da idolatria? Os refugiados devem considerar-se os combatentes da Guerra Santa, os *mujahidins* por excelência, tão honrados no Islã que a emigração do Profeta, a Hégira, foi escolhida como ponto de partida da era muçulmana.

Para muitos crentes, o exílio era, no caso de ocupação, inclusive um dever imperativo. O viajante Ibn Jobair, um árabe da Espanha que visitara a Palestina (cerca de um século após o início da invasão franca), ficara escandalizado vendo que alguns muçulmanos, "subjugados pelo amor da terra natal", aceitam viver em território ocupado. "Não há", dizia ele, "para muçulmano, desculpa alguma perante Deus para sua estada numa cidade ímpia, a menos que esteja simplesmente de passagem. Em terra do Islã, encontrou abrigo contra os males a que estava submetido. Contrariamente, em paisagens estrangeiras era obrigado a ouvir ofensas dirigidas ao Profeta, sujeitar-se aos impedimentos de purificação, viver entre os porcos e a tantas outras licenciosidades. Abstenham-se, abstenham-se de penetrar nessas regiões! É preciso pedir perdão e misericórdia a Deus para evitar tal erro. Um dos horrores que saltam aos olhos de quem mora no território dos cristãos é o espetáculo dos prisioneiros muçulmanos tropeçando nos grilhões, usados para trabalhos forçados quando são tratados como escravos. O mesmo ocorre com o espetáculo das cativas muçulmanas que trazem aos pés anéis de ferro. Os corações despedaçam-se a essa visão, mas piedade não lhes serve para nada".

Excessivas quanto à doutrina, as palavras de Ibn Jobair refletem bem a atitude desses milhares de refugiados da Palestina e da Síria do Norte, reunidos em Damasco, nesse mês de julho de 1099. Pois, se foi com consternação que deixaram suas casas, eles se determinam a não voltar antes da partida definitiva do ocupante e decididos a despertar a consciência de seus irmãos nas regiões do Islã.

Senão, por que teriam vindo a Bagdá, conduzidos por al-Harawi? Não é para o califa, o sucessor do Profeta, que devem se voltar os muçulmanos nas horas difíceis? Não é para o príncipe dos crentes que devem elevar suas queixas e lamentações?

Em Bagdá, a decepção dos refugiados será tão grande quanto suas esperanças. Antes de encarregar seis altos dignitários da corte para que efetuassem uma investigação sobre esses acontecimentos desagradáveis, o califa Mustazhir-billah expressa sua simpatia pela causa. É preciso dizer que não se ouvirá mais falar nesse comitê de sábios?

O saque a Jerusalém, ponto de partida de uma hostilidade milenar entre o Islã e o Ocidente, não provoca, na hora, nenhuma reação. Foi preciso esperar cerca de meio século antes que o Oriente árabe se mobilize perante o invasor, e que a chamada ao *jihad* lançada pelo cádi de Damasco à tenda do califa seja celebrada como o primeiro ato solene de resistência.

No início da invasão, poucos árabes medem imediatamente, como al-Harawi, a amplitude da ameaça vinda do Oeste. Alguns adaptam-se até rápido demais à nova situação. A maioria só procura sobreviver, amargurada e resignada. Alguns colocam-se como observadores mais ou menos lúcidos, tentando compreender esses acontecimentos tão imprevistos quanto novos. O mais cativante deles é o cronista de Damasco, Ibn al-Qalanissi, jovem letrado de uma família de notáveis. Testemunho ocular, ele tem 23 anos, em 1096, quando os *franj* chegam ao Oriente e se aplica em consignar por escrito os acontecimentos que chegam ao seu conhecimento. Sua crônica narra fielmente, sem envolvimento excessivo, a progressão dos invasores, tal como é vista na sua cidade.

Para ele, tudo começou nesses dias de angústia em que chegam a Damasco os primeiros rumores...

Primeira Parte

A Invasão (1096-1100)

Olhem para os franj*! Vejam com que fúria lutam por sua religião, enquanto nós, os muçulmanos, não demonstramos ardor algum em travar a Guerra Santa.*

Saladino

1

Os *franj* estão chegando

> "Naquele ano, começaram a chegar informações sucessivas sobre a aparição de tropas de *franj* vindas do mar de Mármara em grande multidão. As pessoas se amedrontaram. Essas notícias foram confirmadas pelo rei Kilij Arslan, cujo território era o mais próximo desses *franj*."

"O rei Kilij Arslan" de quem fala aqui Ibn al-Qalanissi ainda não tem 17 anos quando os invasores chegam. Como primeiro dirigente muçulmano a ser informado de sua chegada, esse jovem sultão turco de olhos levemente puxados será o primeiro a infligir-lhes uma derrota e posteriormente o primeiro a ser vencido pelos seus temíveis cavaleiros.

Desde julho de 1096, Kilij Arslan sabe que uma imensa multidão de *franj* está a caminho de Constantinopla. Imediatamente, ele teme o pior. É claro que ele não tem idéia alguma dos objetivos reais perseguidos por essa gente, mas a vinda deles ao Oriente bastava para que se atemorizasse.

O sultanato que ele governa abrange uma grande parte da Ásia Menor, um território que os turcos acabam apenas de arrancar aos gregos. Na verdade, o pai de Kilij Arslan, Suleiman, foi o primeiro a apossar-se dessa terra que se chamaria, muitos séculos mais tarde, Turquia. Em Nicéia, capital desse jovem Estado muçulmano, as igrejas bizantinas continuam mais numerosas do que as mesquitas. Se a guarnição da cidade é formada por cavaleiros turcos, a maioria da população é grega, e Kilij Arslan não tem ilusões quanto aos verdadeiros sentimentos de seus súditos, para os quais ele será sempre um chefe de bando bárbaro. O único soberano que eles reconhecem, aquele cujo nome é murmurado em todas as suas orações, é o basileu Aléxis Comneno, imperador dos romanos. Na realidade, Aléxis seria antes o imperador

dos gregos, os quais se proclamam herdeiros do Império romano. Essa qualidade lhes é, aliás, reconhecida pelos árabes, que — no século XI como no século XX — designam os gregos pelo termo *rum*, "romanos". O domínio conquistado pelo pai de Kilij Arslan em detrimento do Império grego é chamado, inclusive, de sultanato dos *rum*.

Na época, Aléxis é uma das figuras mais prestigiosas do Oriente. Esse qüinquagenário de baixa estatura, olhos cintilantes de malícia, de barba bem cuidada, modos elegantes, sempre paramentado de ouro e ricas roupagens azuis, exerce um verdadeiro fascínio sobre Kilij Arslan. É ele quem reina sobre Constantinopla, a fabulosa Bizâncio, situada a menos de três dias de caminhada de Nicéia. Uma proximidade que provoca no jovem sultão sentimentos mistos. Como todos os guerreiros nômades, ele sonha com conquista e pilhagem. Não lhe desagrada sentir as riquezas legendárias de Bizâncio ao alcance da mão, mas ao mesmo tempo sente-se ameaçado: sabe que Aléxis nunca perdeu as esperanças de recuperar Nicéia, não somente porque a cidade sempre foi grega, mas principalmente porque a presença de guerreiros turcos, a tão curta distância de Constantinopla, constitui um perigo permanente para a segurança do Império.

Mesmo se o exército bizantino, dilacerado há anos por crises internas, fosse capaz de lançar-se sozinho numa Guerra de Reconquista, ninguém ignora que Aléxis sempre pode apelar para auxiliares estrangeiros. Os bizantinos nunca hesitaram em recorrer aos serviços dos cavaleiros vindos do Ocidente. Mercenários com armaduras pesadas ou peregrinos a caminho da Palestina, são numerosos os *franj* que visitam o Oriente. Em 1096 eles não eram estranhos aos muçulmanos. Cerca de vinte anos antes — Kilij Arslan ainda não era nascido, mas os velhos emires lhe contaram — um desses aventureiros de cabelos louros, um tal de Roussel de Bailleul, que conseguira estabelecer um Estado autônomo na Ásia Menor, marchou inclusive sobre Constantinopla. Apavorados, os bizantinos não tiveram outra escolha senão apelar para o pai de Kilij Arslan, que chegou a duvidar do que ouvia quando um enviado especial do basileu veio suplicando-lhe que voasse para socorrê-lo. Os cavaleiros turcos tinham-se então, efetivamente, dirigido para Constantinopla e conseguido vencer Roussel. Por isso, Suleiman fora generosamente recompensado em ouro, cavalos e terras.

Desde então, os bizantinos desconfiam dos *franj*, mas os exércitos imperiais, constantemente carentes de soldados experientes, vêem-se obrigados a contratar mercenários. Não unicamente *franj*, aliás; os guerreiros turcos são numerosos sob as bandeiras do império cristão. É precisamente graças a compatriotas engajados no exército bizantino que Kilij Arslan fica sabendo, em julho de 1096, que milhares de *franj* se aproximam de Constantinopla.

O quadro pintado pelos informantes deixa-o perplexo. Esses ocidentais parecem-se muito pouco com os mercenários que se costuma ver. É verdade que há, entre eles, algumas centenas de cavaleiros e um número importante de infantes armados, mas também há milhares de mulheres, crianças, velhos em andrajos: parece um povo desalojado de suas terras por um invasor. Conta-se também que trazem todos, costuradas nas costas, faixas de tecido em forma de cruz.

O jovem sultão, encontrando dificuldades em avaliar o perigo, pede aos seus agentes que dobrem a vigilância e que o deixem constantemente a par dos fatos e condutas desses novos invasores. Como medida de precaução, ele manda verificar as fortificações de sua capital. As muralhas de Nicéia, que têm mais de um *farsakh* (seis mil metros) de extensão, são coroadas por 240 torres. A sudeste da cidade, as águas calmas do lago Ascanios constituem uma excelente proteção natural.

No entanto, nos primeiros dias de agosto, a ameaça torna-se mais evidente. Os *franj* atravessam o Bósforo, escoltados por navios bizantinos e, mesmo sob um sol opressivo, avançam ao longo da costa. Apesar de terem sido vistos saqueando a caminho mais de uma igreja grega, pode-se ouvi-los bradar que vêm exterminar os muçulmanos. Seu chefe seria um eremita chamado Pierre. Os informantes avaliam que sejam algumas dezenas de milhares, mas ninguém sabe dizer onde seus passos os levam. Parece que o imperador Aléxis resolveu instalá-los em Citivot, um acampamento que ele acomodou anteriormente para outros mercenários, a menos de um dia de caminhada de Nicéia.

O palácio do sultão fica em estado de alerta. Enquanto os cavaleiros turcos preparam-se para alar seus cavalos a qualquer momento, assiste-se a um vaivém contínuo de espiões e batedores que relatam os mínimos movimentos dos *franj*. Conta-se que cada manhã eles deixam o acampamento em hordas de vários milhares para explorar a vizinhança, onde saqueiam algumas fazendas e incendeiam outras, antes de voltar para Citivot, onde seus pares disputam os frutos da razia. Não há nada disso que possa realmente atemorizar os soldados do sultão. Nada também que possa preocupar seu senhor. Durante um mês, a rotina se repete.

Mas eis que um dia, por volta de meados de setembro, os *franj* modificam bruscamente seus hábitos. Não tendo provavelmente mais nada que obter de sua vizinhança, eles tomaram, dizem, o rumo de Nicéia, atravessando alguns vilarejos, todos cristãos, e apossaram-se das safras que acabavam de ser estocadas em celeiros, nesse período de colheita, massacrando sem piedade os camponeses que tentavam resistir. Crianças de colo teriam sido queimadas vivas.

Kilij Arslan é pego de surpresa. Quando lhe chegam as primeiras notícias, os atacantes já estão sob os muros de sua capital; e o Sol ainda não atingia o horizonte quando os cidadãos vêem subir a fumaça dos incêndios. Imediatamente, o sultão manda uma patrulha de cavaleiros que se choca com os *franj*. Esmagados pelo número, os turcos são massacrados. Apenas raros sobreviventes voltam, ensangüentados, para Nicéia. Vendo seu prestígio ameaçado, Kilij Arslan resolve começar a batalha imediatamente, mas os emires de seus exércitos o dissuadem. A noite já vai cair e os *franj* retiram-se às pressas para seu acampamento. A vingança terá que esperar. Contudo não por muito tempo. Aparentemente animados com seu sucesso, os ocidentais repetem a façanha duas semanas mais tarde. Dessa vez, o filho de Suleiman, avisado a tempo, segue passo a passo sua progressão. Uma tropa franca, compreendendo alguns cavaleiros mas sobretudo milhares de saqueadores esfarrapados, pega a estrada de Nicéia, depois, contornando a aglomeração, dirige-se para o leste e toma de surpresa a fortaleza de Xerigordon.

O jovem sultão se decide. À frente de seus homens, cavalga rapidamente em direção à pequena praça-forte onde, para comemorar sua vitória, os *franj* embebedam-se, incapazes de imaginar que seu destino já esteja selado. Pois Xerigordon apresenta uma armadilha que os soldados de Kilij Arslan conhecem bem, mas que esses estrangeiros inexperientes não foram capazes de descobrir: o abastecimento de água que se situava fora, bastante longe das muralhas. Então os turcos não precisam de muito tempo para interditar seu acesso. Basta-lhes tomar posição ao redor da fortaleza e não se mover mais. A sede luta por eles.

Para os sitiados, começa um suplício atroz: eles chegam a beber o sangue de suas montarias e sua própria urina. Podem ser vistos, nesses primeiros dias de outubro, olhando desesperadamente para o céu, mendigando algumas gotas de chuva. Em vão. Após uma semana um cavaleiro chamado Renaud, chefe da expedição, aceita a capitulação com a condição de que lhe seja poupada a vida. Kilij Arslan, que exigiu que os *franj* renunciem publicamente à sua religião, não fica pouco surpreso quando Renaud se diz pronto não só a converter-se ao islamismo, mas também a combater ao lado dos turcos contra seus próprios companheiros. Vários de seus amigos, que se prestaram às mesmas exigências, são enviados como prisioneiros para as cidades da Síria ou da Ásia Central. Os outros são mortos pela espada.

O jovem sultão está orgulhoso de sua proeza, mantém-se ponderado. Após ter concedido a seus homens um prazo para a tradicional partilha dos bens restados da guerra, ele os coloca em alerta a partir do dia seguinte. É verdade que os *franj* perderam cerca de seis mil homens, mas os que restam são seis vezes mais numerosos, e esta é a única oportunidade para se livrarem

deles. Para tanto, ele preferiu destacar dois espiões, gregos, para o acampamento de Citivot, afim de anunciar que os homens de Renaud estão em excelente condição, que conseguiram apoderar-se da própria Nicéia, e que estão firmemente decididos a não permitir que seus correligionários lhes disputem as riquezas. Enquanto isso, o exército turco preparará uma gigantesca emboscada.

De fato, os rumores cuidadosamente propagados suscitam no acampamento de Citivot a confusão prevista. Formam-se grupos, injuria-se Renaud e seus homens. Logo tomam a decisão de pôr-se a caminho para participar do saque de Nicéia. Mas eis que, subitamente, não se sabe muito bem como, um homem que conseguiu escapar da expedição de Xerigordon chega, revelando a verdade quanto à sorte de seus companheiros. Os espiões de Kilij Arslan pensam ter fracassado em sua missão, já que os mais sábios entre os *franj* pregam a calma. Mas, passado o primeiro momento de consternação, a exaltação volta. A multidão se agita e brada, quer partir imediatamente e não mais para participar de meros saques, e sim "vingar os mártires". Aqueles que hesitam são tratados de covardes. Finalmente, os mais enfurecidos obtêm ganho de causa, e a partida é fixada para o dia seguinte. Tendo seu artifício descoberto, ainda que o objetivo houvesse sido previamente atingido, os espiões do sultão triunfam e mandam dizer ao seu senhor que se prepare para o combate.

Na madrugada de 21 de outubro de 1096, os ocidentais deixam seu acampamento. Kilij Arslan não está longe. Ele passou a noite nas colinas próximas a Citivot. Seus homens estão nos seus lugares, bem escondidos. Ele mesmo, de onde está, pode avistar ao longe a coluna dos *franj* levantar uma nuvem de poeira. Algumas centenas de cavaleiros, a maioria sem armadura, andam na frente, seguidos por uma multidão de infantes em desordem. Estão andando há menos de uma hora quando o sultão ouve o clamor que se aproxima. O sol que se ergue atrás dele golpeia-os em pleno rosto. Prendendo a respiração, ele faz sinal aos seus emires comandados para que se mantenham alertas. O instante fatídico é chegado. Um gesto apenas perceptível, algumas ordens sussurradas aqui e ali, e eis os arqueiros retesando lentamente seus arcos. De repente, mil flechas jorram num único e longo assobio. A maioria dos cavaleiros desaba nos primeiros minutos. Depois, os infantes são dizimados por sua vez. Quando se travou o combate corpo-a-corpo, os *franj* já estavam derrotados. Aqueles que se encontravam na retaguarda voltaram correndo para o acampamento, onde os que repousavam eram despertados. Um velho sacerdote celebra um ofício religioso, algumas mulheres preparam comida. A chegada dos fugitivos com os turcos no seu encalço espalha o terror. Alguns, que tentaram atingir os bosques vizinhos,

são rapidamente alcançados. Outros, mais espertos, protegem-se numa fortaleza abandonada que apresenta a vantagem de ser encostada ao mar. Não querendo assumir riscos inúteis, o sultão renuncia a sitiá-los. A frota bizantina, rapidamente avisada, virá recuperá-los. Dois a três mil homens escaparão assim. Pierre, o Eremita, que se encontra há alguns dias em Constantinopla, tem dessa forma, ele também, a vida salva. Mas seus partidários têm menos sorte. As mulheres mais jovens foram raptadas pelos cavaleiros do sultão para serem distribuídas aos emires ou vendidas nos mercados de escravos. Alguns rapazes experimentam o mesmo destino. Os outros *franj*, cerca de vinte mil, sem dúvida, foram exterminados.

Kilij Arslan jubila. Acaba por aniquilar esse exército franco que diziam tão temível, sendo que as perdas de suas próprias tropas são insignificantes. Contemplando a vasta destruição amontoada a seus pés, ele acredita viver um de seus mais belos triunfos.

E no entanto, raramente na História, uma vitória terá custado tão caro àqueles que a obtiveram.

Embriagado pelo sucesso, Kilij Arslan quer ignorar as informações que se sucedem, no inverno seguinte, a respeito da chegada de novos grupos de *franj* em Constantinopla. Para ele, e mesmo para os mais sábios de seus emires, não há mais nada com que se preocupar. Se outros mercenários de Aléxis ousassem ainda transpor o Bósforo, seriam feitos em pedaços como aqueles que os precederam. No espírito do sultão, é tempo de voltar às preocupações cruciais do momento, isto é, à luta sem mercê que trava desde sempre contra os príncipes turcos, seus vizinhos imediatos. É ali, e em nenhum outro lugar, que será decidido o destino de seu domínio. Os confrontos com os *rum* ou seus estranhos auxiliares *franj* nunca passarão de um intermédio.

O jovem sultão está bem colocado para sabê-lo. Não foi num desses intermináveis combates de chefes que seu pai Suleiman perdeu a vida em 1086? Kilij Arslan tinha então apenas sete anos, e deveria ter assumido a sucessão sob a regência de alguns emires fiéis, mas fora afastado do poder e levado para a Pérsia sob pretexto de que sua vida corria perigo. Adulado, cercado de cuidados, servido por uma legião de escravos atenciosos, ainda que estreitamente vigiado, com interdição formal de visitar seu reino. Seus hospedeiros, ou melhor, seus carcereiros, não eram senão os membros de seu próprio clã: os seldjúcidas.

Se há, no século XI, um nome que ninguém ignora, das fronteiras da China ao longínquo território dos *franj*, é esse. Vindos da Ásia Central com milhares de cavaleiros nômades de longos cabelos trançados, os turcos apossaram-se em alguns anos de toda a região que se estende do Afeganistão ao Mediterrâneo. Desde 1055, o califa de Bagdá, sucessor do Profeta e her-

deiro do prestigioso império abássida, é apenas um boneco dócil em suas mãos. De Ispahan a Damasco, de Nicéia a Jerusalém, seus emires ditam a lei. Pela primeira vez em três séculos, todo o Oriente muçulmano está reunido sob a autoridade de uma única dinastia que proclama sua vontade de devolver ao Islã sua glória passada. Os *rum*, esmagados pelos seldjúcidas em 1071, nunca se recuperaram. A Ásia Menor, a mais vasta de suas províncias, foi invadida; sua própria capital não está mais em segurança; seus imperadores, entre os quais o próprio Aléxis, não cessam de enviar delegações ao papa de Roma, chefe supremo do Ocidente, suplicando-lhe que convoque a Guerra Santa contra esse ressurgimento do Islã.

Kilij Arslan não se sente pouco orgulhoso por pertencer a uma família tão prestigiosa, mas também não se ilude quanto à aparente unidade do império turco. Entre os primos seldjúcidas não se conhece solidariedade alguma: é preciso matar para sobreviver. Seu pai conquistou a Ásia Menor, a vasta Anatólia, sem a ajuda de seus irmãos, e foi por ter querido estender-se para o sul, em direção à Síria, que ele foi morto por um de seus parentes. E, enquanto Kilij Arslan era mantido à força em Ispahan, o domínio paterno foi despedaçado. Quando, em fins de 1092, o adolescente foi solto graças a uma contenda entre seus carcereiros, sua autoridade não se exerce além das muralhas de Nicéia. Ele tinha então apenas 13 anos.

Depois, foi graças aos conselhos de emires do seu exército que pôde, por meio da guerra, do crime ou da astúcia, recuperar uma parte do legado paterno. Hoje, ele pode se gabar de ter passado mais tempo sobre a sela de seu cavalo do que em seu palácio. No entanto, quando chegam os *franj*, nada ainda está definido. Na Ásia Menor seus rivais continuam poderosos, mesmo que, felizmente para ele, seus primos seldjúcidas da Síria e da Pérsia estejam mergulhados em seus próprios conflitos.

Notadamente, a leste, nas alturas desoladas do planalto da Anatólia, reina nesses tempos de incerteza um estranho personagem a que chamam Danishmend, "o Sábio", um aventureiro de origem desconhecida que ao contrário dos emires turcos, que na maioria eram analfabetos, é instruído nas mais diversas ciências. Ele vai em breve tornar-se herói de uma epopéia célebre, intitulada *A Gesta do Rei Danishmend*, que descreve a conquista de Malatya, uma cidade armênia situada a sudeste de Ancara e cuja queda é considerada pelos autores da narrativa como a curva decisiva da islamização da futura Turquia. Nos primeiros meses de 1097, quando se deu a chegada em Constantinopla de uma nova expedição franca, era anunciada a Kilij Arslan que a batalha de Malatya já se abrira. Danishmend cerca a cidade, e o jovem sultão recusa a idéia de que este rival, que se aproveitou da morte de seu pai para ocupar todo o Nordeste da Anatólia, possa alcançar

uma vitória tão prestigiosa. Determinado a impedi-lo, dirige-se à frente de seus cavaleiros para as cercanias de Malatya e instala seu acampamento próximo ao de Danishmend a fim de intimidá-lo. A tensão aumenta, as escaramuças multiplicam-se, cada vez mais mortais.

Em abril de 1097, o confronto parece inevitável. Kilij Arslan se prepara. O essencial de seu exército está reunido sob os muros de Malatya quando chega, defronte de sua tenda, um cavaleiro extenuado. Ofegante, ele declara sua mensagem: os *franj* estão aí; novamente, eles atravessaram o Bósforo, ainda mais numerosos do que no ano anterior. Kilij Arslan permanece calmo. Nada justifica tamanha preocupação. Ele já enfrentou os *franj*, e sabe portanto o que esperar deles. Finalmente, é apenas para tranqüilizar os habitantes de Nicéia, e em particular sua esposa, a jovem sultana que em breve daria à luz, que ele pede a alguns destacamentos de cavalaria para irem reforçar a guarnição da capital. Ele mesmo estará de volta assim que tiver terminado com Danishmend.

Kilij Arslan está empenhado de corpo e alma na batalha de Malatya, quando, nos primeiros dias de maio, chega um novo mensageiro, ofegante de cansaço e medo. Os *franj* estão às portas de Nicéia, e começam a sitiá-la. Não são mais, como no verão, bandos de saqueadores esfarrapados, mas verdadeiros exércitos de cavaleiros pesadamente equipados. E desta vez, os soldados do basileu os acompanham. Kilij Arslan tenta acalmar seus homens, mas ele próprio está torturado de angústia. Deve abandonar Malatya ao seu rival e voltar para Nicéia? Estará certo de ainda poder salvar sua capital? Não irá perder nas duas frentes? Após consultar demoradamente seus mais fiéis emires, surge uma solução, uma forma de compromisso: ir ver Danishmend, que é homem honrado, colocá-lo a par da tentativa de conquista empreendida pelos *rum* e seus mercenários, assim como da ameaça que pesa sobre todos os muçulmanos da Ásia Menor, e propor-lhe que cessem as hostilidades. Antes mesmo que Danishmend tenha dado sua resposta, o sultão despacha uma parte de seu exército para a capital.

De fato, uma trégua é concluída após alguns dias, e Kilij Arslan toma sem demora o rumo do oeste. Mas, no momento em que atinge as alturas próximas de Nicéia, o espetáculo que tem diante dos olhos lhe congela o sangue nas veias. A soberba cidade que lhe legou seu pai está cercada por todos os lados; uma multidão de soldados está ali, ocupada em pôr no lugar torres móveis, catapultas e instrumentos que servirão ao assalto final. Os emires são taxativos: não há mais nada a fazer. É preciso recuar para o interior do país antes que seja tarde demais. O jovem sultão não consegue, no entanto, resignar-se a abandonar assim a capital. Ele insiste em tentar uma última investida ao sul, onde os sitiantes parecem menos solidamente

entrincheirados. A batalha começa na madrugada de 21 de maio. Kilij Arslan joga-se furiosamente no corpo-a-corpo e o combate arde até o cair da noite. As perdas são igualmente pesadas dos dois lados, mas cada um conserva suas posições. O sultão não insiste. Ele compreendeu que nada mais lhe permitirá afrouxar o cerco. Obstinar-se em lançar todas as suas forças numa batalha que se esboça tão desfavorável poderia prolongar o cerco por algumas semanas, até alguns meses, mas ele incorreria no risco de colocar em jogo a existência de seu próprio sultanato. Originário de um povo essencialmente nômade, Kilij Arslan sabe que a fonte de seu poder reside em alguns milhares de guerreiros que o obedecem, não na posse de uma cidade, por mais atraente que ela seja. Aliás, ele logo terá escolhido para sua nova capital a cidade de Konya, localizada mais para o leste. Esta fronteira seus descendentes vão conservar até o início do século XIV. Ele jamais reverá Nicéia.

Antes de se afastar, ele envia uma mensagem de adeus aos defensores da cidade para avisá-los de sua dolorosa decisão e lhes recomendar que ajam "conforme seus interesses". O significado é claro, tanto para a guarnição turca quanto para a população grega: é preciso entregar a cidade a Aléxis Comneno e não aos seus auxiliares francos. São iniciadas negociações com o basileu, que, à frente de suas tropas, tomou posição a oeste de Nicéia. Os homens do sultão tentam ganhar tempo, na esperança, sem dúvida, de que seu senhor possa voltar com reforços. Mas Aléxis se apressa: os ocidentais, ameaça ele, preparam-se para o assalto final, e então ele não garantirá mais nada. Lembrando-se do comportamento dos *franj* no ano anterior nas proximidades de Nicéia, os negociadores ficam aterrorizados. Já vislumbram sua cidade saqueada, os homens massacrados, as mulheres violentadas. Sem mais hesitar, aceitam entregar sua sorte nas mãos do basileu, que fixa ele mesmo as modalidades da rendição.

Na noite de 18 para 19 de junho, soldados do exército bizantino, turcos na sua maioria, são introduzidos na cidade por meio de barcas que atravessam em silêncio o lago Ascanios, e então a guarnição capitula sem combate. Às primeiras luzes do dia, os estandartes azuis e ouro do imperador já tremulam sobre as muralhas. Os *franj* renunciam ao assalto. No seu infortúnio, Kilij Arslan receberá dessa forma um consolo: os dignitários do sultanato serão poupados e a jovem sultana, acompanhada de seu recém-nascido, será recebida em Constantinopla com honras reais, agredindo os *franj*.

A jovem mulher de Kilij Arslan é filha de Tchaka, aventureiro genial, um emir turco muito famoso às vésperas da invasão franca. Aprisionado pelo povo *rum* enquanto efetuava uma razia na Ásia Menor, impressionara seus carcereiros pela sua facilidade em aprender grego, idioma que após al-

FIDRA
FACULDADE DE FILOSOFIA

guns meses falava com perfeição. Brilhante, hábil, argumentador, tornara-se um visitante regular do palácio imperial, que o havia até agraciado com um título de nobreza. Mas essa espantosa promoção não lhe bastava. Ele almejava mais, muito mais aliás, queria se tornar imperador de Bizâncio!

O emir Tchaka tinha para isso um plano muito coerente. Assim, fora se instalar num porto perto de Esmirna, sobre o mar Egeu, onde, com a ajuda de um armador grego, constituíra uma verdadeira frota de guerra compreendendo bergantins leves, naus a remo, dromons, birremes ou trirremes, ao todo cerca de uma centena de embarcações. Numa primeira etapa, ele ocupara diversas ilhas, principalmente Rodes, Quios e Samos, e estendera sua autoridade sobre o conjunto da costa do Egeu. Assim formando um império marítimo, proclamara-se basileu, organizando seu palácio de Esmirna segundo o modelo da corte imperial, e lançara sua frota sobre Constantinopla. Enormes esforços foram necessários de Aléxis para conseguir rechaçar o ataque e destruir parte das naus turcas.

Sem ver-se desencorajado, o pai da futura sultana retomara com determinação a construção de seus navios de guerra. Era perto do final do ano de 1092, momento em que Kilij Arslan voltava do exílio, e Tchaka pensara que o jovem filho de Suleiman seria um excelente aliado contra os *rum*. Propusera-lhe então a mão de sua filha. Mas os cálculos do jovem sultão eram bem diferentes dos de seu sogro. A conquista de Constantinopla parecia-lhe um plano absurdo. Em contrapartida, nenhum dos que o cercavam ignorava que ele buscava a eliminação dos emires turcos que tentavam constituir um domínio na Ásia Menor, isto é, em primeiro lugar Danishmend e o demasiadamente ambicioso Tchaka. Portanto o sultão não hesitara, convidara seu sogro para um banquete e, tendo-o embebedado, apunhalara-o com suas próprias mãos. Tchaka tinha um filho que assumiu a sucessão, mas que não possuía nem a inteligência nem a ambição de seu pai. O irmão da sultana contentou-se em gerir seu emirado marinho até aquele dia do ano 1097, em que a frota dos *rum* chegou inopinadamente ao largo de Esmirna, trazendo a bordo um mensageiro inesperado: sua própria irmã.

Esta demorou para compreender as razões da solicitude do imperador para com ela, mas enquanto é comboiada para a cidade onde passou sua infância, Esmirna, tudo fica claro. Ela é encarregada de explicar a seu irmão que Aléxis tomou Nicéia, que Kilij Arslan foi vencido, e que um poderoso exército de *rum* e *franj* vai em breve atacar Esmirna com a ajuda de uma imensa frota. Para salvar sua vida, o filho de Tchaka é convidado a conduzir sua irmã para perto de seu esposo, em algum lugar na Anatólia.

Não tendo sido recusada a proposta, o emirado de Esmirna deixa de existir. No dia seguinte à queda de Nicéia, toda a costa do mar Egeu, todas as ilhas, e a parte ocidental da Ásia Menor escapam, portanto, das mãos dos turcos. E os *rum*, ajudados pelos seus auxiliares francos, parecem decididos a ir mais longe.

Mas, no seu refúgio nas montanhas, Kilij Arslan não depôs as armas.

Passada a surpresa dos primeiros dias, o sultão prepara ativamente sua resposta. "Ele pôs-se a recrutar tropas, aliciar voluntários e proclamar o *jihad*", anota Ibn al-Qalanissi. O cronista de Damasco acrescenta que Kilij Arslan "pediu a todos os turcos que o ajudassem, e numerosos deles responderam ao seu chamado".

De fato, o primeiro objetivo do sultão é selar uma aliança com Danishmend. Uma simples trégua não basta mais. É imperativo agora que as forças turcas da Ásia Menor estejam unidas, como se fossem um só exército. Kilij Arslan está ciente da resposta de seu rival. Muçulmano fervoroso tanto quanto estrategista realista, Danishmend percebe que está ameaçado pelo avanço dos *rum* e seus aliados francos. Ele prefere mais enfrentá-los em terras de seu vizinho do que nas próprias e, sem mais demora, chega com milhares de cavaleiros ao acampamento do sultão. Confraternizam, consultam-se uns aos outros, elaboram planos. A visão dessa multidão de guerreiros e cavalos cobrindo as colinas devolve confiança aos chefes. Eles enfrentarão o inimigo assim que surgir a ocasião.

Kilij Arslan espreita sua presa. Seus informantes infiltrados entre os *rum* transmitem-lhe preciosas informações. Os *franj* clamam em alto e bom som que estão determinados a seguir o seu caminho para além de Nicéia e que pretendem chegar à Palestina. Seu itinerário é até conhecido: descer para sudeste, em direção a Konya, a única cidade importante que ainda está nas mãos do sultão. No percurso dessa região montanhosa que deverão atravessar, os ocidentais oferecerão, portanto, o flanco aos ataques. Trata-se de escolher o local da emboscada. Os emires, que conhecem bem a região, não hesitam. Existe perto da cidade de Doriléia, a quatro dias de caminhada de Nicéia, um lugar onde a estrada penetra num vale pouco profundo. Se os guerreiros turcos se reunirem atrás das colinas, só precisarão esperar.

Nos últimos dias de junho de 1097, quando Kilij Arslan é informado de que os ocidentais, acompanhados de uma pequena tropa de *rum*, deixaram Nicéia, o dispositivo da emboscada já se encontra pronto. Na madrugada de 1° de julho, os *franj* despontam no horizonte. Cavaleiros e infantes avançam tranqüilamente, não parecendo de forma alguma desconfiar do que os espera. O sultão temia que seu estratagema fosse descoberto pelos batedores inimigos. Aparentemente, isso não ocorre. Outra razão de satisfação

para o monarca seldjúcida: os *franj* parecem menos numerosos do que fora anunciado. Terá uma parte deles permanecido em Nicéia?

Ele ignora. Em todo caso, à primeira vista, ele dispõe de superioridade numérica. Se a isso for acrescentada a vantagem da surpresa, o dia deverá ser-lhe favorável. Kilij Arslan está nervoso mas confiante. O sábio Danishmend, que tem vinte anos de experiência a mais, também está.

O sol acaba apenas de aparecer atrás das colinas quando é dada a ordem de atacar. A tática dos guerreiros turcos está mais do que treinada. Foi ela que lhes assegurou, por meio século, a supremacia militar no Oriente. Seu exército é constituído quase totalmente de cavaleiros leves que manejam o arco admiravelmente. Eles se aproximam, despejam sobre o inimigo uma chuva de flechas mortíferas, depois se afastam disparados para deixar lugar a uma nova linha de atacantes. Geralmente, algumas ondas sucessivas deixam sua presa na agonia. É então que se trava o combate final, corpo-a-corpo.

Mas no dia da batalha de Doriléia, o sultão, instalado com seu estado-maior sobre um promontório, constata com preocupação que os velhos métodos turcos já não apresentam sua eficácia habitual. Os *franj* não têm, é verdade, agilidade alguma e não parecem ter pressa em revidar aos repetidos ataques. A principal força de seu exército reside nas espessas armaduras com as quais os cavaleiros cobrem todo o corpo, e até mesmo, às vezes, o de sua montaria. Se avançam pesada e lentamente, os homens estão magnificamente protegidos contras as flechas. Após várias horas de combate, nesse dia, os arqueiros turcos certamente fizeram numerosas vítimas, principalmente entre os infantes, mas o grosso do exército franco permanece do mesmo modo. Deve-se provocar o confronto corpo-a-corpo? Parece arriscado: no decorrer das várias escaramuças que se deram em torno do campo de batalha, os cavaleiros das estepes não levaram nenhuma vantagem sobre essas verdadeiras fortalezas humanas. Deve-se prolongar indefinidamente a fase preliminar? Agora que o efeito da surpresa passou, a iniciativa pode acabar vindo do campo adversário.

Alguns emires já aconselham que se opere uma retirada, quando surge ao longe uma nuvem de poeira. É um novo exército franco que se aproxima. Aqueles contra os quais se está lutando desde a manhã representam somente a vanguarda do exército. O sultão não tem escolha, deve ordenar a retirada. Antes mesmo que tenha podido fazê-lo, anunciam-lhe que um terceiro exército franco está à vista atrás das linhas turcas sobre uma colina na qual o estado-maior domina.

Desta vez, Kilij Arslan cede ao medo. Ele salta sobre seu cavalo e galopa para as montanhas, abandonando até mesmo o famoso tesouro que sempre traz consigo para pagar suas tropas. Danishmend o segue de perto, assim

como a maior parte de seus emires. Valendo-se do único trunfo que lhes resta, a velocidade, numerosos cavaleiros conseguem afastar-se por sua vez, sem que os vencedores possam persegui-los. Mas a maioria dos soldados permanece no local, cercada por todos os lados. Como o escreverá Ibn al-Qalanissi: "Os *franj* despedaçaram o exército turco. Eles mataram, saquearam e escravizaram muitos prisioneiros".

Na sua fuga, Kilij Arslan encontra um grupo de cavaleiros chegando da Síria para lutar ao seu lado. É muito tarde, confessa-lhes. Esses *franj* são numerosos demais e fortes demais, não há nada a fazer para impedi-los. Unindo o ato à palavra, e decidido a deixar passar a tempestade, o sultão vencido desaparece na imensidão do planalto anatoliano. Ele terá que esperar quatro anos antes de se vingar.

Somente a natureza parece ainda resistir ao invasor. A aridez dos solos, a exigüidade dos caminhos e o calor do verão nas estradas desprovidas de sombra atrasam um pouco a progressão dos *franj*. Depois de Doriléia, precisarão de cem dias para atravessar a Anatólia, quando um mês deveria ter sido suficiente. Enquanto isso, as notícias da debandada turca percorreram o Oriente. "Quando se tornou conhecido este fato vergonhoso para o Islã, foi um verdadeiro pânico", anota o cronista de Damasco. O medo e a ansiedade assumiram enormes proporções.

Sem cessar circulam rumores a respeito da chegada iminente de temíveis cavaleiros. No final de julho corre a notícia de que eles se aproximam da aldeia de al-Balana, no extremo norte da Síria. Milhares de cavaleiros reúnem-se para enfrentá-los. Alarme falso — os *franj* não aparecem no horizonte. Os mais otimistas perguntam se os invasores não terão voltado. Ibn al-Qalanissi mostra isso através de uma dessas parábolas astrológicas que seus contemporâneos apreciam: "Naquele verão, um cometa apareceu para o lado do oeste, sua ascensão durou vinte dias, depois ele desapareceu sem mais se mostrar". Mas as ilusões são rapidamente dissipadas. As informações são cada vez mais precisas. A partir de meados de setembro, pode-se acompanhar a progressão dos *franj* de aldeia em aldeia.

A 21 de outubro de 1097, gritos ressoam do alto da cidadela de Antioquia, a maior cidade da Síria. "Eis eles aí!" Alguns curiosos se apressam em direção às muralhas, mas vêem apenas uma vaga e longíqüa nuvem de poeira, no final da planície, perto do lago de Antioquia. Os *franj* ainda estão a um dia de caminhada, talvez mais, e tudo leva a supor que vão querer parar para ter algum descanso após sua longa travessia. A prudência exige no entanto que sejam fechadas imediatamente as pesadas portas da cidade.

Nos mercados, o clamor da manhã apagou-se, vendedores e populares se imobilizaram. Mulheres murmuram orações. O medo tomou conta da cidade.

2

Maldito fabricante de couraças

"Quando o senhor de Antioquia, Yaghi Siyan, foi informado de que os *franj* se aproximavam, decidiu então expulsá-los pois ele temeu um movimento de sedição por parte dos cristãos da cidade."

O historiador árabe Ibn al-Athir é quem relatará o evento, mais de um século depois do início da invasão franca, baseado nos testemunhos deixados por contemporâneos:

"No primeiro dia Yaghi Siyan ordenou aos muçulmanos que saíssem para limpar os fossos que cercam a cidade. No dia seguinte, para a mesma tarefa, só mandou cristãos. Ele os fez trabalhar até à noite e, quando quiseram entrar, ele os impediu, dizendo: 'Antioquia é sua, mas é preciso que a deixem para mim até que eu tenha resolvido nosso problema com os *franj*'. Eles lhe perguntaram então: 'Quem protegerá nossos filhos e nossas mulheres?', ao que o emir respondeu: 'Cuidarei eu deles no seu lugar e tempo'. Ele protegeu efetivamente as famílias dos expulsos e não permitiu que se tocasse num fio de cabelo de suas cabeças".

Nesse mês de outubro de 1097, o velho Yaghi Siyan, que há quarenta anos serve aos sultões seldjúcidas, vive na ansiedade de uma traição. Ele está convencido de que os exércitos francos que estão reunidos perante Antioquia jamais poderão entrar, a menos que contem com cumplicidade no interior dos muros. Pois a cidade não pode ser tomada de assalto e nem mesmo ser submetida a um bloqueio. Os soldados de que dispõe este emir turco de barba grisalha não passam, é verdade, de seis ou sete mil, quando os

franj reúnem cerca de trinta mil combatentes. Mas Antioquia é uma praça-forte praticamente inconquistável. Sua muralha tem dois *farsakh* (doze mil metros) de comprimento e conta com menos de trezentas e sessenta torres construídas em três níveis diferentes. A muralha, solidamente edificada em pedra talhada e tijolo sobre uma estrutura de alvenaria, escala a leste o monte Habib-an-Najjar, cujo topo é coroado por uma cidadela inexpugnável. A oeste, encontra-se o Oronte, que os sírios chamam al-Assi, "o rio rebelde", porque, às vezes, dá a impressão de correr em sentido contrário: do Mediterrâneo para o interior do país. Seu leito beira os muros de Antioquia, se constituindo em um obstáculo natural e pouco cômodo para transpor. Ao sul, as fortificações encimam um vale cujo declive é tão íngreme que parece um prolongamento da muralha. Desse modo, é impossível aos sitiantes cercar totalmente a cidade, e os defensores não têm dificuldades em comunicar-se com o exterior e se reabastecer.

As reservas alimentícias da cidade são tanto mais abundantes que a muralha engloba, além das construções e dos jardins, vastos terrenos cultivados. Antes do *Fath,* a conquista muçulmana, Antioquia era uma metrópole romana de duzentos mil habitantes. Em 1097, não conta mais de quarenta mil habitantes, e vários bairros, outrora povoados, foram transformados em campos e pomares. Apesar de ter perdido algo de seu esplendor passado, ela permance uma cidade impressionante. Todos os viajantes — mesmo aqueles que vêm de Bagdá ou de Constantinopla — ficam deslumbrados desde o primeiro olhar com o espetáculo dessa cidade que se estende a perder de vista, com seus minaretes, igrejas e lojas sob as arcadas, com casas luxuosas, incrustadas nas encostas arborizadas que sobem para a cidadela.

Yaghi Siyan não se preocupa de forma alguma com a solidez de suas fortificações ou a certeza de seu aprovisionamento. Mas todos os meios de defesa correm o risco de parecer inúteis se, num ponto qualquer da interminável muralha, os sitiantes conseguirem achar um cúmplice, para abrir-lhes uma porta ou facilitar o acesso a uma torre, como já aconteceu no passado. Por isto decide expulsar a maioria de seus administradores cristãos. Em Antioquia, como em outros lugares, os cristãos do Oriente — gregos, armênios, maronitas, jacobitas — são submetidos, desde a chegada dos *franj,* a uma dupla opressão: a de seus correligionários ocidentais que os acusam de simpatia para com os sarracenos e os tratam como súditos de condição inferior, e a de seus compatriotas muçulmanos que freqüentemente, vêem neles os aliados naturais dos invasores. A diferença entre pertencer a uma religião ou a uma nação é praticamente nula. O mesmo vocábulo, *rum,* designa bizantinos e sírios de rito grego, que aliás ainda se consideram súditos do basileu. A palavra "armênio" relaciona-se ao mesmo tempo com uma Igreja e

com um povo, e quando um muçulmano fala da "nação", *alumma,* está tratando da comunidade dos crentes religiosos. Para Yaghi Siyan, a expulsão dos cristãos é menos um ato de discriminação religiosa do que uma medida que atinge, em tempo de guerra, os membros de uma potência inimiga como Constantinopla, à qual Antioquia pertenceu por muito tempo, ainda que nunca tenha desistido de recuperar.

De todas as grandes cidades da Ásia árabe, Antioquia foi a última a cair sob o domínio dos turcos seldjúcidas. Em 1084, ela ainda dependia de Constantinopla. E, quando os cavaleiros francos vêm sitiá-la, treze anos mais tarde, Yaghi Siyan está naturalmente convencido de que se trata de uma tentativa de restauração da autoridade dos *rum* com a cumplicidade da população local, na maioria cristã. Considerando esse perigo, o emir não se deixa limitar por nenhum escrúpulo. Ele expulsa portanto os *nassara* (adeptos do Nazareno, como são denominados os cristãos), depois toma em mãos o racionamento do trigo, do óleo e do mel e inspeciona cotidianamente as fortificações, punindo severamente qualquer negligência. Será o bastante? Nada é menos certo. Mas as medidas tomadas deverão permitir que resistam até que cheguem reforços. Quando virão? Quem vive em Antioquia se faz essa pergunta insistentemente, e Yaghi Siyan está tão apto a respondê-la quanto o homem da rua. No verão, quando os *franj* ainda estavam longe, ele mandou seu filho aos dirigentes muçulmanos da Síria a fim de preveni-los do perigo que rondava sua cidade. Em Damasco, informa-nos Ibn al-Qalanissi, o filho de Yaghi Siyan falou dessa Guerra Santa. Mas, na Síria do século XI, o *jihad* nada é além de um *slogan* utilizado por príncipes em dificuldades. Para que um emir aceite socorrer outro, é preciso que encontre nisso algum interesse pessoal. Só então ele concebe invocar, por sua vez, os grandes princípios.

Ora, neste outono de 1097, nenhum dirigente, a não ser o próprio Yaghi Siyan, sente-se diretamente ameaçado pela invasão franca. Se os mercenários do imperador querem recuperar Antioquia, não há nisto nada de anormal, já que a cidade sempre foi bizantina. De qualquer forma, pensam eles, os *rum* não irão além. E o fato de Yaghi Siyan estar em dificuldades não é obrigatoriamente um mal para seus vizinhos. Há dez anos, ele os controla, semeando a discórdia, provocando ciúmes, derrubando alianças. Agora que lhes pede que esqueçam suas brigas para socorrê-lo, pode espantar-se de não vê-los acorrer?

Homem realista, Yaghi Siyan sabe que o farão esperar, que o obrigarão a clamar por socorros, que lhe farão pagar suas manobras, suas intrigas e traições. Ele imagina contudo que não chegarão ao ponto de entregá-lo de pés

e mãos atados aos mercenários do basileu. Afinal, tudo que ele fez foi tentar sobreviver numa selva impiedosa. As lutas jamais cessam no mundo em que se mover o senhor de Antioquia que, como todos os outros emires da região, é constantemente obrigado a tomar posição. Se ele estiver do lado do perdedor, é a morte que o espera, ou no mínimo a prisão e o infortúnio. Se tiver a sorte de escolher o lado do vencedor, saboreia por um tempo sua vitória, é premiado com algumas belas escravas, antes de se ver mergulhado num novo conflito onde tem que arriscar a vida e o poder. Para durar, é preciso apostar no cavalo certo e não se comprometer em jogar sempre no mesmo. Qualquer erro é fatal, e raros são os emires que morrem na sua cama.

Quando chegam os *franj*, a vida política na Síria está de fato envenenada pela "Guerra dos Dois Irmãos", dois estranhos personagens que parecem ter saído diretamente da imaginação de um contador de histórias populares: Redwan, rei de Alepo, e seu irmão menor Dukak, rei de Damasco, que nutrem um pelo outro um ódio tão tenaz que nada, nem mesmo uma ameaça comum, pode fazer com que pensem em reconciliação. Em 1097, Redwan tem pouco mais de vinte anos, mas já é cercado por uma aura de mistério. As mais apavorantes lendas circulam a seu respeito. Pequeno, magro, o olhar severo e às vezes assustado, ele teria caído, nos diz Ibn al-Qalanissi, sob o domínio de um "médico-astrólogo", membro da ordem dos Assassinos, uma seita recém-nascida, e que vai ter importante papel durante a ocupação franca. O rei de Alepo é acusado, não sem razão, de utilizar esses fanáticos para eliminar seus adversários através de assassinatos, traições, feitiçaria. Redwan provoca a desconfiança de todos, mas é no seio de sua própria família que ele suscita o ódio mais forte. Quando subiu ao trono, em 1095, mandou estrangular dois de seus irmãos mais jovens, temendo que um dia lhe disputassem o poder. Um terceiro só teve a vida salva escapando da cidadela de Alepo na mesma noite em que as mãos fortes dos escravos de Redwan iam fechar-se sobre sua garganta. Esse sobrevivente era Dukak, que, desde então, dedica ao seu irmão mais velho um ódio cego. Após sua fuga, ele se refugiou em Damasco, cuja guarnição o aclamou rei. Ele, rapaz inconstante, influenciável, colérico, de saúde frágil, vive obcecado pela idéia de que seu irmão quer assassiná-lo. Estar no meio desses dois príncipes semiloucos não é uma tarefa fácil para Yaghi Siyan. Seu vizinho imediato é Redwan, cuja capital, Alepo, uma das mais velhas cidades do mundo, encontra-se a menos de três dias de Antioquia. Dois anos antes da chegada dos *franj*, Yaghi Siyan deu-lhe sua filha em casamento. Mas ele rapidamente compreendeu que esse genro cobiçava seu poder e, por sua vez, começou a temer pela própria vida. Assim como Dukak, Yaghi Siyan é obcecado pela seita dos Traidores. O perigo comum tendo naturalmente aproximado os

dois homens, é primeiro para o rei de Damasco que Yaghi Siyan se volta quando os *franj* avançam em direção a Antioquia.

Mas Dukak hesita. Não que os *franj* lhe atemorizem, assegura ele, mas não gostaria de conduzir seu exército para perto de Alepo, dando assim a seu irmão a ocasião de atacá-lo pela retaguarda. Yaghi Siyan, que sabe o quanto custa arrancar uma decisão de seu aliado, fez questão de enviar-lhe seu filho Chams ad-Dawla — "O Sol do Estado" —, um jovem brilhante, ardente, apaixonado, que nunca desiste. Sem descanso, Chams assedia o palácio real, perseguindo Dukak e seus conselheiros, fazendo-se ora adulador, ora ameaçador. No entanto, é só em dezembro de 1097, dois meses depois do início da batalha de Antioquia, que o senhor de Damasco aceita, de mau grado, tomar o caminho do norte com seu exército. Chams o acompanha. Ele sabe que em uma semana de estrada Dukak tem tempo de sobra para mudar de opinião. De fato, à medida que avança, o jovem rei vai ficando tenso. A 31 de dezembro, quando o exército de Damasco já cobriu dois terços do trajeto, ele encontra uma tropa franca que veio saquear a região. Apesar de sua nítida vantagem numérica e do relativo desembaraço com que conseguiu cercar o inimigo, Dukak desiste de dar a ordem de ataque. Isso deixa os *franj*, por um momento desamparados, com tempo suficiente para se recuperar, se desvencilhando do cerco. Quando o dia chega ao fim, não há vencedor nem vencido, ainda que os damascenos tenham perdido mais homens que seus adversários. Isto bastava para desencorajar Dukak, que, apesar das súplicas desesperadas de Chams, ordena imediatamente a seus homens que dessem meia-volta.

Em Antioquia, a defecção de Dukak provoca muito desespero, mas os defensores não desistem. Nos primeiros dias de 1098, curiosamente, é no acampamento dos sitiantes que reina a confusão. Muitos espiões de Yaghi Siyan conseguiram infiltrar-se no inimigo. Alguns desses informantes agem por ódio aos *rum*, mas na maioria são cristãos da cidade que esperam assim atrair as graças do emir. Eles deixaram suas famílias e procuram garantir sua segurança. As informações que trazem são reconfortantes para a população: enquanto as provisões dos sitiados permanecem abundantes, os *franj* são vítimas da fome. Contam-se, entre eles, centenas de mortos e a maior parte das montarias foi abatida. A expedição que se chocou com o exército de Damasco tinha justamente como objetivo achar alguns carneiros, algumas cabras e pilhar celeiros. À fome, juntam-se outras calamidades que minam cada dia um pouco mais a moral dos invasores. A chuva cai sem cessar, justificando o nome trivial de "mijona" que os sírios dão a Antioquia. O acampamento dos sitiantes está banhado em lama. E depois, há a terra, que não pára de tremer. A gente do país está acostumada, mas os *franj* se assustam;

ouve-se subir até a cidade o grande rumor das orações, quando eles se reúnem para invocar o céu, acreditando serem vítimas de uma punição divina. Dizem que para acalmar a cólera do Senhor, eles resolveram expulsar as prostitutas do acampamento, fechar as tabernas e proibir os jogos de dados. As deserções são numerosas, mesmo entre os chefes.

Tais notícias fortalecem, é claro, a combatividade dos defensores, que multiplicam as saídas audaciosas. Como dirá Ibn al-Qalanissi, "Yaghi Siyan manifestou uma coragem, uma sabedoria e uma firmeza admiráveis". E o historiador árabe acrescenta, levado pelo entusiasmo: "A maioria dos *franj* pereceu. Se eles tivessem permanecido tão numerosos como quando chegaram, teriam ocupado todo o Islã!". Exagero ridículo, mas que rende uma homenagem merecida ao heroísmo da guarnição de Antioquia, que conseguiu suportar sozinha durante longos meses o peso da invasão.

Os socorros continuam a demorar. Em janeiro de 1098, ultrajado com a covardia de Dukak, Yaghi Siyan é forçado a se voltar para Redwan. Novamente, é Chams ad-Dawla que recebe a penosa missão de apresentar suas mais humildes desculpas ao rei de Alepo, de ouvir sem reagir todos os seus sarcasmos e de suplicar, em nome do Islã e de seus laços de parentesco, que se digne enviar suas tropas para salvar Antioquia. Chams sabe muito bem que seu real cunhado é insensível a esse tipo de argumento e que preferia cortar a mão a estendê-la para Yaghi Siyan. Mas os fatos são mais convincentes. Os *franj,* para quem a falta de alimento é cada vez mais crítica, acabam de lançar uma razia sobre as terras do rei seldjúcida, pilhando e devastando os arredores de Alepo, e Redwan, pela primeira vez, sente a ameaça pesar sobre o seu próprio território. Mais para se defender do que para ajudar Antioquia, ele resolve então mandar seu exército contra os *franj.* Chams triunfa, e faz chegar até seu pai uma mensagem indicando-lhe a data da ofensiva alepina, pedindo-lhe que opere uma saída em massa para que os sitiantes sejam apanhados pelos dois lados.

Em Antioquia, a intervenção de Redwan é tão inesperada que parece um presente do céu. Será o fim decisivo dessa batalha que dura mais de cem dias?

A 9 de fevereiro de 1098, no início da tarde, os vigias postados na cidadela assinalam a aproximação do exército de Alepo. Conta com vários milhares de cavaleiros, enquanto os *franj* só podem alinhar 700 ou 800, tais foram os danos ocasionados pela fome entre as montarias. Os sitiados, em estado de alerta, gostariam que o combate começasse imediatamente. Mas como as tropas de Redwan pararam e começaram a montar suas tendas, a ordem de batalha é adiada para o dia seguinte. Os preparativos continuam durante a noite. Cada soldado sabe agora com precisão onde e quando deve

agir. Yaghi Siyan confia em seus homens e está certo de que executarão seu papel.

O que todo mundo ignora é que a batalha já está perdida antes mesmo de ter começado. Aterrorizado pelo que se conta das qualidades guerreiras dos *franj*, Redwan não ousa mais se aproveitar de sua superioridade numérica. Em vez de desdobrar suas tropas, ele busca apenas protegê-las. E, para evitar qualquer risco de se ver cercado, ele as acantona a noite toda numa estreita banda de terra entre o Oronte e o lago de Antioquia. Quando os *franj* atacam de madrugada, os alepinos estão como que paralisados. Em razão da exigüidade do terreno, qualquer movimento lhes é proibido. As montarias empinam, e aqueles que caem são espezinhados por seus irmãos antes de poder se levantar. Obviamente, não se trata mais de aplicar as táticas tradicionais e lançar contra o inimigo vagas sucessivas de cavaleiros-arqueiros. Os homens de Redwan estão acuados a um corpo-a-corpo no qual os cavaleiros protegidos pelas armaduras adquirem sem dificuldade uma vantagem esmagadora. É uma verdadeira carnificina. O rei e seu exército, perseguidos pelos *franj*, só pensam em fugir numa desordem indescritível.

Sob os muros de Antioquia, a batalha desenrola-se de forma diferente. Desde as primeiras luzes do dia, os defensores operaram uma saída maciça que obrigou os sitiantes a recuar. Os combatentes revelam-se ferozes, e os soldados de Yaghi Siyan estão em excelente posição. Um pouco antes do meio-dia, eles começaram a investir contra o acampamento dos *franj*, quando chegam as notícias da debandada dos alepinos. Desolado, o emir ordena a seus homens que voltem para a cidade. A retirada mal está terminada, quando os cavaleiros que esmagaram Redwan voltam, carregados de troféus macabros. Logo, os habitantes de Antioquia ouvem imensas gargalhadas, alguns assobios surdos, antes de ver aterrisar, projetadas pelas catapultas, as cabeças horrivelmente mutiladas dos alepinos. Um silêncio de morte tomou conta da cidade.

Apesar de distribuir à sua volta algumas frases de encorajamento, pela primeira vez Yaghi Siyan sente o cerco fechar-se em torno de sua cidade. Após a debandada dos dois irmãos inimigos, ele não tem mais nada a esperar dos príncipes da Síria. Resta-lhe um único recurso: o governador de Mossul, o poderoso emir Karbuka, que tem a desvantagem de estar a mais de duas semanas de caminhada de Antioquia.

Mossul, a pátria do historiador Ibn al-Athir, é a capital da "Jézira", a Mesopotâmia, uma planície fértil regada por esses dois grandes rios que são o Tigre e o Eufrates. É um centro político, cultural e econômico de primeiro plano. Os árabes gabam-se de suas frutas suculentas, maçãs, peras,

uvas e romãs. O mundo inteiro associa o nome de Mossul ao tecido fino que ela exporta, a musselina. Quando chegaram os *franj*, já se explorava nas terras do emir Karbuka uma outra riqueza que o viajante Ibn Jobair descreverá com deslumbramento algumas dezenas de anos mais tarde: as fontes de nafta. O precioso líquido marrom que fará um dia a fortuna dessa parte do mundo já pode ser visto pelos passantes:

> "Nós atravessamos uma localidade chamada al-Qayyara (a betumeira), próxima ao Tigre. À direita do caminho que leva a Mossul, há uma depressão de terra, negra como se estivesse sob uma nuvem. Ali, Deus fez jorrar fontes grandes e pequenas que dão betume. Às vezes, uma delas lança pedaços de betume, como numa ebulição. São construídos tanques nos quais ele é cultivado. Em torno dessas fontes, há um lago negro em cuja superfície bóia uma espuma negra e leve, que ele joga sobre as bordas e que, ali, se coagula sob a forma betuminosa. Esse produto tem a aparência de uma lama muito viscosa, lisa, brilhante, exalando um forte odor. Pudemos assim observar com nossos próprios olhos uma maravilha de que havíamos ouvido falar e cuja descrição pareceu-nos muito extraordinária. Não longe dali, nas margens do Tigre, há uma outra grande fonte cuja fumaça avistamos de longe. Dizem-nos que nela se ateia fogo quando se quer tirar betume. A chama consome os elementos líquidos. O betume é então cortado em pedaços e transportado. Ele é conhecido em todos esses países até a Síria, Acre e em todas as regiões costeiras. Allah cria o que quer. Que Ele seja louvado!".

Os habitantes de Mossul atribuem ao líquido preto virtudes curativas e nele mergulham quando estão doentes. O betume produzido a partir do petróleo também serve à construção, para cimentar tijolos. Graças à sua vedação, ele é utilizado para rejuntar os muros dos hamãs, tomando o aspecto de mármore preto polido. Mas, como veremos, é no setor bélico que o petróleo é mais freqüentemente empregado.

Independentemente desses recursos promissores, Mossul desempenha, no início da invasão franca, um papel estratégico essencial, e tendo seus governadores adquirido alguma participação nos assuntos da Síria, o ambicioso Karbuka pretende exercê-la. Para ele, esse pedido de ajuda de Yaghi Siyan é a ocasião sonhada para estender sua influência. Sem hesitar, ele promete reunir um grande exército. Doravante, Antioquia vive somente na espera de Karbuka.

Esse homem providencial é um antigo escravo, o que, para os emires turcos, não representa nada de degradante. Os príncipes seldjúcidas têm com efeito o hábito de designar seus escravos mais fiéis e mais dotados para postos de responsabilidade. Os chefes do exército são freqüentemente escravos,

mamelucos, e sua autoridade é tal que nem precisam ser oficialmente alforriados. Antes que esteja concluída a ocupação franca, todo o Oriente muçulmano será dirigido por sultões mamelucos. Já em 1098, os homens mais influentes de Damasco, do Cairo e de várias outras metrópoles são escravos ou filhos de escravos.

Karbuka é um dos mais poderosos. Esse oficial autoritário de barba grisalha possui o título turco de *atabeg*, que em tradução literal significa "pai do príncipe". No império seldjúcida, os membros da família reinante não sobrevivem por muito tempo — combates, assassinatos, execuções — e deixam muitas vezes herdeiros menores. A fim de preservar os interesses destes últimos, designa-se um tutor, que para aperfeiçoar seu papel de pai adotivo geralmente desposa a mãe de seu aprendiz. Esses *atabegs* tornam-se, logicamente, os verdadeiros detentores do poder, que com freqüência transmitem a seus próprios filhos. O príncipe legítimo não passa então de uma marionete em suas mãos e às vezes merece até ser considerado um refém. Mas as aparências são escrupulosamente respeitadas. Assim, os exércitos são "comandados" oficialmente por crianças de três ou quatro anos que "delegaram" o poder ao *atabeg*.

É precisamente a este espetáculo insólido que se assiste nos últimos dias de 1098, quando cerca de 30 mil homens reúnem-se na saída de Mossul. O firmã oficial anuncia que os valorosos combatentes vão realizar o *jihad* contra os infiéis sob as ordens de um obscuro pimpolho seldjúcida que, do fundo de suas fraldas, delegou o comando do exército ao *atabeg* Karbuka.

Segundo o historiador Ibn al-Athir, que passará sua vida a serviço dos *atabegs* de Mossul, os *franj* foram tomados de pavor quando ouviram que o exército de Karbuka dirigia-se para Antioquia, pois estavam muito enfraquecidos e suas provisões rarefeitas. Os defensores, em compensação, voltaram a ter esperança. Mais uma vez, eles se preparam para efetuar uma saída assim que as tropas muçulmanas estiverem se aproximando. Com a mesma tenacidade, Yaghi Siyan, eficazmente auxiliado por seu filho Chams ad-Dawla, verifica as reservas de trigo, inspeciona as fortificações e encoraja as tropas prometendo-lhes o fim próximo do sítio "com a permissão de Deus".

Mas a segurança que ele exibe em público não passa de uma máscara. Há algumas semanas, a situação degradou-se sensivelmente. O bloqueio da cidade tornou-se muito mais rigoroso, o reabastecimento mais difícil, e há uma circunstância ainda mais preocupante: as informações sobre o acampamento inimigo tornaram-se raras. Os *franj*, que aparentemente se deram conta de que tudo que diziam ou faziam era levado a Yaghi Siyan, decidiram

tomar severas providências. Os agentes do emir o viram matar um homem, assá-lo no espeto e comer sua carne gritando em voz alta que todo espião apanhado sofreria o mesmo destino. Aterrorizados, os informantes fugiram e Yaghi Siyan não sabe mais muito a respeito dos atacantes. Militar prudente, ele julga a situação inquietante.

O que o tranqüiliza é saber que o exército de Karbuka está a caminho. Aproximadamente em meados de maio, ele deverá estar lá, com suas dezenas de milhares de combatentes. Em Antioquia, todo mundo espera esse instante. Cada dia, circulam rumores, propagados pelos cidadãos que acreditam ver seus desejos realizados. Sussurram, correm para as muralhas, as velhas interrogam maternalmente alguns soldados imberbes. A resposta é sempre a mesma: não, as tropas de socorro não estão à vista, mas não devem demorar.

Ao deixar Mossul, o grande exército muçulmano oferece um espetáculo deslumbrante com as inumeráveis cintilações de suas lanças sob o sol e seus estandartes negros, emblema dos abássidas e dos seldjúcidas, que tremulam no meio de um mar de cavaleiros vestidos de branco. O passo é acelerado, apesar do calor. Neste ritmo, estarão em Antioquia em menos de duas semanas. Mas Karbuka está preocupado. Pouco antes da partida, ele recebeu notícias alarmantes. Uma tropa de *franj* conseguiu apossar-se de Edessa, a ar-Ruha dos árabes, uma grande cidade armênia situada ao norte da estrada que vai de Mossul a Antioquia. E o *atabeg* não pode deixar de pensar que, quando ele se aproximar da cidade sitiada, os *franj* de Edessa estarão atrás dele. Não estará se arriscando a ser apanhado entre os dois? Nos primeiros dias de maio, ele reúne seus principais emires para lhes anunciar que decidiu modificar sua rota. Ele se dirigirá primeiro para o norte, resolverá em alguns dias o problema de Edessa, e depois poderá enfrentar sem riscos os sitiantes de Antioquia. Alguns protestam, lembrando-lhe a mensagem angustiada de Yaghi Siyan. Mas Karbuka os faz calar. Quando sua decisão está tomada, ele é teimoso como uma mula. Enquanto seus emires obedecem resmungando, o exército toma os atalhos montanhosos que levam a Edessa.

De fato, a situação da cidade armênia é preocupante. Os raros muçulmanos que puderam deixá-la transmitiram notícias. Um chefe franco, chamado Baudoin, chegou em fevereiro à frente de várias centenas de cavaleiros e de mais de dois mil infantes. É a ele que o senhor da cidade. Thoros, um velho príncipe armênio, apelou para reforçar a guarnição de sua cidade contra os repetidos ataques dos guerreiros turcos. Mas Baudoin recusou-se

em ser apenas um mercenário. Ele exigiu ser designado como herdeiro legítimo de Thoros. E este, idoso e sem filhos, aceitou. Uma cerimônia oficial de adoção ocorreu então segundo o costume armênio. Thoros trajando uma veste branca muito larga, e Baudoin, nu até a cintura, veio introduzir-se debaixo da roupa de seu "pai" para colar seu corpo ao dele. Depois, foi a vez da "mãe", ou seja, a mulher de Thoros, contra a qual, entre o vestido e a pele nua, Baudoin veio também esgueirar-se, sob o olhar divertido da assistência, que murmura que esse ritual, concebido para a adoção de crianças, era um tanto quanto impróprio quando o "filho" era um grande cavaleiro peludo!

Imaginando a cena que acaba de lhes ser relatada, os soldados do exército muçulmano riem alto e forte. Mas o resto da narrativa os faz estremecer: alguns dias após a cerimônia, "pai e mãe" foram espancados pela multidão instigada pelo "filho", que assistiu impassível à sua morte, antes de se proclamar conde de Edessa e de confiar a seus companheiros francos todos os postos importantes do exército e da administração.

Ao ver suas apreensões confirmadas, Karbuka organiza o sítio da cidade. Mas seus emires tentam novamente dissuadi-lo, Os três mil soldados francos jamais ousarão atacar o exército muçulmano, que possui dezenas de milhares de homens; em compensação, estão em número mais do que suficiente para defender a própria cidade, e o sítio pode prolongar-se durante meses. Entrementes, Yaghi Siyan, abandonado à sua sorte, poderá ceder à pressão dos invasores. O *atabeg* nada quer ouvir. E é somente após três semanas sob os muros de Edessa que ele reconhece seu erro e retoma, a passo acelerado, o caminho de Antioquia.

Na cidade sitiada, a esperança dos primeiros dias de maio deu lugar a uma completa desordem. Tanto no palácio como na rua, não se compreende porque as tropas de Mossul demoram tanto. Yaghi Siyan desesperava-se.

A tensão atinge seu limite máximo quando, a 2 de junho, um pouco antes do pôr-do-sol, as sentinelas informam que os *franj* reuniram todas as suas forças e se dirigem para o nordeste. Emires e soldados só encontram uma explicação: Karbuka está por perto e os sitiantes vão ao seu encontro. Em alguns minutos, o diz-que-diz colocou em prontidão casas e sentinelas. A cidade respira novamente. Amanhã, o *atabeg* vai libertar a cidade. Amanhã, o pesadelo vai acabar. A noite é fresca e úmida. Passa-se longas horas a conversar nas soleiras das casas, de luzes apagadas. Enfim, Antioquia dorme, exausta mas confiante.

Quatro horas da manhã: ao sul da cidade, o barulho surdo de uma corda que roça contra uma pedra. Um homem debruça-se do alto de uma torre grossa e pentagonal e faz sinais com a mão. Ele não fechou os olhos a

noite inteira e sua barba está emaranhada. Chama-se Firuz, "um fabricante de couraças encarregado da defesa das torres", dirá Ibn al-Athir. Muçulmano de origem armênia, Firuz esteve por muito tempo entre os familiares de Yaghi Siyan, mas, recentemente, este o acusou de ter praticado negócios ilícitos e infligiu-lhe uma multa pesada. Buscando vingança, Firuz entrou em contato com os sitiantes. Ele controla, disse-lhes ele, o acesso a uma janela que se abre sobre o vale, ao sul da cidade, e está disposto a fazê-los entrar. Melhor ainda, para provar-lhes que não se trata de uma armadilha, enviou-lhes seu próprio filho como refém. Por sua parte, os sitiantes prometeram-lhe ouro e terras. O plano está decidido: agirão na madrugada de 3 de junho. Na véspera, para enganar a vigilância da guarnição, os sitiantes fingirão que estão se afastando.

> "Quando o acordo foi concluído entre os *franj* e esse maldito fabricante de couraças", contará Ibn al-Athir, "eles treparam em direção a esta pequena janela, abriram-na e fizeram subir muitos homens por meio de cordas. Depois de passar mais de 500 fizeram soar o clarim na madrugada, hora em que os defensores encontravam-se esgotados depois de uma longa vigília. Yaghi Siyan levantou-se e perguntou o que estava acontecendo. Responderam-lhe que o som do clarim vinha da cidadela que certamente havia sido tomada".

Os ruídos vêm da torre das Duas Irmãs. Mas Yaghi Siyan não se dá ao trabalho de verificar. Acredita estar tudo perdido. Cedendo ao pavor, ordena que abram uma das saídas da cidade e, acompanhado por alguns guardas, foge. Desvairado, ele vai cavalgar assim durante horas, incapaz de recuperar a razão. Após 200 dias de resistência, o senhor de Antioquia desmoronou. Ao mesmo tempo que lhe censura a fraqueza, Ibn al-Athir evoca seu fim com emoção.

> "Ele pôs-se a chorar por ter abandonado a família, os filhos e os muçulmanos e, perdido em sua dor, caiu do cavalo sem consciência. Seus companheiros tentaram levantá-lo, mas ele não se sustentava mais em pé. Estava morrendo. Deixaram-no e se afastaram. Um lenhador armênio que passava por ali o reconheceu. Cortou-lhe a cabeça e levou-a para os *franj* em Antioquia."

A cidade está incendiada e o sangue corre. Homens, mulheres e crianças tentam fugir pelas ruelas lamacentas, mas os cavaleiros os alcançam sem esforço e cortam-lhes o pescoço imediatamente. Pouco a pouco, os gritos de horror dos últimos sobreviventes se apagam, logo substituídos pelas vozes desafinadas de alguns saqueadores francos já embriagados. A fumaça sobe de muitas casas incendiadas. Ao meio-dia, um véu de luto envolve a cidade.

No meio dessa loucura sanguinária de 3 de junho de 1098, um único homem soube manter a cabeça fria. É o incansável Chams ad-Dawla. Assim que a cidade foi invadida, o filho de Yaghi Siyan se entrincheirou com um grupo de combatentes na cidadela. Os *franj* tentam várias vezes desalojá-lo, mas a cada tentativa são rechaçados, não sem sofrer perdas pesadas. O mais importante dos chefes francos, Bohémond, um gigante de cabelos louros longos, é ferido num desses ataques. Aprendendo com o incidente, ele envia uma mensagem a Chams para propor-lhe que deixe a cidade em troca de um salvo-conduto. Mas o jovem emir recusa com altivez. Antioquia é o território que ele sempre pensou herdar e por ele lutará até o último fôlego. Não lhe faltam nem provisões nem flechas afiadas. Coroando majestosamente o cume do monte Habib-an-Najjar, a cidadela pode desafiar os *franj* durante meses. Estes perderiam milhares de homens se se obstinassem a escalar as muralhas.

A determinação desses derradeiros resistentes revela-se proveitosa. Os cavaleiros desistem de atacar a cidadela, contentando-se em cercá-la com um cordão de segurança. E é através dos urros de alegria de Chams e seus companheiros que eles ficam sabendo, três dias após a queda de Antioquia, que o exército de Karbuka está despontando no horizonte. Para Chams e seu punhado de aliados irredutíveis, a aparição dos cavaleiros do islã tem algo de irreal. Eles esfregam os olhos, choram, rezam, beijam-se. Os gritos de *Allahou akbar!* (Deus é grande!) chegam até a cidade num rumor ininterrupto. Os *franj* escondem-se atrás dos muros de Antioquia. Os sitiantes tornaram-se sitiados.

Chams está feliz mas com um travo de amargura. Assim que os primeiros emires da expedição de socorro o alcançam, ele os inunda de perguntas. Por que chegar tão tarde? Por que ter deixado tempo aos *franj* para que ocupassem Antioquia e massacrassem seus habitantes? Para seu espanto, todos os seus interlocutores, longe de justificar a atitude de seu exército, acusam Karbuka de todos os males; Karbuka, o arrogante, o pretencioso, o incapaz, o covarde.

Não se trata apenas de antipatias pessoais, mas de uma verdadeira conspiração cujo instigador não é senão o rei Dukak, de Damasco, que se uniu às tropas de Mossul quando entravam na Síria. O exército muçulmano, decididamente, não é uma força homogênea, mas uma liga de príncipes cujos interesses são freqüentemente contraditórios. As ambições territoriais do *atabeg* não são segredo para ninguém, e Dukak não encontrou dificuldade alguma em convencer seus pares de que seu verdadeiro inimigo é o próprio Karbuka. Se ele sair vitorioso da batalha contra os infiéis, se erigirá em salvador, e nenhuma cidade da Síria poderá então escapar à sua autoridade.

Se, em compensação, Karbuka é vencido, o perigo que pesa sobre as cidades sírias estará afastado. Frente a essa ameaça, o perigo franco seria um mal menor. Que os *rum* queiram recuperar sua cidade, com a ajuda de seus mercenários, não é mistério algum, a partir do momento que continua impensável que os *franj* criem seus próprios Estados na Síria. Como dirá Ibn al-Athir, "o *atabeg* indispôs de tal forma os muçulmanos com sua pretensão que eles resolveram traí-lo no momento mais decisivo da batalha".

Este soberbo exército não passa então de um colosso com pés de barro, que pode desmoronar no primeiro piparote. Prestes a esquecer que decidiram abandonar Antioquia, Chams paira sobre todas essas mesquinharias. O momento não lhe parece propício para resolver diferenças. Suas esperanças serão curtas. Na manhã seguinte a sua chegada, Karbuka o convoca para comunicar-lhe que o comando da cidadela lhe é retirado. Chams está indignado. Afinal não guerreou como um bravo? Não enfrentou todos os cavaleiros francos? Não é o herdeiro do senhor de Antioquia? O *atabeg* recusa qualquer discussão. Ele é o chefe e exige ser obedecido.

O filho de Yaghi Siyan está agora convencido de que o exército muçulmano, apesar de sua dimensão imponente, é incapaz de vencer. Seu único consolo é saber que a situação no acampamento inimigo não está melhor. Segundo Ibn al-Athir, "após ter conquistado Antioquia, os *franj* permaneceram doze dias sem comer nada. Os nobres se alimentavam de suas montarias, e os pobres, de restos e ervas. Os *franj* conheceram outras fomes nos últimos meses, mas sabiam que estavam livres para saquear os arredores e trazer algumas provisões. E as reservas de Yaghi Siyan, com os quais contavam, estão praticamente esgotadas. Aumenta o número de deserções".

Entre esses dois exércitos esgotados, desmoralizados, que se enfrentam em junho de 1098 em Antioquia, o céu parece não saber a qual proteger, quando um acontecimento extraordinário vem forçar sua decisão. Os ocidentais gritam que se trata de um milagre, mas no relato que fará Ibn al-Athir não há lugar para o maravilhoso.

> "Entre os *franj*, havia Boḥémond, o chefe de todos, mas havia também um monge extremamente astuto que lhes garantiu que uma lança do Messias, que a paz esteja sobre ele, estava enterrada no Kussyan, um grande edifício de Antioquia. Ele lhes disse: 'Se vocês a acharem, vencerão; senão, é morte certa'. Anteriormente, ele enterrara uma lança no solo do Kussyan e apagara todos os rastros. Ordenou-lhes que jejuassem e fizessem penitência por três dias; e depois, ele os fez entrar no edifício com seus valetes e operários, que cavaram em todos os lugares e acharam a lança. Então o monge exclamou: 'Rejubilem-se, pois a vitória é certa!'. No quinto dia, saíram pela porta da cidade em pequenos grupos de cinco ou seis. Os muçulmanos disseram a Karbu-

ka: 'Deveríamos nos colocar perto da porta e abater todos aqueles que saem. É fácil, pois estão dispersos!'. Mas ele respondeu: 'Não! Esperem que estejam todos do lado de fora e nós os mataremos até o último!'."

O cálculo do *atabeg* é menos absurdo do que parece. Com tropas tão indisciplinadas, com emires que aguardam a primeira ocasião para desertar, ele não pode prolongar o sítio. Se os *franj* querem iniciar a batalha, não se deve assustá-los com um ataque muito maciço, correndo o risco de vê-los voltar para a cidade. O que Karbuka não previu é que sua decisão de contemporizar vai ser imediatamente explorada por aqueles que buscam sua perda. Enquanto os *franj* continuam sua movimentação, as deserções começam do lado muçulmano. Acusam-se uns aos outros de covardia e traição. Sentindo que o controle de suas tropas lhe escapa, e que ele, sem dúvida, subestimou os efetivos dos sitiados, Karbuka solicita uma trégua. E assim acabava por se desmoralizar aos olhos dos seus, e isto só faz reforçar a segurança dos seus inimigos. Os *franj* investem sem nem mesmo responder à sua oferta, obrigando-o a lançar sobre eles uma fileira de cavaleiros-arqueiros. Mas, logo, Dukak e a maioria dos emires afastam-se tranqüilamente com suas tropas. Ao ver-se cada vez mais isolado, o *atabeg* ordena uma retirada geral que degenera imediatamente em debandada.

O poderoso exército muçulmano desintegrou-se, dessa forma, "sem ter dado um golpe de espada ou de lança, nem mesmo precisando ter atirado uma flecha sequer". O historiador de Mossul quase não exagera. "Os próprios *franj* temiam um ardil, pois ainda não acontecera um combate que justificasse tal fuga. Assim, eles preferiram renunciar a perseguir os muçulmanos." Karbuka pode então voltar para Mossul são e salvo com o que resta de suas tropas. Todas as suas ambições dissiparam-se para sempre perante Antioquia. A cidade que ele jurara a si mesmo salvar está agora solidamente em posse dos *franj*. E por muito tempo.

Mas o mais grave, após esse dia vergonhoso, é que não há mais na Síria força alguma capaz de deter o avanço dos invasores.

3

Os canibais de Maara

"Eu não sei se o domicílio onde nasci se trata de um pasto de bestas selvagens ou de minha casa!"

Esse grito de aflição de um poeta anônimo de Maara não é um simples recurso retórico. Temos infelizmente que tomar suas palavras ao pé da letra e perguntar-nos com ele: o que aconteceu de tão monstruoso na cidade síria de Maara nos final do ano 1098?

Até a chegada dos *franj*, os habitantes viviam pacificamente ao abrigo de sua muralha circular. Seus vinhedos, bem como seus campos de oliveiras e pés de figos, forneciam-lhes uma modesta prosperidade. Quanto aos negócios de sua cidade, eram geridos por honrados notáveis sem ambição desmedida, sob a soberania nominal de Redwan, de Alepo. O orgulho de Maara era ser berço de uma das maiores figuras da literatura árabe, Abul-Ala al-Maari, morto em 1057. Esse poeta cego, livre-pensador, ousara atacar os costumes de sua época, sem se preocupar com as proibições estabelecidas. Era preciso audácia para escrever:

"*Os habitantes da terra dividem-se em dois grupos,*
Os que têm um cérebro, mas não têm religião,
E aqueles que têm religião, mas não têm cérebro".

Quarenta anos após sua morte, um fanatismo vindo de longe viria, aparentemente, dar razão ao poeta de Maara, tanto a sua irreligião, quanto ao seu pessimismo legendário:

FIBRA
FACULDADE — AMAZÔNIA

"O destino nos destrói como se fôssemos de vidro,
E nossos cacos jamais se soldarão".

Sua cidade será, com efeito, reduzida a um amontoado de ruínas, e essa desconfiança, que o poeta expressara repetidas vezes, a respeito de seus semelhantes, encontrará ali sua mais cruel ilustração.

Nos primeiros meses de 1098, os habitantes de Maara acompanharam com preocupação a batalha de Antioquia que se desenrolava a três dias de caminhada a noroeste de sua cidade. Após sua vitória, os *franj* vieram saquear alguns vilarejos vizinhos e Maara fora poupada, mas algumas famílias preferiram trocá-la por lugares mais seguros como Alepo, Homs ou Hama. Seus temores foram justificados quando, perto do final de novembro, milhares de guerreiros francos cercam a cidade. Se alguns cidadãos ainda conseguem safar-se, a maioria não tem escapatória. Maara não possui exército, tem apenas uma simples milícia urbana à qual se juntam rapidamente centenas de jovens sem experiência militar. Durante duas semanas, eles resistem corajosamente aos temíveis cavaleiros, chegando a jogar sobre os sitiantes, de cima da muralha, colméias cheias de abelhas.

> Ao vê-los tão tenazes, contará Ibn al-Athir, os *franj* construíram uma torre de madeira que atingia a altura da muralha. Alguns muçulmanos, tomados de pavor e desmoralizados, pensaram que poderiam se defender melhor protegendo-se nos edifícios mais altos da cidade. Deixaram então os muros, desguarnecendo assim seus postos. Outros seguiram seu exemplo e um outro ponto da muralha foi abandonado. Logo, a muralha toda ficou sem defensores. Os *franj* subiram por meio de escadas, e quando os muçulmanos os viram no topo da muralha, perderam toda a sua coragem.

Chega a noite de 11 de dezembro. Está muito escuro e os *franj* ainda não ousam penetrar na cidade. Os notáveis de Maara entram em contato com Bohémond, o novo senhor de Antioquia, que se encontra à frente dos atacantes. O chefe franco promete garantias se cessarem o combate, deixando para trás algumas construções. Agarrando-se desesperadamente à sua palavra, as famílias reúnem-se nas casas e porões da cidade e, a noite toda, esperam tremendo.

Na alvorada, chegam os *franj*. É uma carnificina. Durante três dias, eles matam mais de cem mil pessoas pela espada, e fazem muitos prisioneiros. Os números de Ibn al-Athir são evidentemente fantasiosos, pois a população da cidade, na véspera de sua queda, era provavelmente inferior a dez mil habitantes. Mas o horror está menos presente no número de vítimas do que no destino quase inimaginável que lhes foi reservado.

"Em Maara, os nossos faziam ferver os pagãos adultos em caldeira, fincavam as crianças em espetos e as devoravam grelhadas." Essa confissão do cronista franco Raoul de Caen não foi lida pelos habitantes das localidades próximas a Maara, mas até o fim de suas vidas eles se lembrarão do que viram e ouviram. Pois a lembrança dessas atrocidades propagadas pelos poetas locais assim como pela tradição oral fixará nos espíritos uma imagem dos *franj* difícil de ser apagada. O cronista Ussama Ibn Munqidh, nascido três anos antes desses acontecimentos na cidade vizinha de Chayzar, escreverá um dia:

> "Todos aqueles que se informaram a respeito dos *franj* viram neles animais que possuem a superioridade da coragem e do ardor no combate, mas nenhuma outra, assim como os animais têm a superioridade da força e da agressão".

Um julgamento desprovido de complacência que resume bem a impressão deixada pelos *franj* na sua chegada à Síria: uma mistura de medo e desprezo, bem compreensível por parte de uma nação árabe muito superior em cultura mas que perdeu toda combatividade. Jamais os turcos esquecerão o canibalismo dos ocidentais. Em toda a sua literatura épica, os *franj* serão invariavelmente descritos como antropófagos.

Será injusta essa visão dos *franj?* Terão os invasores ocidentais devorado os habitantes da cidade mártir com o único objetivo de sobreviver? Seus chefes o afirmarão no ano seguinte numa carta oficial dirigida ao papa: "Uma terrível fome assolou o exército de Maara e o colocou na cruel necessidade de se alimentar dos cadáveres dos sarracenos". Mas essa explicação parece um pouco fácil. Pois os habitantes da região de Maara assistem, durante esse sinistro inverno, a comportamentos que a fome não pode explicar. Eles vêem, com efeito, os bandos de *franj* fanatizados, os *tafurs*, que se espalham pelos acampamentos, clamando bem alto que querem devorar a carne dos sarracenos, e que se reúnem à noite ao redor do fogo para devorar suas presas. Canibais por necessidade? Canibais por fanatismo? Tudo isso parece irreal e, no entanto, os testemunhos são acusadores, tanto pelos fatos que descrevem quanto pela atmosfera mórbida que transmitem. A esse respeito, uma frase do cronista franco Albert de Aix, que participou pessoalmente da batalha de Maara, permanece inigualável em horror: "Os nossos não repugnavam em comer não só a carne dos turcos e dos sarracenos mortos como também a carne dos cães!".

O suplício da cidade de Abul-Ala só terá fim a 13 de janeiro de 1099, quando centenas de *franj* armados de tochas percorrerão as ruas, pondo fo-

go em cada casa. Logo, a muralha será demolida pedra por pedra.

O episódio de Maara vai contribuir para cavar entre os árabes e os *franj* um fosso que vários séculos não serão suficientes para preencher. De imediato, porém, as populações, paralisadas pelo terror, não resistem mais, a menos que estejam acuadas. E quando os invasores, deixando atrás apenas ruínas fumegantes, retomam sua caminhada para o sul, os emires sírios se apressam em lhes enviar emissários carregados de presentes para assegurar-lhes sua boa vontade, e propor toda a ajuda de que possam precisar.

O primeiro é Sultan Ibn Munqidh, tio do cronista Ussama, que reina sobre o pequeno emirado de Chayzar. Os *franj* atingem seu território no dia seguinte de sua partida de Maara. Têm à sua frente Saint-Gilles, um de seus chefes mais freqüentemente citados pelos cronistas árabes. Tendo-lhe o emir despachado uma embaixada, um acordo é rapidamente concluído: não somente Sultan compromete-se a abastecer os *franj*, como também os autoriza a vir comprar cavalos no mercado de Chayzar e lhes fornecerá guias para que possam atravessar sem problemas o resto da Síria.

A região não ignora mais nada da progressão dos *franj*, seu itinerário é doravante conhecido. Não bradam eles que seu objetivo final é Jerusalém, onde querem tomar posse do túmulo de Jesus? Todos aqueles que se encontram na rota da Cidade Santa tentam precaver-se contra o flagelo que eles representam. Os mais pobres escondem-se nos bosques vizinhos, habitados pelas feras, leões, lobos, ursos e hienas. Aqueles que têm meios de fazê-lo emigram para o interior. Outros refugiam-se na fortaleza mais próxima. É essa última solução que escolheram os camponeses da rica planície de Bukaya, quando, na última semana de janeiro de 1099, são avisados de que as tropas francas estão próximas. Reunindo seu gado e suas reservas de óleo e trigo, eles sobem para Hosn-el-Akrad, "a cidadela dos curdos", que do alto de um monte de difícil acesso domina toda a planície até o Mediterrâneo. Mesmo estando a fortaleza há muito abandonada, suas muralhas são sólidas e os camponeses esperam encontrar abrigo nelas. Mas os *franj*, sempre desprovidos de provisões, vêm sitiá-los. A 28 de janeiro, seus guerreiros começam a escalar os muros de Hosn-el-Akrad. Sentindo-se perdidos, os camponeses imaginam um estratagema. Abrem subitamente as portas da cidadela e deixam escapar uma parte de seu rebanho. Esquecendo o combate, todos os *franj* se lançam contra os animais para capturá-los. Nas suas fileiras, a desordem é tanta que os defensores, encorajados, efetuam uma saída e atingem a tenda de Saint-Gilles, onde o chefe franco, abandonado por seus guardas, que também querem sua parte no rebanho, escapa à captura por um fio.

Os camponeses estão entusiasmados com sua proeza. Mas eles sabem que os sitiantes vão voltar para se vingar. No dia seguinte, quando Saint-

Gilles lança seus homens ao assalto das muralhas, eles não aparecem. Os atacantes perguntam-se que novo ardil terão inventado os camponeses. Trata-se do mais sábio de todos: eles aproveitaram-se da noite para sair sem ruído e desaparecer ao longe. É no local de Hosn-el-Akrad que, quarenta anos mais tarde, os *franj* construirão uma de suas mais temíveis fortalezas. O nome mudará pouco: "Akrad" será adaptado para "Krat", depois em "Krac". O "Krac dos cavaleiros", com sua silhueta imponente, ainda domina, no século XX, a planície de Bukaya.

Em fevereiro de 1099, a cidadela torna-se por alguns dias o quartel-general dos *franj*. E nela assiste-se a um espetáculo desconcertante. De todas as cidades vizinhas, e mesmo de algumas aldeias, chegam delegações arrastando atrás de si mulas carregadas de ouro, tecidos, provisões. A fragmentação política da Síria é tal que o menor dos burgos comporta-se como um emirado independente. Cada um sabe que só pode contar com suas próprias forças para se defender e tratar com os invasores. Nenhum príncipe, nenhum cádi, nenhum notável pode esboçar o menor gesto de resistência sem colocar o conjunto de sua comunidade em perigo. Deixam portanto seus sentimentos patrióticos de lado para vir, com um sorriso forçado, oferecer presentes e homenagens. "O braço que não podes quebrar, beija-o e ora a Deus para que Ele o quebre", diz um provérbio local.

É essa sabedoria de resignação que vai ditar a conduta do emir Janah ad-Dawla, senhor da cidade de Homs. Esse guerreiro reputado por sua bravura era, apenas sete meses atrás, o mais fiel aliado do *atabeg* Karbuka. Ibn al-Athir indica que Janah ad-Dawla foi o último a fugir perante Antioquia. Mas a hora não está para o zelo guerreiro ou religioso, o emir se mostra particularmente atencioso para com Saint-Gilles, oferecendo-lhe, além dos presentes habituais, um grande número de cavalos, pois, explicam os embaixadores num tom meloso, Janah ad-Dawla soube que os cavaleiros estavam carentes de montarias.

De todas as delegações que desfilam nas imensas salas sem móveis de Hosn-el-Akrad, a mais generosa é a de Trípoli. Tirando de uma em uma as esplêndidas jóias fabricadas pelos artesãos judeus da cidade, seus embaixadores desejam aos *franj* as boas vindas em nome do príncipe mais respeitado da costa síria, o cádi Jalal el-Mulk. Ele pertence à família dos Banu Ammar, que fez de Trípoli a jóia do Oriente árabe. Não se trata absolutamente de um desses inumeráveis clãs bélicos que conquistaram terras apenas pela força das armas, mas de uma dinastia de letrados que tem por fundador um magistrado, um cádi, título que os soberanos da cidade conservaram.

Quando os *franj* chegam, Trípoli e sua região conhecem, graças à sabedoria dos cádis, um tempo de paz e prosperidade invejado por seus vizi-

nhos. A imensa "casa da cultura", Dar-el-Ilm, que encerra uma biblioteca de cem mil volumes, uma das mais importantes desse tempo, é o orgulho dos cidadãos. A cidade é cercada por campos de oliveiras, alfarrobeiras, cana-de-açúcar e frutas de toda espécie em colheitas abundantes. Seu porto tem um tráfego movimentado.

É precisamente essa opulência que vai valer à cidade seus primeiros dissabores com os invasores. Na mensagem que manda a Hosn-el-Akrad, Jalal el-Mulk convida Saint-Gilles a mandar uma delegação a Trípoli para negociar uma aliança. Um erro imperdoável. De fato, os emissários francos ficam tão maravilhados com os jardins, palácios, com o porto e o mercado dos ourives, que não escutam mais as propostas do cádi. Eles já estão pensando apenas em tudo que poderiam pilhar em se apossando da cidade. E parece mesmo que, ao voltar para seu senhor, eles tenham feito tudo para atiçar sua cobiça. Jalal el-Mulk, que espera ingenuamente a resposta de Saint-Gilles à sua proposta de aliança; não fica pouco surpreso ao saber que os *franj* sitiaram, a 14 de fevereiro, Arqa, a segunda cidade do principado de Trípoli. Ele está decepcionado sim, mas principalmente aterrorizado, ciente de que a operação empreendida pelos invasores não seria senão um primeiro passo para a conquista de sua capital. Como impedir-se de pensar no destino de Antioquia? Jalal el-Mulk já se imagina no lugar do infeliz Yaghi Siyan, cavalgando vergonhosamente para a noite ou o esquecimento. Em Trípoli, acumulam-se reservas, na espera de um longo sítio. Os habitantes perguntam-se quanto tempo os invasores serão retidos frente a Arqa. Cada dia que passa é uma prorrogação desesperadora.

Fevereiro passa, depois março e abril. Como todos os anos, os perfumes dos pomares em flor envolvem Trípoli. O tempo está tanto melhor que as notícias são reconfortantes: os *franj* ainda não conseguiram tomar Arqa, cujos defensores estão tão espantados com o fato quanto os sitiantes. É verdade que as muralhas são sólidas, mas não mais do que as de outras cidades importantes, das quais os *franj* puderam se apossar. O que faz a força de Arqa é que seus habitantes estão convencidos, desde o primeiro instante da batalha, que se uma única brecha for aberta, eles serão todos massacrados, como o foram seus irmãos de Maara ou Antioquia. Dia e noite, velam, rechaçando todos os ataques, impedindo a menor infiltração. Os invasores acabam se cansando. O som de suas brigas chega até a cidade sitiada. A 13 de maio de 1099, eles levantam acampamento e se afastam, frustrados. Após três meses de luta exaustiva, a tenacidade dos resistentes foi recompensada. Alqa está exultante.

Os *franj* retomaram sua marcha para o sul. Passam defronte de Trípoli com uma lentidão inquietante. Jalal el-Mulk, que sabe que estão irrita-

dos, apressa-se em transmitir-lhes seus melhores votos para a continuação da viagem. Toma o cuidado de acrescentar víveres, ouro, alguns cavalos, assim como guias que os farão atravessar a estreita estrada costeira que leva a Beirute. Aos batedores tripolitanos juntam-se logo cristãos maronitas da montanha libanesa, que como os emires muçulmanos vêm oferecer sua ajuda aos guerreiros ocidentais.

Sem mais ocupar-se com o que pertence aos Banu Ammar — como Jbeil, a antiga Byblos — os invasores alcançam Nahr el-Kalb, o "Rio do Cachorro".

Ao transpor o rio, colocam-se em estado de guerra com o califado fatímida do Egito.

O homem forte do Cairo, o poderoso e corpulento vizir al-Afdal Chahinchah, não escondera sua satisfação quando os emissários de Aléxis Comneno vieram anunciar-lhe, em abril de 1097, a chegada maciça dos cavaleiros francos em Constantinopla e o início de sua ofensiva na Ásia Menor. Al-Afdal, "o Melhor", um antigo escravo de 35 anos que dirige sozinho uma nação egípcia de sete milhões de habitantes, transmitira ao imperador seus votos de sucesso e pedira para ser informado, na qualidade de amigo, dos progressos da expedição.

> "Alguns dizem que quando os senhores do Egito viram a expansão do império seldjúcida, foram tomados de medo e pediram aos *franj* que marchassem sobre a Síria e formassem uma barreira entre eles e os muçulmanos. Só Deus sabe a verdade."

Essa explicação simples, emitida por Ibn al-Athîr, sobre a origem da invasão franca, diz muito acerca da divisão que reina no seio do mundo islâmico entre os sunitas, que se vinculam ao califado abássida de Bagdá, e os xiítas, que se reconhecem no califado fatímida do Cairo. A cisão, que data do século VII e de um conflito no seio da família do Profeta, nunca cessou de provocar lutas encarniçadas entre os muçulmanos. Mesmo a homens de Estado, como Saladino, a luta contra os xiítas parecerá ao menos tão importante quanto a guerra contra os *franj*. Os "heréticos" são regularmente acusados de todos os males que assolam o Islã, e não é de se espantar que a própria invasão franca seja atribuída às suas tramóias. Isso dito, se o chamado dos fatímidas aos *franj* é puramente imaginário, a alegria dos dirigentes do Cairo à chegada dos guerreiros ocidentais é real.

Na queda de Nicéia, o vizir al-Afdal felicitou calorosamente o basileu, e três meses antes que os invasores se apossassem de Antioquia uma delegação egípcia, carregada de presentes, visitou o acampamento dos *franj* para

desejar-lhes uma vitória rápida e propor-lhes uma aliança. Militar de origem armênia, o senhor do Cairo não nutre simpatia alguma pelos turcos, e seus pensamentos unem-se, quanto a isso, aos interesses do Egito. Desde meados do século o avanço dos seldjúcidas corrói os territórios do califado fatímida e do império bizantino. Enquanto os *rum* viam Antioquia escapar ao seu controle, os egípcios perdiam Damasco e Jerusalém, que lhes pertenceram durante um século. Entre os Cairo e Constantinopla, assim como entre al-Afdal e Aléxis, estabeleceu-se uma sólida amizade. Consultam-se regularmente, trocam informações, elaboram projetos comuns. Pouco antes da chegada dos *franj*, os dois homens constataram com satisfação que o império seldjúcida estava minado por brigas internas. Numerosos pequenos Estados rivais instalaram-se tanto na Ásia Menor quanto na Síria. Teria chegado a hora da desforra contra os turcos? Não será o momento, tanto para os egípcios como para os *rum*, de recuperar suas posses perdidas? Al-Afdal sonha com uma operação conjunta das duas potências aliadas, e quando fica sabendo que o basileu recebeu dos países dos *franj* um grande reforço de tropas, ele sente que a vingança está ao alcance da mão.

A delegação que ele enviou aos sitiantes de Antioquia não falava em tratado de não-agressão. Para o vizir, isso era óbvio. O que ele propunha aos *franj* era realmente uma partilha: para aqueles a Síria do Norte, para ele a Síria do Sul, isto é, a Palestina, Damasco e as cidades costeiras até Beirute. Ele fez questão de apresentar sua oferta o mais cedo possível, quando os *franj* ainda não estavam certos de tomar Antioquia. Estava convicto de que aceitariam prontamente.

Curiosamente, a resposta fora evasiva. Eles pediam explicações, precisões, sobretudo quanto ao destino futuro de Jerusalém. Mostravam-se amigáveis, é verdade, para com os diplomatas egípcios, chegando inclusive a oferecer-lhe o espetáculo das cabeças cortadas de 300 turcos, mortos perto de Antioquia. Mas recusavam-se a concluir qualquer acordo. Al-Afdal não compreende. Sua proposta não era realista e até generosa? Os *rum* e seus auxiliares francos pretenderiam seriamente tomar Jerusalém, como pareceu aos seus enviados? Aléxis lhe teria mentido?

O homem forte do Cairo ainda hesitava quanto à política a seguir, quando, em julho de 1098, chegou-lhe a notícia da queda de Antioquia, seguida, com menos de três semanas de intervalo, da notícia da derrota humilhante de Karbuka. O vizir decide então agir imediatamente para ultrapassar em rapidez tanto os adversários quanto os aliados. "Em julho", relata Ibn al-Qalanissi, "anunciou-se que o generalíssimo, emir dos exércitos, al-Afdal havia deixado o Egito, à frente de um numeroso exército, e sitiado Jerusalém, onde já se encontravam os emires Sokman e Ilghazi, filhos

de Ortok. Ele atacou a cidade e venceu as máquinas de guerra". Os dois irmãos turcos que dirigiam Jerusalém acabavam de chegar do Norte, onde haviam participado da infeliz expedição de Karbuka. Após 40 dias de sítio, a cidade capitulou. "Al-Afdal tratou com generosidade os dois emires e os pôs em liberdade, eles e seus séquitos."

Por vários meses, os acontecimentos pareceram dar razão ao senhor do Cairo. Pois tudo se passava como se os *franj*, ao se deparar com o fato realizado, tivessem renunciado a ir além. Os poetas da corte fatímida não encontravam mais palavras suficientemente elogiosas para celebrar a façanha do homem de Estado que arrancara a Palestina aos heréticos sunitas. Mas, quando em janeiro de 1099 os *franj* retomam com resolução sua marcha para o sul, al-Afdal fica preocupado.

Ele despacha um de seus homens de confiança para Constantinopla para consultar Aléxis, que lhe faz então, numa carta célebre, a mais perturbadora das confissões: o basileu não exerce mais controle algum sobre os *franj*. Tão incrível quanto possa parecer, essa gente age por sua própria conta. Eles buscam estabelecer seus próprios Estados, recusando-se a devolver Antioquia ao império, contrariamente ao que haviam jurado fazer, e parecem decididos a tomar Jerusalém por todos os meios. O papa convocou-os à Guerra Santa, a fim de tomar o túmulo de Cristo, e nada poderá desvencilhá-los de seu objetivo. Aléxis acrescenta que, quanto a ele, discorda de suas ações e se limita estritamente à sua aliança com o Cairo.

Apesar dessa última precisão, al-Afdal tem a impressão de estar preso numa engrenagem mortal. Sendo ele mesmo de origem cristã, não tem dificuldade em compreender que os *franj*, que possuem uma fé ardente e ingênua, estejam determinados a ir até o fim de sua peregrinação armada. Ele agora lastima ter-se lançado nessa aventura palestina. Não teria sido melhor deixar os *franj* e os turcos brigarem por Jerusalém, em vez de colocar-se levianamente no meio do caminho desses cavaleiros tão corajosos quanto fanáticos?

Sabendo que precisa de vários meses para levantar um exército capaz de enfrentar os *franj*, ele escreve a Aléxis, exaltando-o a fazer tudo que estiver em seu poder para diminuir a marcha dos invasores. De fato, o basileu envia-lhes, em abril de 1099, durante o sítio de Arqa, uma mensagem pedindo que atrasem sua partida para a Palestina, pois, segundo diz, em breve chegará pessoalmente para se unir a eles. Por seu lado, o senhor do Cairo faz chegar aos *franj* novas propostas de acordo. Além da partilha da Síria, ele pormenoriza sua política em relação à Cidade Santa: a liberdade do culto rigorosamente respeitada e a permissão para os peregrinos irem à Cidade toda vez que o desejarem, com a condição, é claro, de que o façam

em pequenos grupos e sem armas. A resposta dos *franj* é contundente: "Nós iremos a Jerusalém todos juntos, em ordem de combate, lanças erguidas!".

É uma declaração de guerra. A 9 de maio de 1099, unindo o ato à palavra, os invasores atravessam sem hesitar Nahr el-Kalb, o limite norte do território fatímida.

Mas o "Rio do Cachorro" é uma fronteira fictícia, pois al-Afdal contentou-se em reforçar a guarnição de Jerusalém, abandonando as posses egípcias do litoral. Assim, todas as cidades costeiras, com uma única exceção, apressam-se em pactuar com o invasor.

A primeira é Beirute, a quatro horas de caminhada de Nahr el-Kalb. Seus habitantes despacham uma delegação aos cavaleiros, prometendo fornecer-lhes ouro, provisões e guias, com a condição de que respeitem as colheitas da planície circunvizinha. Os habitantes de Beirute acrescentam que estariam prestes a reconhecer a autoridade dos *franj* se estes conseguissem tomar Jerusalém. Saida, a antiga Sidon, reage de forma diferente. Sua guarnição efetua várias investidas audaciosas contra os invasores, que se vingam devastando suas lavouras, pilhando as aldeias vizinhas. Será o único caso de resistência. Os portos de Tiro e Acre, no entanto, fáceis de defender, seguem o exemplo de Beirute. Na Palestina, a maioria das cidades e das aldeias é evacuada pelos seus habitantes antes mesmo da chegada dos *franj*. Em nenhum momento estes encontram uma verdadeira resistência, e, na manhã de 7 de junho de 1099, os habitantes de Jerusalém já os podem ver aparecer ao longe, sobre a colina, perto da mesquita do profeta Samuel. Quase se consegue ouvir o seu clamor.

O general Iftikhar ad-Dawla, "Orgulho do Estado", comandante da guarnição egípcia, os observa com serenidade do alto da torre de Davi. Há vários meses que tomou todas as providências necessárias para sustentar um longo sítio. Ele consertou um pedaço da muralha danificado durante o ataque de al-Afdal contra os túrcos no ano anterior juntou enormes quantidades de provisões para evitar qualquer risco de penúria, enquanto espera a chegada do vizir, que prometeu chegar antes do final de julho para liberar a cidade. Para ser mais prudente, ele seguiu o exemplo de Yaghi Siyan e expulsou os habitantes cristãos suscetíveis de colaborar com seus correligionários francos. Nos últimos dias, mandou até envenenar as fontes e os poços das redondezas para impedir que o inimigo os utilize. Sob o sol de junho, nessa paisagem montanhosa, árida, semeada aqui e ali de algumas oliveiras, a vida dos sitiantes não será fácil. Para Iftikhar, o combate parece portanto começar em boas condições. Com seus cavaleiros árabes e com os arqueiros sudaneses, solidamente protegidos por essas espessas fortificações que escalam as colinas e mergulham nos fossos, ele se sente capaz de sustentar o sítio. É

verdade que os cavaleiros do Ocidente são famosos pela sua bravura, mas seu comportamento sob os muros de Jerusalém é um tanto quanto desconcertante aos olhos de um militar experimentado. Iftikhar esperava vê-los construir, tão logo chegassem, torres móveis e outros instrumentos de sítio, cavar trincheiras para proteger-se contra as saídas da guarnição. Ora, longe de entregar-se a esses preparativos, eles começaram organizando uma procissão em volta dos muros, conduzida por sacerdotes que oram e cantam em voz alta, antes de lançarem-se como loucos ao assalto das muralhas, sem dispor de escada alguma. Apesar de al-Afdal ter explicado que esses *franj* queriam tomar a cidade por razões religiosas, um fanatismo tão cego o surpreende. Ele próprio é um muçulmano crente, mas, se luta na Palestina, é para defender os interesses do Egito, e depois, por que negá-lo? Para promover o sucesso de sua carreira militar.

Ele sabe que essa cidade não é como as outras. Iftikhar sempre a chamou pelo seu nome comum, Iliya, mas os ulemás, os doutores da lei, chamam-na al-Quds, Beit-el-Maqdess ou al-Beit al-Muqaddas, "o lugar da santidade". Eles dizem que é a terceira Cidade Santa do Islã, após Meca e Medina, pois foi ali que Deus conduziu o Profeta, numa noite milagrosa, para que encontrasse Moisés e Jesus, filho de Maria. Desde então, al-Quds é, para todos os muçulmanos, o símbolo da continuidade da mensagem divina. Muitos devotos vêm recolher-se na mesquita al-Aqsa, sob a imensa cúpula cintilante que domina majestosamente as casas quadradas da cidade.

Mesmo se o céu está presente em cada esquina, Iftikhar tem os pés no chão. As técnicas militares, estima ele, são as mesmas, qualquer que seja o sítio conquistado. Essas procissões cantantes dos *franj* irritam-no mas não o preocupam. É somente após a segunda semana de sítio que ele começa a sentir nascer a preocupação, quando o inimigo inicia ardorosamente a construção de duas imensas torres de madeira. No começo de julho, elas já estão erguidas, prontas para transportar centenas de combatentes até o topo das muralhas. Suas silhuetas elevam-se ameaçadoras, no meio do acampamento inimigo.

As ordens de Iftikhar são precisas: se uma dessas máquinas fizer o menor movimento em direção aos muros, deve-se inundá-la com uma chuva de flechas. Se depois a torre conseguir aproximar-se, deve-se utilizar o fogo grego, uma mistura de petróleo e enxofre derramada em vasos e jogada, acesa, sobre os atacantes. Ao espalhar-se, o líquido provoca incêndios difíceis de apagar. Essa arma terrível vai permitir aos soldados de Iftikhar rechaçar vários ataques sucessivos ao longo da segunda semana de julho, se bem que, para proteger-se das chamas, os sitiantes tenham atapetado as torres móveis com peles de animais recém-mortos e impregnadas de vinagre. Enquanto is-

so, circulam rumores anunciando a chegada iminente de al-Afdal. Os sitiantes, temendo ser apanhados entre dois fogos, duplicam os esforços.

> "Uma das torres móveis construídas pelos *franj*", contará Ibn al-Athir, "estava do lado de Sião, ao sul, e a outra ao norte. Os muçulmanos conseguiram queimar a primeira, matando todos aqueles que se encontravam nela. Porém, mal tinham acabado de destruí-la, um mensageiro chegou, pedindo ajuda, pois a cidade estava sendo invadida pelo outro lado. De fato, ela foi tomada pelo norte, numa sexta-feira de manhã, sete dias antes do final do tempo de *chaaban* do ano 492".

Nesse terrível dia de julho de 1099, Iftikhar encontra-se na torre de Davi, uma cidadela octogonal cujas fundações foram soldadas com chumbo e se constitui no ponto forte das muralhas. Ele pode manter-se nela por muitos dias ainda, mas sabe que a batalha está perdida. O bairro judeu foi invadido, as ruas estão cheias de cadáveres e já se luta perto da Grande Mesquita. Logo, ele e seus homens estarão cercados por todos os lados. No entanto, ele continua a lutar. O que mais poderia fazer? À tarde, os combates praticamente cessaram no centro da cidade. A bandeira branca dos fatímidas só tremula sobre a torre de Davi.

Repentinamente, os *franj* interrompem suas investidas e um mensageiro se aproxima. Ele vem a mando de Saint-Gilles propor ao general egípcio e aos seus homens deixá-los partir sãos e salvos se aceitarem entregar-lhe a torre. Iftikhar hesita. Mais de uma vez os *franj* haviam traído seus compromissos, e nada garantiria que Saint-Gilles aja de outra forma. No entanto, descrevem-no como um sexagenário de cabelos brancos que todos reverenciam com respeito, o que deveria envaidecê-lo. Em todo caso, sabe-se que ele precisa entrar em entendimentos com a guarnição, pois sua torre de madeira foi destruída e todos os seus ataques rechaçados. Na verdade, ele nada conseguiu desde a manhã, enquanto seus irmãos, os outros chefes francos, já estão pilhando a cidade e brigando por suas casas. Pesando os prós e os contras, Iftikhar acaba declarando-se pronto para capitular se Saint-Gilles jurar, pela própria honra, que garantirá sua segurança e a de todos os seus homens.

"Os *franj* respeitaram sua palavra e os deixaram partir, de noite, para o porto de Ascalon, onde eles se estabeleceram", anotará conscienciosamente Ibn al-Athir. E acrescenta: "A população da Cidade Santa foi morta pela espada, e os *franj* massacraram os muçulmanos durante uma semana. Na mesquita al-Aqsa, eles mataram mais de 70 mil pessoas". E Ibn al-Qalanissi, que evita manipular números que não se podem verificar, preci-

sa: "Muitas pessoas foram mortas. Os judeus foram reunidos na sua sinagoga e os *franj* os queimaram vivos. Eles destruíram também os monumentos dos santos e o túmulo de Abraão — que a paz esteja com ele!".

Entre os monumentos saqueados pelos invasores está a mesquita de Omar, erigida em memória do segundo sucessor do Profeta, o califa Omar Ibn al-Khattab, que tomara Jerusalém aos *rum*, em fevereiro de 638. Os árabes não deixaram de evocar com freqüência este acontecimento, com a intenção de ressaltar a diferença entre seu comportamento e o dos *franj*. Neste dia, Omar fizera sua entrada no seu famoso camelo branco, enquanto o patriarca grego da Cidade Santa avançava ao seu encontro. Antes de pedir-lhe para visitar os locais sagrados do cristianismo, o califa começou assegurando-lhe que a vida e os bens de todos os habitantes seriam respeitados. Enquanto eles estavam na igreja de Qyama, diante do Santo Sepulcro, tendo chegado a hora da reza, Omar perguntou ao seu hóspede onde poderia estender seu tapete para se prosternar. O patriarca o convidou a fazê-lo onde estava, mas o califa respondeu: "Se eu fizer isso, amanhã os muçulmanos vão querer apropriar-se deste local, dizendo: 'Omar orou aqui'". E, levando o seu tapete, foi ajoelhar-se no exterior. Ele pensara corretamente, pois foi nesse preciso lugar que se construiria a mesquita que traz seu nome. Os chefes francos, infelizmente, não tiveram essa magnanimidade. Festejaram seu triunfo com uma matança indescritível, depois saquearam selvagemente a cidade que pretendiam venerar.

Seus próprios correligionários não foram poupados: uma das primeiras medidas tomadas pelos *franj* é expulsar da igreja do Santo Sepulcro todos os sacerdotes dos ritos orientais — gregos, georgianos, armênios, coptas e sírios — que oficiavam juntos, segundo uma antiga tradição que todos os conquistadores haviam respeitado até então. Pasmos com tanto fanatismo, os dignitários das comunidades cristãs orientais decidem resistir. Eles se recusam a revelar aos invasores o local onde está escondida a cruz verdadeira sobre a qual o Cristo morreu. Para esses homens, a devoção religiosa para com a relíquia é acrescida de orgulho patriótico. Não são eles, com efeito, os concidadãos do Nazareno? Mas os invasores não se deixam de forma alguma impressionar. Prendendo os sacerdotes que têm a guarda da cruz e submetendo-os à tortura para arrancar-lhes seu segredo, eles conseguem tirar dos cristãos da Cidade Santa, pela força, a mais preciosa de suas relíquias.

Enquanto os ocidentais acabam de massacrar alguns sobreviventes escondidos e se apossam de todas as riquezas de Jerusalém, o exército reunido por al-Afdal avança lentamente pelo Sinai. Eles só atingem a Palestina 40 dias após o drama. O vizir, que a conduziu pessoalmente, hesita em marchar diretamente sobre a Cidade Santa. Mesmo dispondo de 30 mil homens,

ele não se considera em posição favorável, pois falta-lhe material de sítio, e a determinação dos cavaleiros francos o assusta. Resolve então instalar-se com suas tropas nas cercanias de Ascalon e enviar uma embaixada a Jerusalém para sondar as intenções do inimigo. Na cidade ocupada, os emissários egípcios são levados a um grande cavaleiro de cabelos longos e barba loura que lhes é apresentado como sendo Godefroi de Bouillon, o novo senhor de Jerusalém. É a ele que transmitem a mensagem do vizir acusando os *franj* de ter abusado de sua boa-fé e propondo-lhe um acordo se eles prometessem deixar a Palestina. Como resposta, os ocidentais juntam suas forças e lançam-se sem demora a caminho de Ascalon.

Vão tão rápido que chegam perto do acampamento muçulmano sem que os batedores os tenham sequer notado. E, desde o primeiro confronto, "o exército egípcio perde pé e volta para o porto de Ascalon", relata Ibn al-Qalanissi. "Al-Afdal retirou-se também. Os sabres dos *franj* triunfaram sobre os muçulmanos. A matança não poupou nem as crianças, nem os voluntários, nem as pessoas da cidade. Cerca de dez mil almas morreram e o acampamento foi pilhado".

É sem dúvida alguns dias após a debandada dos egípcios que chega a Bagdá o grupo de refugiados conduzido por Abu-Saad al-Harawi, O cádi de Damasco ainda ignora que os *franj* acabam de conseguir uma nova vitória, mas já sabe que os invasores são donos de Jerusalém, Antioquia e Edessa, que venceram Kilij Arslan e Danishmend, que atravessaram toda a Síria de norte a sul, massacrando e pilhando sem ser incomodados. Ele sente que seu povo e sua fé foram injuriados, humilhados, e tem vontade de gritar alto para que os muçulmanos finalmente acordem. Ele quer sacudir seus irmãos, provocá-los, escandalizá-los.

Na sexta-feira 19 de agosto de 1099, ele levou seus companheiros para a Grande Mesquita de Bagdá, e ao meio-dia, quando os crentes afluem de todas as partes para a oração, ele começa a comer ostensivamente, mesmo estando no *ramadan*, mês de jejum obrigatório. Em alguns instantes, uma multidão irada o cerca, soldados se aproximam para interrompê-lo. Mas Abu-Saad se levanta e pergunta calmamente aos que o cercam como podem se mostrar tão transtornados com uma quebra de jejum, quando o massacre de milhares de muçulmanos e a destruição dos Lugares Santos do Islã os deixaram totalmente indiferentes. Tendo assim imposto silêncio à multidão, ele descreve em detalhes as desgraças que pesam sobre a Síria, "Bilad-ech-Cham", e sobretudo aquelas que acabam de abater-se sobre Jerusalém. "Os refugiados choraram, e fizeram chorar", dirá Ibn al-Athir.

Deixando a rua, é aos palácios que al-Harawi leva o escândalo. "Vejo

que são fracos os sustentáculos da fé!", grita ele na tenda do príncipe dos crentes, al-Mustazhir-billah, um jovem califa de 22 anos. A tez clara, a barba curta, o rosto arredondado, é um soberano complacente, cujos acessos de raiva são curtos e as ameaças raramente executadas. Numa época em que a crueldade parece ser o primeiro atributo dos dirigentes, esse jovem califa árabe gaba-se de nunca ter feito mal a ninguém. "Ele sentia uma verdadeira alegria quando diziam-lhe que o povo era feliz", dirá candidamente Ibn al-Athir. Sensível, refinado, de trato afável, al-Mustazhir gosta das artes. Apaixonado por arquitetura, supervisionou ele mesmo a construção de uma muralha em volta de seu bairro residencial, o harém, situado a leste de Bagdá. E nas suas horas vagas, que são muitas, ele compõe versos, poemas de amor: "Assim que estendi a mão para me despedir, como eu, minha amada sentiu o calor da mesma chama". Infelizmente para seus súditos, esse "homem de bem, incapaz de qualquer gesto de tirania", como o define Ibn al-Qalanissi, não dispõe de poder algum, apesar de estar cercado a cada instante por um cerimonial complicado de veneração, e os cronistas evocarem seu nome com deferência. Os refugiados de Jerusalém, que puseram nele todas as suas esperanças, parecem esquecer que sua autoridade não se exerce além das paredes de seu palácio, e que a política lhe era entendiante.

No entanto, ele tem atrás de si uma história gloriosa. Os califas, seus predecessores, foram durante os dois séculos que seguiram à morte do Profeta (632-833) os chefes espirituais e temporais de um imenso império que no seu apogeu estendia-se do Indus aos Pireneus, e que chegou até os vales do Ródano e do Loire. E a dinastia abássida, à qual pertence al-Mustazhir, fez de Bagdá a cidade fabulosa das Mil e Uma Noites. No início do século IX, quando reinava seu ancestral Harun-al-Rachid, o califado era o Estado mais rico e poderoso da terra, e sua capital era o centro da civilização mais desenvolvida. Ela tinha mil médicos diplomados, um grande hospital gratuito, um serviço postal regular, vários bancos, alguns com sucursais na China, uma excelente canalização de água, esgotos e uma fábrica de papel — os ocidentais, que ao chegar no Oriente ainda utilizavam o pergaminho, vão aprender na Síria a arte de fabricar o papel a partir da palha do trigo.

Mas no verão sangrento de 1099, quando al-Harawi veio anunciar a al-Mustazhir a queda de Jerusalém, se acabou aquela idade de ouro. Harun morreu em 809. Um quarto de século mais tarde, seus sucessores perderam qualquer poder real, Bagdá está semidestruída e o império desintegrado. Resta somente esse mito de uma era de unidade, grandeza e prosperidade que para sempre assombrará os sonhos dos árabes. Os abássidas ainda reinarão, é verdade, por quatro séculos. Mas não governarão mais. Não passarão de reféns nas mãos de seus soldados turcos ou persas, capazes de fazer e des-

fazer soberanos a seu bel-prazer, na maioria das vezes recorrendo ao assassinato. E é para escapar a esse destino que a maioria dos califas renuncia a qualquer atividade política. Reclusos em seus haréns, eles se dedicarão doravante exclusivamente aos prazeres da existência, fazendo-se poetas ou músicos, colecionando belas amantes perfumadas.

O príncipe dos crentes, que por muito tempo foi o símbolo da glória dos árabes, tornou-se o emblema vivo de sua decadência. E al-Mustazhir, dos quais os refugiados de Jerusalém esperam um milagre, é o representante desse segmento de califas preguiçosos. Mesmo que o quisesse, ele seria incapaz de socorrer a Cidade Santa, pois só dispõe, como exército, de uma guarda pessoal e de algumas centenas de eunucos pretos e brancos. Contudo, não são os soldados que faltam em Bagdá. Há milhares que perambulam sem parar, freqüentemente bêbados, pelas ruas. Para proteger-se de seus abusos, os cidadãos se acostumaram a bloquear, com pesadas barreiras de madeira ou ferro, os acessos noturnos aos bairros.

Obviamente, esses malditos soldados, que condenaram os mercados à ruína com sua pilhagem sistemática, não obedecem às ordens de al-Mustazhir. Seu chefe praticamente não fala o árabe. Pois, como as outras cidades da Ásia muçulmana, Bagdá caiu há mais de 40 anos sob o poder dos turcos seldjúcidas. O homem forte da capital abássida, o jovem sultão Barkyaruq, um primo de Kilij Arslan, é teoricamente o soberano de todos os príncipes da região. Mas, na realidade, cada província do império seldjúcida é praticamente independente, e os membros da família reinante estão totalmente anulados por suas brigas de sucessão dinástica.

E quando, em setembro de 1099, al-Harawi deixa a capital abássida, ele não conseguiu encontrar-se com Barkyaruq, pois o sultão está em campanha, no norte da Pérsia, contra seu próprio irmão Mohammed, uma luta que aliás acaba favorecendo Mohammed, já que é ele quem, a partir de outubro, se apossa de Bagdá. Mesmo assim esse conflito absurdo não se acaba. Chega a se tornar bizarro aos olhos espantados dos árabes, que não procuram mais entender nada. Pois julguem! Em janeiro de 1100, Mohammed deixa Bagdá às pressas e Barkyaruq faz uma entrada triunfal. Não por muito tempo, pois na primavera ele perde novamente a cidade, para voltar com toda força em abril de 1101, após um ano de ausência, e esmagar seu irmão; e por causa disso, nas mesquitas da capital abássida recomeça-se a pronunciar seu nome no sermão de sexta-feira, mas em setembro a situação inverte-se novamente. Vencido por um confronto de dois de seus irmãos, Barkyaruq parece definitivamente fora de combate. Mas não: apesar de sua derrota, ele volta inesperadamente a Bagdá e a retoma por alguns dias, para ser novamente repelido em outubro. Porém, mais uma vez sua ausência é breve,

pois a partir de dezembro ocorre um acordo que lhe restitui a cidade. Bagdá terá mudado de mão oito vezes em trinta meses: terá tido um senhor a cada cem dias! Isso enquanto os ocidentais consolidam sua presença nos territórios conquistados.

"Os sultões não se entendiam", dirá Ibn al-Athir, "e é por isso que os *franj* puderam apossar-se do país".

Segunda Parte

A Ocupação (1100-1128)

Cada vez que os franj *se apossam de uma fortaleza, eles atacam outra. Seu poder vai continuar crescendo até que ocupem a Síria toda e exilem os muçulmanos deste país.*

Fakhr el-Mulk ibn Ammar,
senhor de Trípoli

4

Os dois mil dias de Trípoli

Após tantas derrotas sucessivas, tantas decepções, tantas humilhações, as três notícias inesperadas que atingem Damasco nesse verão de 1100 suscitam muitas esperanças. Não somente entre os militantes religiosos que rodeiam o cádi al-Harawi, mas também no mercado, sob as arcadas da ruela Droit, onde os mercadores de seda crua, brocados dourados, tecidos adamascados ou móveis damasquinados, sentados à sombra dos vinhedos trepadeiros, interpelam uns aos outros, de uma loja a outra, por cima das cabeças dos passantes, com a voz dos dias felizes.

No início de julho um primeiro rumor, logo confirmado: o velho Saint-Gilles, que nunca escondeu suas intenções a respeito de Trípoli, Homs e o conjunto da Síria central, embarcou subitamente para Constantinopla, após um conflito com outros chefes *franj*. Murmura-se que não voltará mais. No final de julho, uma segunda notícia, mais extraordinária ainda, que se propaga em alguns minutos nas cercanias da mesquita, de beco em beco. "Enquanto ele sitiava a cidade de Acre, Godefroi, senhor de Jerusalém, foi atingido por uma flecha que o matou", relata Ibn al-Qalanissi. Fala-se também em frutas envenenadas que um notável palestino teria ofertado ao chefe franco. Alguns acreditam numa morte natural, causada por uma epidemia. Mas é a versão do cronista de Damasco que tem a preferência do público: Godefroi teria caído sob os golpes dos defensores de Acre. Ocorrendo um ano após a queda de Jerusalém, não estaria tal vitória indicando que a sorte está começando a mudar?

Essa impressão parece confirmada alguns dias mais tarde, quando se fica sabendo que Bohémond, o mais temível dos *franj*, acaba de ser captura-

Biblioteca FIBRA
FACULDADE — AMAZÔNIA

do. Foi Danishmend, "o Sábio", que conseguiu vencê-lo. Como já fizera três anos antes, na batalha de Nicéia, o chefe turco veio cercar a cidade armênia de Malatya. "Ao receber esta notícia", diz Ibn al-Qalanissi, "Bohémond, rei dos *franj* e senhor de Antioquia, reuniu seus homens e marchou contra o exército muçulmano. Empresa temerária, pois para atingir a cidade sitiada, o chefe louro deve cavalgar durante uma semana por um território montanhoso firmemente vigiado pelos turcos. Informado de sua chegada, Danishmend prepara-lhe uma emboscada. Bohémond e os quinhentos cavaleiros que o acompanham são acolhidos por um bloqueio de flechas que se abate sobre eles numa passagem estreita onde não conseguem se movimentar. "Deus deu a vitória aos muçulmanos, que mataram um grande número de *franj*. Bohémond e alguns de seus companheiros foram capturados." Transferidos em correntes para Niksar, ao norte da Anatólia.

A eliminação sucessiva de Saint-Gilles, Godefroi e Bohémond, os três principais artífices da invasão franca, alivia a todos, como um sinal do céu. Aqueles que estavam deprimidos com a aparente invencibilidade dos ocidentais retomam coragem. Não será esse o momento de desferir-lhes um golpe decisivo? Um homem, em todo caso, o deseja ardentemente. Trata-se de Dukak.

Não se enganem, o jovem rei de Damasco em nada se parece com um defensor zeloso do Islã. Não ficou mais do que provado, na batalha de Antioquia, que estava pronto a trair os seus para servir a suas ambições locais? Aliás, foi somente na primavera de 1100 que o seldjúcida descobriu subitamente a necessidade de uma Guerra Santa contra os infiéis. Um de seus súditos, um chefe beduíno do planalto de Golan, tendo se queixado das incursões repetidas dos *franj* de Jerusalém que pilhavam suas colheitas e assaltavam seus rebanhos, Dukak resolveu afugentá-los. Num dia de maio, quando Godefroi e seu braço direito Tancredo, um sobrinho de Bohémond, voltavam com seus homens de uma razia particularmente proveitosa, o exército de Damasco os atacou. Mais pesados por causa da carga que tinham transportado para fazer a guerra, os *franj* foram incapazes de travar combate. Preferiram fugir, deixando para trás vários mortos. O próprio Tancredo só escapou por um fio.

Para vingar-se, ele organizou uma expedição em represálias, nos arredores da metrópole síria. Os pomares foram devastados, as aldeias pilhadas e incendiadas. Tomado de surpresa pela amplitude e a rapidez da resposta, Dukak não ousou intervir. Com sua versatilidade habitual, já amargamente arrependido de sua operação no Golan, ele chegou a propor a Tancredo pagar-lhe um significativo tributo se ele concordasse em se mudar. Por óbvio, essa oferta reforçou a determinação do príncipe franco. Logicamente,

considerando que o rei estava acuado, enviou-lhe uma delegação de seis pessoas para intimá-lo a se converter ao cristianismo ou entregar-lhe Damasco. Nada menos. Ultrajado com tanta arrogância, o seldjúcida deu ordem de prender os emissários e, gaguejando de raiva, intimou-os, por sua vez, a abraçar o Islã. Um deles aceitou. Os outros cinco tiveram a cabeça cortada imediatamente.

Assim que se tornou conhecida a notícia. Godefroi veio unir-se a Tancredo e, com todos os homens de que dispunham, dedicaram-se durante dez dias à destruição sistemática dos arredores da metrópole síria. A rica planície de Ghuta, "que circunda Damasco como um halo que circunda a lua", segundo a expressão de Ibn Jobair, oferecia um espetáculo de desolação. Dukak não se mexia. Trancado no seu palácio de Damasco, ele esperava que a tempestade passasse. O fato de Golan recusar-se a reconhecer sua soberania e que doravante era aos senhores de Jerusalém que ele pagaria o tributo anual, fazia piorar a situação. Mais grave ainda, a população da metrópole síria começava a queixar-se da incapacidade de seus dirigentes em protegê-la. Resmungavam contra todos esses soldados turcos que se pavoneavam no mercado, mas que desapareciam sob a terra assim que o inimigo estava às portas da cidade. Dukak tinha uma única obsessão: vingar-se, e o mais cedo possível, mesmo que fosse só para reabilitar-se aos olhos de seus próprios súditos.

É fácil imaginar que nessas condições a morte de Godefroi tenha causado uma imensa alegria ao seldjúcida, que três meses antes teria ficado mais ou menos indiferente. Ocorrendo alguns dias mais tarde a captura de Bohémond, isso o encoraja a tentar alguma façanha.

A ocasião se apresenta em outubro. "Quando Godefroi foi morto", conta Ibn al-Qalanissi, "seu irmão, o conde Baudoin, senhor de Edessa, pôs-se a caminho de Jerusalém com quinhentos cavaleiros e infantes. Ao saber disto, Dukak reuniu suas tropas e marchou sobre ele. Encontrou-o perto da praça costeira de Beirute". Baudoin tenta visivelmente assumir a sucessão de Godefroi. É um cavaleiro famoso por sua brutalidade e falta de escrúpulos, como o assassinato de seus "pais adotivos" em Edessa o demonstrou, mas é também um guerreiro corajoso e astuto, cuja presença em Jerusalém constituiria uma ameaça permanente para Damasco e o conjunto da Síria muçulmana. Matá-lo ou capturá-lo nesse momento crítico é, de fato, decapitar o exército invasor e recolocar em questão a presença dos *franj* no Oriente. E se a data é bem escolhida, o local do ataque também o é.

Chegando do norte, ao longo da costa mediterrânea, Baudoin deve atingir Beirute perto do dia 24 de outubro. Antes, ele tem que atravessar Nahr el-Kalb, a antiga fronteira fatímida. Perto da embocadura do "Rio do Ca-

chorro", a estrada se estreita, cercada de falésias e montes abruptos. O local é ideal para uma emboscada. É precisamente ali que Dukak decidiu esperar os *franj*, dissimulando seus homens nas grutas ou nas encostas arborizadas. Regularmente, seus batedores informam-no da progressão do inimigo.

Desde a mais remota antiguidade, Nahr el-Kalb é a obsessão dos conquistadores. Quando um deles consegue forçar a passagem, fica tão orgulhoso que grava sobre a falésia o relato de sua proeza. Na época de Dukak, podem-se admirar vários desses vestígios, dos hieróglifos do faraó Ramsés II e dos cuneiformes do babilônio Nabucodonosor, aos louvores latinos que o imperador romano de origem síria Sétimo Severo endereçara a seus valorosos legionários gauleses. Mas, face a esse punhado de vencedores, quantos guerreiros viram seus sonhos despedaçados sobre esses rochedos sem deixar vestígios! Para o rei de Damasco, não há dúvida de que o "maldito Baudoin" vai em breve juntar-se a essa corte de vencidos. Dukak tem todas as razões para estar otimista. Suas tropas são seis ou sete vezes mais numerosas que as do chefe franco e, principalmente, ele soube tirar proveito da surpresa. Ele não vai apenas reparar a afronta que sofreu, vai retomar seu lugar preponderante entre os príncipes da Síria e exercer uma autoridade que a irrupção dos *franj* lhe havia solapado.

Se existe um homem a quem a importância da batalha não escapou, é o novo senhor de Trípoli, o cádi Fakhr el-Mulk, que sucedeu um ano antes a seu irmão Jalal el-Mulk. Tendo o senhor de Damasco cobiçado sua cidade antes da chegada dos *franj*, não lhe faltam motivos para temer a derrota de Baudoin, pois Dukak vai pretender então erigir-se em campeão do Islã e libertador da terra síria, e se terá que reconhecer sua soberania e suportar seus caprichos.

Para evitar isso, Fakhr el-Mulk perde qualquer escrúpulo. Ao saber que Baudoin se aproxima de Trípoli, a caminho de Beirute e depois Jerusalém, ele lhe envia vinho, mel, pão, carne, assim como ricos presentes em ouro e prata e inlusive um mensageiro que insiste em vê-lo em particular e o põe a par da emboscada preparada por Dukak, fornecendo-lhe numerosos detalhes sobre a disposição das tropas de Damasco, distribuindo conselhos sobre as melhores táticas a serem empregadas. O chefe franco, após agradecer ao cádi por essa colaboração tão preciosa quanto inesperada, retoma seu rumo para Nahr el-Kalb.

Sem que o inimigo suspeitasse de nada, Dukak prepara-se para investir contra os *franj* assim que tiverem ingressado na estreita faixa costeira que está sob a mira de seus arqueiros. De fato, os *franj* fazem sua aparição perto da localidade de Junieh e avançam mostrando-se totalmente des-

preocupados. Mais alguns passos e cairão na armadilha. De súbito, eis que eles se imobilizam, depois lentamente começam a recuar. Nada ainda está decidido, mas vendo que o inimigo não caiu na sua armadilha, Dukak entra em pânico. Pressionado por seus emires, ele acaba ordenando a seus arqueiros que disparem algumas salvas de flechas, sem ousar contudo lançar seus cavaleiros contra os *franj*. Ao cair da noite, o ânimo das tropas muçulmanas está o mais baixo possível. Árabes e turcos acusam-se mutuamente de covardia. Estouram algumas brigas. Na manhã do dia seguinte, após um breve confronto, as tropas de Damasco voltam para a montanha libanesa, enquanto os *franj* continuam tranqüilamente seu caminho para a Palestina.

Deliberadamente, o cádi de Trípoli escolheu salvar Baudoin, julgando que a principal ameaça à sua cidade vem de Dukak, que, ele também, havia agido assim em relação a Karbuka dois anos antes. Tanto para um quanto para o outro, a presença franca pareceu um mal menor no momento decisivo. Mas o mal vai se propagar muito rapidamente. Três semanas após a emboscada falida de Nahr el-Kalb, Baudoin proclama-se rei de Jerusalém e lança-se num duplo empreendimento de organização e conquista, a fim de consolidar as aquisições da invasão. Ao tentar, um século mais tarde, compreender o que levou os *franj* a vir ao Oriente, Ibn al-Athir atribuirá a iniciativa do movimento ao rei Baudoin, "al-Bardawil", que ele considerava de certa forma como o chefe do Ocidente. Não é incorreto, pois se esse cavaleiro não foi senão um dos numerosos responsáveis pela invasão, que o historiador de Mossul tenha razão ao designá-lo como o principal artífice da ocupação. Face ao despedaçamento irremediável do mundo árabe, os Estados francos vão aparecer de imediato, pela sua determinação, suas qualidades guerreiras e sua relativa solidariedade, como uma verdadeira potência regional.

Os muçulmanos dispõem no entanto de um trunfo considerável: a extrema debilidade numérica de seus inimigos. No dia seguinte à queda de Jerusalém, a maior parte dos *franj* voltou para seu país. Baudoin só pode contar, quando sobe ao trono, com algumas centenas de cavaleiros. Mas essa fraqueza aparente desaparece quando, na primavera de 1101, chega a informação de que novos exércitos francos, muito mais numerosos do que aqueles de que se teve conhecimento até agora, reuniram-se em Constantinopla.

Os primeiros a alarmar-se são evidentemente Kilij Arslan e Danishmend, que ainda se lembram da última passagem dos *franj* pela Ásia Menor. Sem hesitar, eles decidem unir suas forças para tentar barrar o caminho à nova invasão. Os turcos não ousam mais se aventurar para os lados de Nicéia ou de Doriléia, doravante em poder dos *rum*. Eles preferem tentar uma nova emboscada muito mais longe, ao sudeste da Anatólia, Kilij Arslan,

que ganhou idade e experiência, manda envenenar todos os pontos de água ao longo do caminho utilizado pela expedição precedente.

Em maio de 1101, o sultão é informado de que cerca de cem mil homens transpuseram o Bósforo, comandados por Saint-Gilles, que há um ano reside em Bizâncio. Ele tenta seguir seus movimentos, passo a passo, para saber a que momento surpreendê-los. Sua primeira etapa deveria ser Nicéia. Mas, curiosamente, os batedores postados perto da antiga capital do sultão não os vêem chegar. Na região do mar de Mármara, e mesmo em Constantinopla, nada se sabe deles. Kilij Arslan só encontra seu rastro no final de junho, quando irrompem subitamente sob os muros de uma cidade que lhe pertence, Ancara, situada no centro da Anatólia, em pleno território turco, e que ele não previu, em momento algum, que fosse atacada. Antes mesmo que ele tenha tido tempo de chegar, os *franj* já a tomaram. Kilij Arslan tem a sensação de ter voltado quatro anos atrás, no momento da queda de Nicéia. Mas a hora não está para lamentações, pois os ocidentais ameaçam agora o coração de seu domínio. Ele decide preparar-lhes uma emboscada assim que saírem de Ancara para retomar seu caminho para o sul. Porém, mais uma vez, é cometer um erro: os invasores, dando as costas à Síria, marcham com resolução para o nordeste, em direção a Niksar, a poderosa cidadela na qual Danishmend retém Bohémond. Então é isso! Os *franj* procuram liberar o senhor de Anquioquia!

O sultão e seu aliado começam somente então a compreender, quase sem acreditar, o curioso itinerário dos invasores. Por um lado, sentem-se tranqüilizados, pois agora podem escolher o local da emboscada. Será a aldeia de Merzifun, que os ocidentais atingirão nos primeiros dias de agosto, massacrados por um sol de chumbo. Seu exército não é nada impressionante. Algumas centenas de cavaleiros que avançam pesadamente, curvados sob armaduras escaldantes, e atrás deles uma multidão colorida que reúne mais mulheres e crianças do que verdadeiros combatentes. Assim que a primeira onda de cavaleiros é lançada, os *franj* perdem pé. Não é uma batalha, mas uma carnificina que dura um dia inteiro. Ao cair da noite, Saint-Gilles foge com seus próximos sem nem mesmo avisar o grosso do exército. No dia seguinte, os últimos sobreviventes são mortos. Milhares de jovens mulheres são capturadas e irão povoar os haréns da Ásia.

Mal terminou o massacre de Merzifun, mensageiros vêm alertar Kilij Arslan: uma nova expedição franca já avança pela Ásia Menor. Desta vez, o itinerário não esconde surpresa alguma. Os guerreiros cruzados tomaram a rota do sul, e é após vários dias de caminhada que eles percebem a cilada que se encontra no seu caminho. Quando, no final de agosto, o sultão

chega ao nordeste com seus cavaleiros, os *franj*, torturados pela sede, já estão agonizando. São dizimados sem nenhuma resistência.

Não terminou. Uma terceira expedição franca segue a segunda, na mesma estrada, a uma semana de intervalo. Cavaleiros, infantes, mulheres e crianças chegam, completamente sedentos, perto da cidade de Heracléia, e vendo um rio cintilar, para o qual todos se precipitam. Mas é precisamente à beira desse rio que os espera Kilij Arslan...

Os *franj* jamais se recuperarão desse triplo massacre. Com a vontade de expansão que os anima nesses anos decisivos, o acréscimo de um número tão importante de recém-chegados, combatentes ou não, lhes teria sem dúvida permitido colonizar o conjunto do Oriente árabe antes que ele tivesse tempo de tomar fôlego. E no entanto é justamente essa penúria de homens que estará na origem da obra mais duradoura e mais espetacular dos *franj* em terra árabe: a construção das fortalezas. Pois é como paliativo à fraqueza de seus efetivos que eles terão que edificar fortes, tão bem protegidos que um punhado de defensores poderá colocar em questão uma leva de sitiantes. Mas para vencer a vantagem numérica dos adversários, os *franj* vão dispor, durante longos anos, de uma arma ainda mais temível que suas fortalezas: a fúria do mundo árabe. Nada ilustra melhor esse estado de coisas do que a descrição que fará Ibn al-Athir da extraordinária batalha que se desenrola diante de Trípoli no começo de abril de 1102.

> "Saint-Gilles, que Deus o amaldiçoe, voltou para a Síria após ter sido vencido por Kilij Arslan. Só lhe restavam trezentos homens. Então, Fakhr el-Mulk, senhor de Trípoli, mandou dizer ao rei Dukak e ao governador de Homs: 'É o momento ou nunca para acabar com Saint-Gilles, já que possui tão poucas tropas!'. Dukak despachou dois mil homens e o governador de Homs veio pessoalmente. As tropas de Trípoli juntaram-se a eles às portas da cidade e, juntos, travaram batalha com Saint-Gilles. Este lançou cem de seus soldados contra a gente de Trípoli, cem contra a de Damasco, cinqüenta contra a de Homs e manteve cinqüenta com ele. Bastou ver o inimigo para que a gente de Homs fugisse, apressadamente, seguida pelos damascenos. Apenas os tripolitanos os enfrentaram. Vendo isto, Saint-Gilles os atacou com seus duzentos outros soldados, venceu-os e matou sete mil homens."

Trezentos *franj* triunfam sobre vários milhares de muçulmanos? Parece que a narrativa do historiador árabe é mesmo conforme à realidade. A explicação mais provável é que Dukak tenha pretendido que o cádi de Trípoli pagasse sua atitude no momento da emboscada de Nahr el-Kalb. A traição de Fakhr el-Mulk impedira a eliminação do fundador do reino de Jerusalém; a desforra do rei de Damasco vai permitir a criação de um quarto Estado franco: o condado de Trípoli.

Seis semanas após essa derrota humilhante, assiste-se a uma nova demonstração da incúria dos dirigentes da região, que apesar de sua vantagem numérica mostram-se incapazes de explorar a vitória quando são vencedores.

A cena se passa em maio de 1002. Um exército egípcio de cerca de 20 mil homens, comandados por Charaf, o filho do vizir al-Afdal, chegou à Palestina e conseguiu surpreender as tropas de Baudoin em Ramleh, perto do porto de Jafa. O próprio rei só escapou à captura escondendo-se agachado entre os juncos. A maioria de seus cavaleiros é morta ou capturada. Nesse dia, o exército do Cairo está perfeitamente em condições de se apossar de Jerusalém, pois, como dirá Ibn al-Athir, a cidade está sem defensores e o rei franco fugiu.

> "Alguns dos homens de Charaf disseram-lhe: 'Vamos tomar a Cidade Santa!'. Outros disseram: 'Vamos antes tomar Jafa!'. Charaf não conseguia se decidir. Enquanto ele hesitava assim, os *franj* receberam reforços pelo mar e Charaf teve que voltar para a casa de seu pai, no Egito."

Vendo que passara a dois dedos da vitória, o senhor do Cairo decide lançar uma nova ofensiva no ano seguinte, depois no outro. Mas, a cada tentativa, um evento imprevisto se interpõe entre ele e a vitória. Uma vez é a frota egípcia que se desentende com o exército em terra. Outra vez é o comandante da expedição que se mata acidentalmente, provocando com o seu desaparecimento a desordem das tropas. É um general corajoso mas, diz-nos Ibn al-Athir, extremamente supersticioso. "Haviam-lhe predito que morreria numa queda de cavalo, e quando foi nomeado governador de Beirute, ele havia ordenado que se arrancasse todo o calçamento das ruas, com medo que sua montaria escorregasse. Mas a prudência não se previne contra o destino." Durante a batalha, seu cavalo empina sem ter sido atacado, e o general cai morto no meio de suas tropas. Falta de sorte, falta de imaginação, falta de coragem, as expedições sucessivas de al-Afdal terminam todas lamentavelmente. Enquanto isso, os *franj* prosseguem tranqüilamente a conquista da Palestina.

Após ter tomado Haifa e Jafa, eles atacam em maio de 1104 o porto de Acre, em razão de seu ancoradouro natural. É o único local onde os barcos podem atracar tanto no verão quanto no inverno. "Desistindo de obter socorro, o governador egípcio pede a vida salva para ele e para os habitantes da cidade", diz Ibn al-Qalanissi. Baudoin promete-lhes que serão liberados. Mas assim que os muçulmanos saem da cidade, carregando seus bens, os *franj* se jogam sobre eles, despojam-nos e matam grande número deles.

Al-Afdal jura reparar essa nova humilhação. Ele enviará, a cada ano, um novo exército para atacar os *franj*, mas a cada vez será um novo desastre. A ocasião perdida em Ramleh, em maio de 1102, não se apresentará novamente.

No norte também é a incúria dos emires muçulmanos que salva os *franj* do aniquilamento. Após a captura de Bohémond, em agosto de 1100, o principado que ele fundou em Antioquia permanece sete meses sem chefe, praticamente sem exército. Mas nenhum dos monarcas vizinhos, nem Redwan, nem Kilij Arslan, nem Danishmend pensou em aproveitar-se disto. Eles deixam tempo aos *franj* para escolher um regime para Antioquia, no caso Tancredo, o sobrinho de Bohémond, que toma posse da terra herdada em março de 1102, e que, para afirmar sua presença, vai saquear os arredores de Alepo, como acontecera um ano antes com Damasco. Redwan reage de forma ainda mais covarde que seu irmão Dukak. Manda dizer a Tancredo que está pronto a satisfazer todos os seus caprichos se ele consentir em se afastar. Mais arroganre do que nunca, o *franj* exige que seja colocada uma imensa cruz sobre o minarete da Grande Mesquita de Alepo. Redwan obedece Uma humilhação que, como veremos, terá conseqüências!

Na primavera de 1103, Danishmend, que nada igora das ambições de Bohémond, resolve no entanto soltá-lo sem nenhuma contrapartida política. "Ele exigiu cem mil dinares de resgate e a libertação da filha de Yaghi Siyan, o antigo senhor de Antioquia, que estava cativa." Ibn al-Athir está escandalizado.

> "Saindo da prisão, Bohémond voltou para Antioquia, devolvendo assim a coragem a seu povo, e não demorou em fazer pagar o preço de seu resgate aos habitantes das cidades vizinhas. Os muçulmanos sofreram desta forma um prejuízo que os fez esquecer os benefícios da captura de Bohémond!"

Após ter sido assim "reembolsado" em detrimento da população local, o príncipe franco empreende a ampliação de seu domínio. Na primavera de 1104 tem início uma operação conjunta dos *franj* de Antioquia e de Edessa contra a praça-forte de Harran, que domina a vasta planície que se estende à beira do Eufrates e controla as comunicações entre o Iraque e a Síria do Norte.

A cidade em si não apresenta grande interesse. Ibn Jobair, que a visitará alguns anos depois, a descreverá em termos particularmente desencorajadores.

> "Em Harran, a água jamais conhece o frescor, o intenso calor do sol queima seu território sem parar. Não é lá que se pode encontrar um canto de sombra para se repousar; a respiração está sempre oprimida. Harran dá a

impressão de ter sido abandonada na planície nua. Ela não tem o brilho de uma cidade e seus acessos não são ornamentados com nenhum aparato elegante."

Seu valor estratégico, contudo, é considerável. Tomando Harran, os *franj* poderiam avançar, futuramente, em direção a Mossul e à própria Bagdá. De imediato, sua queda condenaria o reino de Alepo ao cerco. Objetivos ambiciosos, certamente, mas aos invasores não falta audácia. Mesmo porque as divisões do mundo árabe encorajam seus empreendimentos. A luta sangrenta entre os dois irmãos inimigos, Barkyaruq e Mohammed, tendo se intensificado mais do que nunca, Bagdá passa novamente de um sultão seldjúcida para outro. Em Mossul, o *atabeg* Karbuka acaba de morrer, e seu sucessor, o emir turco Jekermish, não consegue se impor.

Em Harran, a situação é caótica. O governador foi assassinado por um de seus oficiais durante uma bebedeira, e a cidade está em fogo e sangue. "É neste momento que os *franj* marcharam sobre Harran", explicará Ibn al-Athir. Quando Jekermish, o novo senhor de Mossul, e seu vizinho Sokman, antigo governador de Jerusalém, ficam sabendo disso, eles estão em guerra um contra o outro.

> "Sokman queria vingar um de seus sobrinhos, morto por Jekermish, e eles se preparavam para se enfrentar. Mas, diante desse fato novo, convidaram um ao outro para unir suas forças a fim de salvar a situação em Harran, cada um dizendo-se pronto a oferecer sua vida a Deus e a só buscar a glória do Senhor. Reuniram-se, selaram aliança e puseram-se a caminho contra os *franj*. Sokman com sete mil cavaleiros turcomanos e Jekermish com três mil".

É à beira do rio Balikh, um afluente do Eufrates, que os dois aliados encontram o inimigo em maio de 1104. Os muçulmanos fingem fugir, deixando os *franj* persegui-los durante mais de uma hora. Depois, ao sinal de seus emires, eles dão meia-volta, cercam seus perseguidores e os fazem em pedaços.

> "Bohémond e Tancredo tinham se distanciado do grosso das tropas e estavam escondidos atrás de uma colina para pegar os muçulmanos de revés. Mas, quando viram que os seus estavam vencidos, decidiram não reagir mais. Esperaram então a noite e fugiram, perseguidos pelos muçulmanos, que mataram e capturaram um bom número de seus companheiros. De toda matança apenas restaram eles e mais seis cavaleiros."

Entre os chefes francos que participam da batalha de Harran, está Bau-

doin II, um primo do rei de Jerusalém que o sucedeu à frente do condado de Edessa. Ele também tentou fugir, mas ao atravessar o Balikh, seu cavalo afundou na lama. O soldados de Sokman fazem-no prisioneiro e o conduzem à tenda de seu senhor, fato que suscita, segundo a narrativa de Ibn al-Athir, a inveja de seus aliados.

> "Os homens de Jekermish disseram-lhe: 'Como vai ser se os outros pegam toda a herança e nós ficamos de mãos vazias?'. E o persuadiram a ir buscar o conde na tenda de Sokman. Quando este voltou, ficou muito contrariado. Seus companheiros já estavam na sela, prontos para a batalha, mas ele os reteve dizendo: 'A alegria que suscitará nossa vitória aos muçulmanos não deve ser estragada por nossa disputa. Não quero aliviar minha cólera dando satisfação ao inimigo em detrimento dos muçulmanos'. Reuniu então todas as armas e os estandartes tomados aos *franj*, vestiu seus homens com suas roupas, os fez subir em suas montarias, depois dirigiu-se para as fortalezas em poder dos *franj*. A cada vez, acreditando ver voltar seus companheiros vitoriosos, estes saíam ao seu encontro. Sokman os massacrava e tomava a fortaleza. Ele repetiu esse estratagema em vários lugares."

A repercussão da vitória de Harran será enorme, como testemunha o tom inabitualmente entusiasta de Ibn al-Qalanissi:

> "Foi para os muçulmanos um triunfo sem igual. A moral dos *franj* foi afetada, seu número diminuiu, sua capacidade ofensiva enfraqueceu, assim como seu armamento. O ânimo dos muçulmanos foi fortalecido, seu ardor em defender a religião reforçado. As pessoas se felicitaram por essa vitória e adquiriram a certeza de que o sucesso abandonara os *franj*".

Um *franj*, e não dos menores, ficara efetivamente desmoralizado por sua derrota: Bohémond. Alguns meses depois, num barco ele se retira. Não foi mais visto em terra árabe.

A batalha de Harran afastou assim do palco, desta vez de verdade, o principal artífice da invasão. O mais importante é que ela freou o impulso dos *franj* para o leste. Mas como os egípcios em 1102, os vencedores mostram-se incapazes de colher os frutos de seu sucesso. Em vez de se dirigirem juntos para Edessa, a dois dias de caminhada do campo de batalha, eles se separam devido a uma briga. E se a astúcia de Sokman lhe permite apossar-se de algumas fortalezas sem grande importância, Jekermish deixa-se logo surpreender por Tancredo, que consegue capturar várias pesssoas de seu séquito, entre as quais uma jovem princesa de rara beleza, a quem o senhor de Mossul é tão apegado que está disposto a trocá-la por Baudoin II de Edessa

ou comprá-la por 15 mil dinares em ouro. O tio e o sobrinho consultam-se, depois informam a Jekermish que preferem pegar o dinheiro e deixar Baudoin no cativeiro, que se prolongará por mais de três anos. Não se sabe o que sentiu o emir ao receber essa resposta pouco cavalheiresca dos chefes francos. Quanto a ele, pagará a quantia combinada, recuperará sua princesa e guardará Baudoin com ele. Mas o caso não termina aí. Ele vai provocar um dos períodos mais curiosos das guerras francas.

A cena desenrola-se quatro anos mais tarde, no começo do mês de outubro de 1108, num campo de ameixeiras, onde os últimos frutos negros acabam de amadurecer. Ao redor, colinas arborizadas alinham-se ao infinito. Sobre uma delas, elevam-se majestosas as muralhas de Tell Bacher, perto das quais os dois exércitos que se defrontam oferecem um raro espetáculo.

Num acampamento, Tancredo de Antioquia, cercado de 1500 cavaleiros e infantes francos, com elmos que lhes cobrem a cabeça até o nariz e segurando firmemente em suas mãos espadas, maças ou machados afiados. Perto deles, estão 600 cavaleiros turcos de tranças longas, enviados por Redwan de Alepo.

No outro acampamento, está o emir de Mossul, Jawali, a cota de malhas coberta por uma longa veste de mangas bordadas, cujo exército compreende dois mil homens divididos em três batalhões: árabes à esquerda, turcos à direita e, no centro, cavaleiros francos, entre os quais Baudoin de Edessa e seu primo Jocelin, senhor de Tell Bacher.

Aqueles que participaram da gigantesca batalha de Antioquia poderiam imaginar que dez anos mais tarde um governador de Mossul, sucessor do *atabeg* Karbuka, selaria uma aliança com um conde franco de Edessa, e que lutariam lado a lado contra uma aliança formada por um príncipe franco de Antioquia e o rei seldjúcida de Alepo? Realmente, não fora preciso esperar muito tempo para ver os *franj* tornarem-se parceiros completos no jogo de massacre dos reizinhos muçulmanos. Os cronistas não parecem nem um pouco chocados. A rigor, se poderia descobrir em Ibn al-Athir um sorriso divertido, mas ele evocará as brigas dos *franj* e suas alianças sem mudar de tom, exatamente como fala, ao longo de toda a sua *História perfeita*, dos inumeráveis conflitos entre os príncipes muçulmanos. Enquanto Baudoin estava prisioneiro em Mossul, explica o historiador árabe, Tancredo tinha se apossado de Edessa, o que dá a entender que ele não estava nem um pouco apressado em ver seu companheiro livre. Tecera inclusive intrigas para que Jekermish o guardasse com ele o máximo possível.

Mas, em 1107, tendo esse emir sido derrubado, o conde caiu nas mãos do novo senhor de Mossul, Jawali, um aventureiro turco de uma inteligência notável, que compreendeu imediatamente o partido que poderia tirar

da disputa dos dois chefes francos. Libertou portanto Baudoin, ofereceu-lhe roupas de honra e concluiu com ele uma aliança. "Seu território de Edessa está ameaçado", disse-lhe concluindo: "e minha posição em Mossul não está assegurada. Ajudemo-nos mutuamente".

> "Assim que foi libertado", contará Ibn al-Athir, "o conde Baudoin, al-Comes Bardawil, foi ver 'Tancry' em Antioquia e pediu que lhe restituísse Edessa. Tancredo ofereceu-lhe 30 mil dinares, cavalos, armas, roupas e muitas outras coisas, mas recusou-se a devolver-lhe a cidade. E quando Baudoin, furioso, deixou Antioquia, Tancredo tentou segui-lo para impedir que se juntasse ao seu aliado Jawali. Houve algumas rixas entre eles, mas após cada combate eles se reuniam para comer juntos e conversar!".

Esses *franj* são uns neuróticos, parece dizer o historiador de Mossul. E continua:

> "Como eles não conseguiam resolver esse problema, uma mediação foi tentada pelo patriarca, que é para eles uma espécie de imã catalizador. Este nomeou uma comissão de bispos e sacerdotes que atestaram que Bohémond, o tio de Tancredo, antes de voltar para seu país, havia-lhe recomendado que devolvesse Edessa a Baudoin, se ele voltasse do cativeiro. O senhor de Antioquia aceitou a arbitragem e o conde retomou a posse de seu domínio".

Julgado que sua vitória era menos devida à boa vontade de Tancredo do que a seu medo de uma intervenção de Jawali, Baudoin liberou sem demora todos os prisioneiros muçulmanos de seu território, chegando a executar um de seus funcionários cristãos que havia injuriado publicamente o Islã.

Tancredo não é o único dirigente a exasperar-se com a curiosa aliança entre o conde e o emir. O rei Bedwan escreveu ao senhor de Antioquia para prevenî-lo contra as ambições e a perfídia de Jawali. Disse-lhe que esse emir queria apossar-se de Alepo e que, se conseguisse fazê-lo, os *franj* não poderiam mais manter-se na Síria. O cuidado do rei seldjúcida com a segurança dos *franj* é bastante risível, mas entre príncipes meia palavra basta, a comprensão ocorre além das barreiras religiosas ou culturais. Uma nova aliança islamo-franca formou-se então para fazer frente à primeira. Essa é a razão, neste mês de outubro de 1108, para que esses dois exércitos se enfrentem perto das muralhas de Tell Bacher.

Rapidamente, torna-se clara a vantagem dos homens de Antioquia e Alepo. "Jawali foge e um grande número de muçulmanos procura refugiar-se em Tell Bacher, onde Baudoin e seu primo Jocelin trataram-nos com be-

nevolência, cuidaram dos feridos, deram-lhes roupas e os levaram para suas casas.'' A homenagem feita pelo historiador árabe ao espírito cavalheiresco de Baudoin contrasta com a opinião que os habitantes cristãos têm do conde. Ao saber que este foi vencido, e sem dúvida acreditando-o morto, os armênios da cidade pensam que havia chegado o momento de se livrarem da dominação franca. De forma que, ao voltar para sua capital, Baudoin a encontra administrada por uma espécie de comuna. Preocupado com as veleidades de independência de seus súditos, ele manda prender os principais notáveis, entre os quais vários sacerdotes, e ordena que lhes sejam furados os olhos.

Seu aliado Jawali teria gostado de poder agir da mesma forma com os notáveis de Mossul, que também se aproveitaram de sua ausência para se rebelarem. No entanto, ele deve renunciar a isso, pois sua derrota acabou de desacreditá-lo. Daqui em diante sua sorte é pouco invejável: ele perdeu seu território, seu exército, seu tesouro, e o sultão Mohammed pôs sua cabeça a prêmio. Mas Jawali não se dá por vencido. Vestido de mercador, ele vai ao palácio de Ispahan e, subitamente, curva-se humilde perante o trono do sultão, trazendo seu sudário na mão. Comovido, Mohammed perdoa-o. Algum tempo depois, ele o nomeia governador de uma província na Pérsia.

Quanto a Tancredo, a vitória de 1108 o levou ao apogeu de sua fama. O principado de Antioquia tornou-se uma potência regional temida por todos os seus vizinhos, sejam eles turcos, árabes, armênios ou francos. O rei Redwan não passa de um submisso aterrorizado. O sobrinho de Bohémond quer ser chamado ''o grande emir''!

Algumas semanas após a batalha de Tell Bacher, que consagra a presença dos *franj* na Síria do Norte, é a vez do rei de Damasco de assinar um armistício com Jerusalém: as rendas das terras agrícolas situadas entre as duas capitais serão divididas em três, ''um terço para os turcos, um terço para os *franj,* um terço para os camponeses'', anota Ibn al-Qalanissi. ''Um protocolo foi redigido sobre essa base.'' Alguns meses mais tarde, a metrópole síria reconhece, através de um tratado, a perda de uma zona mais importante ainda: a rica planície de Bekaa, situada a leste do monte Líbano, é por sua vez dividida com o reino de Jerusalém. De fato, os damascenos estão simplesmente reduzidos à impotência. Suas colheitas estão à mercê dos *franj,* e seu comércio transita pelo porto de Acre, onde os mercadores genoveses impõem doravante a lei. Ao sul da Síria como ao norte, a ocupação franca é uma realidade quotidiana.

Mas os *franj* não param aí. Em 1109, eles estão à véspera do mais vasto movimento de expansão territorial empreendido desde a queda de Jerusa-

lém. Todas as grandes cidades da costa estão ameaçadas, e os potentados locais não têm mais nem força nem vontade para se defender.

A primeira presa visada é Trípoli. Desde 1103, Saint-Gilles instalou-se nos arredores da cidade e mandou construir uma fortaleza à qual os cidadãos deram imediatamente seu nome. Bem conservada, "Qalaat Saint-Gilles" ainda pode ser vista no século XX, no centro da cidade moderna de Trípoli. Quando chegam os *franj*, todavia, a cidade se limita ao bairro do porto, al-Mina, no extremo de uma península cujo acesso é controlado por essa famosa fortaleza. Nenhuma caravana pode atingir Trípoli ou dela sair sem ser interceptada pelos homens de Saint-Gilles.

O cádi Fakhr el-Mulk quer a todo custo destruir a cidadela que ameaça estrangular sua capital. Todas as noites, seus soldados tentam golpes audaciosos para apunhalar um guarda ou danificar um muro em construção, mas é em setembro de 1104 que ocorre a operação mais espetacular. Toda a guarnição de Trípoli efetua uma saída em massa sob a direção do cádi: vários guerreiros francos são massacrados e uma ala da fortaleza é incendiada. O próprio Saint-Gilles é surpreendido sob um dos tetos em chamas. Gravemente queimado, ele morre, cinco meses mais tarde, tendo passado por atrozes sofrimentos. Durante sua agonia, ele pede para ver os emissários de Fakhr el-Mulk e propõe-lhes um trato: os tripolitanos cessariam de atacar a cidade, em troca do chefe franco se comprometer a não mais atrapalhar o tráfego dos viajantes e das mercadorias. O cádi aceita.

Estranho compromisso! O objetivo de um sítio não é precisamente impedir a circulação de homens e víveres? No entanto, tem-se a impressão de que, entre sitiados e sitiantes, relações quase normais se estabeleceram. Assim, o porto de Trípoli conhece um aumento de atividade, as caravanas vão e vêm, após pagarem uma taxa aos *franj*, e os notáveis tripolitanos atravessam as linhas inimigas munidos de um salvo-conduto! Na realidade, os dois beligerantes esperam. Os *franj* esperam que chegue uma frota cristã, de Gênova ou Constantinopla, que lhes permitirá atacar a cidade sitiada. Os tripolitanos, que não ignoram este fato, esperam eles também que um exército muçulmano venha em seu socorro. O apoio mais eficaz deveria vir do Egito. O califado fatímida é uma grande potência marítima cuja intervenção bastaria para desencorajar os *franj*. Mas, entre os senhores de Trípoli e do Cairo, as relações são mais uma vez desastrosas. O pai de al-Afdal foi escravo na família do cádi e, ao que parece, manteve péssimas relações com seus senhores. O vizir nunca escondeu seu rancor e o desejo de humilhar Fakhr, que por seu lado preferiria abandonar sua cidade a Saint-Gilles em vez de colocar sua sorte nas mãos de al-Afdal. Também na Síria, o cádi não pode contar com nenhum aliado. É preciso que busque socorros alhures.

Quando chegam-lhe as notícias da vitória de Harran, em junho de 1104, ele manda imediatamente uma mensagem ao emir Sokman para pedir-lhe que complete seu triunfo afastando os *franj* de Trípoli. Para apoiar seu pedido, oferece-lhe uma grande quantidade de ouro e compromete-se a cobrir todos os custos da expedição. O vencedor de Harran fica tentado. Reunindo um poderoso exército, dirige-se para a Síria. Mas, quando chega a menos de quatro dias de caminhada de Trípoli, um acesso de angina o derruba. Suas tropas se dispersam. O ânimo do cádi e de seus súditos desmorona.

Em 1105, entretanto, surge uma centelha de esperança. O sultão Bakyaruq acaba de morrer de tuberculose, o que põe fim à interminável guerra fratricida que paralisa o império seldjúcida desde o início da invasão franca. Daí em diante, o Iraque, a Síria e a Pérsia ocidental deveriam ter um único senhor, "o sultão salvador do mundo e da religião Mohammed Ibn Malikshah". O título dado a esse monarca seldjúcida de 24 anos é tomado ao pé da letra pelos tripolitanos. Fakhr el-Mulk manda ao sultão seguidas mensagens e dele recebe promessa após promessa. Mas nenhum exército de socorro se manifesta.

Enquanto isso, o bloqueio da cidade se acentua. Saint-Gilles foi substituído por um de seus primos, "al-Cerdani", o conde de Cerdagne, que acentua sua pressão sobre os sitiados. Os víveres chegam cada vez mais dificilmente por via terrestre. Os custos dos gêneros alimentícios aumentam numa velocidade vertiginosa: uma libra de tâmaras é vendida a um dinar de ouro, uma moeda que garante normalmente a subsistência de uma família por várias semanas. Muitos cidadãos procuram emigrar para Tiro, Homs ou Damasco. A fome motiva traições. Os notáveis tripolitanos vão, um dia, procurar al-Cerdani e, para obter seus favores, indicam-lhe os meios pelos quais a cidade ainda pode obter algumas provisões. Fakhr el-Mulk oferece então uma quantia fabulosa para que seu adversário lhe entregue os traidores. Mas o conde recusa. Na manhã seguinte, os notáveis são encontrados estrangulados no interior mesmo do acampamento inimigo.

Apesar dessa façanha, a situação de Trípoli continua se deteriorando. Os socorros não chegam e rumores persistentes circulam a respeito da aproximação de uma frota franca. Em desespero de causa, Fakhr el-Mulk decide ir defender sua causa em Bagdá, junto ao sultão Mohammed e ao califa al-Mustazhir-billah. Um de seus primos é encarregado, na sua ausência, de assegurar o ínterim do governo, e suas tropas recebem seis meses de soldo adiantados. Ele preparou para si uma importante escolta de quinhentos cavaleiros e infantes, com numerosos servos que trazem presentes de toda espécie: espadas cinzeladas, puros-sangue, roupas de honra bordadas, assim co-

mo objetos de ourivesaria, a especialidade de Trípoli. É perto do final de março de 1108 que ele deixa a cidade num longo cortejo. "Ele saiu de Trípoli por via terrestre", detalha sem dúvida nenhuma Ibn al-Qalanissi, o único cronista que viveu esses acontecimentos, dando a entender que o cádi teria obtido dos *franj* a autorização de passar por suas linhas para ir pregar contra eles a Guerra Santa! Dadas as curiosas relações existentes entre sitiantes e sitiados, isso não pode ser excluído. Porém, parece mais plausível que o cádi tenha chegado a Beirute de barco e que somente então tenha tomado a estrada.

Como quer que seja, Fakhr el-Mulk pára primeiro em Damasco. O senhor de Trípoli tinha uma aversão marcada por Dukak, mas o frágil rei seldjúcida morreu algum tempo antes, sem dúvida envenenado, e a cidade está doravante nas mãos de seu tutor, o *atabeg* Toghtekin, um ex-escravo manco cujas relações ambíguas com os *franj* vão dominar o palco político sírio por mais de vinte anos. Ambicioso, astuto, sem escrúpulos, esse militar turco é, como o próprio Fakhr el-Mulk, um homem maduro e realista. Rompendo com as atitudes vindicativas de Dukak, acolhe calorosamente o senhor de Trípoli e organiza um banquete em sua honra, convidando-o inclusive para seu *hamam* particular. O cádi aprecia essas intenções mas prefere alojar-se no exterior dos muros — a confiança tem limites!

Em Bagdá, a recepção é ainda mais suntuosa. O cádi é tratado como um poderoso monarca, tão grande é o prestígio de Trípoli no mundo muçulmano. É sua própria barca que lhe envia o sultão Mohammed para que atravesse o Tigre. Os responsáveis pelo protocolo conduzem o senhor de Trípoli para um salão flutuante, no qual foi colocada uma grande almofada bordada sobre a qual o sultão se senta habitualmente. Fakhr el-Mulk instalou-se ao lado, no lugar dos visitantes, mas os dignitários precipitam-se e o seguram pelos dois braços: o monarca insistiu pessoalmente para que seu hóspede se sentasse em sua própria almofada. Recebido de palácio em palácio, o cádi é interrogado pelo sultão, o califa e seus colaboradores sobre o sítio da cidade, enquanto toda Bagdá louva sua bravura no *jihad* contra os *franj*.

Mas quando chega a hora dos assuntos políticos e Fakhr el-Mulk pede a Mohammed que destaque um exército para libertar Trípoli, "o sultão", relata maliciosamente Ibn al-Qalanissi, "ordenou a alguns de seus principais emires que partissem com Fakhr el-Mulk para ajudá-lo a repelir aqueles que cercavam sua cidade; ele deu ao corpo expedicionário a missão de parar um pouco em Mossul para arrancá-la das mãos de Jawali e, assim que isto tivesse sido feito, seguir para Trípoli".

Fakhr el-Mulk está consternado. A situação em Mossul é tão confusa

que serão precisos anos para resolvê-la. Mas, sobretudo, a cidade é situada ao norte de Bagdá, enquanto Trípoli se encontra totalmente a oeste. Se o exército fizer este desvio, nunca chegará a tempo de salvar sua capital. Esta pode cair de um dia para o outro, insiste ele. Mas o sultão não quer saber de nada. Os interesses do império seldjúcida exigem que seja dada prioridade ao problema de Mossul. O cádi tenta de tudo, como comprar a preço de ouro alguns conselheiros do monarca. Em vão. O exército irá primeiro para Mossul. Quando, após quatro meses, Fakhr el-Mulk toma o caminho de volta, é sem cerimonial algum. Ele está agora convencido de que não poderá mais guardar sua cidade. O que ele não sabe é que já a perdeu.

Tão logo chega em Damasco, em agosto de 1108, anunciam-lhe a triste notícia. Desanimados pela sua ausência longa demais, os notáveis de Trípoli decidiram confiar a cidade ao senhor do Egito, que prometeu defendê-la contra os *franj*. Al-Afdal enviou naus com víveres, assim como um governador que tomou em mãos os negócios da cidade e cuja primeira missão foi pegar a família de Fakhr el-Mulk, seus partidários, seu tesouro, seus móveis e seus objetos pessoais e mandar tudo de barco para o Egito!

Enquanto o vizir persegue assim o infortunado cádi, os *franj* preparam o ataque final contra Trípoli. Seus chefes chegam um após outro sob os muros da cidade sitiada. Há o rei Baudoin de Jerusalém, senhor de todos. Há Baudoin de Edessa e Tancredo de Antioquia, que se reconciliaram para a ocasião. Há também dois membros da família Saint-Gilles, al-Cerdani e o próprio filho do falecido conde, aquele que os cronistas chamam de Ibn Saint-Gilles, que acaba de chegar de seu país com dezenas de naus genovesas. Todos os dois cobiçam Trípoli, mas o rei de Jerusalém os obrigará a calar suas rixas. Ibn Saint-Gilles esperará o final da batalha para mandar assassinar seu rival.

Em março de 1109, tudo parece pronto para um ataque conjunto por terra e mar. Os tripolitanos observam esses preparativos com pavor, mas não perdem a esperança. Al-Afdal não lhes prometeu mandar uma frota mais poderosa do que todas as que já foram vistas, com víveres, combatentes e material de guerra suficientes para durar um ano?

Os tripolitanos não duvidam de que as naus genovesas fugirão assim que a frota fatímida estiver à vista. Mas é preciso que ela chegue a tempo!

No início do verão, diz Ibn al-Qalanissi, "os *franj* investiram contra Trípoli com todas as suas forças, empurrando suas torres móveis em direção às muralhas. Quando os cidadãos viram que violentos ataques iam enfrentar, perderam a coragem, pois compreenderam que estavam inevitavelmente perdidos. Os alimentos estavam esgotados e a frota egípcia demorava a chegar. Os ventos permaneciam contrários, segundo a vontade de Deus, que deci-

de a realidade de todas as coisas. Os *franj* redobraram seus esforços e tomaram a cidade após muita luta", a 12 de julho de 1109. Após dois mil dias de resistência, a cidade da ourivesaria e das bibliotecas, dos marinheiros intrépidos e dos cádis letrados é devastada pelos guerreiros do Ocidente. Os cem mil volumes da biblioteca de Dar-em-Ilm são pilhados e depois incendiados a fim de que sejam destruídos os livros ímpios. Segundo o cronista de Damasco, "os *franj* decidiram que um terço iria para os genoveses, os outros dois terços para o filho de Saint-Gilles. Separaram para o rei Baudoin tudo que lhe agradou". De fato, a maioria dos habitantes foi vendida como escrava, os outros despojados de seus bens é expulsos. Muitos irão para o porto de Tiro. Fakhr el-Mulk terminará sua vida nos arredores de Damasco.

E a força egípcia? "Ela chegou em Tiro oito dias após a queda de Trípoli", relata Ibn al-Qalanissi, "quando tudo estava acabado, em razão da sanção divina que se abatera sobre os habitantes".

Os *franj* escolheram Beirute como segunda presa. Encravada nas montanhas libanesas, a cidade é cercada de florestas de pinhos, notadamente nas proximidades de Mazraat al-Arab e Ras-el-Nabeh, onde os invasores vão encontrar a madeira necessária à construção de suas máquinas de sítio. Beirute não se aproxima de forma alguma do esplendor de Trípoli, e suas modestas habitações dificilmente podem se comparar aos palácios romanos cujos vestígios de mármore ainda salpicam o solo da antiga Berytus. Mas é contudo uma cidade relativamente próspera graças a seu porto, situado sobre a saliência natural onde, segundo a tradição, São Jorge venceu o dragão. Cobiçada pelos damascenos, "negligentemente mantida pelos egípcios", é finalmente com seus próprios meios que ela enfrenta os *franj* a partir de fevereiro de 1110. Seus cinco mil habitantes vão lutar com a energia do desespero, destruindo uma após outra as torres de madeira dos sitiantes. "Nunca antes nem depois, os *franj* viram uma batalha mais dura do que esta!", exclama Ibn al-Qalanissi. Os invasores não o perdoarão. Quando a cidade é tomada, a 13 de maio, eles se entregam a um massacre cego, para servir de exemplo.

A lição é aprendida. No verão seguinte, "um certo rei franco" (pode-se acusar o cronista de Damasco de não ter reconhecido Sigurd, soberano da longínqua Noruega?) "chegou por mar, com mais de 60 naus carregadas de combatentes, para cumprir sua peregrinação e guerrear no país do Islã. Como ele se dirigia para Jerusalém, Baudoin veio ao seu encontro e, juntos, fizeram o sítio, por terra e por mar, defronte ao porto de Saida, a antiga Sidon dos fenícios. Sua muralha, mais de uma vez destruída e reconstruída através da História, ainda hoje permanece impressionante com seus enormes

blocos de pedra constantemente chicoteados pelo Mediterrâneo. Mas seus habitantes, que haviam demonstrado uma grande coragem no início da invasão franca, não têm mais disposição para a luta, pois, segundo Ibn al-Qalanissi, temiam ter o mesmo destino que Beirute. "Eles mandaram então seu cádi aos *franj* com uma delegação de notáveis, para pedir a Baudoin a vida salva. Ele acedeu a seu pedido." A cidade capitulou a 4 de dezembro de 1110. Desta vez, não haverá massacre, mas um êxodo maciço para Tiro e Damasco, que já transbordam de refugiados.

No espaço de dezessete meses, Trípoli, Beirute e Saida, três das cidades mais renomadas do mundo árabe, foram tomadas e saqueadas, seus habitantes massacrados ou deportados, seus emires, seus cádis, seus homens da lei mortos ou forçados ao exílio, suas mesquitas profanadas. Que frota ainda pode impedir os *franj* de estarem em breve em Tiro, Alepo, Damasco, Cairo, Mossul ou — por que não? — em Bagdá? Ainda existe alguma vontade de resistir? Nos dirigentes muçulmanos, certamente que não. Mas, entre a população das cidades mais ameaçadas, a Guerra Santa levada sem trégua pelos peregrinos-combatentes do Ocidente, no curso desses treze últimos anos, começa a fazer efeito: o *jihad,* que há muito era apenas um lema servindo para enfeitar discursos oficiais, reaparece. Ele é novamente pregado por alguns grupos de refugiados, alguns poetas, alguns religiosos.

É precisamente um deles, Abdu-Fadl Ibn al-Khachab, um cádi de Alepo de pouca estatura e verbo forte, que com sua tenacidade e sua força de caráter decide levantar o gigante despertado que se tornou o mundo árabe. Seu primeiro ato popular é renovar, com doze anos de intervalo, o escândalo que provocara outrora al-Harawi nas ruas de Bagdá. Desta vez, será uma verdadeira insurreição.

5

Um resistente de turbante

Na sexta-feira 17 de fevereiro de 1111, o cádi Ibn al-Khachab irrompe na mesquita do sultão, em Bagdá, acompanhado por um grupo importante de alepinos, entre os quais um cristão hachemita, descendente do Profeta, de longa linhagem de ascetas sufis, imãs, mercadores.

> "Eles obrigaram o pregador a descer de seu púlpito, que quebraram", diz Ibn al-Qalanissi, "e puseram-se a gritar, a chorar sobre as desgraças sofridas pelo Islã por causa dos *franj* que matavam os homens, escravizando as mulheres e as crianças. Como eles impediam os crentes de rezar, os responsáveis presentes fizeram-lhes promessas para acalmá-los: enviariam exércitos para defender o Islã contra os *franj* e todos os infiéis".

Mas essas boas palavras não foram suficientes para acalmar os revoltosos. Na sexta-feira seguinte, eles recomeçaram sua manifestação, desta vez na mesquita do califa. Quando os guardas tentaram barrar-lhes o caminho, eles os derrubaram brutalmente, quebraram o púlpito de madeira, ornado de arabescos e versículos do Alcorão e proferiram insultos dirigidos ao príncipe dos crentes. Bagdá vive na maior confusão.

> "No mesmo momento", relata o cronista de Damasco num tom falsamente ingênuo, "a princesa, irmã do sultão Mohammed e esposa do califa, chegava a Bagdá, procedente de Ispahan, com um séquito magnífico: pedras preciosas, roupas suntuosas, arreios, animais leiteiros de toda espécie, criados,

Biblioteca FIBRA FACULDADE AMAZÔNIA

escravos dos dois sexos, damas de companhia e tantas coisas que não se pode estimá-las nem contá-las. Sua chegada coincidiu com as cenas descritas anteriormente. A alegria e a segurança dessa volta principesca ficaram prejudicadas. O califa al-Mustazhir-billah mostrou-se muito descontente. Ele quis perseguir os autores do incidente para infligir-lhes uma punição severa. Mas o sultão o impediu, perdoou a ação dessas pessoas e ordenou aos emires e aos chefes militares que voltassem para suas províncias e que se preparassem para o *jihad* contra os infiéis, inimigos de Deus''.

Se o bom al-Mustazhir ficou assim irado, não é somente por causa do dissabor causado à sua jovem esposa, mas por causa deste terrível lema bradado aos berros nas ruas de sua capital: ''O rei dos *rum* é mais muçulmano que o príncipe dos crentes!''. Pois ele sabe que não se trata de uma acusação gratuita e que os manifestantes, dirigidos por Ibn al-Khachab, fizeram com essas declarações alusão à mensagem recebida algumas semanas antes pelo califa. Ela vinha do imperador Aléxis Comneno e pedia insistentemente aos muçulmanos que se unissem aos *rum* ''para lutar contra os *franj* e expulsá-los de nossas terras''.

Paradoxalmente, se o poderoso senhor de Constantinopla e o pequeno cádi de Alepo tomam suas providências de comum acordo, em Bagdá, é porque se sentem humilhados por Tancredo. O ''grande emir'' franco, com efeito, dispensou com insolência os embaixadores bizantinos que vieram lembrar-lhe que os cavaleiros do Ocidente haviam jurado entregar Antioquia ao basileu e que, treze anos após a queda da cidade, eles ainda não haviam cumprido sua promessa. Quanto aos alepinos, Tancredo impôs-lhes ultimamente um tratado particularmente desonroso: eles deverão pagar-lhe um tributo anual de vinte mil dinares, entregar-lhe duas fortalezas importantes, na vizinhança imediata de sua cidade, e oferecer-lhe, em sinal de vassalagem, seus dez mais belos cavalos. Medroso como sempre, o rei Redwan não ousou recusar. Mas desde que foram conhecidos os termos do tratado, sua capital está em efervescência.

Nas horas críticas de sua história, os alepinos têm o hábito de se reunir em pequenos grupos animados, para discutir os perigos que os ameaçam. Os notáveis reúnem-se freqüentemente na grande mesquita, sentados de pernas cruzadas sobre os tapetes vermelhos, ou no pátio, à sombra do minarete que domina as casas ocre da cidade. Os comerciantes encontram-se durante o dia ao longo da grande avenida de colunatas, construída pelos romanos, que atravessa Alepo de oeste a leste, da porta de Antioquia ao bairro proibido da cidadela, onde reside o tenebroso Redwan. Essa artéria central está há muito fechada à circulação dos carros e cortejos. A calçada é invadida por centenas de lojinhas onde se amontoam tecidos, âmbar ou bugigan-

gas, tâmaras, pistaches ou condimentos. Para proteger os transeuntes do sol intenso e da chuva inclemente, a avenida e os becos vizinhos são inteiramente cobertos por um teto de madeira que se eleva, nas esquinas, em altas cúpulas de estuque. No cruzamento das alamedas, notadamente aquelas que levam às lojas dos fabricantes de esteiras, dos ferreiros e dos mercadores de lenha para aquecimento, os habitantes de Alepo conversam em frente a numerosas tabernas. Num persistente odor de óleo fervendo, de carne grelhada e especiarias, elas oferecem refeições por preços módicos: bolinhos de carneiro, filhós, lentilhas. As famílias modestas compram pratos prontos no mercado; somente os ricos podem se permitir cozinhar em casa. Não muito longe das tabernas, ouve-se o tilintar característico dos vendedores de *charab,* essas bebidas frias de frutas concentradas que os *franj* tomaram emprestado aos árabes sob forma líquida, "xarope", ou gelada, "elixir".

À tarde, pessoas de todas as condições reúnem-se nos *hamams,* locais de encontro privilegiados onde se purificam antes da oração do poente. Depois, ao cair da noite, os cidadãos abandonam o centro de Alepo para voltar aos bairros, ao abrigo dos soldados bêbados. Lá, novamente, as notícias e os rumores circulam, na boca das mulheres e dos homens, e as idéias caminham. A ira, o entusiasmo ou o desânimo sacodem diariamente essa colméia que zume assim há mais de três milênios.

Ibn al-Khachab é o homem mais ouvido dos bairros de Alepo. Proveniente de uma família de ricos negociantes de madeira, ele tem um papel central na administração da cidade. Como cádi xiíta, ele goza de uma grande autoridade religiosa e moral e assume o encargo de solucionar os litígios relativos às pessoas e aos bens de sua comunidade, a mais importante de Alepo. Além disso, ele é *rais,* isto é, chefe da cidade, o que faz dele ao mesmo tempo o preboste dos mercadores, o representante dos interesses da população junto ao rei e o comandante da milícia urbana.

Mas a atividade de Ibn al-Khachab transborda o quadro, já amplo, de suas funções oficiais. Cercado por uma "clientela" numerosa, ele anima, desde a chegada dos *franj,* uma corrente de opinião patriótica e religiosa que reclama uma atitude mais firme face aos invasores. Ele não teme dizer ao rei Redwan o que pensa de sua política conciliadora, ou servil. Quando Tancredo impôs ao monarca seldjúcida que colocasse uma cruz no minarete da Grande Mesquita, o cádi organizou uma insurreição e obteve a transferência do crucifixo para a catedral de Santa Helena. Desde então, Redwan evita entrar em conflito com o irascível cádi. Retirado na sua cidadela, entre seu harém, sua guarda, sua mesquita, sua fonte de água e seu hipódromo verde, o rei turco prefere poupar as suscetibilidades de seus súditos. Enquan-

to sua própria autoridade não estiver em questão, ele tolera a opinião pública.

Mas em 1111, Ibn al-Khachab apresentou-se na cidadela para expressar mais uma vez a Redwan a extrema frustração dos cidadãos. Os crentes, explica ele, estão escandalizados por ter que pagar um tributo aos infiéis instalados na terra do Islã, e os mercadores vêem seu comércio periclitar desde que o insuportável príncipe de Antioquia passou a controlar a totalidade das estradas que vão de Alepo ao Mediterrâneo extorquindo as caravanas. Já que a cidade não pode mais se defender com seus próprios meios, o cádi propõe que uma delegação, reunindo notáveis xiítas e sunitas, comerciantes e homens religiosos, vá pedir o auxílio do sultão Mohammed, em Bagdá. Redwan não tem a menor vontade de introduzir seu primo seldjúcida nos negócios do reino. Ele ainda prefere arranjar-se com Tancredo. Mas, vista a inutilidade das missões enviadas à capital abássida, ele não pensa estar correndo nenhum risco concordando com o pedido de seus súditos.

Engana-se. Pois, a despeito de toda expectativa, as manifestações de fevereiro de 1111, em Bagdá, surtiram o efeito buscado por Ibn al-Khachab. O sultão, que acaba de ser informado da queda de Saida e do tratado imposto a Alepo, começa a se preocupar com as ambições dos *franj*. Acedendo às súplicas de Ibn al-Khachab, ele ordena ao último dos governadores de Mossul, o emir Mawdud, que marche sem demora à frente de um poderoso exército para socorrer Alepo. Quando, ao retornar, Ibn al-Khachab informa Redwan do sucesso de sua missão, o rei, ao mesmo tempo que reza para que nada disso aconteça, finge se alegrar. Manda até dizer a seu primo da sua pressa em participar do *jihad* ao seu lado. Mas no momento em que lhe anunciam, em julho, que as tropas do sultão aproximam-se da cidade, ele não esconde mais o seu pânico. Manda reforçar todas as portas, prender Ibn al-Khachab e seus principais seguidores e os encarcera na prisão da cidadela. Os soldados turcos são encarregados de esquadrinhar, dia e noite os bairros da cidade para impedir qualquer contato entre a população e o "inimigo". A continuação dos acontecimentos vai justificar em parte sua mudança. Privadas do abastecimento que o rei deveria ter-lhes fornecido, as tropas do sultão vingam-se pilhando selvagemente os arredores de Alepo. Depois, em conseqüência das dissensões entre Mawdud e os outros emires, o exército desintegra-se sem que combate algum tenha sido travado.

Mawdud volta à Síria dois anos depois, encarregado pelo sultão de reunir todos os príncipes muçulmanos, com exceção de Redwan, contra os *franj*. Alepo interditada, é naturalmente em Damasco, a outra cidade grande, que ele instala seu quartel-general, a fim de preparar uma larga ofensiva contra o reino de Jerusalém. Seu anfitrião, o *atabeg* Toghtekin, mostra-

se absolutamente encantado com a honra que o sultão lhe testemunha, mas está tão aterrorizado quanto o estivera Redwan. Ele teme que Mawdud só esteja buscando apossar-se de sua capital. Qualquer gesto do emir é sentido como uma ameça para o futuro.

A 2 de outubro de 1113, diz-nos o cronista de Damasco, o emir Mawdud deixa seu acampamento, situado perto da porta de ferro, uma das oito entradas da cidade, para ir, como fazia diariamente, à mesquita omíada, em companhia do *atabeg* manco.

> "Quando a oração terminou e Mawdud fez algumas devoções suplementares, saíram os dois, Toghtekin andando na frente para honrar o emir. Eles estavam cercados de soldados, guardas e milicianos trazendo todo tipo de armas; os longos sabres, as espadas pontudas, as cimitarras e os punhais nus davam a impressão de uma mata espessa. Em torno deles, a multidão acotovelava-se para admirar seu aparato e sua magnificência. Quando eles atingiram o pátio da mesquita, um homem saiu da multidão e aproximou-se do emir Mawdud como para orar a Deus por ele e pedir-lhe esmola. Subitamente, pegou no cinto de seu manto e o golpeou com um punhal por duas vezes, acima do umbigo. O *atabeg* Toghtekin deu alguns passos para trás e seus companheiros o cercaram. Quanto a Mawdud, muito senhor de si, andou até a porta norte da mesquita e depois caiu. Mandaram vir um cirurgião que conseguiu costurar parte dos ferimentos, mas o emir morreu após algumas horas. Deus lhe faça misericórdia!"

Quem matou o governador de Mossul à véspera de sua ofensiva contra os *franj*? Toghtekin apressou-se em acusar Redwan e seus amigos da seita dos Assassinos. Mas para a maioria de seus contemporâneos, somente o senhor de Damasco pode ter armado o braço do matador. Segundo Ibn al-Athir, o rei Baudoin, chocado com esse crime, teria enviado a Toghtekin uma mensagem particularmente desdenhosa: "Uma nação", disse ele, "que mata seu chefe na casa de seu deus merece ser aniquilada!". Quanto ao sultão Mohammed, ele urra de raiva quando é informado da morte de seu comandado. Considerando-se pessoalmente insultado por esse crime, resolve dobrar definitivamente todos os dirigentes sírios, tanto os de Alepo quanto os de Damasco. Reúne um exército de várias dezenas de milhares de soldados, comandados pelos melhores oficiais do clã seldjúcida, e ordena secamente a todos os príncipes muçulmanos que venham unir-se a ele para cumprir o dever sagrado do *jihad* contra os *franj*.

Quando o poderoso exército do sultão chega à Síria central, na primavera de 1115, uma grande surpresa o espera. Baudoin de Jerusalém e Toghtekin de Damasco estão ali, lado a lado, cercados por suas tropas, assim co-

mo estão lá as tropas de Antioquia, Alepo e Trípoli. Os príncipes da Síria, tanto os muçulmanos quanto os francos, sentindo-se igualmente ameaçados pelo sultão, decidiram formar uma aliança, e o exército seldjúcida deverá retirar-se vergonhosamente após alguns meses. Mohammed jura então nunca mais ocupar-se do problema franco. Ele manterá sua palavra.

Enquanto os príncipes muçulmanos dão novas provas de sua total irresponsabilidade, duas cidades árabes vão demonstrar, com alguns meses de intervalo, que ainda é possível resistir à ocupação estrangeira. Após a rendição de Saida, em dezembro de 1110, os *franj* são senhores de todo o litoral, o *sahel,* do Sinai ao "país do filho do Armênio", ao norte de Antioquia. Com exceção, entretanto, de duas faixas costeiras: Ascalon e Tiro. Encorajado por suas vitórias sucessivas, Baudoin se propõe resolver isto sem demora. A região de Ascalon é famosa pelo cultivo de suas cebolas avermelhadas, ditas "ascalonianas", uma palavra que os *franj* deformarão em *échalote.* Mas sua importância é sobretudo bélica, pois ela é o local de reunião das tropas egípcias, quando estas projetam uma expedição contra o reino de Jerusalém.

Desde 1111, Baudoin vem desfilar com seu exército sob os muros da cidade. O governador fatímida de Ascalon, Chams al-Khilafa, "Sol do Califado", "mais inclinado ao comércio do que à guerra", constata Ibn al-Qalanissi, apavora-se imediatamente com a demonstração de força dos ocidentais. Sem esboçar um gesto de resistência, aceita pagar-lhes um tributo de sete mil dinares. A população palestina da cidade, que se sente humilhada por essa capitulação inesperada, envia mensageiros ao Cairo para pedir a destituição do governador. Ao saber disso, temendo que o vizir al-Afdal queira castigá-lo por sua covardia, Chams al-Khilafa tenta evitá-lo expulsando os funcionários egípcios e colocando-se sob a proteção dos *franj.* Baudoin despacha-lhe trezentos homens que retomam a cidadela de Ascalon.

Escandalizados, os cidadãos não se desencorajam. Reuniões secretas ocorrem nas mesquitas, elaboram-se planos até um dia de julho de 1111 em que, ao sair de sua residência a cavalo, Chams al-Khilafa é atacado por um grupo de conjurados que o crivam de punhaladas. É o sinal da revolta. Cidadãos armados, aos quais se juntaram soldados bérberes pertencentes à guarda do governador, lançam-se ao assalto da cidadela. Os guerreiros francos são perseguidos nas torres e ao longo das muralhas. Nenhum dos trezentos homens de Baudoin conseguirá salvar-se. Por mais quarenta anos ainda, a cidade escapará à dominação dos *franj.*

A fim de vingar a humilhação que os resistentes de Ascalon acabam de lhe infligir, Baudoin volta-se contra Tiro, a antiga cidade fenícia de onde partiu, para difundir o alfabeto através do Mediterrâneo, o príncipe Cadmos, irmão da deusa Europa, a que daria seu nome ao continente dos *franj.*

A imponente muralha de Tiro ainda lembra sua história gloriosa. A cidade é uma península banhada por três lados pelo mar. Apenas uma estreita cornija, construída por Alexandre, o Grande, liga-a à terra firme. Considerada impenetrável, ela abriga em 1111 um grande número de refugiados dos territórios recentemente ocupados. Seu papel na defesa será fundamental, como o relata Ibn al-Qalanissi, cuja narrativa funda-se visivelmente em informações de primeira mão.

> "Os *franj* ergueram uma torre móvel à qual fixaram uma passagem de temível eficácia. Os muros ficaram abalados pela constante movimentação, uma parte das pedras voou em pedaços e os sitiados encontraram-se à beira do desastre. Foi então que um marinheiro originário de Trípoli, que tinha conhecimentos de metalurgia e experiência nas coisas da guerra, empreendeu a fabricação de ganchos de ferro destinados a fixar a passagem pela base e pelos lados, por meio de cordas seguradas pelos defensores. Estes puxavam tão vigorosamente que a torre de madeira ficou desequilibrada. Por várias vezes, os *franj* tiveram que interromper seu trânsito para evitar que a torre desmoronasse."

Renovando suas tentativas, os atacantes conseguem mudar sua torre móvel para perto da muralha e das fortificações onde eles recomeçam a colocar uma nova passagem de sessenta côvados de comprimento, cuja base é constituída de uma peça fundida, pesando mais de vinte libras. Mas o marinheiro tripolitano não desiste.

> "Com a ajuda de algumas vigas habilmente instaladas", prossegue o cronista de Damasco, "ele fez subir jarros cheios de sujeiras e imundícies que foram entornados sobre os *franj*. Sufocados com os odores que se derramavam sobre eles, não conseguiam mais se aproveitar da passagem. O marinheiro pegou então cestas de uvas e travesseiros, que encheu de óleo, betume, lenha, resina e casca de junco. Após deitar-lhes fogo, jogou-os em cima da torre franca. Um incêndio começou no topo da torre e, como os *franj* tentavam apagá-lo com vinagre e água, o tripolitano apressou-se em lançar outras cestas cheias de óleo fervendo para avivar as chamas. O fogo inflamou completamente o alto da torre, ganhou aos poucos todos os andares, propagando-se pela madeira da obra".

Incapazes de apagar o incêndio, os atacantes acabaram abandonando a torre e fugindo. Os defensores se aproveitaram para operar uma saída e apossar-se de uma grande quantidade de armas abandonadas.

> "Ao ver isso", conclui triunfalmente Ibn al-Qalanissi, "os *franj* perde-

ram a coragem e recuaram, após deitar fogo nas tendas que haviam montado em seu acampamento".

Estamos a 10 de abril de 1112. No final de cento e trinta e três dias de sítio, a população de Tiro acaba de infligir aos *franj* uma estrondosa derrota.

Após os levantes de Bagdá, a insurreição de Ascalon e a resistência de Tiro, um vento de fúria começa a soprar. Conta-se um número crescente de árabes que unem no mesmo ódio os invasores e a maioria dos dirigentes muçulmanos, acusados de incúria ou até mesmo de traição. Em Alepo, principalmente, essa atitude ultrapassa com rapidez o simples movimento de humor. Sob a direção do cádi Ibn al-Khachab, os cidadãos decidem tomar em mãos o seu próprio destino. Eles mesmos escolherão seus dirigentes e lhes imporão a política a ser seguida.

Haverá certamente muitas derrotas, muitas decepções. A expansão dos *franj* não está terminada, e sua arrogância não conhece limites. Porém, assiste-se de agora em diante a um movimento nascido nas ruas de Alepo, que abrangerá pouco a pouco o Oriente árabe e que um dia levará ao poder homens justos, corajosos, dedicados, capazes de reconquistar o território perdido.

Antes de chegar a isso, Alepo vai atravessar o período mais errático de sua longa história. No final de novembro de 1113, Ibn al-Khachab toma conhecimento de que Redwan está gravemente doente em seu palácio da cidadela. Ele junta então os seus amigos e pede-lhes que estejam prontos a intervir. A 10 de dezembro, morre o rei. Assim que a notícia é conhecida, grupos de milicianos armados espalham-se pelos bairros da cidade, ocupam os prédios principais e põem as mãos sobre numerosos partidários de Redwan, notadamente adeptos da seita dos Assassinos, imediatamente mortos, acusados de entendimentos com o inimigo franco.

O objetivo do cádi não é tomar ele mesmo o poder, e sim impressionar o novo rei, Alp Arslan, filho de Redwan, para que adote uma política diferente da de seu pai. Nos primeiros dias, esse rapaz de 16 anos, tão gago que era apelidado "o Mudo", parece aprovar o espírito beligerante de Ibn al-Khachab. Manda prender todos os colaboradores de Redwan e cortar-lhes a cabeça imediatamente com uma alegria não dissimulada. O cádi fica preocupado. Recomenda ao jovem monarca que não mergulhe a cidade num banho de sangue, mas simplesmente que puna os traidores para dar um exemplo. Alp Arslan não quer ouvir nada. Ele executa dois de seus próprios irmãos, vários militares, um certo número de criados e, em geral, todos aqueles que não lhe agradem. Pouco a pouco, os cidadãos descobrem

a horrível verdade: o rei está louco! A melhor fonte de que dispomos para compreender esse período é a crônica de um escritor-diplomata de Alepo, Kamaleddin, escrita um século após esses acontecimentos a partir de testemunhos deixados por seus contemporâneos.

> "Um dia", conta ele, "Alp Arslan reuniu um certo número de emires e notáveis e os fez visitar uma espécie de subterrâneo cavado na cidadela. Quando estavam dentro, perguntou-lhes:
>
> — O que diriam vocês se eu mandasse cortar as cabeças de todos, aqui mesmo?
>
> — Nós somos escravos submissos às ordens de Vossa Majestade — responderam os infelizes, fingindo tomar a ameaça como uma brincadeira.
>
> E foi assim que eles escaparam à morte".

Rapidamente, não fica ninguém em torno do jovem demente. Um único homem ainda ousa aproximar-se dele. É seu eunuco Lulu, "Pérolas". Mas este também começa a temer por sua vida. Em setembro de 1114, ele aproveita o sono de seu senhor para matá-lo e instala no trono um outro filho de Redwan, com seis anos de idade.

Alepo mergulha cada dia um pouco mais na anarquia. Enquanto na cidadela grupos incontroláveis de escravos e soldados lutam entre si, os cidadãos armados patrulham as ruas para se proteger dos saqueadores. Nesses primeiros tempos, os *franj* não procuram tirar partido do caos que paralisa Alepo. Tancredo morreu um ano antes de Redwan, e seu sucessor, Sire Roger, que Kamaleddin chama Sirjal na sua crônica, não está ainda bastante seguro para engajar-se numa ação de grande envergadura. Mas essa trégua é curta. A partir de 1116, Roger de Antioquia, assegurando o controle de todas as estradas que levam a Alepo, ocupa uma após outra as principais fortalezas que cercam a cidade e, sem encontrar resistência, chega inclusive a estabelecer uma taxa sobre cada peregrino que se dirige a Meca.

Em abril de 1117, o eunuco Lulu é assassinado. Segundo Kamaleddin, "os soldados de sua escolta haviam tramado uma conspiração contra ele. Enquanto ele andava na parte leste da cidade, eles retesaram subitamente seus arcos gritando 'Lebre! Lebre!', para fazê-lo crer que eles queriam caçar um animal. Na verdade, foi o próprio Lulu que crivaram de flechas". Com o desaparecimento de Lulu, o poder passa para um novo escravo, que, incapaz de se impor, pede a Roger que o ajude. O caos torna-se então indescritível. Enquanto os *franj* se preparam para assediar a cidade, os militares continuam a brigar pelo controle da cidadela. Assim, Ibn al-Khachab resolve agir sem delongas. Reúne os principais notáveis da cidade e submete-lhes um projeto que se revelará rico em conseqüências. Sendo cidade fronteiriça,

explica-lhes ele, Alepo deve estar na vanguarda do *jihad*, contra os *franj*, por isso deve oferecer seu governo a um emir poderoso, talvez ao próprio sultão, de maneira a jamais deixar-se novamente governar por um reizinho local que coloca sua vontade à frente dos interesses do Islã. A proposta do cádi é aprovada, não sem reticências, pois os alepinos orgulham-se de seu particularismo. São então examinados os principais candidatos possíveis. O sultão? Ele não quer mais ouvir falar da Síria. Toghtekin? É o único príncipe sírio de certa envergadura, mas os alepinos jamais aceitariam um damasceno. Então Ibn al-Khachab propõe o nome do emir turco Ilghazi, governador de Mardin, na Mesopotâmia. Sua conduta nem sempre foi exemplar. Ele apoiou, dois anos antes, a aliança islamo-franca contra o sultão e é conhecido por suas bebedeiras. "Quando bebia vinho", diz-nos Ibn al-Qalanissi, "Ilghazi permanecia prostrado por vários dias, sem nem mesmo retomar seus espíritos para dar uma ordem ou uma diretiva". Mas seria preciso procurar por muito tempo para encontrar um militar sóbrio. E depois, argumenta Ibn al-Khachab, Ilghazi é um combatente corajoso, sua família governou durante muito tempo Jerusalém e seu irmão Sokman foi vitorioso em Harran contra os *franj*. Como a maioria acaba concordando com essa opinião, Ilghazi é convidado a voltar, e é o cádi em pessoa que lhe abre as portas de Alepo no verão de 1118. O primeiro ato do emir é desposar a filha do rei Redwan, gesto que simboliza a união entre a cidade e seu novo senhor e afirma, ao mesmo tempo, a legitimidade deste. Ilghazi reúne suas tropas.

Vinte anos após o início da invasão franca, a capital da Síria do Norte tem, pela primeira vez, um chefe desejoso de lutar. O resultado é fulminante. No sábado 28 de junho de 1119, o exército do senhor de Alepo enfrenta o de Antioquia na planície de Sarmada, na metade do caminho entre as duas cidades. O *khamsin*, um vento seco e quente, carregado de areia, sopra nos olhos dos combatentes. Kamaleddin nos contará a cena:

> "Ilghazi fez seus homens jurarem combater com valentia, resistir firmemente, não recuar e oferecer suas vidas pelo *jihad*. Depois, os muçulmanos desdobraram-se em pequenas vagas e vieram colocar-se, para passar a noite, ao lado das tropas de Sire Roger. Bruscamente, ao nascer do Sol, os *franj* viram aproximar-se os estandartes dos muçulmanos que os cercavam por todos os lados. O cádi Ibn al-Khachab avançou. Montado em sua égua, com a lança na mão, levou os nossos para a batalha. Ao vê-lo, um dos soldados exclamou num tom de desprezo: 'Teríamos vindo de nossa terra para seguir um turbante?'. Mas o cádi marchou em direção às tropas, percorreu suas fileiras e, para exercer sua energia e motivar seu ânimo, dirigiu-lhes um discurso tão eloqüente que os homens choraram de emoção e o reverenciaram longamen-

te. Depois, atacaram de todos os lados ao mesmo tempo. As flechas voavam como nuvem de gafanhotos''.

O exército de Antioquia está dizimado. O próprio Sire Roger é encontrado estendido entre os cadáveres, a cabeça partida na altura do nariz.

> ''O mensageiro da vitória alcançou Alepo no momento em que os muçulmanos, todos enfileirados, acabavam a oração do meio-dia, na Grande Mesquita. Ouviu-se então um clamor do lado do oeste, mas nenhum combatente entrou na cidade antes da oração da tarde.''

Durante dias Alepo celebra sua vitória. Cantam, bebem, degolam carneiros, acotovelam-se para contemplar os estandartes cruzados, os elmos e as cotas de malhas trazidos pelas tropas, ou para ver decapitar um prisioneiro pobre — os ricos são trocados por resgate. Ouve-se declamar, nas praças públicas, poemas improvisados à glória de Ilghazi: ''Depois de Deus, é em você que temos confiança''. Os habitantes de Alepo viveram durante anos no terror de Bohémond, de Tancredo e depois de Roger de Antioquia. Muitos acabaram esperando, como uma fatalidade, o dia em que, à semelhança de seus irmãos de Trípoli, eles seriam forçados a escolher entre a morte e o exílio. Com a vitória de Sarmada, sentem-se renascidos. Em todo o mundo árabe, a façanha de Ilghazi desperta o entusiasmo. ''Nunca fora concebido igual triunfo ao Islã nos anos passados'', exclama Ibn al-Qalanissi.

Essas palavras excessivas traem a extrema demoralização que reinava à véspera da vitória de Ilghazi. A arrogância dos *franj* atingiu com efeito as raias do absurdo: no início de março de 1118, o rei Baudoin, com exatamente 216 cavaleiros e 400 infantes, empreendeu a invasão... do Egito! À frente de suas magras tropas, atravessou o Sinai, ocupou sem resistência a cidade de Farama, chegando até as margens do Nilo, ''onde ele se banha'', precisará, irônico, Ibn al-Athir. Ele teria ido mais longe ainda se não tivesse ficado subitamente doente. Repatriado o mais rápido possível para a Palestina, morrerá a caminho, em al-Arich, no nordeste do Sinai. Apesar da morte de Baudoin, al-Afdal jamais se recuperará dessa humilhação. Perdendo rapidamente o controle da situação, será assassinado três anos mais tarde, numa rua do Cairo. Quanto ao rei dos *franj*, será substituído pelo seu primo, Baudoin II, de Edessa.

Ocorrendo pouco após essa expedição espetacular através do Sinai, a vitória de Sarmada se afigura como uma desforra, e, para alguns otimistas, como o início da reconquista. Espera-se ver Ilghazi marchar sem demora sobre Antioquia, que não tem mais nem príncipe nem exército. Os *franj* preparam-se, aliás, para sustentar um sítio. Sua primeira providência é desarmar os cris-

tãos sírios, armênios e gregos residentes na cidade e proibir-lhes que deixem suas casas, pois temem que se aliem aos alepinos. As tensões são realmente muito vivas entre os ocidentais e seus correligionários orientais, que os acusam de desprezar seus ritos e de confiná-los a empregos subalternos na sua própria cidade. Mas as precauções dos *franj* revelam-se inúteis. Ilghazi não pensa de forma alguma em aproveitar sua vantagem. Prostrado, bêbado de cair, ele não deixa mais a antiga residência de Redwan, onde não acaba de celebrar sua vitória. De tanto ingerir licores fermentados, ele é, em pouco tempo, tomado por um violento acesso de febre. Só estará curado vinte dias mais tarde, a tempo de saber que o exército de Jerusalém, comandado pelo novo rei Baudoin II, acaba de chegar a Antioquia.

Destruído pelo álcool, Ilghazi morrerá três anos depois, sem ter sabido explorar seu sucesso. Os alepinos lhe são gratos por ter afastado o perigo franco de sua cidade, mas não ficarão de forma alguma afligidos com o seu desaparecimento. Pois seus olhares já se voltam para seu sucessor, um homem excepcional cujo nome está em todos os lábios: Balak. Apesar de ele ser sobrinho de Ilghazi, é homem de outro feitio. Em alguns meses, vai se tornar o herói adorado do mundo árabe, aquele cujas façanhas serão celebradas nas mesquitas e nas praças públicas.

Em setembro de 1122, Balak consegue, num golpe brilhante, apanhar Jocelin, que substituiu Baudoin como conde de Edessa. Segundo Ibn al-Athir, "ele o envolveu numa pele de camelo, que mandou costurar, e depois, recusando todas as ofertas de resgate, trancou-o numa fortaleza". Após o desaparecimento de Roger de Antioquia, eis um segundo Estado franco privado de seu chefe. O rei de Jerusalém, preocupado, resolve vir pessoalmente para o norte. Cavaleiros de Edessa levam-no para visitar o local em que Jocelin foi apanhado, uma zona pantanosa na margem do Eufrates. Baudoin II reconhece rapidamente o terreno, depois ordena que sejam erguidas as tendas para passar a noite. No dia seguinte, levanta cedo para entregar-se ao seu passatempo predileto, tomado emprestado aos príncipes orientais, a caça com falção, quando, subitamente, Balak e seus homens, que se tinham aproximado sem ruído, cercam o acampamento. O rei de Jerusalém entrega as armas. Por sua vez, é levado preso.

Aureolado do prestígio dessas proezas, Balak faz, em junho de 1123, uma entrada triunfal em Alepo. Repetindo o gesto de Ilghazi, ele começa casando-se com a filha de Redwan, depois empreende, sem perder um instante e sem sofrer nenhuma derrota, a reconquista sistemática das posses francas em torno da cidade. A habilidade militar desse emir de quarenta anos, seu espírito de decisão, sua recusa de qualquer compromisso com os *franj*,

sua sobriedade, assim como a lista de suas vitórias sucessivas, destoam da mediocridade desconcertante dos outros príncipes muçulmanos.

Uma cidade, em particular, vê nele seu salvador providencial: Tiro, que os *franj* sitiam novamente, apesar da captura de seu rei. A situação dos defensores mostra-se muito mais delicada do que na época de sua resistência vitoriosa, dez anos antes. Pois, desta vez, os ocidentais detêm o controle do mar. Uma imponente esquadra veneziana, contando mais de cento e vinte naus, apareceu na primavera de 1123, ao longo das costas palestinas. Assim que chegou, ela conseguiu surpreender a frota egípcia ancorada defronte de Ascalon e destruí-la. Em fevereiro de 1124, após ter assinado um acordo com Jerusalém sobre a partilha do espólio, os venezianos começaram o bloqueio do porto de Tiro, enquanto o exército franco instalava seu acampamento a leste da cidade. As perspectivas, portanto, não são boas para os sitiados. É verdade que os habitantes de Tiro lutam com obstinação. Uma noite, por exemplo, um grupo de excelentes nadadores infiltra-se até um barco veneziano, que está de guarda na entrada do porto, e consegue puxá-lo para a cidade, onde é desarmado e destruído. Mas a despeito dessas ações brilhantes, as chances de sucesso são mínimas. A debandada da marinha fatímida torna impossível qualquer socorro por via marítima. Por outro lado, o reabastecimento de água potável revela-se difícil. Tiro — é o principal ponto vulnerável — não possui fonte no interior de seus muros. Em tempo de paz, a água potável chega de fora, por canalização. Em caso de guerra, a cidade conta com suas cisternas e com intenso reabastecimento por meio de pequenas barcas. O rigor do bloqueio veneziano impede esse recurso. Se o bloqueio não ceder, dentro de alguns meses a capitulação será inevitável.

Não podendo esperar nada dos egípcios, seus protetores habituais, os defensores voltam-se para o herói do momento, Balak. O emir encontra-se então no sítio da fortaleza da região de Alepo, Manjib, onde uma das naus entrou em rebelião. Quando chega o chamado dos tirenses, ele decide imediatamente, conta Kamaleddin, confiar a continuação do sítio a um de seus tenentes e ir pessoalmente socorrer Tiro. A 6 de maio de 1124, antes de tomar a estrada, ele efetua uma última volta de inspeção.

> "Elmo na cabeça e escudo no braço", prossegue o cronista de Alepo, "Balak aproxima-se da fortaleza de Manjib para escolher o local adequado onde se erguerão as máquinas de guerra. Enquanto ele dava ordens, uma seta saída das muralhas o atingiu sob a clavícula esquerda. Ele mesmo arrancou a flecha e, cuspindo nela com desprezo, murmurou: 'Esse golpe será mortal, os muçulmanos hão de se vingar!'. Depois morreu".

Ele falava a verdade. Assim que a notícia de sua morte chega a Tiro, os habitantes perdem a coragem e só pensam em negociar as condições de sua rendição. "A 7 de julho de 1124", conta Ibn al-Qalanissi, "eles saíram entre duas fileiras de soldados sem serem molestados pelos *franj*. Todos os militares e os civis deixaram a cidade, onde permaneceram apenas os debilitados. Alguns foragidos foram para Damasco, os outros dispersaram-se pela região".

Se o banho de sangue pode ser evitado, é no entanto na humilhação que termina a admirável resistência dos tirenses.

Eles não serão os únicos a sofrer as conseqüências da morte de Balak. Em Alepo, o poder cabe a Timourtach, o filho de Ilghazi, um rapaz de dezenove anos "unicamente preocupado", segundo Ibn al-Qalanissi, "em divertir-se, e que apressou-se em deixar Alepo para voltar à sua cidade de origem, Mardin, porque achava que na Síria havia guerras demais contra os *franj*". Não contente em abandonar a capital, o incapaz Timourtach solta o rei de Jerusalém em troca de vinte mil dinares. Ele lhe oferece roupas de honra, um boné de ouro e botas ornamentadas e devolve-lhe o cavalo que Balak lhe havia tirado no dia de sua captura. Um comportamento principesco, sem dúvida, porém totalmente irresponsável, pois, algumas semanas após sua libertação. Baudoin II chega em Alepo com a firme intenção de tomá-la.

A defesa da cidade compete inteiramente a Ibn al-Khachab, que só dispõe de algumas centenas de homens armados. O cádi, que vê milhares de combatentes em torno de sua cidade, despacha um mensageiro ao filho de Ilghazi. Arriscando sua vida, o emissário atravessa as linhas inimigas. Chegando em Mardin, ele se apresenta ao emir e lhe suplica insistentemente para não abandonar Alepo. Porém Timourtach, tão desaforado quanto covarde, ordena que seja jogado na prisão o mensageiro, cujas lamentações o irritam.

Ibn al-Khachab volta-se então para um outro salvador, al-Borsoki, um velho soldado turco que acaba de ser nomeado governador de Mossul. Conhecido por sua retidão e seu zelo religioso, mas também por sua habilidade política e sua ambição, al-Borsoki aceita prontamente o convite que lhe faz o cádi e se põe imediatamente a caminho. Sua chegada, em janeiro de 1125, defronte da cidade sitiada surpreende os *franj*, que fogem, abandonando suas tendas. Ibn al-Khachab apressa-se em sair ao encontro de al-Borsoki para incitá-lo a continuar, mas o emir está cansado de sua longa cavalgada e sobretudo com pressa de visitar sua nova posse. Como Ilghazi, cinco anos antes, ele não ousará aproveitar sua vantagem e dará tempo ao inimigo para se recuperar. Mas sua intervenção se reveste de uma importância

considerável, já que a união realizada em 1125 entre Alepo e Mossul vai ser o núcleo de um poderoso Estado que, em breve, poderá responder com sucesso à arrogância dos *franj*.

Pela sua tenacidade e espantosa perspicácia, Ibn al-Khachab salvou não somente sua cidade da ocupação como contribuiu, mais do que qualquer outro, para preparar o caminho aos grandes dirigentes do *jihad* contra os invasores. No entanto, o cádi não verá isso acontecer. Num dia de verão de 1125, quando saía da Grande Mesquita de Alepo, após a oração da tarde, um homem fingindo-se de asceta pula sobre ele e enfia-lhe um punhal no peito. É a vingança dos Assassinos. Ibn al-Khachab fora o adversário encarniçado da seita, derramara aos borbotões o sangue de seus adeptos sem nunca arrepender-se. Não podia, portanto, ignorar que um dia ou outro pagaria com a própria vida. Há um terço de século, nenhum inimigo dos Assassinos conseguiu escapar-lhes.

Foi um homem de ampla cultura, sensível à poesia, espírito curioso informado dos últimos progressos da ciência, que criara, em 1090, essa seita, a mais temível de todos os tempos. Hassan as-Sabbah nascera por volta de 1048 na cidade de Rayy, próximo ao lugar onde seria fundado, alguns anos mais tarde, o burgo de Teheran. Teria sido, como reza a lenda, o inseparável companheiro de juventude do poeta Omar al-Kayyam, também apaixonado por matemática e astronomia? Não se sabe ao certo. Em compensação, são conhecidas com precisão as circunstâncias que levaram este homem brilhante a consagrar sua vida à organização da seita.

Quando nasce Hassan, a doutrina xiíta, à qual adere, era dominante na Ásia muçulmana. A Síria pertencia aos fatímidas do Egito, e uma outra dinastia xiíta, a dos buaiídas, controlava a Pérsia e ditava sua lei ao califa abássida em pleno coração de Bagdá. Mas durante a juventude de Hassan, a situação inverteu-se completamente. Os seldjúcidas, defensores da ortodoxia sunita, apossaram-se de toda a região. O xiísmo, antes triunfante, não passa então de uma doutrina tolerada e muitas vezes perseguida.

Hassan, que cresce rodeado de religiosos persas, insurge-se contra essa situação. Por volta de 1071, ele resolve ir instalar-se no Egito, último baluarte do xiísmo. Mas o que ele descobre no país do Nilo não é nada reconfortante. O velho califa fatímida al-Mustansir é ainda mais manipulado que seu colega abássida. Ele não ousa mais sair de seu palácio sem a autorização de seu vizir armênio Badr el-Jamali, pai e predecessor de al-Afdal. Hassan encontra no Cairo muitos fundamentalistas religiosos que compartilham suas apreensões e desejam como ele reformar o califado xiíta e vingar-se dos seldjúcidas.

Logo toma corpo um verdadeiro movimento, tendo por chefe Nizar,

o filho mais velho do califa. Tão piedoso quanto tenaz, o herdeiro fatímida não tem a menor vontade de se entregar aos prazeres da corte nem de assumir o papel de marionete nas mãos de um vizir. Quando morrer seu velho pai, o que não deve demorar, ele deverá assumir a sucessão e, com a ajuda de Hassan e de seus amigos, assegurar aos xiítas uma nova idade de ouro. É estabelecido um plano minucioso, do qual Hassan é o principal artesão. O militante persa irá instalar-se no coração do império seldjúcida para preparar o terreno para a reconquista que Nizar deve empreender ao assumir o governo.

O sucesso de Hassan ultrapassa todas as esperanças, mas seus métodos são bem diferentes daqueles imaginados pelo virtuoso Nizar. Em 1090, ele se apossa de surpresa da fortaleza de Alamut, esse "ninho de águia", situado na cadeia de montanhas de Elbruz, perto do mar Cáspio, numa zona particularmente inacessível. Dispondo assim de um santuário inviolável, Hassan começa a elaborar uma organização político-religiosa cuja eficácia e espírito de disciplina permanecerão inigualados.

Os adeptos são classificados segundo seu nível de instrução, confiabilidade e coragem, dos noviços aos grandes mestres. Eles seguem cursos intensivos de doutrina assim como um treino físico. A arma preferida por Hassan para aterrorizar seus inimigos é o assassinato. Os membros da seita são enviados individualmente ou, mais raramente, em pequenas equipes de dois ou três, com a missão de matar uma personalidade escolhida. Eles geralmente se disfarçam de mercadores ou ascetas, circulam na cidade onde deve ser perpetrado o crime, familiarizam-se com os locais e os hábitos de sua vítima, depois, uma vez seu plano estabelecido, agem. Mas, se os preparativos são feitos o mais secretamente possível, a execução deve necessariamente acontecer em público, diante do maior número possível de pessoas. É por isso que o local é a mesquita e o dia preferido é a sexta-feira, geralmente ao meio-dia. Para Hassan, o homicídio não é um simples meio de se livrar de um adversário, é antes de tudo uma dupla lição dada ao público: a do castigo de quem é morto e do sacrifício do adepto executante, chamado *fedai*, isto é, "Comando Suicida", porque quase sempre a revanche se faz imediatamente.

A serenidade com a qual os membros da seita aceitam deixar-se massacrar levou os contemporâneos a acreditar que eles eram drogados com haxixe, o que lhes valeu o apelido de *haschischiyun* ou *haschaschin*, palavra que resultará no Ocidente em "assassino", e que logo se tornará, em numerosas línguas, um substantivo. A hipótese é plausível, mas, como em tudo que toca à seita, é difícil distinguir a realidade da lenda. Hassan levava seus adeptos a se drogarem para dar-lhes a sensação de estarem por um tempo

no paraíso e encorajá-los ao martírio? Estaria tentando, mais prosaicamente, viciá-los em algum narcótico para tê-los constantemente à sua mercê? Davalhes simplesmente um excitante para que não fraquejassem no momento do homicídio? Ou, antes de tudo, contava ele com sua fé cega? Qualquer que seja a resposta, o simples fato de evocar essas hipóteses é uma homenagem ao organizador excepcional que era Hassan.

Seu sucesso é aliás fulminante. O primeiro crime, executado em 1092, dois anos após a fundação da seita, é por si só uma epopéia. Os seldjúcidas estão então no apogeu de seu poder. Ora, o pilar de seu império, o homem que organizou, durante trinta anos, o domínio conquistado pelos turcos num verdadeiro Estado, o artífice do renascimento do poder sunita e da luta contra o xiísmo, é um velho vizir cujo nome já evoca a obra: Nizam el-Mulk, a "ordem do reino". A 14 de outubro de 1092, ele é apunhalado por um adepto de Hassan. "Quando Nizam el-Mulk foi assassinado", dirá Ibn al-Athir, "o Estado se desintegrou". De fato, o império seldjúcida não reencontrará jamais a sua unidade. Sua história não mais será pontuada por conquistas mas por intermináveis guerras de sucessão. Missão cumprida, poderia ter dito Hassan a seus camaradas do Egito. Doravante, o caminho está aberto para uma reconquista fatímida. A vez é de Nizar. Mas, no Cairo, a insurreição fracassa. Al-Afdal, que herda o vizirato de seu pai em 1094, esmaga impiedosamente os amigos de Nizar, que é emparedado vivo.

Hassan encontra-se assim diante de uma situação imprevista. Ele não renunciou à abertura de um renascimento do califado xiíta, mas sabe que isso vai demorar. Conseqüentemente, modifica sua estratégia; ao mesmo tempo que continua seu trabalho de solapar o Islã oficial e seus representantes religiosos e políticos, esforça-se para encontrar de agora em diante um local para implantar e constituir um espaço autônomo. Ora, que região poderia oferecer melhores perspectivas do que a Síria, fragmentada nessa multidão de Estados minúsculos e rivais? Bastaria à seita introduzir-se na Síria, jogar uma cidade contra a outra, um emir contra seu irmão, para conseguir sobreviver até o dia em que o califado fatímida sairá de seu torpor.

Hassan despacha para a Síria um pregador persa, um enigmático "médico-astrólogo", que se instala em Alepo e consegue ganhar a confiança de Redwan. Os adeptos começam a chegar em massa à cidade, pregando sua doutrina, constituindo células. Para conservar a amizade do rei seldjúcida, eles não se recusam a prestar-lhe alguns pequenos serviços, notadamente assassinar um certo número de seus adversários políticos. Quando morre o "médico-astrólogo", em 1103, a seita, imediatamente, delega a Redwan um novo conselheiro persa, Abu-Taher, o ourives. Muito rapidamente, sua influência torna-se ainda mais esmagadora do que a de seu predecessor. Redwan vi-

ve sob seu total domínio, e, segundo Kamaleddin, nenhum alepino pode obter o menor favor do monarca ou resolver um problema administrativo sem passar por um dos inumeráveis sectários infiltrados no séquito do rei.

Mas, em razão de seu poder, os Assassinos são detestados. Ibn al-Khachab, em particular, exige sem parar que se ponha fim a suas atividades. Ele os acusa não somente de tráfico de influência como também, e principalmente, de manifestar simpatia aos invasores ocidentais. Por mais paradoxal que seja, essa acusação é justificada. Na chegada dos *franj*, os Assassinos, que estão apenas começando a infiltrar-se na Síria, são chamados *batinis*, "os que aderem a uma crença diferente daquela que adotam em público". Um nome que dá a entender que os adeptos são muçulmanos apenas na aparência. Os xiítas, como Ibn al-Khachab, não nutrem simpatia alguma pelos discípulos de Hassan, por causa de sua ruptura com o califado fatímida que permanece, apesar de seu enfraquecimento, o protetor titular dos xiítas do mundo árabe.

Detestados e perseguidos por todos os muçulmanos, não desagrada aos Assassinos ver chegar um exército cristão que inflige derrota após derrota tanto aos seldjúcidas quanto a al-Afdal, assassino de Nizar. Não há dúvida alguma de que a atitude exageradamente conciliadora de Redwan para com os ocidentais era, em boa parte, devida aos conselhos dos *batinis* .

Aos olhos de Ibn al-Khachab, a conivência entre os Assassinos e os *franj* equivale a uma traição. Ele age em conseqüência. Quando ocorrem os massacres que seguem à morte de Redwan, no final de 1113, os *batinis* são perseguidos de rua em rua, de casa em casa. Alguns são linchados pela multidão, outros jogados de cima das muralhas. Cerca de duzentos membros da seita morrem assim, entre os quais Abu-Taher, o ourives. No entanto, indica Ibn al-Qalanissi, "muitos conseguiram escapar e se refugiaram junto aos *franj* ou dispersaram-se pelo país".

Apesar de Ibn al-Khachab ter arrancado aos Assassinos seu principal baluarte na Síria, sua espantosa carreira apenas começa. Tirando lições de seu fracasso, a seita muda de tática. O novo enviado de Hassan na Síria, um propagandista persa cujo nome é Bahram, decide suspender provisoriamente qualquer ação espetacular e voltar a um detalhado e eficiente trabalho de organização e infiltração.

> "Bahram", conta o cronista de Damasco, "vivia no maior segredo e em retiro absoluto, trocava de roupas e de trajes, se bem que circulava nas cidades e praças-fortes sem que ninguém suspeitasse de sua identidade".

Após alguns anos, ele dispõe de um serviço poderoso e eficaz para pla-

nejar sair da clandestinidade. Convenientemente, encontra excelente protetor para substituir Redwan.

> "Um dia", diz Ibn al-Qalanissi, "Redwan chegou a Damasco, onde o *atabeg* Toghtekin o recebeu muito bem, por precaução contra a perversidade sua e a de seu bando. Garantiram-lhe cuidados e asseguraram-lhe uma vigilante proteção. O segundo personagem da metrópole síria, o vizir Tahir al-Mazdaghani, entendeu-se com Bahram, apesar de não pertencer à seita, e ajudou-o a jogar por todos os lados sua rede de intrigas".

De fato, a despeito da morte de Hassan as-Sabbah, na sua toca em Alamut, em 1124, a atividade dos Assassinos conhece um forte recrudescimento. O assassinato de Ibn al-Khachab não é um ato isolado. Um ano antes, um outro "resistente de turbante" da primeira hora caiu sob seus golpes. Todos os cronistas relatam seu assassinato com solenidade, pois o homem que conduzira, em agosto de 1099, a primeira manisfestação contra a invasão franca tornara-se uma das maiores autoridades religiosas do mundo muçulmano. Anunciou-se do Iraque que o cádi dos cádis de Bagdá, esplendor do Islã, Abu Saad al-Harawi, fora atacado por *batinis* na Grande Mesquita de Hamadham. Eles o mataram a punhaladas, depois fugiram imediatamente, sem deixar indícios ou rastros, e sem que ninguém os perseguisse, tão grande era o medo que causavam. O crime provocou uma viva indignação em Damasco, onde al-Harawi viveu por longos anos. Nos meios religiosos principalmente, a atividade dos Assassinos suscitou uma hostilidade crescente. Os melhores entre os crentes tinham o coração apertado, mas se abstinham de falar. Pois os *batinis* haviam começado a eliminar aqueles que lhes resistiam e a apoiar quem aprovava suas loucuras. Ninguém mais ousava censurá-los em público, nem emir, nem vizir nem sultão!

Esse terror é justificado. A 26 de novembro de 1126, al-Borsoki, o poderoso senhor de Alepo e Mossul, sofre por sua vez a terrível vingança dos Assassinos.

> "E no entanto", espanta-se Ibn al-Qalanissi, "o emir estava vigilante. Ele trazia uma armadura de malhas onde não podia penetrar a lâmina do punhal nem a ponta do sabre e cercava-se de soldados armados até os dentes. Mas o cumprimento do destino não pode ser evitado. Al-Borsoki fora, como de hábito, à Grande Mesquita de Mossul, para cumprir sua obrigação de sexta-feira. Os fascínoras lá estavam, vestidos à maneira dos sufis, rezando num canto sem despertar nenhuma suspeita. Repentinamente contudo pularam sobre ele e lhe deram vários golpes sem conseguir furar sua cota de malhas. Quando os *batinis* viram que os punhais não tinham efeito sobre o emir, um deles

gritou: 'Golpeiem em cima, na cabeça!'. Com seus golpes, eles o atingiram na garganta e feriram-na rasgando-lhe o pescoço. Al-Borsoki morreu como um mártir e seus assassinos foram executados''.

Jamais a ameaça dos Assassinos fora tão séria. Não se trata mais de uma simples perseguição, mas de um verdadeiro ácido que corrói o mundo árabe num momento em que este precisa de toda a sua energia para enfrentar a ocupação franca. Aliás, a série negra continua. Alguns meses após o desaparecimento de al-Borsoki, seu filho, que acabara de suceder-lhe, é assassinado, por sua vez. Em Alepo, quatro emires disputam o poder e Ibn al-Khachab não está mais lá para manter um mínimo de coesão. No outono de 1127, enquanto a cidade mergulha na anarquia, os *franj* reaparecem sob seus muros. Antioquia tem um novo príncipe, o jovem filho do grande Bohémond, um gigante louro de dezoito anos que acaba de chegar de sua terra para tomar posse da herança familiar. Ele tem o nome do pai e principalmente seu caráter impetuoso. Os alepinos apressam-se em pagar tributo, e os mais derrotistas já vêem nele o futuro conquistador da cidade.

Em Damasco a situação não é menos dramática. O *atabeg* Toghtekin, velho e doente, não exerce mais controle algum sobre os Assassinos. Eles têm sua própria milícia armada, a administração está em suas mãos e o vizir Mazdaghani, que lhes é devotado de corpo e alma, mantém estreitos contatos com Jerusalém. Por seu lado, Baudoin II não esconde mais sua intenção de coroar sua carreira com a tomada da metrópole síria. Parece que somente a presença do velho Toghtekin ainda impede os Assassinos de entregar a cidade aos *franj*. Mas o prazo será curto. No início de 1128, o *atabeg* emagrece a olhos vistos e não consegue mais se levantar. À sua cabeceira, as intrigas correm soltas. Após ter designado seu filho Buri como sucessor, morre a 12 de fevereiro. Os damascenos estão doravante convencidos de que a queda de sua cidade não é mais que uma questão de tempo.

Evocando, um século depois, esse período crítico da história árabe, Ibn al-Athir escreverá apropriadamente:

> ''Com a morte de Toghtekin desaparecia o último homem capaz de enfrentar os *franj*. Estes pareciam então em condições de ocupar a Síria toda. Mas Deus, na sua infinita bondade, teve piedade dos muçulmanos''.

Terceira Parte

A Resposta (1128-1146)

Eu ia começar a oração quando um franj *precipitou-se sobre mim, segurou-me e voltou meu rosto para o Oriente dizendo: "É assim que se reza!".*

Ussama Ibn Munqidh,
cronista (1095-1188)

6

Os complôs de Damasco

"O vizir al-Mazdaghani se apresentou, como faz diariamente, no salão das rosas, no palácio da cidadela, em Damasco. Estavam lá", conta Ibn al-Qalanissi, "todos os emires e os chefes militares. A assembléia tratou de vários assuntos. O senhor da cidade, Buri, filho de Toghtekin, trocou pontos de vista com os presentes, depois cada um se levantou para voltar para sua casa. Segundo o costume, o vizir devia partir após todos os outros. Quando ele se pôs de pé, Buri fez um sinal para um de seus companheiros e este golpeou al-Mazdaghani várias vezes com o sabre, na cabeça. Depois, ele foi decapitado e seu corpo foi levado em dois pedaços até a Porta de Ferro, para que todo mundo pudesse ver o que Deus faz com aqueles que se valeram de falsidade".

Em alguns minutos, a morte do protetor dos Assassinos é conhecida no mercado de Damasco e imediatamente seguida de uma caça ao matador. Uma imensa multidão se espalha pelas ruas, erguendo espadas e punhais. Todos os *batinis*, seus parentes, seus amigos, assim como aqueles que são suspeitos de simpatia para com eles, são caçados pela cidade, perseguidos em suas casas e impiedosamente degolados. Seus chefes serão crucificados nas ameias das muralhas. Vários membros da família de Ibn al-Qalanissi tomam parte ativa nesse massacre. Pode-se pensar que o próprio cronista, que é nesse mês de setembro um alto funcionário de 57 anos, não se misturou à população. Mas seu tom revela muito quanto ao seu estado de espírito nessas horas sangrentas: "De manhã, as praças estavam livres dos *batinis* e os cães uivantes disputavam seus cadáveres".

Os damascenos estavam visivelmente exasperados com o domínio que os Assassinos exerciam sobre sua cidade. O filho de Toghtekin, que recusava o papel de fantoche nas mãos da seita e do vizir al-Mazdaghani, mais do que qualquer outro. Para Ibn al-Athir, não se trata no entanto de uma simples luta pelo poder, mas de salvar a metrópole síria de um desastre iminente: "Al-Mazdaghani escrevera aos francos para propor entregar-lhes Damasco se eles aceitassem ceder-lhe em troca a cidade de Tiro. O acordo estava concluído. Haviam até combinado o dia, uma sexta-feira". Com efeito, as tropas de Baudoin II deviam chegar inesperadamente sob os muros da cidade, cujas portas lhes seriam abertas por Assassinos armados, enquanto outros comandos seriam encarregados de guardar os acessos da Grande Mesquita para impedir que os dignitários e militares saíssem antes que os *franj* tivessem ocupado a cidade. Alguns dias antes da execução desse plano, Buri, que dele tomara conhecimento, apressou-se em eliminar seu vizir, dando assim o sinal à população, que se precipita enfurecida sobre os Assassinos.

Terá esse complô realmente existido? Pode-se duvidar, sabendo-se que Ibn al-Qalanissi, apesar de sua obsessão contra os *batinis*, não os acusa em momento algum de ter querido entregar sua cidade aos *franj*. Dito isso, o relato de Ibn al-Athir não é inverossímil. Os Assassinos e seu aliado al-Mazdaghani sentem-se ameaçados em Damasco, tanto por uma crescente hostilidade popular quanto pelas intrigas de Buri e os seus. Além do mais, eles sabiam que os *franj* estavam decididos a apossar-se da cidade a todo custo. Em vez de lutar contra muitos inimigos ao mesmo tempo, a seita pode muito bem ter decidido garantir um sítio como Tiro, a partir do qual poderia enviar seus pregadores e seus matadores para o Egito fatímida, objetivo principal dos discípulos de Hassan as-Sabbah.

Os acontecimentos que seguem parecem dar crédito à tese do complô. Os raros *batinis* que sobrevivem ao massacre vão instalar-se na Palestina, sob a proteção de Baudoin II, ao qual entregam Banias, uma poderosa fortaleza situada ao pé do monte Hermon e que controla a estrada que liga Jerusalém a Damasco. Além disso, algumas semanas mais tarde, um poderoso exército franco aparece nas cercânias da metrópole síria. Reúne cerca de dez mil cavaleiros e infantes, vindos não só da Palestina, mas também de Antioquia, Edessa, Trípoli, assim como várias centenas de guerreiros que acabaram de chegar das terras dos *franj* e que proclamam bem alto sua intenção de tomar Damasco. Os mais fanáticos dentre eles pertencem à Ordem dos Templários, uma instituição religiosa e guerreira fundada na Palestina dez anos antes.

Não dispondo de tropas suficientes para enfrentar os invasores, Buri chama às pressas alguns bandos de nômades turcos e algumas tribos árabes

da região, prometendo-lhes uma boa retribuição se eles o ajudarem a rechaçar o ataque. O filho de Toghtekin sabe que não poderá contar com esses mercenários por muito tempo, pois rapidamente desertarão para entregar-se à pilhagem. Sua primeira precaução é portanto dar início ao combate o mais rápido possível. Num dia de novembro, seus batedores informam-no que vários milhares de *franj* foram saquear a rica planície de Ghuta. Sem hesitar, ele despacha a totalidade de seu exército no seu encalço. Apanhados totalmente desprevenidos, os ocidentais serão rapidamente cercados. Alguns de seus cavaleiros não terão tempo sequer para recuperar suas montarias.

> "Os turcos e os árabes voltaram para Damasco no final da tarde, triunfantes e trazendo riquezas conquistadas", relata Ibn al-Qalanissi. "A população regozijou-se, os corações foram reconfortados e o exército resolveu ir atacar os *franj* em seu acampamento. Na madrugada do dia seguinte, numerosos cavaleiros partiram em disparada. Ao ver muita fumaça subindo, eles pensaram que os *franj* encontravam-se lá, mas ao aproximar-se descobriram que os inimigos tinham fugido após atear fogo ao seu equipamento, pois não dispunham de animais de carga para levá-lo."

Apesar desse fracasso, Baudoin II reúne suas tropas para um novo ataque contra Damasco, quando subitamente, no início de setembro, uma chuva diluviana abate-se sobre a região. O terreno onde acampam os *franj* transformou-se num imenso lago de lama, onde homens e cavalos irremediavelmente atolam. Inconformado, o rei de Jerusalém ordena a retirada.

Buri, que ao chegar era considerado um emir frívolo e titubeante, conseguira salvar Damasco dos dois principais perigos que a ameaçavam: os *franj* e os Assassinos. Tirando lições de seu fracasso, Baudoin II renuncia definitivamente a empreender qualquer coisa contra a cidade cobiçada.

Mas Buri não reduziu todos os seus inimigos ao silêncio. Chegam um dia em Damasco dois indivíduos vestidos à moda turca, com capotes e solidéus pontudos. Eles procuram, dizem, um trabalho com salário fixo, e o filho de Toghtekin os contrata para sua guarda pessoal. Numa manhã de 1131, quando o emir volta de seu *hamam* para o palácio, os dois homens pulam sobre ele e o ferem no ventre. Antes de serem executados, eles confessam que o senhor dos Assassinos os enviou, da fortaleza de Alamut, para vingar seus irmãos, exterminados pelo filho de Toghtekin.

São chamados à cabeceira da vítima numerosos médicos e em particular, precisa Ibn al-Qalanissi, "cirurgiões especializados no tratamento de ferimentos". Os cuidados médicos que se poderia obter em Damasco estão entre os melhores do mundo. Dukak fundou um hospital, um *maristan;* um

segundo será construído em 1154. O viajante Ibn Jobair, que os visitará alguns anos mais tarde, descreverá seu funcionamento:

> "Cada hospital tem administradores que organizam registros onde estão inscritos os nomes dos doentes, as despesas necessárias aos seus cuidados e sua alimentação, assim como diversas outras informações. Os médicos vão lá a cada manhã, examinam os doentes e ordenam a preparação de remédios e alimentos que possam curá-los, segundo o que convém a cada indivíduo".

Após a visita desses cirurgiões, Buri, que se sente melhor, insiste em montar a cavalo e, como todo dia, em receber seus amigos para conversar e beber. Mas esses excessos serão fatais ao doente, sua ferida não cicatriza. Ele morre em junho de 1132, após treze meses de sofrimentos atrozes. Os Assassinos, mais uma vez, se vingaram.

Buri terá sido o primeiro artífice da resposta vitoriosa do mundo árabe à ocupação franca, apesar de seu reinado muito curto não ter deixado uma lembrança durável. É verdade que ele coincidia com a ascensão de uma personalidade de outra envergadura: o *atabeg* Imadeddin Zinki, novo senhor de Alepo e Mossul, um homem que Ibn al-Athir não hesitará em considerar como "o presente da Providência divina aos muçulmanos".

À primeira vista, esse oficial muito moreno, com a barba emaranhada, não se diferencia em nada dos numerosos chefes militares turcos que o precederam nessa interminável guerra contra os *franj*. Freqüentemente bêbado de cair, pronto, como eles, a utilizar-se de todas as crueldades e de todas as perfídias para chegar a seus fins, também Zinki combate muitas vezes com mais fúria os muçulmanos do que os *franj*. Quando ele faz, a 18 de junho de 1128, sua entrada oficial em Alepo, o que se sabe dele não é nada encorajador. Seu principal título de glória, ele o adquiriu, no ano anterior, reprimindo uma revolta do califa de Bagdá contra seus protetores seldjúcidas. O bonachão al-Mustazhir morrera em 1118, deixando o trono ao seu filho al-Mustarchid-billah, um rapaz de 25 anos, olhos azuis, cabelos ruivos, rosto semeado de sardas, que tinha a ambição de restabelecer a gloriosa tradição de seus primeiros ancestrais abássidas. O momento parecia propício, pois o sultão Mohammed acabava de falecer e, segundo a prática estabelecida, uma guerra de sucessão começava. O jovem califa aproveitara-se portanto para retomar diretamente o controle de suas tropas, o que não acontecia há dois séculos. Orador de talento, al-Mustarchid havia conseguido unificar atrás de si a população de sua capital.

Paradoxalmente, enquanto o príncipe dos crentes rompe com uma longa tradição de indolência, o sultanato cabe a um rapaz de 14 anos, unica-

mente preocupado com as caçadas e os prazeres do harém. Mahmud, filho de Mohammed, é tratado com condescendência por al-Mustarchid, que freqüentemente lhe aconselha voltar para a Pérsia. Trata-se, de fato, de uma revolta dos árabes contra os turcos, esses militares estrangeiros que os dominam há tanto tempo. Incapaz de enfrentar essa sedição, o sultão chama Zinki, então o governador do rico porto de Bassora, no fundo do golfo. Sua intervenção é decisiva: vencidas perto de Bagdá, as tropas do califa entregam as armas, e o príncipe dos crentes tranca-se no seu palácio, à espera de dias melhores. Para recompensar Zinki de sua preciosa ajuda, o sultão confia-lhe, alguns meses mais tarde, o governo de Mossul e Alepo.

Certamente se poderiam imaginar proezas mais gloriosas para esse futuro herói do Islã. Mas não é sem razão que Zinki será celebrado um dia como o primeiro grande combatente do *jihad* contra os *franj*. Antes dele, os generais turcos chegavam à Síria acompanhados de tropas impacientes para pilhar e voltar com o soldo e o produto do saque. E o efeito de suas vitórias era rapidamente anulado pela derrota seguinte. Desmobilizavam-se as tropas para reorganizá-las no ano seguinte. Com Zinki, mudam os costumes. Durante dezoito anos, esse guerreiro incansável vai percorrer a Síria e o Iraque, dormindo sobre a palha para se proteger da lama, combatendo alguns, fazendo pactos com outros, tramando intrigas contra todos. Ele nunca pensa em residir tranqüilamente num dos numerosos palácios de seu vasto território.

Seu séquito compõe-se não de cortesãos ou de bajuladores, mas de conselheiros políticos que ele sabe ouvir. Ele dispõe de uma rede de informantes que o deixa constantemente a par do que se trama em Bagdá, Ispahan, Damasco, Antioquia, Jerusalém, assim como nos seus domínios, em Alepo ou Mossul. Contrariamente aos outros exércitos, que tiveram que combater os *franj*, o seu não é comandado por uma multidão de emires autônomos, sempre prontos a trair ou brigar. A disciplina é severa e, à menor falta, o castigo é impiedoso. Segundo Kamaleddin, "os soldados do *atabeg* pareciam andar entre duas cordas para não pisar num campo cultivado". "Uma vez", conta por seu lado Ibn al-Athir, "um dos emires de Zinki, tendo recebido uma cidadezinha como doação, instalara-se na casa de um rico comerciante judeu. Este pediu para ver o *atabeg* e expôs-lhe seu caso. Zinki lançou um único olhar ao emir, que evacuou imediatamente a casa". O senhor de Alepo é, aliás, tão exigente consigo quanto com os outros. Quando chega a uma cidade, ele pernoita do lado de fora dos muros, em sua tenda, desprezando todos os palácios colocados à sua disposição.

"Além disso", segundo o historiador de Mossul, "Zinki também se preo-

cupava muito com a honra das mulheres, sobretudo das esposas dos soldados. Ele dizia que, se elas não fossem bem guardadas, se corromperiam rapidamente, dadas as longas ausências de seus maridos durante as campanhas".

Rigor, perseverança, condição de chefia, qualidades que Zinki possuía e que faltavam dramaticamente aos dirigentes do mundo árabe. Mais importante ainda em relação ao futuro: Zinki tinha uma grande preocupação com a legitimidade. Assim que chega em Alepo, ele toma três iniciativas, três gestos simbólicos. O primeiro já é clássico: desposar a filha do rei Redwan, que já é viúva de Ilghazi e de Balak; o segundo: transferir os restos de seu pai para a cidade a fim de testemunhar o enraizamento da família nesta terra; o terceiro é obter do sultão Mahmud um documento oficial conferindo ao *atabeg* uma autoridade indiscutível sobre o conjunto da Síria e o norte do Iraque. Desta forma, Zinki indica claramente que ele não é um simples aventureiro de passagem mas realmente o fundador de um Estado destinado a durar após sua morte. Esse elemento de coesão, que ele introduz no mundo árabe, no entanto, só surtirá efeito após alguns anos. Por muito tempo ainda, as brigas intestinas paralisarão os príncipes muçulmanos e o próprio *atabeg*.

Contudo, o momento parece propício para organizar uma vasta contra-ofensiva, pois a bela solidariedade, que até então era a força dos ocidentais, é seriamente colocada em questão. "Diz-se que a discórdia nasceu entre os *franj*, coisa rara de sua parte." Ibn al-Qalanissi tem dificuldade em acreditar. "Afirma-se que eles brigaram entre si e que há até vários mortos." Mas o espanto do cronista nada é em comparação com o que sente Zinki no dia em que recebe uma mensagem de Alix, a filha de Baudoin II, rei de Jerusalém, propondo-lhe uma aliança contra seu próprio pai!

Essa estranha história começa em fevereiro de 1130, quando o príncipe Bohémond II, de Antioquia, partiu para guerrear no norte, caindo numa emboscada preparada por Ghazi, o filho do emir Danishmend, que capturara Bohémond I trinta anos antes. Com menos sorte que seu pai, Bohémond II é morto em combate, e sua cabeça loura, cuidadosamente embalsamada e lacrada numa caixa de prata, é mandada de presente ao califa. Quando a notícia de sua morte atinge Antioquia, sua viúva Alix organiza um verdadeiro golpe de Estado. Apoiada, ao que parece, pela população armênia, grega e síria de Antioquia, ela garante para si o controle da cidade e entra em contato com Zinki. Curiosa atitude que anuncia o nascimento de uma nova geração de *franj*, a segunda, que não tem mais muita coisa em comum com os pioneiros da invasão. De mãe armênia, sem nunca ter conhecido a Europa, a jovem princesa sente-se oriental e age como se assim fosse.

Informado da rebelião de sua filha, o rei de Jerusalém marcha imediatamente para o norte, à frente de seu exército. Pouco antes de atingir Antioquia, encontra um cavaleiro de aspecto resplandecente, cujo cavalo, de um branco imaculado, tem ferraduras de prata e está paramentado, da crina até o peito, com uma soberba armadura cinzelada. É um presente de Alix para Zinki, acompanhado de uma carta onde a princesa pede ao *atabeg* que venha socorrê-la e promete reconhecer sua soberania. Após mandar enforcar o mensageiro, Baudoin continua o seu caminho para Antioquia que recupera rapidamente. Alix capitula, após uma resistência simbólica na cidadela. É exilada por seu pai no porto de Lattaquieh.

Mas pouco tempo depois, em agosto de 1131, o rei de Jerusalém morre. Sinal dos tempos, ele tem direito a um elogio fúnebre formal por parte do cronista de Damasco. Os *franj* não são mais, como nos primeiros tempos da invasão, uma massa informe onde se distinguem apenas alguns chefes. A crônica de Ibn al-Qalanissi interessa-se doravante pelos detalhes e esboça até uma análise.

> "Baudoin", escreve ele, "era um velhinho que o tempo e as infelicidades haviam polido. Várias vezes caíra nas mãos dos muçulmanos e escaparalhes graças a astúcias ardilosas. Com seu desaparecimento, os *franj* perderam seu político mais judicioso e seu administrador mais competente. O poder real cabe, depois dele, ao conde de Anjou, recentemente chegado de seu país por via marítima. Mas este não era seguro em seu julgamento nem eficaz na sua administração, se bem que a perda de Baudoin mergulhou os *franj* na confusão e na desordem."

O terceiro rei de Jerusalém, Fulque de Anjou, um qüinquagenário ruivo e atarracado, que casou-se com Mélisande, a irmã mais velha de Alix, é efetivamente um recém-chegado. Pois Baudoin, como a grande maioria dos príncipes francos, não teve herdeiro masculino. Em razão de sua higiene mais do que primitiva, assim como de sua falta de adaptação às condições de vida do Oriente, os ocidentais conhecem uma taxa extremamente elevada de mortalidade infantil, que atinge em primeiro lugar, segundo uma lei natural bem conhecida, os meninos. Só com o tempo é que aprenderão a melhorar sua situação, utilizando regularmente o *hamam* e recorrendo com mais freqüência aos serviços dos médicos árabes.

Ibn al-Qalanissi não está enganado quando despreza as capacidades políticas do herdeiro vindo do oeste, pois é sob o reino desse Foulque que "a discórdia entre os *franj*" vai ser mais forte. Assim que sobe ao poder, ele deve enfrentar uma nova insurreição encabeçada por Alix, que só será reprimida com dificuldades. Além do mais, é na própria Palestina que a revolta

ameaça. Um rumor persistente acusa sua mulher, a rainha Mélisande, de manter uma relação amorosa com um jovem cavaleiro, Hugues de Puiset. Este caso, entre os partidários do marido e os do amante, opera uma verdadeira divisão na nobreza franca, que só vive de altercações, duelos e rumores de assassinato. Sentindo-se ameaçado, Hugues vai encontrar refúgio em Ascalon, junto aos egípcios, que o acolhem aliás calorosamente. Confiam-lhe até as tropas fatímidas; com a ajuda das quais ele se apossa do porto de Jafa. Ele será expulso de lá algumas semanas depois.

Em dezembro de 1132, enquanto Fulque reúne suas forças para voltar a ocupar Jafa, o novo senhor de Damasco, o jovem *atabeg* Ismael, filho de Buri, toma de surpresa a fortaleza de Banias, que os Assassinos haviam entregado aos *franj* três anos antes. Mas essa reconquista não passa de um ato isolado. Pois os príncipes muçulmanos, enredados em suas próprias brigas, são incapazes de aproveitar as dissensões que agitam os ocidentais. O próprio Zinki não é praticamente visto na Síria. Deixando o governo de Alepo a um de seus tenentes, teve novamente que se engajar numa luta sem mercê contra o califa. Mas desta vez é al-Mustarchid que parece estar com a vantagem.

O sultão Mahmud, aliado de Zinki, acaba de morrer aos 26 anos e, mais uma vez, uma nova guerra de sucessão estoura no seio do clã seldjúcida. O príncipe dos crentes aproveita-se disso para erguer a cabeça. Prometendo a cada pretendente orar na mesquita em seu nome, ele se torna o verdadeiro árbitro da situação. Zinki se alarma. Reunindo suas tropas, marcha sobre Bagdá com a intenção de infligir a al-Mustarchid uma derrota tão pungente quanto no seu último confronto, cinco anos antes. Mas o califa vem ao seu encontro à frente de vários milhares de homens, perto da cidade de Tikrit, sobre o Tigre, ao norte da capital abássida. As tropas de Zinki são dizimadas, e o próprio *atabeg* está prestes a cair nas mãos de seus inimigos quando um homem intervém no momento crítico, para salvar-lhe a vida. É o governador de Tikrit, um jovem oficial curdo de nome até então obscuro, Ayyub. Em vez de ganhar os favores do califa entregando-lhe seu adversário, esse militar ajuda o *atabeg* a atravessar o rio para escapar aos perseguidores e chegar a Mossul às pressas. Zinki nunca esquecerá esse gesto cavalheiresco. Dedicará a Ayyub, assim como à sua família, uma amizade indefectível que vai determinar, muitos anos depois, a carreira do filho de Ayyub, Yussef, mais conhecido pelo apelido de Salah ed-Din, ou Saladino.

Após sua vitória sobre Zinki, al-Mustarchid está no apogeu de sua glória. Sentindo-se ameaçados, os turcos unem-se em torno de um único pretendente seldjúcida, Massud, irmão de Mahmud. Em janeiro de 1133, o novo sultão apresenta-se em Bagdá para obter a coroa das mãos do príncipe

dos crentes. Em geral, trata-se de uma simples formalidade, mas al-Mustarchid transforma, à sua maneira, a cerimônia. Ibn al-Qalanissi, nosso cronista da época, relata a cena:

> "O imã, príncipe dos crentes, estava sentado. Foi introduzido à sua presença o sultão Massud, que lhe rendeu as homenagens devidas à sua condição. O califa ofereceu-lhe sucessivamente sete vestes de aparato, das quais a última era preta, uma coroa incrustada de pedrarias, pulseiras e um colar de ouro, dizendo-lhe: 'Recebe este favor com gratidão e teme a Deus em público e em particular'. O sultão beijou o solo, depois sentou-se na banqueta prevista para ele. O príncipe dos crentes disse-lhe então: 'Aquele que não se conduz bem não é apto a dirigir os outros'. O vizir, que estava presente, repetiu essas palavras em persa e renovou votos e louvores. Depois, o califa mandou trazer dois sabres e os entregou solenemente ao sultão, assim como duas bandeirolas que atou com sua própria mão. No final da entrevista, o imã al-Mustarchid concluiu com estas palavras: 'Vá, leve o que lhe dei e esteja entre as pessoas agradecidas'".

O soberano abássida demonstrou grande segurança, mesmo se nos cabe, é claro, levar em conta as aparências. Com desenvoltura ele fez um sermão ao turco, e ciente de que a unidade reencontrada dos seldjúcidas só pode, a termo, ameaçar seu poder emergente. Mas, ainda assim, reconheceu-o como legítimo detentor do sultanato. Em 1133, contudo, ele continua a sonhar com conquistas. Em junho, parte à frente de suas tropas em direção a Mossul, firmemente decidido a apossar-se dela e acabar, na mesma ocasião, com Zinki. O sultão Massud não tenta dissuadi-lo. Sugere-lhe até que reúna a Síria e o Iraque num único reino sob sua autoridade, uma idéia que será muitas vezes retomada no futuro. Mas, ao mesmo tempo que faz essa proposta, o seldjúcida ajuda Zinki a resistir aos assaltos do califa, que durante três meses, em vão, sitia Mossul.

Esse fracasso marcará uma curva fatal na sorte de al-Mustarchid. Abandonado pela maioria de seus emires, ele será vencido e capturado em junho de 1135 por Massud, que o fará selvagemente assassinar dois meses depois. O príncipe dos crentes será encontrado nu sob sua tenda, as orelhas e o nariz cortados, o corpo perfurado por cerca de vinte golpes de punhal.

Totalmente absorvido por esse conflito, Zinki é obviamente incapaz de se ocupar diretamente dos negócios sírios. Ele teria ficado no Iraque até o esmagamento definitivo da tentativa de restauração abássida, se não tivesse recebido em janeiro de 1135 um chamado desesperado de Ismael, filho de Buri, senhor de Damasco, pedindo-lhe que venha tomar posse de sua cidade o mais rápido possível. "Se acontecesse algum atraso, eu seria obriga-

do a chamar os *franj* e entregar-lhes Damasco com tudo o que contém, e a responsabilidade do sangue de seus habitantes recairia sobre Imadeddin Zinki."

Ismael, que teme por sua vida e acredita ver em cada canto de seu palácio um matador à espreita, está decidido a deixar sua capital e ir refugiar-se sob a proteção de Zinki, na fortaleza de Sarkhad, no sul da cidade, onde ele já mandou transportar suas riquezas e suas roupas.

O reinado do filho de Buri conhecera, no entanto, começos promissores. Chegando ao poder com dezenove anos, ele demonstrou um dinamismo admirável, do qual a retomada de Banias é a melhor ilustração. É verdade que ele é arrogante e não ouve os conselhos de seu pai e de seu avô Toghtekin. Mas a juventude poderia ser uma desculpa para essas atitudes. Em compensação, os damascenos suportam mal a avidez crescente de seu senhor, que seqüentemente estabelece novos impostos.

Mas é só em 1134 que a situação começou a tornar-se trágica, quando um velho escravo, chamado Ailba, antigamente às ordens de Toghtekin, tentou assassinar seu senhor. Ismael, que escapou à morte por pouco, insistiu em ouvir as confissões de seu agressor. "Se eu agi dessa forma", respondeu o escravo, "foi para ganhar os favores de Deus, liberando as pessoas de sua existência maléfica. Você oprimiu os pequenos e os desamparados, os artesãos, os pobres e os camponeses. Você maltratou civis e soldados". E Ailba começa a citar os nomes de todos aqueles que, afirma, desejam como ele a morte de Ismael. Traumatizado a ponto de enlouquecer, o filho de Buri põe-se a prender todas as pessoas citadas e matá-las sem mais cerimônia. "Essas execuções injustas não lhe bastaram", conta o cronista de Damasco. "Nutrindo suspeitas a respeito de seu próprio irmão, Sawinj, ele lhe infligiu o pior dos suplícios, fazendo-o morrer de inanição numa cela. Sua maleficência e sua injustiça não tiveram mais limites."

Ismael penetra então num ciclo infernal. Essa execução faz crescer nele o medo de uma nova vingança e, para tentar precaver-se, ordena novas mortes. Consciente de não poder prolongar a situação, ele decide entregar sua cidade a Zinki e retirar-se na fortaleza de Sakhad. Ora, o senhor de Alepo há vários anos é unanimemente detestado pelos damascenos, desde quando, no final de 1129, escreveu a Buri convidando-o a participar a seu lado de uma expedição contra os *franj*. O senhor de Damasco aceitou imediatamente, despachando-lhe quinhentos cavaleiros comandados pelos seus melhores oficiais e acompanhados de seu próprio filho, o infeliz Sawinj. Após tê-los acolhido com honras, Zinki teria desarmado e aprisionado a todos, mandando dizer a Buri que, se ousasse enfrentá-lo, os reféns estariam em perigo de morte. Sawinj só fora libertado dois anos depois.

Em 1135, a lembrança dessa traição ainda está viva entre os damascenos, e, quando os dignitários da cidade ouvem falar dos projetos de Ismael, decidem opor-se por todos os meios. Ocorrem reuniões entre os emires, os notáveis e os principais escravos, todos querendo salvar sua vida e sua cidade. Um grupo de conjurados decide expor a situação à mãe de Ismael, a princesa Zomorrod, "Esmeralda".

> "Ela ficou horrorizada", diz o cronista de Damasco. "Mandou vir seu filho e o censurou energicamente. Depois foi levada, pelo seu desejo de fazer o bem, pelos seus sentimentos religiosos profundos e sua inteligência, a refletir sobre uma maneira de extirpar o mal pela raiz e restabelecer a situação de Damasco e seus habitantes. Debruçou-se sobre o caso como o faria um homem de bom senso e experiente que examina as coisas com lucidez. Ela não encontrou outro remédio para a maleficência de seu filho senão livrar-se dele, e desse modo colocar fim à desordem crescente pela qual ele era responsável."

A execução não se fará esperar.

> "A princesa só pensa nesse projeto. Ela esperou um momento em que seu filho se encontrava só, sem escravos nem escudeiros, e ordenou a seus criados que o matassem sem piedade. Ela mesma não manifestou compaixão nem pena. Mandou levar o cadáver para um lugar do palácio onde pudesse ser descoberto. Todo mundo alegrou-se com a queda de Ismael. Agradeceu-se a Deus e endereçaram louvores à princesa."

Zomorrod matou seu próprio filho para impedi-lo de entregar Damasco a Zinki? Pode-se duvidar quando se sabe que a princesa desposará, três anos mais tarde, esse mesmo Zinki, e lhe suplicará que ocupe a cidade. Ela também não agiu para vingar Sawinj, que era filho de uma outra mulher de Buri? Então, sem dúvida, será preciso dar crédito à explicação dada por Ibn al-Athir: Zomorrod era a preferida do principal conselheiro de Ismael, e foi ao saber que seu filho projetava matar seu amante, e talvez também puni-la, que ela resolveu agir.

Quaisquer que fossem suas verdadeiras motivações, a princesa privou assim seu futuro marido de uma conquista fácil. Pois a 30 de janeiro de 1135, dia do assassinato de Ismael, Zinki já está a caminho de Damasco. Quando seu exército atravessa o Eufrates, uma semana mais tarde, Zomorrod instala no trono um outro de seus filhos, Mahmud, e a população prepara-se ativamente para resistir. Ignorando a morte de Ismael, o *atabeg* envia representantes a Damasco para estudar com ele as modalidades da capitulação. Claro, eles são recebidos polidamente mas sem serem informados dos

últimos desenvolvimentos da situação. Furioso, Zinki se recusa a dar meia-volta. Estabelece seu acampamento a noroeste da cidade e encarrega seus batedores de ver onde e como ele poderia atacar. Mas rapidamente compreende que os defensores estão decididos a lutar até o fim. Eles são encabeçados por um velho companheiro de Toghtekin, Moinuddin Unar, um comandante turco malicioso e obstinado que Zinki vai encontrar mais de uma vez no seu caminho. Após algumas escaramuças, o *atabeg* resolve buscar um compromisso. Para salvar-lhe a face, os dirigentes da cidade sitiada rendem-lhe homenagem e reconheeem, de uma forma puramente nominal, sua soberania.

Em meados de março, o *atabeg* afasta-se então de Damasco. Para levantar o ânimo de suas tropas, exaustas por essa campanha inútil, ele as conduz imediatamente para o norte e toma, com uma assombrosa rapidez, quatro praças-fortes francas, entre as quais a tristemente célebre Maara. Apesar dessas façanhas, seu prestígio está abalado. Somente dois anos mais tarde é que conseguirá, através de uma proeza, fazer esquecer seu fracasso em Damasco. Paradoxalmente, será então Moinuddin Unar que lhe fornecerá, sem querer, a oportunidade de se reabilitar.

7

Um emir entre os bárbaros

Em junho de 1137, Zinki chegou com um impressionante material de cerco e instalou seu acampamento nos vinhedos que circundam Homs, principal cidade da Síria central, tradicionalmente disputada por alepinos e damascenos. No momento, estes últimos a controlam, sendo o governador da cidade nada mais nada menos que o velho Unar. Vendo as catapultas e as manganelas alinhadas por seu adversário, Moinuddin Unar compreende que não poderá resistir por muito tempo. Então, dá um jeito para fazer com que os *franj* fiquem sabendo que tem a intenção de capitular.

Os cavaleiros de Trípoli, que não sentem nenhum desejo de ver Zinki se instalar a dois dias de sua cidade, se põem a caminho. O estratagema de Unar foi perfeitamente bem executado: temendo ser pego entre dois fogos, o *atabeg* propõe às pressas uma trégua com seu velho inimigo e se posiciona contra os *franj*, decidido a ir sitiar sua mais poderosa fortaleza da região, Baarin. Inquietos, os cavaleiros de Trípoli chamam em seu auxílio o rei Fulque, que o socorre com seu exército. E é sob as muralhas de Baarin, num vale cultivado, que tem lugar a primeira batalha importante entre Zinki e os *franj*, o que pode espantar, quando se sabe que o *atabeg* já é o senhor de Alepo há mais de nove anos!

O combate será curto mas decisivo. Em poucas horas, os ocidentais, esgotados por uma longa caminhada forçada, são derrotados em número e desbaratados. Apenas o rei e alguns homens de seu séquito conseguem refugiar-se na fortaleza. Fulque tem apenas o tempo necessário para enviar um

mensageiro a Jerusalém pedindo que venham resgatá-lo. Depois, contará Ibn al-Athir, "Zinki cortou todas as comunicações, não deixando passar nenhuma notícia, de modo que os sitiados não mais sabiam o que estava acontecendo em seu país de tão rigoroso que era o controle das estradas".

Este bloqueio não iria trazer conseqüências para os árabes. Estes utilizavam, há séculos, a técnica dos pombos-correio para se comunicar de uma cidade a outra. Cada exército levava consigo pombos pertencentes a várias cidades e praças-fortes muçulmanas. Haviam adestrado de tal maneira que pudessem sempre voltar ao ninho de origem. Bastava, pois, enrolar uma mensagem em torno de uma de suas patas e os soltar, para que fossem, mais depressa que o mais rápido dos cavalos, anunciar a vitória, a derrota ou a morte de um príncipe, pedir ajuda ou encorajar uma guarnição sitiada. À medida que a mobilização árabe se organiza contra os *franj,* serviços regulares de pombos-correio começam a funcionar entre Damasco, Cairo, Alepo e outras cidades; o próprio governo concedia salários às pessoas encarregadas de criar e adestrar esses pássaros voadores.

É, aliás, durante a sua permanência no Oriente que os *franj* se iniciarão na colombofilia, que mais tarde entrará em moda em seu país. Mas, no momento do cerco de Baarin, eles ainda ignoram este método de comunicação, o que permite a Zinki tirar proveito dele. O *atabeg,* que começa por intensificar sua pressão sobre os sitiados, lhes oferece de fato, após uma áspera negociação, condições de rendição vantajosas: entrega da fortaleza e pagamento de cinco mil dinares, e em troca aceitará deixá-los partir em paz. Fulque e seus homens capitulam, depois desaparecem a toda pressa, felizes por terem conseguido safar-se. "Pouco após terem deixado Baarin, encontraram importantes reforços que vinham em sua ajuda e se arrependeram de sua rendição, mas já um pouco tarde. Isso só foi possível", segundo Ibn al-Athir, "porque os *franj* tinham ficado totalmente desligados do resto do mundo".

Zinki está satisfeito por ter acertado o negócio de Baarin a seu favor, quando recebe notícias particularmente alarmantes: o imperador bizantino Jean Comneno, que sucedeu em 1118 a seu pai Aléxis, está a caminho da Síria do Norte com dezenas de milhares de homens. Assim que Fulque se distancia, o *atabeg* monta em seu cavalo e galopa até Alepo. Alvo privilegiado dos *rum* no passado, a cidade está em efervescência. Prevendo um ataque, começaram a esvaziar, em volta dos muros, os fossos onde a população, em tempos de paz, tem o mau hábito de jogar o seu lixo. Mas logo emissários do basileu vêm tranqüilizar Zinki: seu objetivo não é de forma alguma Alepo, mas Antioquia, a cidade franca que os *rum* nunca deixaram de reivindicar. De fato, o *atabeg* fica logo sabendo, não sem satisfação, que ela

já se encontra em estado de sítio e que está sendo bombardeada pelas catapultas. Deixando os cristãos com suas disputas, Zinki volta a sitiar Homs, onde Unar continua a fazer-lhe frente.

Entretanto, os *rum* e os *franj* se reconciliam mais rapidamente que o previsto. Para acalmar o basileu, os ocidentais prometem devolver-lhe Antioquia, e Jean Comneno se compromete a lhes entregar, em compensação, várias cidades muçulmanas da Síria. Isso desencadeia, em março de 1138, uma nova guerra de conquista. O imperador tem por comandantes dois chefes francos, o novo conde de Edessa, Jocelin II, e um cavaleiro de nome Raymond, que acaba de assumir o principado de Antioquia esposando Constance, uma menina de oito anos, filha de Bohémond II e de Alix.

Em abril, os aliados empreendem o sítio de Chayzar, empregando 18 catapultas e manganelas. O velho emir Sultam Ibn Munqidh, já governador da cidade antes do início da invasão franca, não parece de modo algum estar preparado para fazer frente às forças reunidas dos *rum* e dos *franj*. Segundo Ibn al-Athir, os aliados teriam escolhido Chayzar como alvo, "porque esperavam que Zinki não fosse se preocupar em defender com ardor uma cidade que não lhe pertencia". Era conhecê-lo mal. O próprio turco organiza e dirige a resistência. A batalha de Chayzar será para ele a oportunidade de ostentar, mais do que nunca, suas admiráveis qualidades de estrategista.

Em poucas semanas, ele subverte todo o Oriente. Após ter enviado mensageiros à Anatólia, que conseguem convencer os sucessores de Danishmend a atacar o território bizantino, ele despacha para Bagdá agitadores que ali organizam um motim semelhante àquele que Ibn al-Khachab tinha provocado em 1111, forçando assim o sultão Massud a enviar tropas a Chayzar. A todos os emires da Síria e da Jézira, ele escreve, ordenando-lhes, através de ameaças, conduzir todas as suas forças para rechaçar a nova invasão. O exército do próprio *atabeg*, bem menos numeroso que o de seu adversário, renunciando a um ataque frontal, se utiliza de uma tática de esfalfamento, enquanto Zinki mantém uma intensa correspondência com o basileu e os chefes francos. Ele "informa" o imperador — o que, aliás, é correto — que seus aliados o temem e esperam com impaciência sua partida da Síria. Aos *franj* envia mensageiros, particularmente a Jocelin de Edessa, e a Raymond de Antioquia: "Não compreendeis", lhes diz, "que, se os *rum* ocuparem uma só praça-forte da Síria, logo irão apoderar-se de todas as vossas cidades?". Para junto dos simples combatentes bizantinos e francos, ele despacha numerosos agentes, em sua maior parte cristãos da Síria, com a tarefa de propagar rumores desmoralizantes a respeito dos gigantescos exércitos de auxílio vindos da Pérsia, Iraque e Anatólia.

Essa propaganda traz seus frutos, sobretudo entre os *franj*. Enquanto o basileu, com seu capacete dourado, dirige pessoalmente o tiro das catapultas, os senhores de Edessa e de Antioquia, sentados debaixo de uma tenda, entregam-se a intermináveis partidas de dados. Esse jogo, já conhecido no Egito faraônico, no século XII expandiu-se tanto no Oriente quanto no Ocidente. Os árabes o chamavam *az-zahr*, uma palavra que os *franj* adotarão para designar não o próprio jogo, mas a sorte, o acaso.*

Essas partidas de dados dos príncipes francos exasperam o basileu Jean Comneno, que, desencorajado pela má vontade de seus aliados e alarmado com esses rumores persistentes sobre a chegada de um poderoso exército de apoio muçulmano — ele, de fato, nunca deixou Bagdá —, suspende o cerco a Chayzar e parte novamente, no dia 21 de maio de 1138, para Antioquia, onde faz sua entrada a cavalo, deixando-se seguir a pé por Raymond e Jocelin, a quem trata como escudeiros.

Para Zinki é uma imensa vitória. No mundo árabe, onde a aliança entre os *rum* e os *franj* havia causado um intenso temor, o *atabeg* aparece de agora em diante como um salvador. Evidentemente, ele está resolvido a utilizar seu prestígio para pôr imediatamente em ordem alguns problemas que muito lhe interessam, e antes de tudo o de Homs. Em fins de maio, mal havia terminado a batalha de Chayzar, Zinki faz um curioso acordo com Damasco: esposará a princesa Zomorrod e obterá Homs como dote. A mãe assassina do próprio filho chega em cortejo, três meses mais tarde, aos muros de Homs, para se unir solenemente a seu novo marido. Assistem à cerimônia representantes do sultão, do califa de Bagdá e do Cairo, e até mesmo embaixadores do imperador dos *rum*, que, tirando lições de seus dissabores, decidiu manter doravante relações mais amistosas com Zinki.

Mestre de Mossul, de Alepo e do conjunto da Síria central, o *atabeg* tem por objetivo apoderar-se de Damasco com a ajuda de sua nova esposa. Espera que esta conseguirá convencer o filho, Mahmud, a entregar-lhe a capital sem combate. A princesa hesita, tergiversa. Não podendo contar com ela, Zinki acaba por abandoná-la. Mas em junho de 1139, quando se encontra em Harran, recebe mensagem urgente de Zomorrod: ela lhe anuncia que Mahmud acaba de ser assassinado, apunhalado em seu leito por três de seus escravos. A princesa suplica ao marido para que este venha sem demora a Damasco apoderar-se da cidade e castigar os assassinos de seu filho. O *atabeg* põe-se imediatamente a caminho. As lágrimas da esposa deixam-no totalmente indiferente, mas ele calcula que o desaparecimento de Mahmud poderia ser proveitoso para enfim realizar, sob sua égide, a unidade da Síria.

* *Hasard*, em francês. (N.T.)

Era contar sem o eterno Unar, de volta a Damasco após a renúncia de Homs, e que, com a morte de Mahmud, tomou diretamente em mãos os negócios da cidade. Esperando uma ofensiva de Zinki, Moinuddin elaborou sem demora um plano secreto para fazer-lhe frente. Embora no momento ele evite recorrer a isso e se ocupe em organizar a defesa.

Zinki, aliás, não se dirige diretamente à cidade cobiçada. Começa por atacar a antiga cidade romana de Baalbek, a única comunidade de alguma importância que ainda é mantida pelos damascenos. Sua intenção é ao mesmo tempo cercar a metrópole síria e desmoralizar seus defensores. No mês de agosto, instala 14 manganelas em volta de Baalbek, que bombardeia sem parar na esperança de tomá-la em poucos dias, a fim de dar início ao cerco de Damasco antes do final do verão. Baalbek capitula sem dificuldades, mas sua cidadela, construída com pedras de um antigo templo do deus fenício Baal, resiste por dois longos meses. Zinki fica tão irritado com isso que, quando a guarnição acaba por se render, no final de outubro, após ter obtido a garantia de ser poupada, ele ordena que crucifiquem 37 combatentes e que esfolem vivo o comandante da praça. Esse ato de selvageria, destinado a convencer os damascenos de que qualquer resistência seria um suicídio, produz efeito contrário. Solidamente reunida em torno de Unar, a população da metrópole síria está mais do que nunca decidida a bater-se até o fim. De qualquer maneira, o inverno está próximo, e Zinki não pode encarar um assalto antes da primavera. Unar utilizará esses poucos meses de espera para pôr em prática seu plano secreto.

Em abril de 1140, quando o *atabeg* aumenta sua pressão e se prepara para um ataque geral, é precisamente o momento que Unar escolhe para pôr seu plano em execução: pedir ao exército dos *franj*, comandado pelo rei Fulque, para vir em auxílio de Damasco. Não se trata de uma simples operação pontual, mas da aplicação de um tratado de aliança em boa e devida forma, que vai se prolongar após a morte de Zinki.

A partir de 1138, Unar tinha efetivamente enviado a Jerusalém o seu amigo, o cronista Ussama Ibn Munqidh, para estudar a possibilidade de uma colaboração franco-damascena contra o mestre de Alepo. Ussama, que fora bem recebido, tinha conseguido obter um acordo de princípio. Tendo as embaixadas se multiplicado, o cronista havia partido novamente em direção à Cidade Santa, no início de 1140, com propostas precisas: o exército franco forçaria Zinki a se distanciar de Damasco; as forças dos dois Estados se uniriam em caso de um novo perigo; Moinuddin pagaria vinte mil dinares para cobrir as despesas das operações de guerra; uma expedição comum, enfim, seria levada, sob a responsabilidade de Unar, para ocupar a fortaleza de Banias, dirigida há bem pouco tempo por um vassalo de Zinki, e devol-

vê-la ao rei de Jerusalém. Para provar sua boa-fé, os damascenos confiariam aos *franj* alguns reféns escolhidos entre as famílias dos principais dignitários da cidade.

Tratava-se praticamente de viver sob um protetorado franco, mas a população da metrópole síria se resigna a isso. Amedrontada com os métodos brutais do *atabeg*, ela aprova unanimemente o tratado negociado por Unar, cuja política é reconhecida, em todo caso, como inegavelmente eficaz. Temendo ser pego, Zinki se retira para Baalbek, que dá como senhorio a um homem seguro, Ayyub, antes de ele próprio partir com seu exército em direção ao norte, prometendo ao pai de Saladino voltar logo para vingar seu revés. Após a partida do *atabeg*, Unar ocupa Banias e a entrega aos *franj*, conforme o tratado de aliança. Depois faz uma visita oficial ao reino de Jerusalém.

Ussama o acompanha, o mesmo Ussama que se tornou por assim dizer o grande especialista das questões francas em Damasco. Felizmente para nós, o emir cronista não se limita às negociações diplomáticas. É, antes de tudo, um espírito curioso e um observador perspicaz que nos deixará um testemunho inesquecível sobre os costumes e a vida quotidiana do tempo dos *franj*.

> "Quando visitava Jerusalém, tinha o costume de me dirigir à mesquita al-Aqsa, morada de meus amigos templários. Ali havia, num dos lados, um pequeno oratório onde os *franj* haviam instalado uma igreja. Os templários colocavam esse lugar à minha disposição para que nele eu pudesse fazer as minhas preces. Um dia entrei, disse *Allahou Akbar!* e ia dar início à prece quando um homem, um *franj*, se precipitou sobre mim, me agarrou e virou meu rosto em direção ao Oriente, dizendo-me: 'É assim que se reza!'. Imediatamente, os templários acorreram e o afastaram de mim. Voltei portanto à minha prece, mas esse mesmo homem, aproveitando de um momento de descuido, se lançou novamente sobre mim, virou meu rosto para o Oriente e repetiu: 'É assim que se reza!'. Ainda dessa vez, os templários intervieram, o afastaram, e me pediram desculpas, dizendo: 'É um forasteiro. Acaba de chegar do país dos *franj* e nunca viu ninguém rezar sem se voltar em direção do Oriente'. Respondi que havia rezado bastante e saí, estupefato com o comportamento desse demônio que havia ficado de tal modo aborrecido ao me ver rezar na direção de Meca."

Se o emir Ussama não hesita em chamar os templários de "meus amigos", é porque ele considera que seus costumes bárbaros se aperfeiçoaram através do contato com o Oriente. "Entre os *franj*", explica, "vemos alguns que se fixaram entre nós e que cultivaram a companhia dos muçulmanos. São bem superiores àqueles que recentemente a eles se juntaram nos

territórios que ocupam". Para ele, o incidente na mesquita de al-Aqsa é "um exemplo da grosseria dos *franj*". Cita outros, recolhidos durante suas freqüentes visitas ao reino de Jerusalém:

> "Encontrava-me em Tiberíades num dia em que os *franj* celebravam uma de suas festas. Os cavaleiros tinham saído da cidade para se entregar a um jogo de lanças. Tinham arrastado consigo duas velhas mulheres decrépitas que colocaram na extremidade do hipódromo, ao passo que na outra havia um porco, suspenso numa rocha. Os cavaleiros tinham então organizado uma corrida a pé entre as duas velhas. Cada uma avançava, escoltada por um grupo de cavaleiros que lhe obstruía o caminho. A cada passo que davam, elas caíam, depois se levantavam, em meio às gargalhadas dos espectadores. No final, uma das velhas, a que chegou primeiro, ficou com o porco como prêmio de sua vitória".

Um emir tão letrado e refinado quanto Ussama não pode apreciar esses folguedos. Mas seu rosto condescendente se mostra desgostoso quando observa o que é a justiça dos *franj*.

> "Em Naplusa", ele conta, "tive a oportunidade de assistir a um curioso espetáculo. Dois homens deveriam defrontar-se em combate singular. O motivo era o seguinte: salteadores muçulmanos tinham invadido uma aldeia vizinha, e um agricultor era suspeito de lhes ter servido de guia. Ele havia fugido, mas logo deveria voltar, pois o rei Fulque tinha mandado prender os seus filhos. 'Trate-me com eqüidade', lhe pedira o agricultor, 'e permita que eu me bata com aquele que me acusou'. O rei então disse ao senhor que havia recebido a aldeia como doação: 'Mande vir o adversário'. O senhor tinha escolhido um ferreiro que trabalhava na aldeia, dizendo-lhe: 'É você quem irá bater-se em duelo'. O proprietário não queria de modo algum que um de seus camponeses fosse morto, com receio de prejuízos para a agricultura. Vi o ferreiro. Era um jovem forte, mas que, ao andar ou se sentar, pedia sempre alguma coisa para beber. Quanto ao acusado, era um velho corajoso que estalava os dedos em sinal de desafio. O visconde, governador de Naplusa, se aproximou, deu a cada um uma lança e um escudo e mandou que os espectadores se agrupassem em círculo à sua volta.
>
> A luta teve início", prossegue Ussama. "O velho empurrava seu adversário para trás, o arremessava em direção à multidão, depois voltava para o centro da arena. Houve uma troca tão violenta de golpes que os rivais pareciam formar uma só coluna de sangue. O combate se prolongou, apesar das exortações do visconde, que queria apressar seu desenlace 'Mais rápido!', gritava-lhes. Finalmente, o velho ficou esgotado e o ferreiro, aproveitando de sua experiência em manejar o martelo, lhe descarregou um golpe que o derrubou, fazendo com que o velho abandonasse a lança. Depois se abaixou sobre ele pa-

ra lhe enfiar os dedos nos olhos, mas sem o conseguir por causa do jorro de sangue que escorria. O ferreiro então se levantou e matou o adversário com um golpe de lança. Logo, foi atada em torno do pescoço do cadáver uma corda com a qual ele foi arrastado até o cadafalso, onde o penduraram. Vede, através deste exemplo, o que é a justiça dos *franj!*''.

Nada mais natural do que essa indignação do emir, pois para os árabes do século XII a justiça é uma coisa séria. Os juízes, os cádis são personagens altamente respeitados, que antes de pronunciar sua sentença têm a obrigação de acompanhar um processo minucioso, fixado pelo Alcorão: requisitório, defesa de uma causa, testemunhas. O ''julgamento de Deus'', ao qual os ocidentais recorrem freqüentemente, lhes parece como uma força macabra. Esse duelo descrito pelo cronista é apenas uma das formas do julgamento do ordálio. A prova do fogo é outra. E existe também o suplício da água, que Ussama revela com horror:

''Haviam instalado um grande tonel cheio de água. O jovem que era objeto das suspeitas foi atado, suspenso pelas omoplatas a uma corda e lançado no tonel. Se fosse inocente, diziam, ele se afundaria na água, e seria retirado por meio da corda. O infeliz, quando o jogaram dentro da barrica, fez esforços para ir até o fundo, mas não conseguiu, e teve de se submeter aos rigores de sua lei, que Deus os amaldiçoe! Então lhe passaram pelos olhos um buril de prata, avermelhado no fogo, e o cegaram''.

A opinião do emir sírio a respeito dos ''bárbaros'' não se modifica quando ele evoca o seu saber. Os *franj* no século XII se mostram muito atrasados em relação aos árabes em todos os domínios científicos e técnicos, mas é sobretudo na medicina que o afastamento entre o Oriente desenvolvido e o Ocidente primitivo é maior. Ussama observa a distância.

''Um dia'', ele conta, ''o governador franco de Muneitra, no monte Líbano, escreveu a meu tio Sultan, emir de Chayzar, para lhe pedir que lhe enviasse um médico para cuidar de alguns casos urgentes. Meu tio escolheu um médico cristão de nosso país chamado Thabet. Este se ausentou apenas por poucos dias, depois voltou. Todos estávamos bastante curiosos para saber como ele tinha podido assim tão rapidamente obter a cura dos doentes, e o crivamos de perguntas. Thabet respondeu: 'Fizeram vir à minha presença um cavaleiro que tinha um abcesso na perna e uma mulher desnutrida e definhada. Coloquei um emplastro no cavaleiro, o tumor abriu e melhorou. Para a mulher, prescrevi uma dieta para refrescar-lhe o temperamento'. Mas um médico franco chegou e então disse: 'Este homem não sabe tratar deles!'. E, dirigindo-se ao cavaleiro, perguntou-lhe: 'O que você prefere, viver com uma só

perna ou morrer com as duas?'. O paciente tendo respondido que preferia viver com uma só perna, o médico ordenou: 'Tragam-me um cavaleiro forte com um machado bem afiado'. Logo vi chegar o cavaleiro e o machado. O médico franco colocou a perna do paciente num cepo e disse ao recém-chegado: 'Dê uma boa machadada para cortá-la de uma só vez!'. Sob meus olhos, o homem descarregou um primeiro golpe na perna, depois, como ela continuasse presa, bateu uma segunda vez. O tutano da perna esguichou e o ferido morreu no mesmo instante. Quanto à mulher, o médico franco a examinou e disse: 'Ela tem na cabeça um demônio que está apaixonado por ela. Cortem-lhe os cabelos!'. Eles foram cortados. A mulher então recomeçou a comer seu alimento com alho e mostarda, o que agravou o definhamento. 'Foi o diabo que lhe entrou na cabeça', afirmou o médico. E, pegando uma navalha, fez-lhe uma incisão em forma de cruz, deixando aparecer o osso da cabeça, que ele esfregou com sal. A mulher morreu imediatamente. Então perguntei: 'Vocês ainda precisam de mim?'. Disseram-me que não, e eu retornei, depois de ter aprendido muitas coisas que ignorava a respeito da medicina dos *franj*".

Surpreso com a ignorância dos ocidentais, Ussama se escandaliza ainda mais com seus costumes: "Os *franj*", exclama, "não têm senso de honra! Se um deles encontra outro homem, este pega na mão de sua mulher, puxa-a à parte para lhe falar, enquanto o marido se afasta esperando que ela tenha terminado a conversa. Se isso durar muito tempo, ele a deixa com seu interlocutor e vai embora!". O emir se aflige: "Pensem um pouco nesta contradição. Essa gente não sente ciúme nem tem senso de honra, ao passo que tem tanta coragem! Entretanto a coragem provém apenas do senso de honra e do desprezo pelo que é mau!".

Quanto mais aprende por conta própria, mais Ussama faz uma idéia mesquinha a respeito dos ocidentais. Neles, só admira as qualidades guerreiras. Compreende-se, assim, por que, no dia em que um dos "amigos" que fez entre eles, um cavaleiro do exército do rei Fulque, lhe propôs levar seu jovem filho à Europa para o iniciar nas regras da cavalaria, o emir declina polidamente o convite, dizendo para si mesmo que prefere ver seu filho ir "para a prisão do que ao país dos *franj*". A fraternidade com estes estrangeiros tem limites. Por outro lado, a famosa colaboração entre Damasco e Jerusalém, que forneceu a Ussama a oportunidade inesperada de melhor conhecer os ocidentais, aparecerá rapidamente como uma curta trégua. Um acontecimento espetacular vai logo provocar a guerra novamente contra o ocupante: sábado 23 de dezembro de 1144, a cidade de Edessa, capital do mais antigo dos quatro Estados francos do Oriente, caiu em mãos do *atabeg* Imadeddin Zinki.

Se a queda de Jerusalém em julho de 1099 marcou o final da invasão

franca, e a de Tiro em julho de 1124 o término da fase de ocupação, a reconquista de Edessa ficará na história como o coroamento da resposta árabe aos invasores bem como o início da longa caminhada para a vitória.

Ninguém previa que a ocupação seria posta em causa de uma maneira tão resplandecente. É verdade que Edessa era apenas um posto avançado da presença franca, mas seus condes tinham conseguido se integrar plenamente no jogo político local, tendo sido o último senhor ocidental desta cidade de maioria armênia Jocelin II, um barbudinho de nariz proeminente, com os olhos fora de órbita, de corpo desproporcionado, que nunca se distinguira por sua coragem nem por sua sabedoria. Mas seus súditos não o detestavam, sobretudo porque era de mãe armênia, e a situação de seu domínio não parecia de modo algum ser crítica. Ele trocava com seus vizinhos razias de rotina que habitualmente terminavam em trégua.

Mas, bruscamente, nesse outono de 1144, a situação se modifica. Através de uma hábil manobra tática, Zinki põe fim a meio século de dominação franca nesta parte do Oriente, alcançando uma vitória que vai estimular os poderosos e os humildes, da Pérsia ao longínquo território dos *alman*, antevendo uma nova invasão conduzida pelos maiores reis dos *franj*.

A narrativa mais comovente da conquista de Edessa é aquela que nos foi deixada por uma testemunha ocular, o bispo sírio Abul-Faraj Basile, que se viu diretamente envolvido com os acontecimentos. Sua posição durante a batalha ilustra o drama das comunidades cristãs orientais às quais ele pertence. Tendo sua cidade sido atacada, Abul-Faraj participa ativamente da defesa, mas ao mesmo tempo suas simpatias se dirigem muito mais ao exército muçulmano do que a seus "protetores" ocidentais, pelos quais ele não sente muita estima.

> "O conde Jocelin", conta ele, "tinha partido para pilhar às margens do Eufrates. Zinki soube disso. No dia 30 de novembro, ele estava ao pé dos muros de Edessa. Suas tropas eram numerosas como as estrelas do céu. Todas as regiões que cercam a cidade foram ocupadas por elas. Tendas foram levantadas em vários lugares, e o *atabeg* armou a sua ao norte da cidade, diante da porta das Horas, sobre uma colina que dominava a igreja dos Confessores".

Embora situada num vale, Edessa era difícil de ser tomada, pois sua poderosa muralha triangular encontrava-se solidamente imbricada nas colinas circunvizinhas. Mas, explica Abul-Faraj, "Jocelin não tinha deixado nenhuma tropa. Havia apenas sapateiros, tecelões, mercadores de seda, costureiros, padres". A defesa será, portanto, assegurada pelo bispo franco da cidade, assistido por um prelado armênio assim como pelo próprio cronista, favorável a um acordo com o *atabeg*.

"Zinki", prossegue ele, "dirigia constantemente aos sitiados propostas de paz, dizendo-lhes: 'Ó infelizes! Vós estais vendo que toda esperança está perdida. Que quereis? Que esperais? Tende piedade de vós mesmos, de vossos filhos, de vossas mulheres, de vossas casas! Fazei com que vossa cidade não seja devastada e privada de habitantes!'. Mas não existia na cidade nenhum chefe capaz de impor sua vontade. Respondia-se estupidamente a Zinki com fanfarronadas e injúrias".

Vendo que os sapadores começavam a cavar minas sob as muralhas, Abul-Faraj sugere escrever uma carta a Zinki para propor uma trégua, para o que o bispo dá sua concordância. "A carta é escrita e lida para o povo, mas um homem insensato, um mercador de seda, estendeu a mão, se apoderou da carta e a rasgou." Contudo Zinki não parava de repetir: "Se desejais uma trégua de alguns dias, nós a concederemos para ver se conseguireis ajuda. Caso contrário, rendei-vos e vivei!".

Mas nenhum auxílio chega. Embora tenha sido advertido bastante cedo quanto a ofensiva contra a sua capital, Jocelin não ousa medir-se com as forças do *atabeg*. Ele prefere instalar-se em Tell Bacher, esperando que tropas de Antioquia ou de Jerusalém venham em sua ajuda.

"Os turcos tinham arrancado as fundações do muro setentrional e, em seu lugar, tinham colocado lenha, vigas e troncos em quantidade. Tinham enchido interstícios de nafta, graxa e enxofre, para que o braseiro se inflamasse mais facilmente e o muro ruísse. Então, sob as ordens de Zinki, atearam fogo. Os arautos de seu acampamento gritaram para que se preparassem para o combate, recrutando soldados para se introduzir pela brecha assim que o muro tivesse caído e lhes prometendo abandonar a cidade durante três dias para que fosse saqueada. O fogo pegou na nafta e no enxofre e inflamou a lenha e a graxa fundida. O vento soprava do norte e levava a fumaça contra os defensores. Apesar de sua solidez, o muro tremeu, depois desmoronou. Após terem perdido muitos dos seus na brecha, os turcos penetraram na cidade e começaram a massacrar as pessoas sem distinção. Naquele dia, aproximadamente seis mil habitantes pereceram. As mulheres, as crianças e os jovens se precipitaram até a parte mais alta da cidadela para escapar ao massacre. Encontraram a porta fechada por culpa do bispo dos *franj*, que dissera aos guardas: 'Se vocês não virem o meu rosto, não abram a porta!'. Assim os grupos subiam uns após os outros e se comprimiam. Espetáculo lamentável e horrível: empurrados, asfixiados, transformados numa só massa compacta, aproximadamete cinco mil pessoas, e talvez mais, pereceram de forma atroz."

É entretanto Zinki quem vai intervir pessoalmente para pôr fim à matança, antes de enviar seu principal comandante junto a Abul-Faraj. "Vene-

rável", diz ele, "desejamos que nos jure, sobre a Cruz e o Evangelho, que você e sua comunidade permanecerão fiéis a nós. Você sabe muito bem que esta cidade, durante os duzentos anos em que os árabes a governaram, foi uma metrópole próspera. Hoje, há cinqüenta anos que os *franj* a ocupam, eles já a arruinaram. Nosso mestre Imadeddin Zinki está disposto a tratá-los bem. Vivam em paz, fiquem em segurança sob sua autoridade e orem por sua vida".

> "De fato", prossegue Abul-Faraj, "eles fizeram com que os sírios e os armênios saíssem da cidadela, e cada um deles voltou para sua casa sem ser molestado. Quanto aos *franj*, ao contrário, tomaram tudo o que havia com eles, ouro, prata, vasos sagrados, cálices, patenas, cruzes ornamentadas e grande quantidade de jóias. Os padres, os nobres e as pessoas notáveis foram mantidos vivos; despojaram-nos de suas vestes antes de enviá-los acorrentados a Alepo. Dos que sobraram, pouparam os artesãos, que Zinki manteve consigo para fazê-los trabalhar cada qual em sua profissão. Todos os outros *franj*, mais ou menos cem homens, foram executados".

Desde que a notícia da reconquisra de Edessa foi conhecida, o mundo árabe foi tomado pelo entusiasmo. Atribuiu-se a Zinki os projetos mais ambiciosos. Os refugiados da Palestina e das cidades costeiras, numerosos em torno do *atabeg*, já começam a falar em reconquistar Jerusalém, um objetivo que irá logo transformar-se no símbolo da resistência aos *franj*.

O califa apressou-se em conferir ao herói do dia títulos prestigiosos: *al-malek al-mansur*, "o rei vitorioso", *zain-el-islam*, "ornamento do Islã", *nassir amir al-muminin*, "sustentáculo do príncipe dos crentes". Como todos os dirigentes da época, Zinki alinha seus cognomes, símbolos de seu poder. Numa nota sagazmente satírica, Ibn al-Qalanissi desculpa-se junto a seus leitores por ter escrito em sua crônica "o sultão fulano", "o emir" ou "o *atabeg*", sem acrescentar seus títulos completos. Pois, ele explica, depois do século X existe uma tal inflação de cognomes honoríficos que seu texto acabaria tornando-se ilegível se ele tivesse querido citar todos. Lamentando discretamente a época dos primeiros califas, que se contentavam com o título, soberbo em sua simplicidade, de "príncipe dos crentes", o cronista de Damasco cita vários exemplos para ilustar o que diz, entre os quais precisamente o de Zinki. Cada vez que ele menciona o *atabeg*, Ibn al-Qalanissi lembra que deveria escrever, textualmente:

> O emir, o general, o grande, o justo, o ajudante de Deus, o triunfador, o único, o pilar da religião, a pedra angular do Islã, o ornamento do Islã, o protetor das criaturas, o herdeiro da dinastia, o auxiliar da doutrina, a grande-

za da nação, a honra dos reis, o apoio dos sultões, o vencedor dos infiéis, dos rebeldes e dos ateus, o chefe dos exércitos muçulmanos, o rei vitorioso, o rei dos príncipes, o sol dos méritos, o emir dos dois Iraques e da Síria, o conquistador do Irã, Bahlawn Jihan Alp Inassaj Kotlogh Toghrulbeg atabek Abu-Said Zinki Ibn Aq Sonqor, sustentáculo do príncipe dos crentes.

Além de seu caráter pomposo, do qual o cronista de Damasco sorri irreverentemente, esses títulos não obstante refletem o lugar preponderante que Zinki ocupa doravante no mundo árabe. Os *franj* tremem à simples menção de seu nome. Com a morte do rei Fulque, um pouco antes da queda de Edessa, a confusão torna-se maior, pois ele havia deixado dois filhos menores. Sua mulher, que assegura a regência, apressou-se em enviar emissários ao país dos *franj* para levar a notícia do desastre que seu povo acabava de sofrer. "Então foram dirigidos apelos a todos os seus territórios", diz Ibn al-Qalanissi, "para que as pessoas fossem ao assalto da terra do Islã".

Como para confirmar os temores dos ocidentais, Zinki retorna à Síria após a vitória, mandando proclamar que ele prepara uma ofensiva de grande envergadura contra as principais cidades mantidas pelo *franj*. No princípio, esses projetos são acolhidos com entusiasmo pelas cidades sírias. Mas pouco a pouco os damascenos se interrogam sobre as verdadeiras intenções do *atabeg*, que se instala em Baalbek, como o tinha feito em 1139, para ali construir numerosas máquinas de cerco. Afinal não seriam os próprios damascenos que ele pretendia atacar sob o pretexto do *jihad*?

Nunca o saberemos, pois em janeiro de 1146, quando seus preparativos para a campanha da primavera parecem terminados, Zinki se vê obrigado a partir para o norte: seus espiões o informaram de que uma conspiração estava sendo tramada por Jocelin, de Edessa, com alguns de seus amigos armênios que ficaram na cidade, para massacrar a guarnição turca. Desde seu retorno à cidade conquistada, o *atabeg* retoma em mãos a situação, executa os partidários do antigo conde e, para reforçar o partido antifranco no seio da população, instala em Edessa trezentas famílias judias cujo apoio infalível é garantido.

Esse alerta convence Zinki de que mais vale renunciar, ao menos provisoriamente, do que estender seu domínio e se aplicar em consolidá-lo. Há, em particular, na longa estrada de Alepo a Mossul, um emir árabe que controla a poderosa fortaleza de Jaabar, situada no Eufrates, e que recusa reconhecer a autoridade do *atabeg*. Podendo sua insubmissão ameaçar impunemente as comunicações entre as duas capitais, Zinki, em junho de 1146, vem assediar Jaabar. Espera apoderar-se dela em poucos dias, mas a empre-

sa é bem mais difícil do que o previsto. Três longos meses passam sem que a resistência dos assediados se enfraqueça.

Numa noite de setembro, o *atabeg* adormece após ter bebido uma grande quantidade de álcool. De repente, um barulho em sua tenda o acorda. Abrindo os olhos, percebe um de seus eunucos, um certo Yarankach, de origem franca, que bebe vinho em sua própria taça, o que desencadeia o furor do *atabeg*, que jura puni-lo severamente no dia seguinte. Temendo a cólera do mestre, Yarankach espera que ele adormeça novamente, cobre-o de punhaladas e foge para Jaabar, onde é recebido com presentes.

Zinki não morre imediatamente. Enquanto jaz semi-inconsciente, um de seus parentes entra em sua tenda. Ibn al-Athir dará seu testemunho:

> "Ao ver-me, o *atabeg* pensou que eu vinha para matá-lo e, com um gesto do dedo, pediu-me misericórdia. Eu, emocionado, caí a seus pés e lhe disse: 'Mestre, quem te fez isso?'. Mas ele não pôde responder e entregou sua alma, que Deus tenha misericórdia dele!".

A morte trágica de Zinki, sobrevindo pouco depois de seu triunfo, impressionará os contemporâneos. Ibn al-Qalanissi comenta o acontecimento em versos:

> *A manhã o mostrou estendido no leito, ali onde seu eunuco o havia degolado,*
> *E entretanto dormia no meio de um exército altivo, cercado por seus bravos e seus sabres.*
> *Pereceu sem que lhe servissem riquezas nem poder,*
> *Seus tesouros tornaram-se presa de outros, foram aproveitados por seus filhos e adversários,*
> *Com seu desaparecimento, seus inimigos puseram-se de pé, segurando a espada que não ousavam brandir enquanto ele viveu.*

De fato, desde a morte de Zinki, seus soldados, há pouco tão disciplinados, transformam-se numa horda de larápios incontroláveis. Seu tesouro, suas armas e até seus bens pessoais desaparecem num piscar de olhos. Depois seu exército começa a se dispersar. Um após o outro, os emires reúnem seus homens e se apressam em ir ocupar alguma fortaleza ou esperar em segurança o desenrolar dos acontecimentos.

Quando Moinuddin Unar fica sabendo da morte de seu adversário, deixa imediatamete Damasco à frente de suas tropas e se apodera de Baalbek, restabelecendo em poucas semanas sua suserania sobre o conjunto da Síria central. Raymond de Antioquia, reatando com a tradição que parecia

esquecida, lança um ataque mesmo sob os muros de Alepo. Jocelin intriga cada vez mais para retomar Edessa.

A epopéia do poderoso Estado fundado por Zinki parece encerrada. Na realidade, ela acaba exatamente de começar.

Quarta Parte

A Vitória (1146-1187)

Meu Deus, dê a vitória ao Islã e não a Mahmud. Quem é este cão chamado Mahmud para merecer a vitória?

Nureddin Mahmud,
unificador do Oriente árabe
(1117-1174)

O santo rei Nureddin

Enquanto a confusão reina no acampamento de Zinki, um só homem permanece imperturbável. Tem vinte e nove anos, porte alto, tez escura, rosto barbeado com exceção do queixo, testa larga, o olhar meigo e sereno. Ele se aproxima do *atabeg*. pega-lhe a mão tremendo, retira-lhe o largo anel, símbolo do poder, e o introduz no próprio dedo. Chama-se Nureddin. É o segundo filho de Zinki.

"Li as vidas dos soberanos dos velhos tempos, e não encontrei nenhum homem, exceto entre os primeiros califas, que fosse tão virtuoso e tão justo quanto Nureddin." Ibn al-Athir, com razão, consagrará a esse príncipe uma profunda reverência. Se o filho de Zinki herdou qualidades do pai — autoridade, coragem, senso de liderança — não conservou nenhum dos defeitos que tornaram o *atabeg* tão odioso a alguns de seus contemporâneos. Enquanto Zinki assustava por sua truculência e falta total de escrúpulos, Nureddin conseguiu, desde sua entrada em cena, dar de si mesmo a imagem de um homem piedoso, reservado, justo, cumpridor da palavra dada e totalmente devotado ao *jihad* contra os inimigos do Islã.

Mais importante ainda, pois aí reside o seu gênio, ele vai erigir suas virtudes como hábil arma política. Compreendendo, nessa metade do século XII, o papel insubstituível que pode desempenhar a mobilização psicológica, ele coloca em funcionamento um verdadeiro aparelho de propaganda. Algumas centenas de letrados, homens de religião na sua maioria, vão ter por missão catalizar a simpatia ativa do povo e forçar assim os dirigentes

do mundo árabe a se reagrupar sob sua bandeira. Ibn al-Athir contará as lamentações de um emir da Jézira que foi "convidado" um dia pelo filho de Zinki a participar de uma campanha contra os *franj*.

> "Se eu não for em auxílio de Nureddin", ele diz, "ele irá tomar meu domínio, pois já escreveu aos devotos e aos ascetas pedindo-lhes o auxílio de suas preces e para que incitem os muçulmanos ao *jihad*. Neste exato momento, cada um desses homens está sentado com seus discípulos e companheiros, lendo as cartas de Nureddin, chorando e me maldizendo. Se eu quiser evitar o anátema, devo consentir em seu pedido".

Aliás, é o próprio Nureddin quem comanda seu complexo de divulgação. Encomenda poemas, cartas, livros, e supervisiona sua difusão no momento escolhido para produzir o efeito desejado. Os princípios que exalta são simples: uma só religião, o Islã sunita, o que implica uma luta encarniçada contra todas as "heresias"; um só Estado, para cercar os *franj* por todos os lados; um só objetivo, o *jihad*, para reconquistar os territórios ocupados e sobretudo libertar Jerusalém. Durante seus vinte e oito anos de reinado, Nureddin incitará vários ulemás a escrever tratados vangloriando os méritos da Cidade Santa, al-Quds, e sessões públicas de leitura serão organizadas nas mesquitas e escolas.

Ninguém esquece, nessas ocasiões, de fazer o elogio do *mujahid* supremo, do muçulmano irrepreensível que é Nureddin. Mas esse culto da personalidade é muito mais hábil e eficaz à medida que é fundamentado, paradoxalmente, na humildade e austeridade do filho de Zinki.

Segundo Ibn al-Athir,

> "A mulher de Nureddin certa vez se lamentava por não ter dinheiro suficiente para se prover de suas necessidades. Ele lhe consignou três lojas que possuía como coisa particular em Homs e que rendiam uma vintena de dinares por ano. Como ela achasse que isso não era o bastante, ele lhe retorquiu 'Não tenho mais nada. Com relação a todo o dinheiro de que disponho, sou apenas o tesoureiro dos muçulmanos, e não tenho a intenção de os trair nem de me lançar no fogo do inferno por tua causa'".

Largamente difundidos, tais propósitos se revelam particularmente incômodos para os príncipes da região, que vivem no luxo e sobrecarregam seus súditos de impostos para lhes arrancar as menores economias. De fato, a propaganda de Nureddin acentua constantemente as supressões de impostos que ele efetua de maneira geral nos países submetidos à sua autoridade.

Incômodo para seus adversários, o filho de Zinki muitas vezes também o é para seus próprios emires. Com o tempo, irá tornar-se cada vez mais ri-

goroso a respeito dos preceitos religiosos. Não estando contente em proibir o álcool a si mesmo, ele o proibirá totalmente a seu exército, "assim como o tamborim, a flauta e outros objetos que desagradam a Deus", precisa Kamaleddin, o cronista de Alepo, que acrescenta: "Nureddin deixou todas as vestes luxuosas para cobrir-se de tecidos toscos". Evidentemente, os oficiais turcos, acostumados com a bebida e os enfeites suntuosos, não se sentirão muito à vontade com esse mestre que raramente sorri e prefere, a qualquer outra, a companhia dos ulemás de turbante.

Ainda menos reconfortante para os emires é essa tendência do filho de Zinki a renunciar ao título de Nureddin, "luz da religião", em favor de seu próprio nome, Mahmud. "Meu Deus", orava ele antes das batalhas, "dê a vitória ao Islã e não a Mahmud. Quem é este cão do Mahmud para merecer a vitória?". Tais demonstrações de humildade lhe atraíram a simpatia dos fracos e das pessoas piedosas, mas os poderosos não hesitarão em taxá-las de hipocrisia. Contudo, parece que suas convicções eram sinceras, mesmo se a sua imagem exterior estivesse parcialmente comprometida. Seja como for, o resultado está aí: é Nureddin quem fará do mundo árabe uma força capaz de esmagar os *franj*, e é seu comandante Saladino quem irá colher os frutos da vitória.

Com a morte do pai, Nureddin conseguiu se impor em Alepo, o que é pouco, comparado ao enorme domínio conquistado pelo *atabeg*, mas é o controle desse ponto inicial que vai assegurar a glória de seu reino. Zinki tinha passado a maior parte de sua vida batendo-se contra os califas, os sultões e os diversos emirados do Iraque e da Jézira. Uma tarefa esgotante e ingrata da qual não se incumbirá o filho. Deixando Mossul e sua região ao irmão mais velho Saifeddin, com quem manterá boas relações, e estando assim seguro de poder contar em sua fronteira oriental com uma potência amiga, Nureddin se consagra inteiramente aos negócios sírios.

Sua posição, entretanto, não é cômoda, quando chega em Alepo, em setembro de 1146, acompanhado por seu homem de confiança, o emir curdo Chirkuh, tio de Saladino. A população está novamente vivendo com medo dos cavaleiros de Antioquia e Nureddin não tem tempo mais para estabelecer sua autoridade além das muralhas da capital, quando vêm anunciar-lhe, no final de outubro, que Jocelin conseguiu retomar Edessa com a ajuda de uma parte da população armênia. Não se trata de uma cidade qualquer, semelhante a todas aquelas que foram perdidas desde a morte de Zinki: Edessa era o próprio símbolo da glória do *atabeg*. Sua queda põe em causa todo o futuro da dinastia. Nureddin reage rapidamente. Cavalgando dia

e noite, abandonando à beira das estradas as montarias esgotadas, ele chega diante de Edessa antes que Jocelin tenha tido tempo de organizar sua defesa. O conde, cujas provações passadas não o haviam tornado mais corajoso, decide fugir assim que a noite cai. Seus partidários, que tentam seguilo, são recapturados e massacrados pelos cavaleiros de Alepo.

A rapidez com a qual a insurreição foi esmagada confere ao filho de Zinki um prestígio do qual seu poder nascente tinha grande necessidade. Compreendendo a lição, Raymond de Antioquia se torna menos empreendedor. Quanto a Unar, este se apressa em propor ao mestre de Alepo a mão de sua filha.

> "O contrato de casamento foi redigido em Damasco", precisa Ibn al-Qalanissi, "na presença dos enviados de Nureddin. Imediatamente começou-se a confeccionar o enxoval, e, assim que ficou pronto, os enviados puseram-se a caminho para recuperar Alepo".

De agora em diante, a situação de Nureddin na Síria está devidamente definida. Mas, comparadas ao perigo que se desenha no horizonte, as conspirações de Jocelin, as razias de Raymond e as intrigas da velha raposa damascena logo irão parecer ridículas.

> "Notícias sucessivas chegam de Constantinopla, do território dos *franj*, assim como das regiões vizinhas, segundo as quais os reis dos *franj* estavam chegando de seu país para atacar a terra do Islã. Tinham deixado suas províncias vazias, sem defensores, e haviam levado consigo riquezas, tesouros e um material incomensurável. Seu número, diziam, se elevava a um milhão de infantes e de cavaleiros, e talvez até mais."

Quando escreve essas linhas, Ibn al-Qalanissi tem 75 anos. Ele se lembra, sem dúvida, de que meio século antes já tinha relatado, em termos pouco diferentes, um acontecimento do mesmo gênero.

De fato, a segunda invasão franca, provocada pela queda de Edessa, assemelha-se em seu começo a uma reedição da primeira. Inumeráveis combatentes desfraldaram na Ásia Menor, no outono de 1147, com, uma vez mais, ligadas às costas, peças de tecidos em forma de cruz. Atravessando Doriléia, onde havia ocorrido a derrota histórica de Kilij Arslan, o filho deste, Massud, os espera para se vingar com 50 anos de atraso. Ele arma uma série de emboscadas, descarregando-lhes golpes particularmente mortais. "Não cessavam de anunciar que seus efetivos estavam diminuindo, de modo que seus espíritos encontraram um pouco mais de tranqüilidade." Ibn al-Qalanissi acrescenta todavia que, "depois de todas as perdas que haviam sofrido, os

franj mantinham, diz-se, o número aproximado de cem mil homens". Evidentemente é preciso não aceitar essa cifras como exatas. Como todos os seus coetâneos, o cronista de Damasco não pratica o culto da exatidão e, de qualquer maneira, ele não tem nenhum meio de verificar suas estimativas. Devemos todavia reverenciar, diga-se de passagem, as precauções verbais de Ibn al-Qalanissi, que acrescenta "diz-se" cada vez que uma cifra lhe parece suspeita. Ainda que Ibn al-Athir não tenha tais escrúpulos, toda vez que ele apresenta a interpretação pessoal de um acontecimento, tem o cuidado de concluir por *Allahou aalam* — "Só Deus o sabe".

Seja qual for o número exato dos novos invasores francos, é certo que suas forças, acrescentadas às de Jerusalém, de Antioquia e de Trípoli, têm algo para inquietar o mundo árabe, que observa seus movimentos com pânico. Uma questão vem incansavelmente: qual a cidade que irão atacar em primeiro lugar? Pela lógica, deveriam começar por Edessa. Não foi para vingar sua queda que eles voltaram? Mas também poderiam principiar por Alepo, ferindo assim na cabeça o poder crescente de Nureddin, de modo que Edessa caia logo em seguida por si mesma. Na verdade, não será nem uma nem outra. "Após longas disputas entre seus reis", diz Ibn al-Qalanissi, "acabaram concordando entre si em atacar Damasco, e estavam tão seguros de se apoderar dela que logo à primeira vista eles se entenderam sobre a partilha de suas dependências".

Atacar Damasco? Atacar a cidade de Moinuddin Unar, o único dirigente muçulmano a ter um tratado de aliança com Jerusalém? Os *franj* não poderiam prestar melhor serviço à resistência árabe! Por outro ângulo, parece que os poderosos reis que comandam os exércitos dos *franj* julgaram que apenas a conquista de uma cidade prestigiosa como Damasco justificava seu deslocamento ao Oriente. Os cronistas árabes falam essencialmente de Conrad, rei dos alemães, nunca fazendo a menor alusão à presença do rei da França, Luís VII, um personagem, é verdade, sem grande envergadura.

> "Assim que obteve informações a respeito dos projetos dos *franj*", conta Ibn al-Qalanissi, "o emir Moinuddin começou seus preparativos com a finalidade de prejudicar-lhes os planos. Fortificou todos os lugares onde um ataque seria de se temer, dispôs soldados pelas estradas, encheu os poços e destruiu os pontos de água nos arredores da cidade".

A 24 de julho de 1148, as tropas dos *franj* chegam diante de Damasco, seguidas por longas filas de camelos carregando suas bagagens. Os damascenos saem da cidade às centenas para enfrentar os invasores. Entre eles se encontra um teólogo velhíssimo de origem magrebe, al-Findalawi.

"Vendo-o avançar a pé, Moinuddin dele se aproximou", contará Ibn al-Athir, "saudou-o e lhe disse: 'Ó venerável ancião, tua idade avançada o isenta de combater. Somos nós que devemos defender os muçulmanos'. Pediu-lhe para voltar, ao que al-Findalawi recusou dizendo: 'Eu me doei e Deus me colheu'. Referia-se assim às palavras do Altíssimo: *Deus solicitou dos crentes suas pessoas e seus bens para lhes dar em troca o paraíso.* Al-Findalawi seguiu em frente e combateu os *franj* até o momento em que caiu sob seus golpes".

O exemplo deste martírio é logo seguido por um outro asceta, um refugiado palestino chamado al-Halhuli. Apesar desses atos heróicos, o avanço dos *franj* não pôde ser detido. Eles se expandiram pela planície de Ghuta e ali levantaram suas tendas, aproximando-se mesmo de vários pontos das muralhas. Ao anoitecer desse primeiro dia de combate, os damascenos, temendo o pior, começam a erguer barricadas nas ruas.

O dia seguinte, 25 de julho, "era um domingo", relata Ibn al-Qalanissi, "e os habitantes efetuaram ataques desde o amanhecer. O combate terminou apenas ao cair do dia, quando todos estavam esgotados. Cada qual voltou então à sua guarnição. O exército de Damasco passou a noite frente aos *franj,* e os citadinos ficaram nos muros montando guarda, pois viam que o inimigo estava perto deles".

Na segunda-feira de manhã a esperança renasce para os damascenos, pois eles viam sucessivas levas de cavaleiros turcos, curdos e árabes se aproximando pelo norte. Unar escreverá a todos os príncipes da região pedindo reforços, e estes começam a chegar à cidade sitiada. Anuncia-se a vinda de Nureddin à frente do exército de Alepo, assim como a de seu irmão Saifeddin com o exército de Mossul. À sua aproximação, Moinuddin envia, segundo Ibn al-Athir, "uma mensagem aos *franj* estrangeiros e uma outra aos *franj* da Síria". Com os primeiros, ele emprega uma linguagem simplista: "O rei do Oriente está chegando; se vós não partirdes, entregar-lhe-ei a cidade, e vós lamentareis". Com os outros, os "colonos", ele utiliza uma linguagem diferente: "Vós enlouquecestes ao ajudar aquela gente contra nós? Não compreendestes que se eles o conquistarem em Damasco, procurarão arrancar vossas próprias cidades? Quanto a mim, se eu não conseguir defender a cidade, entregá-la-ei a Saifeddin, e vós sabeis que, se ele tomar Damasco, vós não mais podereis vos manter na Síria".

O sucesso da manobra de Unar é imediato. Chegando a um acordo secreto com os *franj* locais, que tentam convencer o rei dos alemães a se afastar de Damasco antes que cheguem os reforços, ele distribui, para assegurar o sucesso de suas intrigas diplomáticas, importantes gratificações, semeando nos vergéis que rodeiam sua capital centenas de franco-atiradores que se

põem em emboscada e importunam os *franj*. Desde segunda-feira à noite, as dissensões suscitadas pelo velho turco começam a produzir seu efeito. Os sitiados, que bruscamente desmoralizados decidiram operar um recuo tático para reagrupar suas forças, se encontram, importunados pelos damascenos, numa planície aberta por todos os lados, sem a menor fonte de água à sua disposição. No fim de algumas horas, sua situação torna-se tão insustentável que seus reis não pensam mais em tomar a metrópole síria, mas em salvar suas tropas e suas próprias pessoas do aniquilamento. Na terça-feira de manhã, os exércitos francos já retrocedem em direção a Jerusalém, perseguidos pelos homens de Moinuddin.

Decididamente, os *franj* não eram mais os mesmos. A negligência dos dirigentes e a desunião dos chefes militares ao que parece não eram mais o triste privilégio exclusivo dos árabes. Os damascenos estão estupefatos: é possível que a poderosa expedição franca, que faz estremecer o Oriente há meses, se encontre em plena decomposição, depois de quatro dias de combate? "Pensou-se que estivessem preparando um estratagema", diz Ibn al-Qalanissi. Não é nada disso. A nova invasão franca está imediatamente acabada. "Os *franj* alemães", dirá Ibn al-Athir, "retornaram a seu país que se encontra lá longe, atrás de Constantinopla, e Deus livrou os crentes desta calamidade".

A surpreendente vitória de Unar acentua seu prestígio, fazendo com que seus compromissos passados com os invasores fossem esquecidos. Mas Moinuddin viu os últimos dias de sua carreira. Morre um ano após a batalha. "Um dia em que havia comido abundantemente, como de costume, foi tomado por um mal-estar. Soube-se que fora atingido pela disenteria". "É", precisa Ibn al-Qalanissi, "uma doença terrível da qual raramente alguém consegue escapar". E, com sua morte, o poder é dado ao soberano nominal da cidade, Abaq, descendente de Toghtekin, um jovem de 16 anos, sem muita inteligência, que jamais conseguirá voar com suas próprias asas.

O verdadeiro vencedor da batalha de Damasco é incontestavelmente Nureddin. Em junho de 1149, ele consegue esmagar o exército do príncipe de Antioquia, Raymond, que Chirkuh, o tio de Saladino, mata com as próprias mãos. Este corta-lhe a cabeça e a leva a seu mestre, que, segundo o costume, a envia ao califa de Bagdá num cofre de prata. Tendo assim afastado toda ameaça franca na Síria do Norte, o filho de Zinki tem as mãos desatadas para consagrar de agora em diante todos os seus esforços à realização do velho sonho paterno: a conquista de Damasco. Em 1140, a cidade tinha preferido se aliar aos *franj* em vez de submeter-se ao jugo brutal de Zinki. Mas as coisas mudaram. Moinuddin não está mais aqui, o comportamento dos ocidentais abalou seus adeptos mais ardentes e, sobretudo, a reputação

de Nureddin não se assemelha à de seu pai. Ele não quer tomar a altiva cidade dos imíadas, mas conquistá-la.

Atingindo, à frente das suas tropas, os vergéis que rodeiam a cidade, ele se preocupa muito mais em ganhar a simpatia da população do que em preparar um assalto. "Nureddin", conta Ibn al-Qalanissi, "se mostrou benévolo com os camponeses e tornou-lhes sua presença agradável; por toda parte orava-se a Deus em seu favor, em Damasco e em suas dependências". Quando, pouco após sua chegada, chuvas abundantes encerram um longo período de seca, às pessoas lhe atribuem o mérito. "É graças a ele", disseram, "à sua justiça e à sua conduta exemplar".

Ainda que a natureza de suas ambições seja evidente, o mestre de Alepo recusa a se exibir como um conquistador.

> "Não vim acampar neste lugar com a intenção de vos fazer a guerra ou de vos sitiar", escreve ele numa carta aos dirigentes de Damasco. "Apenas os numerosos lamentos dos muçulmanos têm me motivado a atuar assim, pois os camponeses foram despojados de todos os seus bens e separados de seus filhos pelos *franj*, e eles não têm ninguém para os defender. Levando em conta o poder que Deus me confiou para socorrer os muçulmanos e fazer a guerra aos infiéis, levando em conta a quantidade de riquezas e de homens de que disponho, não me é permitido descuidar dos muçulmanos e não tomar a sua defesa. Sobretudo quando conheço vossa incapacidade em proteger vossas províncias, e vossa fraqueza que vos levou a pedir socorro aos *franj* e a lhes entregar os bens de vossos súditos mais pobres, que lesais criminosamente.
>
> Isso não agrada nem a Deus nem a nenhum muçulmano!"

Essa carta revela toda a sutileza da estratégia do novo mestre de Alepo, que se coloca como defensor dos damascenos, em particular dos mais deserdados, e tenta visivelmente sublevá-los contra seus chefes. A resposta destes últimos, com toda a sua aspereza, apenas leva os citadinos a se aproximarem do filho de Zinki: "Entre você e nós não há mais nada de agora em diante a não ser o sabre. Os *franj* vão chegar para nos ajudar a nos defendermos".

Apesar das simpatias que granjeou entre a população, Nureddin, preferindo não afrontar as forças reunidas de Jerusalém e de Damasco, aceita retirar-se em direção ao norte; tendo conseguido que nas mesquitas seu nome fosse citado nas pregações logo após os do califa e do sultão, e que a moeda fosse cunhada com seu nome, uma manifestação de fidelidade muitas vezes utilizada pelas cidades muçulmanas para apaziguar os conquistadores.

Nureddin julga encorajador esse sucesso incompleto. Um ano mais tar-

de, volta com suas tropas às pradarias de Damasco, fazendo chegar uma nova carta a Abaq e aos outros dirigentes da cidade: "Não quero apenas o bem-estar dos muçulmanos, o *jihad* e a libertação dos prisioneiros que eles detêm. Se vós vos colocardes a meu lado com o exército de Damasco, se nós nos ajudarmos mutuamente a conduzir o *jihad,* minha vontade será satisfeita". Como resposta, Abaq recorre novamente aos *franj,* que se apresentam sob a direção de seu jovem rei Baudoin III, filho de Fulque, e se instalam às portas de Damasco durante algumas semanas. Seus cavaleiros estão autorizados até mesmo a circular pelos mercados, o que não deixa de criar alguma tensão com a população, que ainda não havia esquecido seus filhos mortos três anos antes.

Nureddin, prudentemente, continua evitando qualquer confronto com os aliados. Afasta suas tropas de Damasco, esperando que os *franj* retornem para Jerusalém. Para ele, a batalha é antes de tudo tática. Explorando ao máximo a frustração dos citadinos, faz chegar grande quantidade de mensagens ao notáveis damascenos e aos religiosos para denunciar a traição de Abaq. Entra até mesmo em contato com numerosos soldados a quem a colaboração aberta com os *franj* exaspera. Para o filho de Zinki, não se trata mais apenas de suscitar protestos que atrapalharão Abaq, mas organizar no interior da cidade ambicionada uma rede de cumplicidade que possa levar Damasco a capitular. É o pai de Saladino que ele encarrega dessa missão delicada. Em 1153, após um hábil trabalho de organização. Ayyub consegue de fato assegurar-se da neutralidade favorável da milícia urbana, cujo comandante é um jovem irmão de Ibn al-Qalanissi. Vários personagens do exército adotam a mesma atitude, o que, dia após dia, reforça o isolamento de Abaq. A este apenas resta um pequeno grupo de emires que o encorajam ainda a fazer frente. Decidido a se desembaraçar desses últimos irredutíveis, Nureddin envia ao chefe de Damasco falsas informações sobre uma conspiração que tramaria o seu séquito. Sem se preocupar muito em verificar o fundamento, Abaq se apressa em executar ou aprisionar vários de seus colaboradores. Seu isolamento é de agora em diante total.

Última operação: Nureddin intercepta repentinamente todos os comboios de víveres que se dirigem a Damasco. O preço de um saco de trigo passou, em dois dias, de meio dinar a 25 dinares, e a população começa a temer a fome. Resta, aos agentes do chefe de Alepo, convencer a opinião pública de que não haveria nenhuma penúria se Abaq não tivesse escolhido aliar-se aos *franj* contra seus correligionários de Alepo.

A 18 de abril de 1154, Nureddin volta com suas tropas diante de Damasco. Abaq envia uma vez mais mensagem urgente a Baudoin. Mas o rei de Jerusalém não terá tempo de chegar.

No domingo, 25 de abril, o assalto final ocorre a leste da cidade.

FACULDADE Biblioteca FIBRA AMAZÔNIA

"Não havia ninguém sobre os muros", narra o cronista de Damasco, "nem soldados nem citadinos, com exceção de um punhado de turcos encarregados da guarda de uma torre. Um dos soldados de Nureddin precipitou-se numa muralha no alto da qual se encontrava uma mulher judia que lançou uma corda. Ele se serviu dela para subir, chegou ao cume da muralha sem que ninguém se apercebesse e foi seguido por alguns de seus camaradas que içaram uma bandeira, plantaram-na sobre o muro e começaram a gritar *'Ya Mansour!* Ó vitorioso!'. As tropas de Damasco e a população renunciaram a qualquer resistência por causa da simpatia que sentiam por Nureddin, sua justiça e sua boa reputação. Um soldado encarregado de abrir trincheiras correu até a porta do Leste, bab-Charki, com sua picareta e quebrou a fechadura. Os soldados ali penetraram e se espalharam pelas principais artérias sem encontrar oposição. A porta de Tomás, bab-Tuma, foi igualmente aberta às tropas. Enfim, o rei Nureddin fez sua entrada, acompanhado de sua comitiva, motivando a euforia da população e dos soldados, que estavam sendo importunados tanto pelo medo da fome como pelo temor de serem sitiados pelos *franj* infiéis".

Generoso em sua vitória, Nureddin oferece a Abaq e a seus dependentes terras da região de Homs, deixando-os sair com os seus bens.

Sem combate, sem derramamento de sangue, Nureddin conquistou Damasco mais pela persuasão do que pelas armas. A cidade que há um quarto de século havia bravamente resistido a todos aqueles que tentavam subjugá-la, quer se tratasse dos Assassinos, dos *franj* ou de Zinki, tinha se deixado conquistar pela doce firmeza de um príncipe que prometia ao mesmo tempo garantir sua segurança e respeitar sua independência. Ela não o lamentará e viverá, graças a ele e a seus sucessores, um dos períodos mais gloriosos de sua história.

Um dia depois da vitória, Nureddin, juntando ulemás, cádis e comerciantes, lhes fala de coisas tranqüilizadoras, não sem mandar trazer importantes estoques de víveres e suprimir algumas taxas que afetavam o mercado de frutas, a venda dos legumes assim como a distribuição da água. Um decreto é redigido nesse sentido e lido na sexta-feira, do alto do púlpito, após a prece. Aos 81 anos, Ibn al-Qalanissi ainda está lá para se associar à alegria de seus concidadãos. "A população aplaudiu", relata ele. "Os citadinos, os camponeses, as mulheres, os amoladores de tesouras, todo mundo dirigiu publicamente preces a Deus para que os dias de Nureddin se prolongassem e que suas bandeiras fossem sempre vitoriosas."

Pela primeira vez desde o início das guerras francas, as duas grandes metrópoles sírias, Alepo e Damasco, estão reunidas em um mesmo governo, sob a autoridade de um príncipe de 37 anos, firmemente decidido a se consagrar à luta contra a ocupação. De fato, é toda a Síria muçulmana que do-

ravante se encontra unificada, com exceção do pequeno emirado de Chayzar, onde a dinastia dos muquiditas ainda consegue preservar sua autonomia. Mas não por muito tempo, já que a história desse pequeno Estado está destinada a se interromper da maneira mais brusca e imprevista.

Em agosto de 1157, quando rumores circulam em Damasco, fazendo prever uma próxima campanha de Nureddin contra Jerusalém, um tremor de terra de rara violência devasta toda a Síria, semeando a morte tanto entre os árabes como entre os *franj*. Em Alepo, várias torres da muralha desmoronam, e a população, aterrorizada, se dispersa pelo campo vizinho. Em Harran, a terra se fende, e através da imensa brecha reaparecem na superfície os vestígios de uma antiga cidade. Em Trípoli, em Beirute, em Tiro, em Homs, em Maara, não se contam mais os mortos nem as construções destruídas.

Mas duas cidades são mais atingidas que as outras pelo cataclisma: Hama e Chayzar. Conta-se que um professor de Hama, ao sair da sala de aula para satisfazer a uma necessidade premente num terreno baldio, encontrou ao voltar sua escola destruída e todos os seus alunos mortos. Aterrado, ele sentou sobre os escombros, perguntando-se como deveria dar a notícia aos pais, mas por ironia nenhum deles havia também sobrevivido para vir buscar o filho.

Em Chayzar, nesse mesmo dia, o soberano da cidade, o emir Mohammed Ibn Sultan, primo de Ussama, organiza uma recepção na cidadela para festejar a circuncisão de seu filho. Ali se encontram reunidos todos os dignitários da cidade, assim como os membros da família reinante, quando de repente a terra começa a tremer, as paredes desabam, dizimando a vida dos convidados. O emirado dos muquiditas simplesmente deixou de existir, Ussama, que se encontra então em Damasco, é um dos raros membros da família que sobrevive. Ele escreverá, emocionado: "A morte não veio passo a passo para matar as pessoas de minha estirpe, para aniquilá-las duas a duas ou cada uma separadamente. Foram todos mortos num piscar de olhos, e seus palácios transformaram-se em túmulos". Acrescenta, desiludido: "Os tremores de terra atingiram esta região de indiferentes apenas para tirá-los do torpor".

O drama dos muquiditas inspirará com efeito aos contemporâneos muitas reflexões sobre a futilidade das coisas humanas, mas o cataclisma será também, mais prosaicamente, a oportunidade para certas pessoas conquistarem ou saquearem sem dificuldade alguma cidade desolada ou alguma fortaleza com os muros desmoronados. Chayzar, em particular, é imediatamente atacada tanto pelos Assassinos quanto pelos *franj*, antes de ser tomada pelo exército de Alepo.

Em outubro de 1157, enquanto passa de cidade em cidade para supervisionar o conserto das muralhas, Nureddin cai doente. O médico damasceno Ibn al-Waqqar, que o segue em todas as suas viagens, se mostra pessimista. Durante um ano e meio, o príncipe fica entre a vida e a morte, com o que os *franj* vão aproveitar para ocupar algumas fortalezas e fazer uma razia nos arredores de Damasco. Mas Nureddin aproveita esse tempo de inanição para refletir sobre seu destino. Ele conseguiu, durante a primeira parte de seu reinado, reunir a Síria muçulmana sob sua égide e pôr um fim às lutas intestinas que a enfraqueciam. Doravante, o *jihad* seria premente para reconsquistar as grandes cidades ocupadas pelos *franj*. Alguns de seus próximos, particularmente os alepinos, lhe sugerem começar por Antioquia, mas, para sua grande surpresa, Nureddin se opõe. Essa cidade, ele lhes explica, pertence historicamente aos *rum*. Qualquer tentativa de se apoderar dela incitaria o império a ocupar-se diretamente dos negócios sírios, o que obrigaria os exércitos muçulmanos a combater em duas frentes. Não, ele insiste, é preciso não provocar os *rum*, mas sobretudo tentar recuperar uma importante cidade da costa, ou até mesmo, se Deus o permitir, Jerusalém.

Infelizmente, para Nureddin, os acontecimentos logo irão justificar seus temores. Em 1159, quando ele apenas começava a se restabelecer, fica sabendo que um poderoso exército bizantino, comandado pelo imperador Manuel, filho e sucessor de Jean Comneno, está reunido ao norte da Síria. Nureddin se apressa em enviar embaixadores ao imperador para lhe desejar as boas-vindas. Recebendo-os, o basileu, homem majestoso, sábio, apaixonado pela medicina, proclama sua intenção de manter com seu mestre as relações mais amistosas possíveis. Assegura que foi à Síria unicamente para infligir uma lição aos mestres de Antioquia. Lembremo-nos de que o pai de Manuel tinha vindo, com as mesmas razões, 22 anos antes, o que não o havia impedido de se aliar com os ocidentais contra os muçulmanos, Entretanto, os emissários de Nureddin não põem em dúvida a palavra do basileu. Eles sabem da raiva que os *rum* sentem cada vez que é mencionado o nome de Raymond de Châtillon, esse cavaleiro que desde 1153 preside aos destinos do principado de Antioquia, um homem brutal, arrogante, cínico e desprezível, que simbolizará um dia para os árabes toda a maleficência dos *franj*, e que Saladino jurará matar com as próprias mãos!

O príncipe Renaud, o "brins Arnat" dos cronistas, chegou ao Oriente em 1147 com a mentalidade já anacrônica dos primeiros invasores sedentos de ouro, sangue e conquista. Pouco depois da morte de Raymond de Antioquia, ele conseguiu seduzir sua viúva, depois esposá-la, tornando-se assim o senhor da cidade. Muito rapidamente, suas exações o tornaram odioso, não somente a seus vizinhos alepinos, mas também aos *rum* e a seus pró-

prios súditos. Em 1156, sob o pretexto de haver Manuel recusado lhe pagar um imposto prometido, ele decide vingar-se lançando um pelotão de ataque contra a ilha bizantina de Chipre, e pede ao patriarca de Antioquia para financiar a expedição. Como o prelado se mostrasse titubeante, Renaud aprisionou-o, torturando-o depois, após ter untado suas feridas com mel, o acorrentou e o expôs ao sol um dia inteiro, deixando milhares de insetos se apoderar de seu corpo vivo.

Evidentemente, o patriarca acabou abrindo seus cofres e o príncipe, tendo reunido uma frota, desembarcou nas costas da ilha mediterrânea, esmagando sem dificuldade a pequena guarnição bizantina, e deixando seus homens na ilha. Do que aconteceu nessa primavera de 1156, Chipre nunca se restabelecerá. De norte a sul, todos os campos cultivados foram sistematicamente devastados, os rebanhos massacrados, os palácios, as igrejas e os conventos foram saqueados, ao passo que tudo aquilo que não podia ser levado era destruído no mesmo local ou incendiado. As mulheres foram violadas, os velhos e as crianças tiveram a garganta cortada, os senhores ricos foram levados como reféns e os pobres decapitados. Antes de partir carregado com os despojos, Renaud ainda ordenou que reunissem todos os padres e monges gregos, a quem mandou cortar o nariz, antes de enviá-los mutilados a Constantinopla.

Manuel deve responder. Mas na qualidade de herdeiro dos imperadores romanos, ele não o pode fazer com um mero e repentino ataque. O que ele procura é restabelecer seu prestígio humilhando publicamente o cavaleiro-salteador de Antioquia. Renaud, que sabe que qualquer resistência é inútil, decide pedir perdão, assim que é informado que o exército imperial está a caminho da Síria. Combinando ora atitudes servis ora arrogância, ele se apresenta no acampamento de Manuel, descalço, vestido como um mendigo, e se joga ao chão diante do trono imperial.

Os embaixadores de Nureddin lá estão para assistir à cena. Eles vêem o "brins Arnat" deitado no pó aos pés do basileu, que, fingindo não o ter notado, continua tranqüilamente conversando com os convidados, esperando vários minutos antes de dignar-se a lançar um olhar a seu adversário, indicando-lhe com um gesto condescendente para se levantar.

Renaud obterá o perdão, e assim poderá conservar seu principado, mas seu prestígio na Síria do Norte será para sempre ofuscado. No ano seguinte é, aliás, capturado pelos soldados de Alepo durante uma operação de saque que ele conduzia no norte da cidade, o que irá valer-lhe 16 anos de cativeiro antes de reaparecer diante do cenário onde o destino o designa para desempenhar o mais execrável dos papéis.

Quanto a Manuel, sua autoridade, no dia seguinte ao dessa expedição,

não cessa de se reforçar. Ele consegue impor seu poderio tanto no principado franco de Antioquia quanto nos territórios turcos da Ásia Menor, dando de novo assim ao império um papel determinante nos negócios da Síria. Essa ressurgência da potência militar bizantina, a última da história, perturba imediatamente os dados do conflito que opõe os árabes aos *franj*. A ameaça constante que representam os *rum* em suas fronteiras impede Nureddin de se lançar no vasto empreendimento de reconquista que ele deseja. Como, ao mesmo tempo, o poder do filho de Zinki proíbe aos *franj* qualquer veleidade de expansão, a situação na Síria se encontra de certo modo bloqueada.

Entretanto, como se as energias contidas dos árabes e dos *franj* procurassem libertar-se de vez, eis que o peso da guerra vai deslocar-se em direção a um novo teatro de operações: o Egito.

9

A corrida em direção ao Nilo

"Meu tio Chirkuh voltou-se para mim e disse: 'Yussef, arruma tuas coisas, vamos embora!'. Recebendo esta ordem, senti meu coração gelar como se tivesse levado uma punhalada, e respondi: 'Por Deus, se me dessem todo o reino do Egito, eu não iria!'."

O homem que fala assim não é outro senão Saladino contando o início, bastante tímido, da aventura que fará dele um dos soberanos mais prestigiosos da história. Com a admirável sinceridade que caracteriza todos os seus ditos, Yussef se mostra cauteloso ao se atribuir o mérito da epopéia egípcia. "Acabei acompanhando meu tio", acrescenta. "Ele conquistou o Egito, depois morreu. Deus colocou então em minhas mãos um poder que de maneira alguma eu esperava." De fato, se Saladino logo surge como o grande beneficiário da expedição egípcia, nela ele não irá desempenhar o papel principal. Nem mesmo o próprio Nureddin, apesar de que o país do Nilo tenha sido conquistado em seu nome.

A campanha, que dura de 1163 a 1169, terá por protagonistas três admiráveis personagens: um vizir egípcio, Chawer, cujas intrigas demoníacas deixarão a região a fogo e a sangue; um rei franco, Amaury, obcecado de tal maneira pela idéia de conquistar o Egito que irá invadi-lo cinco vezes em seis anos; e um general curdo, Chirkuh, "o Leão", que se imporá como um dos gênios militares de seu tempo.

Quando Chawer se apodera do poder no Cairo, em dezembro de 1162, tem acesso a uma dignidade e a um cargo que proporcionam honras e rique-

zas, mas ele não ignora o verso da medalha: dos quinze dirigentes que o precederam no Egito, só um conseguiu sair com vida. Todos os outros foram enforcados, decapitados, apunhalados, crucificados, envenenados ou linchados pela multidão; um foi morto pelo filho adotivo e outro pelo próprio pai. Tudo isso para dizer que não é preciso procurar, nesse emir trigueiro, de têmporas embranquecidas, os traços de qualquer escrúpulo. Desde sua ascensão ao poder, ele teve pressa em massacrar seu predecessor e toda a sua família, apropriando-se de seu ouro, jóias e palácios.

A roda da fortuna entretanto não pára de girar: após nove meses de governo, o novo vizir é derrubado por um de seus comandantes, um certo Dirgham. Prevenido a tempo, Chawer conseguiu deixar o Egito são e salvo e se refugiar na Síria, onde procura obter o apoio de Nureddin para retomar o poder. Ainda que seu visitante seja inteligente e ótimo orador, o filho de Zinki não o escuta, a princípio, senão distraidamente. Mas muito rapidamente, os acontecimentos o obrigam a mudar de atitude.

Em Jerusalém observa-se atentamente de perto as perturbações ocorridas no Cairo. Desde fevereiro os *franj* têm um novo rei de ambição indomável: "Morri", Amaury, o segundo filho de Fulque. Visivelmente influenciado pela propaganda de Nureddin, esse monarca de 26 anos tenta dar de si mesmo a imagem de um homem sóbrio, piedoso, interessado pelas leituras religiosas e preocupado com a justiça. Mas tudo não passa de um arremedo. O rei franco tem mais pretensão do que sabedoria e, apesar de seu grande porte e de sua cabeleira abundante, falta-lhe o mais importante, majestade. De ombros anormalmente estreitos, é com freqüência tomado por acessos de gargalhada tão longos e tão ruidosos que seu séquito fica embaraçado. Além disso sofre de uma gagueira que dificulta muito seus contatos com os outros. Só uma idéia fixa o anima — a conquista do Egito. É neste sentido a busca infatigável que dá a "Morri" uma envergadura determinada.

A proposta da conquista é tentadora. Desde que em 1153 os cavaleiros ocidentais se apoderaram de Ascalon, último bastião fatímida na Palestina, o caminho do país do Nilo lhes está aberto. Os sucessivos vizires, ocupados demais em combater seus rivais, adquiriram o hábito, desde 1160, de pagar um tributo anual aos *franj*, para que estes se abstivessem de intervir em seus negócios. No dia seguinte à queda de Chawer, Amaury se aproveitou da confusão que reinava no país do Nilo para invadi-lo, sob o simples pretexto de que a quantia combinada, sessenta mil dinares, não fora paga a tempo. Atravessando o Sinai ao longo da costa mediterrânea, ele veio sitiar a cidade de Bilbeis, situada num braço do rio destinado a se tornar deserto nos séculos seguintes. Os defensores da cidade ficam ao mesmo tempo estupefatos e alegres vendo os *franj* instalar o material bélico em volta de seus mu-

ros, pois é setembro, e o rio começa sua cheia. Basta, pois, que as autoridades mandem romper alguns diques para que os guerreiros do Ocidente se vejam cercados gradativamente pela água: estes têm apenas o tempo de fugir, e retornar à Palestina. Sua primeira invasão foi repentinamente modificada, mas teve o mérito de revelar a Alepo e a Damasco as intenções de Amaury.

Nureddin hesita. Ele não tem nenhuma vontade de se deixar arrastar pelo terreno escorregadio das intrigas da população do Cairo, ainda mais que, sendo ele sunita fervoroso, sente uma enorme desconfiança não dissimulada em relação ao califado xiíta dos fatímidas. Ele não pode resistir a que o Egito oscile, com suas riquezas, para o lado dos *franj*, que se transformariam então na maior potência do Oriente. Ora, devido à anarquia que ali reina, o Cairo não conseguirá manter-se por muito tempo diante da determinação de Amaury. Evidentemente, Chawer se dá ao luxo de elogiar a seu hóspede as utilidades de uma expedição ao país do Nilo. Para atraí-lo, promete, se for ajudado a se reinstalar no poder, pagar todas as despesas da expedição, reconhecer a dominação do mestre de Alepo e de Damasco, e lhe enviar todos os anos um terço da receita arrecadada pelo governo. Mas, sobretudo, Nureddin deve contar com seu homem de confiança, o próprio Chirkuh, totalmente dedicado à idéia de uma intervenção armada. Ele manifesta tanto entusiasmo com este projeto que o filho de Zinki o autoriza a organizar um corpo expedicionário.

Dificilmente poderíamos imaginar dois personagens ao mesmo tempo tão estreitamente unidos e tão diferentes como o são Nureddin e Chirkuh. Enquanto o filho de Zinki se tornou, com a idade, cada vez mais majestoso, digno, sóbrio e reservado, o tio de Saladino é um oficial de porte baixo, obeso, zarolho, com o rosto constantemente congestionado pela bebida e pelos excessos alimentares. Quando fica colérico, urra como um furioso, e constantemente lhe ocorre perder a cabeça a ponto de matar seu adversário. Mas seu caráter sórdido não desagrada a todos. Seus soldados amam esse homem que vive entre eles e com eles partilha sua sopa e seus divertimentos. Nos numerosos combates em que tomou parte na Síria, Chirkuh apareceu como um condutor de homens dotado de uma imensa coragem; a campanha do Egito vai revelar suas notáveis qualidades de estrategista. Pois, de ponta a ponta, a empresa será um grande desafio. Para os *franj*, é relativamente fácil atingir o país do Nilo. Um só obstáculo em seu caminho: a extensão semidesértica do Sinai. Mas levando, em lombo de camelo, algumas centenas de odres cheios d'água, os cavaleiros em três dias se acham às portas de Bilbeis. Para Chirkuh, as coisas são menos simples. Para ir da Síria ao Egito, é preciso atravessar a Palestina e portanto se expor aos ataques dos *franj*.

A partida do corpo expedicionário sírio para o Cairo, em abril de 1164, implica pois uma verdadeira encenação. Enquanto o exército de Nureddin realiza um desvio para atrair Amaury e seus cavaleiros ao norte da Palestina, Chirkuh, acompanhado de Chawer e de aproximadamente dois mil cavaleiros, se dirige para leste, segue o curso do Jordão pela margem oriental, através da futura Jordânia, depois, ao sul do mar Morto, vira a oeste, transpõe o rio e cavalga à rédea solta em direção ao Sinai. Ali prossegue seu caminho, distanciando-se da rota costeira para evitar que determinem sua posição. A 24 de abril apodera-se de Bilbeis, porta oriental do Egito, e a 1º de maio acampa sob os muros do Cairo. Apanhado inesperadamente, o vizir Dirgham não tem tempo de organizar a resistência. Abandonado por todos, é morto ao tentar fugir, e seu corpo é lançado aos cães da rua. Chawer é oficialmente reinvestido em seu posto pelo califa fatímida al-Adid, um adolescente de apenas treze anos de idade.

A campanha-relâmpago de Chirkuh representa um modelo de eficácia militar. O tio de Saladino não fica pouco orgulhoso de ter conquistado o Egito em tão pouco tempo, praticamente sem perdas, e de ter assim vencido "Morri". Mas, apenas recuperou o poder, Chawer realiza uma espantosa meia-volta. Esquecendo as promessas feitas a Nureddin, ordena a Chirkuh que deixe o Egito o mais breve possível. Atordoado com tanta ingratidão e louco de raiva, o tio de Saladino faz saber a seu antigo aliado sua decisão de permanecer, aconteça o que acontecer.

Vendo-o assim decidido, Chawer, que não confia muito em seu próprio exército, envia uma embaixada a Jerusalém para pedir ajuda a Amaury contra o corpo expedicionário sírio. O rei franco não se faz de rogado. Ele, que procurava um pretexto para intervir no Egito, o que poderia esperar de melhor senão um pedido de ajuda vindo do próprio mestre do Cairo? Em julho de 1164, o exército franco se embrenha no Sinai pela segunda vez. Logo, Chirkuh decide abandonar os arredores do Cairo, onde estava acampado desde maio, para ir entrincheirar-se em Bilbeis. Ali, semana após semana, repele os ataques inimigos, mas sua situação parece desesperadora. Muito distante de suas bases, cercado pelos *franj* e seu novo aliado Chawer, o general curdo não pode esperar resistir por muito tempo.

> "Quando Nureddin viu como a situação evoluía em Bilbeis", contará Ibn al-Athir alguns anos mais tarde, "decidiu dirigir uma grande ofensiva contra os *franj* a fim de obrigá-los a deixar o Egito. Escreveu a todos os emires muçulmanos para lhes pedir que participassem do *jihad*, e foi atacar a poderosa fortaleza de Harim, perto de Antioquia. Todos os *franj* que haviam permanecido na Síria se reuniram para lhe fazer frente — entre eles o príncipe Bo-

hémond, senhor de Antioquia, e o conde de Trípoli. Durante a batalha, os *franj* foram esmagados. Tiveram dez mil mortos e todos os seus chefes, entre os quais o príncipe e o conde, foram capturados''.

Logo que obteve a vitória, Nureddin mandou trazer estandartes dos cruzados assim como as cabeleiras louras de alguns *franj*, decapitados no combate. Depois, colocando tudo num saco, ele o confia a um de seus homens mais discretos, dizendo-lhe: ''Vá a Bilbeis, dê um jeito de se infiltrar lá e entregue estes troféus a Chirkuh anunciando-lhe que Deus nos concedeu a vitória. Ele irá expô-los no portal da fortaleza, e esse espetáculo semeará o medo entre os infiéis''.

De fato, as notícias da vitória de Harim invertem os ânimos da batalha do Egito. Elevam o moral dos sitiados e sobretudo fazem com que os *franj* recuem para a Palestina. A captura do jovem Bohémond III, sucessor de Renaud frente ao principado de Antioquia, encarregado por Amaury de ocupar-se durante sua ausência dos negócios do reino de Jerusalém, assim como o massacre de seus homens, obrigam o rei a procurar um compromisso com Chirkuh. Após alguns contatos, os dois homens se entendem para deixar o Egito ao mesmo tempo. No final de outubro de 1164, ''Morri'' regressa à Palestina caminhando ao longo da costa, enquanto o general curdo volta a Damasco em menos de duas semanas, servindo-se do itinerário que tinha escolhido.

Chirkuh não está desgostoso por ter podido sair de Bilbeis incólume e de cabeça erguida, mas o grande vencedor desses seis meses de campanha é incontestavelmente Chawer. Ele usou Chirkuh para retornar ao poder, depois serviu-se de Amaury para neutralizar o general curdo. Agora um e outro fugiram, deixando-lhe a direção total do Egito. Por mais de dois anos, ele vai dedicar-se a consolidar seu poder.

Entretanto, não sem se mostrar inquieto em relação ao desenrolar dos acontecimentos, pois sabe que Chirkuh não poderá lhe perdoar a traição. Informações, aliás, chegam regularmente da Síria, dando conta que o general curdo estaria importunando Nureddin para empreender uma nova campanha contra o Egito. Mas o filho de Zinki é reticente. O *status quo* não lhe desagrada. O importante é manter os *franj* longe do Nilo. Contudo, como sempre, não é fácil sair desta engrenagem: temendo uma nova expedição-relâmpago de Chirkuh, Chawer toma suas precauções concluindo um tratado de assistência mútua com Amaury. O que conduz Nureddin a autorizar seu comandante a organizar uma nova força de intervenção, caso os *franj* venham a intervir no Egito. Chirkuh escolhe para sua expedição os melhores elementos do exército, dentre eles seu sobrinho Yussef. Por outro

lado, esses preparativos assustam o vizir, que insiste junto a Amaury para que este lhe envie tropas de apoio. E nos primeiros dias de 1167 é reiniciada a corrida em direção ao Nilo. O rei franco e o general curdo chegam quase ao mesmo tempo ao país cobiçado, cada qual por seu caminho habitual.

Chawer e os *franj* reuniram suas forças diante do Cairo para ali esperar Chirkuh. Mas este prefere fixar as regras do encontro. Prosseguindo sua longa marcha começada em Alepo, ele contorna a capital egípcia pelo sul, faz com que suas tropas atravessem o Nilo em pequenas barcas, depois sobe, sem ter parado, rumo ao norte: Chawer e Amaury, que esperavam uma aparição vinda do leste, o vêem surgir na direção oposta. Pior ainda, ele se instalara a oeste do Cairo, perto das pirâmides de Gizé, separado de seus inimigos pelo formidável rio. Desse campo solidamente entrincheirado, envia uma mensagem ao vizir. "O inimigo franco está ao nosso alcance", escreve-lhe, "dividido em suas bases. Unamos nossas forças e o exterminemos. A ocasião é favorável e talvez não se repita nunca mais". Mas Chawer não se contenta em recusar. Manda executar o mensageiro e ele mesmo leva a carta de Chirkuh a Amaury provando-lhe sua lealdade.

Apesar desse gesto, os *franj* continuam a desconfiar de seu aliado, que, como se sabe, desde que não tenha mais necessidade deles, os trairá. Julgam ter chegado a oportunidade de aproveitar a proximidade ameaçadora de Chirkuh para firmar sua autoridade no Egito: Amaury exige que uma aliança oficial, selada pelo próprio califa fatímida, seja concluída entre o Cairo e Jerusalém.

Dois cavaleiros conhecendo o árabe — o fato não era raro entre os *franj* do Oriente — dirigem-se assim à residência do jovem al-Adid. Chawer, que os quer visivelmente impressionar, os conduz a um soberbo palácio ricamente ornado que atravessam a passos rápidos, cercados por uma multidão de guardas armados. Depois o cortejo transpõe um interminável corredor abobadado, impermeável à luz do dia, antes de se encontrar à soleira de uma imensa porta cinzelada que leva a um vestíbulo, depois a uma nova porta. Após ter percorrido numerosas portas ornamentadas, Chawer e seus convidados desembocam num pátio calçado de mármore rodeado por colunas douradas, no centro do qual uma fonte deixa admirar seus tubos de ouro e prata, enquanto a seu redor voam pássaros coloridos vindos de todos os cantos da África. É nesse lugar que os guardas, que os acompanham, os confiam aos eunucos que vivem na familiaridade do califa. Novamente, é preciso atravessar uma sucessão de salões, depois um jardim cheio de feras aprisionadas, leões, ursos, panteras, antes de atingir o palácio de al-Adid.

Mal são introduzidos num vasto compartimento, cuja parede do fundo é revestida por uma tapeçaria de seda esmaltada de ouro, rubi e esmeral-

da, Chawer depois de reverenciar três vezes coloca sua espada no chão. Então a tapeçaria se ergue e o califa aparece, com o corpo coberto de sedas e a face velada. Aproximando-se senta-se a seus pés enquanto o vizir expõe o projeto de aliança com os *franj*. Após ter ouvido calmamente, al-Adid, que tem então apenas dezesseis anos, presta homenagem à política de Chawer. Este já se prepara para se levantar quando os dois *franj* pedem ao príncipe dos crentes para jurar que irá permanecer fiel à aliança. Visivelmente, semelhante exigência causa escândalo entre os dignitários que cercam al-Adid. O próprio califa parece chocado e o vizir se apressa em intervir. O acordo com Jerusalém, explica a seu soberano, é negócio de vida ou morte para o Egito. Ele o conjura a não ver no pedido formulado pelos *franj* uma manifestação de falta de respeito, mas somente o sinal do não conhecimento dos protocolos orientais.

Sorrindo contra a vontade, al-Adid estende a mão vestida com luvas de seda e jura respeitar a aliança. Mas um dos emissários francos ordena: "Um juramento", diz, "deve ser prestado com a mão despida, as luvas poderiam ser um sinal de futura traição". A exigência causa um novo escândalo. Os dignitários cochicham entre si que o califa foi insultado, fala-se em punir os insolentes. Entretanto, a uma nova intervenção de Chawer, o califa, sem renunciar a sua calma, tira a luva, estende a mão despida e repete palavra por palavra o juramento que lhe ditam os representantes de "Morri".

Assim que se conclui a singular entrevista, egípcios e *franj* coligados elaboram um plano para atravessar o Nilo e dizimar o exército de Chirkuh, que se dirige para o sul. Um destacamento inimigo, comandado por Amaury, lança-se em sua perseguição. O tio de Saladino quer dar a impressão de que está com a corda na garganta. Sabendo que sua principal desvantagem é ser destruído em suas bases, procura colocar seus perseguidores na mesma situação. Chegando ao Cairo depois de mais de uma semana de marcha, ordena a suas tropas para parar e lhes anuncia, num discurso inflamado, que o dia da vitória chegou.

De fato, o confronto tem lugar a 18 de março de 1167, perto da localidade de El-Babein, na margem oeste do Nilo. Os dois exércitos, esgotados por sua corrida interminável, lançam-se na peleja com vontade de acabar com ela para sempre. Chirkuh confiou a Saladino o comando do centro, ordenando-lhe que recuasse assim que o inimigo tivesse atacado. De fato, Amaury e seus cavaleiros marcham em sua direção com todos os estandartes à vista e, quando Saladino finge fugir, eles se lançam em sua perseguição sem se dar conta de que as alas direita e esquerda do exército sírio já lhes cortam toda retirada. As perdas dos cavaleiros francos são exorbitantes, mas

Amaury consegue escapar. Vai em direção ao Cairo, onde o grosso de suas tropas ficou, firmemente decidido a se vingar o mais rápido possível. Com a colaboração de Chawer, já se prepara para voltar frente a uma poderosa expedição ao alto Egito, quando chega uma notícia na que mal dá para se acreditar: Chirkuh apoderou-se de Alexandria, a maior cidade do Egito, situada no extremo norte do país, na costa mediterrânea!

No dia seguinte após a vitória de El-Babein, o imprevisível general curdo, sem esperar um só dia e antes que os seus tenham tempo de voltar atrás, atravessou a passos vertiginosos todo o território egípcio, do sul ao norte, e fez uma entrada triunfal em Alexandria. A população do grande porto mediterrâneo, hostil à aliança com os *franj,* acolheu os sírios como grandes libertadores.

Chawer e Amaury, obrigados a seguir o ritmo infernal que Chirkuh impõe a essa guerra, vão sitiar Alexandria. Na cidade, os víveres são tão pouco abundantes que ao final de um mês a população, ameaçada pela fome, começa a se lastimar de ter aberto suas portas ao corpo expedicionário sírio. A situação parece mesmo desesperadora no dia em que uma frota franca vem ancorar ao largo do porto. Entretanto Chirkuh não se reconhece batido. Confia o comando da praça a Saladino, depois, juntando algumas centenas de seus melhores cavaleiros, efetua com eles uma audaciosa investida noturna. À rédea solta, atravessa as linhas inimigas, depois cavalga, noite e dia... até o alto Egito.

Em Alexandria, o bloqueio se torna cada vez mais rigoroso. À fome logo se juntam as epidemias, assim como um ataque diário por catapultas. Para o jovem Saladino de vinte e nove anos, a responsabilidade é pesada. A armadilha montada por seu tio vai trazer seus frutos. Chirkuh não ignora que "Morri" está impaciente para terminar com essa campanha e retornar a seu reino constantemente importunado por Nureddin. Abrindo uma nova frente ao sul, em vez de se deixar encerrar em Alexandria, o general curdo ameaça prolongar indefinidamente o conflito. No alto Egito, organiza até uma revolta contra Chawer, levando numerosos camponeses armados a juntar-se a ele. Quando suas tropas são suficientemente consideráveis, ele se aproxima do Cairo e envia a Amaury uma mensagem habilmente redigida. Nós dois estamos perdendo tempo aqui, é o que diz em substância. Se o rei quisesse considerar as coisas com calma, perceberia claramente que depois de me ter expulso deste país, ele só teria servido ao interesse de Chawer. Amaury se convenceu disso. Rapidamente, chega-se a um acordo: o cerco de Alexandria é suspenso, e Saladino deixa a cidade cumprimentado por uma guarda de honra. Em agosto de 1167, os dois exércitos partem novamente, como três anos antes, para seus respectivos países. Nureddin, satis-

feito por ter recuperado a cúpula de seu exército, deseja não mais se deixar arrastar nessas estéreis aventuras egípcias.

No entanto, já no ano seguinte, como uma espécie de fatalidade a corrida em direção ao Nilo recomeça. Abandonando o Cairo, Amaury acreditara ser bom deixar ali um destacamento de cavaleiros encarregados de zelar pelo andamento adequado do tratado de aliança. Uma de suas missões consistia particularmente em controlar as portas da cidade e proteger os funcionários francos encarregados de receber o tributo anual de cem mil dinares que Chawer havia prometido pagar ao reino de Jerusalém. Um imposto tão pesado, assim como a presença prolongada dessa força estrangeira, só podia provocar o ressentimento dos citadinos.

Pouco a pouco, a opinião pública se mobilizou contra os ocupantes. Murmura-se, e até mesmo no próprio ambiente do califa, que uma aliança com Nureddin seria dos males o menor. Mensagens começam a circular, sem o conhecimento de Chawer, entre o Cairo e Alepo. O filho de Zinki, pouco apressado em intervir, contenta-se em observar as reações do rei de Jerusalém.

Não podendo ignorar essa rápida elevação de hostilidade, os cavaleiros e os funcionários francos instalados na capital egípcia se atemorizam. Enviam mensagens a Amaury para que este venha em sua ajuda. O monarca começa por hesitar. A prudência lhe pede para retirar sua guarnição do Cairo e que permanecesse conforme a vizinhança, com um Egito neutro e inofensivo. Mas seu temperamento o inclina à investida para a frente. Encorajado pela recente chegada ao Oriente de um grande número de cavaleiros ocidentais impacientes para "enfraquecer o Sarraceno", ele se decide em outubro de 1168, pela quarta vez, a lançar seu exército ao assalto do Egito.

Essa nova campanha se abre com uma matança tão repelente quanto gratuita. Os ocidentais se apoderam efetivamente da cidade de Bilbeis, onde sem razão alguma massacram os habitantes, homens, mulheres e crianças, assim como os muçulmanos e os cristãos de rito copta. Como dirá muito justamente Ibn al-Athir, "se os *franj* se tivessem conduzido melhor em Bilbeis, teriam podido tomar o Cairo da maneira mais fácil do mundo, pois os notáveis da cidade estavam prontos a entregá-la. Mas vendo os massacres perpetrados em Bilbeis, as pessoas decidiram resistir até o fim". De fato, com a aproximação dos invasores, Chawer ordena que ateiem fogo na velha cidade do Cairo. Vinte mil cântaros de nafta são despejados nas barracas, casas, palácios e mesquitas. Os habitantes são evacuados para a cidade nova, fundada pelos fatímidas no século X, e que agrupa essencialmente os palácios, as administrações, as casernas, assim como a comunidade religiosa de al-A-

zhar. Durante 54 dias. O incêndio é enorme e causa estragos irrecuperáveis.

Nesse meio tempo, o vizir tentou manter contato com Amaury para o convencer a renunciar à sua louca empresa. Ele espera conseguir isso sem uma nova intervenção de Chirkuh. Mas no Cairo seu partido enfraquece. O califa al-Adid, em particular, toma a iniciativa de enviar uma carta a Nureddin pedindo-lhe para que corresse em auxílio do Egito. Para comover o filho de Zinki, o soberano fatímida juntou à sua missiva mechas de cabelos: "São", explica, "os cabelos de minhas mulheres. Elas lhe suplicam para vir livrá-las dos ultrajes dos *franj*".

A reação de Nureddin a essa mensagem angustiada é conhecida graças a um testemunho particularmente precioso, que não é outro senão o de Saladino, citado por Ibn al-Athir:

> "Quando os apelos de al-Adid chegaram, Nureddin me convocou e me informou o que se passava. Depois me disse: 'Vá ver o seu tio Chirkuh em Homs e apresse-o a vir aqui o mais rápido possível, pois este negócio não permite demora alguma'. Deixei Alepo e, a uma milha da cidade, encontrei meu tio que vinha precisamente para isso. Nureddin lhe ordenou que se preparasse para partir em direção ao Egito".

O general curdo pede então a seu sobrinho que o acompanhe, mas Saladino recusa.

> "Respondi que não havia ainda esquecido os sofrimentos suportados em Alexandria. Ao que meu tio respondeu a Nureddin: 'É absolutamente necessário que Yussef venha conosco!'. E Nureddin logo seguiu suas ordens. Por mais que eu lhe tivesse exposto o estado de embaraço em que me encontrava, ele me fez devolver o dinheiro e tive de partir como um homem que é levado à morte."

Desta vez, não haverá confronto entre Chirkuh e Amaury. Impressionado com a determinação dos cairotas, prontos a destruir sua cidade em vez de entregá-la, e temendo ser surpreendido em sua retaguarda pelo exército da Síria, o rei franco retorna à Palestina a 2 de janeiro de 1169. Seis dias mais tarde, o general curdo chega ao Cairo para ali ser acolhido como um salvador, tanto pela população quanto pelos dignitários fatímidas. O próprio Chawer parece alegrar-se. Mas ninguém se engana com isso. Ainda que tenha sido derrotado pelos *franj* durante as últimas semanas, é considerado amigo deles e deve pagar por isso. A 18 de janeiro, é atraído a uma emboscada, seqüestrado dentro de uma tenda, depois morto, pelas mãos de Sala-

dino, com a aprovação escrita do califa. Nesse mesmo dia, Chirkuh o substitui no vizirado. Quando, vestido de seda bordada, ele se dirige à residência de seu predecessor para ali se instalar, não encontra nem mesmo uma almofada para se sentar. Tudo foi destruído desde o anúncio da morte de Chawer.

Foram necessárias três campanhas contra o general curdo para tornar-se o verdadeiro mestre do Egito. Uma felicidade que lhe é levada em conta: a 23 de março, dois meses após seu triunfo, e depois de uma copiosa refeição, ele é vítima de um mal-estar, de uma atroz sensação de sufocação. Morre poucos instantes depois. É o final de uma epopéia, mas o início de uma outra, cuja repercussão será infinitamente maior.

> "Com a morte de Chirkuh", contará Ibn al-Athir, "os conselheiros do califa al-Adid irão sugerir-lhe escolher Yussef como novo vizir, pois ele era o mais jovem e parecia ser o mais inexperiente e o mais fraco dos emires do exército".

De fato, Saladino é convocado ao palácio do soberano, onde recebe o título de *al-malik an-nasser*, "o rei vitorioso", assim como os adereços distintivos dos vizires: um turbante branco bordado a ouro, uma veste com uma túnica forrada de escarlate, uma espada incrustada de pedrarias, um corcel alazão com sela e rédea ornadas com ouro cinzelado e pérolas, e muitos outros objetos preciosos. Saindo do palácio, dirige-se com um grande séquito à residência do vizir.

Em poucas semanas, Yussef consegue se impor. Elimina os funcionários fatímidas, cuja lealdade lhe parece duvidosa, os substitui por seus próximos, esmaga severamente uma revolta instalada nas tropas egípcias, repele enfim, em outubro de 1169, uma lamentável invasão franca, dirigida por Amaury, chegado ao Egito pela quinta e última vez com a esperança de se apoderar do porto de Damieta, no delta do Nilo. Manuel Comneno, inquieto por ver um comandante de Nureddin à frente do governo fatímida, concedeu aos *franj* o apoio da frota bizantina. Mas em vão. Os *rum* não têm provisões suficientes, e seus aliados recusam abastecer-lhes. No fim de poucas semanas, Saladino pode empreender negociações com eles e persuadi-los sem perigo a colocar fim a uma empresa por demais mal resolvida.

Não foi, pois, preciso esperar o final de 1169 para que Yussef fosse o mestre incontestável do Egito. Em Jerusalém, "Morri" promete aliar-se ao sobrinho de Chirkuh contra o principal inimigo dos *franj*, Nureddin. Se o otimismo do rei pode parecer excessivo, não é sem fundamento. Bastante cedo, com efeito Saladino começa a se distanciar de seu mestre. Como é ób-

vio, garante-lhe continuamente sua fidelidade e sua submissão, mas a autoridade efetiva sobre o Egito não poderia ser exercida a partir de Damasco ou de Alepo.

As relações entre os dois homens vão terminar por adquirir uma intensidade dramática. Apesar da solidez de seu poder no Cairo, Yussef jamais ousará, com efeito, afrontar diretamente seu primogênito. E quando o filho de Zinki o convidar para qualquer encontro, ele sempre se esquivará, não pelo medo de cair numa armadilha, mas pelo temor de fraquejar pessoalmente caso se encontre em presença de seu mestre.

A primeira crise grave rebenta durante o verão de 1171, quando Nureddin exige do jovem vizir que ele suprima o califado fatímida. Na qualidade de muçulmano sunita, o mestre da Síria não pode admitir que a autoridade de uma dinastia "herética" continue a ser exercida numa terra que depende dele. Envia, pois, várias mensagens nesse sentido a Saladino, mas este se mostra reticente. Ele teme ferir os sentimentos da população, em boa parte xiíta, e perder a estima dos dignitários fatímidas. Por outro lado, não ignora que é do califa al-Adid que ele mantém, na qualidade de vizir, sua autoridade legítima. Yussef teme perder, destronando-o, aquilo que oficialmente garante o seu poder no Egito. Nesse caso ele se tornaria um simples representante de Nureddin. Ele vê, aliás, na insistência do filho de Zinki muito mais uma tentativa de entrega política do que um ato de zelo religioso. No mês de agosto, as exigências do mestre da Síria com relação à abolição do califado xiíta transformaram-se numa ordem cominatória.

Encurralado, Saladino se dispõe a fazer frente às reações hostis da população e vai até mesmo preparar uma proclamação pública anunciando a queda do califa. Mas ainda hesita em difundi-la. Al-Adid, embora só tenha vinte anos, está gravemente doente, e Saladino, que contraiu amizade por ele, não pensa em trair sua confiança. Subitamente, na sexta-feira 10 de setembro de 1171, um habitante de Mossul, em visita ao Cairo, entra numa mesquita e, subindo ao púlpito antes do pregador, faz a prece em nome do califa abássida. Curiosamente, ninguém reage, nem no momento nem nos dias que se seguem. Seria um agente enviado por Nureddin para complicar Saladino? É possível. Mas, em todo caso, após este incidente, o vizir, sejam quais forem seus escrúpulos, não pode adiar sua decisão. A partir da sexta-feira seguinte, será dada a ordem para os fatímidas não serem mais incluídos em suas preces. Al-Adid está então em seu leito de morte, semi-inconsciente, e Yussef proíbe a quem quer que seja de lhe anunciar essa notícia. "Se ele se restabelecer", lhes diz, "ainda terá tempo para conhecê-la. Senão, deixem-no morrer sem tormentos". De fato, Al-Adid morrerá pouco tempo depois, sem ter sabido o triste fim de sua dinastia.

A queda do califado xiíta, após dois séculos de um reinado muitas vezes glorioso, vai, como era de se esperar, atingir imediatamente a seita dos Assassinos, que, como no tempo de Hassan as-Sabbah, ainda esperava que os fatímidas saíssem de sua letargia para inaugurar uma nova idade de ouro do xiísmo. Vendo que este sonho se dissipava para sempre, seus adeptos se sentem tão desconcertados que seu chefe na Síria, Rachideddin Sinan, "o velho da montanha", envia uma mensagem a Amaury para lhe anunciar que está pronto, com todos os seus partidários, a se converter ao cristianismo. Os Assassinos possuem ainda várias fortalezas e aldeias na Síria central, onde levam uma vida relativamente pacífica. Há anos que parecem ter renunciado às operações espetaculares. Rachideddin, bem entendido, ainda dispõe de equipes de matadores perfeitamente treinados, assim como pregadores devotados, mas muitos adeptos da seita se transformaram em bravos camponeses, muitas vezes obrigados a pagar um tributo regular à Ordem dos Templários.

Prometendo converter-se, o "velho" espera, entre outras coisas, isentar seus fiéis do dízimo, que só os não-cristãos devem pagar. Os templários, que não dirigem descuidadamente seus interesses financeiros, seguem com inquietude esses contatos entre Amaury e os Assassinos. Assim que o acordo está prestes a ser concluído, eles decidem fazer com que falhe. Num dia de 1173, quando os enviados de Rachideddin voltam de uma entrevista com o rei, os templários lhes armam uma emboscada e os massacram. Desde então não faz mais sentido falar da conversão dos Assassinos.

Independentemente desse episódio, a abolição do califado fatímida tem uma conseqüência tão importante quanto imprevista: dar a Saladino uma dimensão política que até então ele não tinha. Nureddin, evidentemente, não esperava tal resultado. O desaparecimento do califado, em vez de reduzir Yussef a um simples representante do mestre da Síria, faz dele o soberano efetivo do Egito e o guardião legítimo dos fabulosos tesouros acumulados pela dinastia desacreditada. Desde então, as relações entre os dois homens não cessarão de se agravar.

No dia seguinte a esses acontecimentos, enquanto Saladino dirige, a leste de Jerusalém, uma expedição audaciosa contra a fortaleza franca de Chawbak, e a guarnição parece estar a ponto de capitular, ele fica sabendo que Nureddin vem reunir-se à frente de suas tropas para participar das operações. Sem esperar um instante, Yussef ordena a seus homens que levantem acampamento e que se dirijam rapidamente ao Cairo. Ele justifica, numa carta ao filho de Zinki, que haviam se desencadeado tumultos no Egito, obrigando-o a essa partida precipitada.

Mas Nureddin não se deixa enganar. Acusando Saladino de insubmis-

são e de o ter traído, jura ir em pessoa ao país do Nilo a fim de retomar as coisas diretamente. Inquieto, o jovem vizir reúne seus colaboradores próximos, entre os quais seu próprio pai Ayyub, e os consulta sobre a atitude a ser adotada no caso de Nureddin colocar sua ameaça em execução. Enquanto certos emires se declaram prontos a empunhar armas contra o filho de Zinki e o próprio Saladino parece partilhar de sua opinião, Ayyub intervém, tremendo de cólera. Interpelando Yussef e como se ele fosse um garoto de recados, declara: "Sou teu pai e, se há alguém aqui que te ama e deseja o teu bem, só pode ser eu. Entretanto, fica sabendo que se Nureddin vier, nada poderá impedir-me de me prostrar e de beijar o chão a seus pés. Se ele me ordenar que corte a tua cabeça com meu sabre, eu o farei. Pois esta terra pertence a ele. Tu vais escrever-lhe isso: Soube que gostarias de dirigir uma expedição ao Egito, mas não tens necessidade disso; este país é teu, e basta que me envies um cavalo ou um camelo para que eu vá a ti como homem humilde e submisso".

À saída da reunião, Ayyub admoesta severamente seu filho em particular: "Por Deus, se Nureddin tentasse tomar uma polegada que fosse de teu território, eu me bateria contra ele até a morte. Mas por que te mostras abertamente ambicioso? O tempo está a teu lado, deixa a Providência agir!". Convencido, Yussef envia à Síria a mensagem proposta por seu pai e Nureddin, tranqüilizado, renuncia *in extremis* à sua expedição primitiva. Mas, instruído por este alerta, Saladino despacha um de seus irmãos, Turanshah, ao Iêmen, tendo por missão conquistar essa terra montanhosa do sudoeste da Arábia para poder conduzir a família de Ayyub a um lugar de refúgio caso o filho de Zinki aspire de novo controlar o Egito. O Iêmen será efetivamente ocupado sem grandes dificuldades... "em nome do rei Nureddin".

Em junho de 1173, menos de dois anos depois da entrevista mal-sucedida de Chawer, um incidente análogo se produz. Tendo Saladino partido para guerrear a leste do Jordão, Nureddin reúne suas tropas e vai ao seu encontro. Porém, uma vez mais, aterrorizado com a idéia de se ver frente a seu mestre, o vizir se apressa em retomar o caminho do Egito afirmando que seu pai está moribundo. De fato, Ayyub acaba de entrar em coma após uma queda de cavalo. Mas Nureddin não está preparado para se contentar com esta nova justificativa. E, quando Ayyub morre em agosto, ele toma consciência de que no Cairo não há mais um só homem em quem possa ter plena confiança. Também considera que está na hora de tomar conta pessoalmente dos negócios egípcios.

"Nureddin começou seus preparativos para invadir o Egito e arrancá-lo de Saladino Yussef, pois tinha constatado que este evitava confrontar-se com os *franj* temendo ter de se unir a ele." Nosso cronista Ibn al-Athir,

que tem quatorze anos na época desses acontecimentos, toma claramente posição em favor do filho de Zinki. "Yussef preferia ter os *franj* em suas fronteiras do que ser vizinho direto de Nureddin. Este, pois, escreveu a Mossul e a outras partes pedindo que lhe enviassem tropas. Mas enquanto se preparava para marchar com seus soldados em direção ao Egito, Deus lhe mandou uma intimação que não pode ser discutida." O mestre da Síria, com efeito, caiu gravemente enfermo, atingido, parece, por uma forte angina. Seus médicos lhe prescrevem uma sangria, mas ele recusa: "Não se sangra um homem de sessenta anos", diz. Tentam outros tratamentos, mas nenhum produz efeito. A 15 de maio, é anunciada em Damasco a morte de Nureddin Mahmud, o rei santo, o *mujahid* que unificou a Síria muçulmana e permitiu ao mundo árabe que se preparasse para a luta decisiva contra o ocupante. Em todas as mesquitas, as pessoas se reuniram à noite para recitar alguns versículos do Alcorão em sua memória. Apesar de seu conflito nos últimos anos com Saladino, com o tempo, aparecerá muito mais como seu continuador do que como seu rival.

No momento, todavia, é o rancor que domina os parentes e os colaboradores do desaparecido, que temem ver Yussef aproveitar da confusão geral para atacar a Síria. Também, para ganhar tempo, evita-se notificar o acontecimento no Cairo. Mas Saladino, que tem amigos por toda parte, envia a Damasco, através de pombos-correio, uma mensagem sutilmente redigida: "Uma notícia nos é chegada do inimigo maldito a respeito do mestre Nureddin. E, Deus queira que não!, mas se a coisa for reconhecida como verdadeira, será preciso evitar sobretudo que a divisão se instale nos corações, e que o contra-senso se apodere dos espíritos, pois só o inimigo tiraria proveito disso".

Apesar dessas palavras conciliatórias, a hostilidade provocada pela ascensão de Saladino será feroz.

FACULDADE INTEGRADA BRASIL AMAZÔNIA
Biblioteca
FIBRA

10

As lágrimas de Saladino

"Você vai longe demais, Yussef, já está passando dos limites. É apenas um servidor de Nureddin e agora gostaria de tomar o poder só para você? Não tenha nenhum ilusão, pois nós, que o tiramos do nada, saberemos reconduzi-lo a seu posto!"

Alguns anos mais tarde, esta advertência enviada a Saladino pelos dignitários de Alepo parecerá absurda. Mas em 1174, quando o mestre do Cairo começa a emergir como a principal figura do Oriente árabe, seus méritos ainda não são evidentes para todos. No meio de Nureddin, tanto em vida quanto no dia seguinte ao de sua morte, não mais se pronuncia o nome de Yussef. Para designá-lo, empregam-se as palavras "arrivista", "ingrato", "pérfido" ou, mais freqüentemente, "insolente".

Insolente, Saladino geralmente precaveu-se de sê-lo; mas insolente, sua sorte o é com toda certeza. E é justamente isso que irrita seus adversários. Pois esse oficial curdo de trinta e seis anos nunca foi um homem ambicioso, e aqueles que observaram sua estréia sabem que ele facilmente se teria contentado em ser um emir entre tantos outros se a sorte não o tivesse projetado, contra a sua vontade, diante do palco.

Foi contra a sua vontade que ele partiu para o Egito, onde o seu papel foi mínimo na conquista; e entretanto, em razão mesmo de seu retraimento, se elevou ao cume do poder. Ele não tinha ousado proclamar a queda dos fatímidas, mas, quando foi forçado a tomar uma decisão nesse sentido,

se viu herdeiro da mais rica das dinastias muçulmanas. E quando Nureddin resolveu recolocá-lo em seu devido lugar, Yussef nem mesmo sentiu desejo de resistir: seu mestre se apagou subitamente, deixando como sucessor um adolescente de onze anos, as-Saleh.

Menos de dois meses mais tarde, a 11 de julho de 1174, Amaury desaparece, por sua vez, vítima de disenteria, quando preparava uma nova invasão do Egito com o apoio de uma poderosa frota siciliana. Ele lega o reino de Jerusalém a seu filho Baudoin IV, um jovem de treze anos atacado pela mais terrível das desgraças, a lepra. Existe apenas, em todo o Oriente, um só monarca que possa colocar obstáculo à irresistível ascensão de Saladino. É Manuel, o imperador dos *rum*, que sonha, de fato, ser um dia o senhor da Síria, e que quer invadir o Egito em colaboração com os *franj*. Mas justamente, como para completar a série, o poderoso exército bizantino, que paralisara Nureddin por perto de quinze anos, se deixará esmagar em setembro de 1176 por Kilij Arslan II, neto do primeiro, na batalha de Myriocephalum. Manuel morrerá pouco tempo depois, condenando o Império Cristão do Oriente a acabar-se na anarquia.

Pode-se atacar os panegiristas de Saladino por terem visto nessa sucessão de acontecimentos imprevistos a mão da Providência? O próprio Saladino nunca procurou chamar a si o mérito de sua fortuna. Sempre teve o cuidado de agradecer, junto a Deus, a "meu tio Chirkuh" e a "meu mestre Nureddin". É verdade que a grandeza de Saladino reside também em sua modéstia.

> "Um dia em que Salaheddin se encontrava cansado e procurava repousar, um de seus mamelucos veio a ele e lhe apresentou um papel para ser assinado. 'Estou esgotado', disse o sultão, 'volte dentro de uma hora!'. Mas o homem insistiu. Quase encostou o papel no rosto de Salaheddin, dizendo: 'Que o mestre assine!'. O sultão respondeu: 'Mas não tenho tinteiro à mão!'. Ele estava sentado à entrada de sua tenda, e o mameluco notou que havia um tinteiro no interior. 'Veja o tinteiro, no fundo da tenda', disse, o que significava que ele ordenava a Salaheddin que este fosse buscar o tinteiro, nada menos do que isso. O sultão voltou-se, viu o tinteiro e disse: 'Por Deus, é verdade!'. Então virou-se para trás, apoiou-se no braço esquerdo e pegou o tinteiro com a mão direita. Depois assinou o papel."

Este incidente, relatado por Bahaeddin, secretário particular de Saladino, ilustra de maneira impressionante o que diferenciava este dos monarcas de sua época, como de todas as fases anteriores: saber permanecer modesto com os humildes mesmo quando se tornou potente entre os poderosos. Seus cronistas evocam certamente sua coragem, sua justiça e seu zelo para

com o *jihad*, mas, através de suas narrativas, transparece sem cessar uma imagem mais comovente e humana.

> "Um dia", conta Bahaeddin, "enquanto estávamos em plena campanha contra os *franj*, Salaheddin chamou seus próximos a seu redor. Tinha na mão uma carta que havia acabado de ler, e, quando quis falar, desfez-se em soluços. Vendo-o nesse estado também nós não pudemos deixar de chorar, ainda que ignorássemos de que se tratava. Enfim ele disse, com a voz sufocada pelas lágrimas: 'Takieddin, meu sobrinho, está morto!'. E recomeçou a chorar amargamente, e nós também. Voltei a mim e lhe disse: 'Não nos esqueçamos da campanha em que nos empenhamos, e peçamos perdão a Deus por nós termos admitido esse choro'. Salaheddin me aprovou: 'Sim', disse ele, 'que Deus me perdoe! Que Deus me perdoe!'. Ele repetiu isso várias vezes, depois acrescentou: 'Que ninguém saiba do que aconteceu'. Em seguida mandou trazer água de rosas para lavar os olhos".

As lágrimas de Saladino não são derramadas apenas com a morte de seus próximos.

> "Uma vez", lembra Bahaeddin, "enquanto eu cavalgava ao lado do sultão frente aos *franj*, um batedor do exército veio a nós com uma mulher que soluçava e batia no peito. 'Ela veio do grupo *franj*', nos explicou o batedor, 'para encontrar o mestre, e nós a trouxemos'. Salaheddin pediu a seu intérprete para interrogá-la. Ela disse: 'Ladrões muçulmanos entraram ontem em minha tenda e roubaram minha filhinha. Passei toda a noite chorando, então nossos chefes me disseram: O rei dos muçulmanos é misericordioso, nós a deixaremos ir até ele e você poderá pedir-lhe sua filha. Então vim e coloquei todas as minhas esperanças em você'. Salaheddin ficou comovido e lágrimas vieram-lhe aos olhos. Ele enviou alguém ao mercado de escravos para procurar a filha, e em menos de uma hora um cavaleiro chegou trazendo a criança nos ombros. Assim que os viu, a mãe atirou-se ao chão, sujou o rosto de areia, e todos os presentes choravam de emoção. Ela olha para o céu e começa a dizer coisas incompreensíveis. Então, devolveram-lhe a filha e a acompanharam ao acampamento dos *franj*".

Aqueles que conheceram Saladino perdem pouco tempo com sua descrição física — pequeno, frágil, com a barba curta e regular. Preferem falar de seu rosto, desse rosto pensativo e um tanto melancólico, que se iluminava repentinamente com um sorriso reconfortante, deixando o interlocutor em segurança. Era sempre afável com seus visitantes, insistindo para que ficassem para comer, tratando-os com todas as honras, satisfazendo a todos os seus pedidos, mesmo se fossem infiéis. Não podia aceitar que alguém vies-

se a ele e partisse frustrado, e alguns disso se aproveitavam. Um dia, durante uma trégua com os *franj*, o "brins", senhor de Antioquia, chegou inesperadamente diante da tenda de Saladino e lhe pediu para que ele lhe devolvesse uma região que o sultão havia tomado quatro anos antes. Ele a devolveu!

Como se vê, a generosidade de Saladino às vezes tocou a inconsciência.

> "Seus tesoureiros", revela Bahaeddin, "sempre guardavam às escondidas uma soma de dinheiro para evitar algum imprevisto, pois bem sabiam que, se o mestre tivesse conhecimento da existência dessa reserva, ele a gastaria imediatamente. Apesar dessa precaução, havia no tesouro do governo, com a morte do sultão, apenas um lingote de ouro de Tiro e quarenta e sete dirans de prata".

Quando alguns de seus colaboradores censuram a prodigalidade de Saladino, ele lhes responde com um sorriso desenvolto: "Há pessoas para quem o dinheiro não tem mais importância do que a areia". De fato, ele sente um desprezo profundo pela riqueza e pelo luxo, e, quando os fabulosos palácios dos califas fatímidas caem em seu poder, ele ali instala seus emires, preferindo ele próprio permanecer na residência, mais modesta, reservada aos vizires.

Esse é apenas um dos numerosos traços que permitem aproximar a imagem de Saladino àquela de Nureddin. Seus adversários verão nele apenas um pálido imitador de seu mestre. Na realidade ele sabe se mostrar nos contatos com os outros, particularmente com seus soldados, muito mais caloroso que seu predecessor. E se observa ao pé da letra os preceitos da religião, nele não existe o lado ligeiramente piegas que caracterizava certos comportamentos do filho de Zinki. Poderíamos dizer que Saladino é, em geral, muito exigente consigo mesmo, mas que o é bem menos com os outros, e entretanto se mostrará mais impiedoso que seu antecessor com respeito àqueles que insultam o Islã, quer se trate dos "heréticos" ou de alguns *franj*.

Além dessas diferenças de personalidade, Saladino permanece fortemente influenciado, sobretudo no início de sua carreira, pela impressionante estatura moral de Nureddin, do qual procura mostrar-se o digno sucessor, perseguindo sem descanso os mesmos objetivos: unificar o mundo árabe, mobilizar os muçulmanos, tanto moralmente, graças a um poderoso esquema de propaganda, quanto belicamente, com a reconquista das terras ocupadas e sobretudo de Jerusalém.

Desde o verão de 1174, enquanto os emires reunidos em Damasco ao redor do jovem as-Saleh discutem o melhor meio de fazer frente a Saladi-

no, levando em consideração até mesmo uma aliança com os *franj*, o mestre do Cairo lhe dirige uma carta de verdadeiro desafio onde, ocultando soberanamente seu conflito com Nureddin, se apresenta sem hesitar como o continuador da obra de seu senhorio e o fiel guardião de sua herança.

> "Se nosso lastimado rei", escreve, "tivesse escolhido entre vós um homem tão digno de confiança quanto eu, não seria a ele que teria atribuído o Egito, que é a mais importante de suas províncias? Estais convencidos disso, se Nureddin não tivesse morrido tão cedo, teria sido a mim que ele teria encarregado da educação de seu filho e de velar sobre ele. Ora, estou vendo que vos comportais como se fôsseis os únicos a servir a meu mestre e ao filho dele, e que tentais excluir-me. Mas logo voltarei. Vou realizar, para honrar a memória de meu mestre, atos que deixarão rastos, e cada um de vós será punido por seu mau comportamento".

Dificilmente se reconhece aqui o homem circunspecto dos anos precedentes, como se o desaparecimento do mestre tivesse liberado nele uma agressividade contida por muito tempo. É verdade que as circunstâncias são excepcionais, pois essa mensagem tem uma função precisa: é a declaração de guerra pela qual Saladino começa a conquista da Síria muçulmana. Quando envia sua mensagem, em outubro de 1174, o mestre do Cairo já está a caminho de Damasco à frente de 700 cavaleiros. É pouco para sitiar a metrópole síria, mas Yussef soube calcular suas dificuldades. Temerosos com o tom não habitualmente violento de sua missiva, as-Saleh e seus colaboradores preferiram retirar-se para Alepo. Atravessando sem embaraço o território dos *franj*, servindo-se do que se pode chamar de agora em diante a "pista Chirkuh", Saladino chega no final de outubro diante de Damasco, onde homens ligados à sua família se apressam em abrir as portas para acolhê-lo.

Encorajado por essa vitória conseguida sem nenhuma estocada, ele continua em seu impulso. Deixando a guarnição de Damasco sob as ordens de um de seus irmãos, dirige-se à Síria central, onde se apodera de Homs e de Hama. Durante essa campanha-relâmpago, nos conta Ibn al-Athir, "Saladino pretendia agir em nome do rei as-Saleh, filho de Nureddin. Ele dizia que seu objetivo era defender o país contra os *franj*". Fiel à dinastia de Zinki, o historiador de Mossul se mostra um tanto desconfiado em relação a Saladino, a quem acusa de falsidade. Ele não deixa de ter uma certa razão. Yussef se apresenta, na realidade, como o protetor de as-Saleh. "De qualquer maneira", diz, "esse adolescente não pode governar sozinho. Falta-lhe um tutor, um regente, e ninguém melhor do que eu para exercer esse papel". Yussef envia cartas e mais cartas a as-Saleh para assegurá-lo de sua fi-

delidade, manda orar por ele nas mesquitas do Cairo e de Damasco, cunha moedas com o seu nome.

O jovem monarca permanece totalmente insensível a esses gestos. Quando Saladino vem sitiar a própria Alepo, em dezembro de 1174, "para proteger o rei as-Saleh da influência nefasta de seus conselheiros", o filho de Nureddin reúne as pessoas da cidade e lhes faz um discurso comovente: "Olhai este homem injusto e ingrato que quer tomar minha terra sem respeitar a Deus nem aos homens! Sou órfão e conto convosco para me defender em memória de meu pai que tanto vos amou". Profundamente tocados, os alepinos decidem resistir até o fim ao "traidor". Yussef, que procura evitar um confronto direto com as-Saleh, suspende o cerco. Em compensação, decide proclamar-se "rei do Egito e da Síria" para não mais depender de nenhum senhor. Os cronistas irão conferir-lhe, além disso, o título de sultão, mas ele mesmo nunca o ostentará. Saladino por mais de uma vez ainda retornará aos muros de Alepo, mas nunca irá resolver cruzar armas com o filho de Nureddin.

Para tentar acabar de vez com essa ameaça permanente, os conselheiros de as-Saleh decidem recorrer aos serviços dos Assassinos. Entram em contato com Rachideddin Sinan, que promete livrá-los de Yussef. O "velho da montanha" não deseja outra coisa senão liquidar o coveiro da dinastia fatímida. Um primeiro atentado ocorre no início de 1175: Assassinos penetram no acampamento de Saladino, chegam à sua tenda, onde o emir os reconhece e lhes barra a entrada. Ele fica gravemente ferido, mas o alerta está dado. Os guardas acorrem e, após um combate encarniçado, os *batinis* são massacrados. Não passa de um projeto adiado. A 22 de maio de 1176, quando Saladino está novamente em campanha na região de Alepo, um Assassino invade sua tenda e lhe vibra uma punhalada na cabeça. Felizmente, o sultão, que estava de sobreaviso desde o último atentado, teve a precaução de trazer uma touca de malhas debaixo de seu barrete turco. O matador então se atira sobre o pescoço da vítima. Mas ainda ali a lâmina é detida. Saladino traz uma longa túnica de tecido espesso cuja gola é reforçada por malhas. Um dos emires do exército chega então, agarra o punhal com uma mão e com a outra castiga o *batini*, que cai. Mal Saladino consegue levantar-se, um segundo matador salta sobre ele, depois um terceiro. Mas os guardas já estão lá e os assaltantes são massacrados. Yussef sai da tenda desvairado, titubeante, aturdido por estar ainda incólume.

Após ter voltado a si, decide atacar os Assassinos em seu covil, na Síria central, onde Sinan controla uma dezena de fortalezas. É a mais temível dentre elas, Massiaf, aloja-se no cimo de um monte escarpado que Saladino vem sitiar. Mas o que se passa nesse mês de agosto de 1176 no país dos

Assassinos sem dúvida permanecerá um mistério para sempre. Uma primeira versão, a de Ibn al-Athir, diz que Sinan teria enviado uma carta ao tio de Saladino, jurando mandar matar todos os membros da família reinante. Vindo da parte da seita, sobretudo após duas tentativas de assassinato dirigidas contra o sultão, essa ameaça não podia ser tomada descuidadamente. O cerco de Massiaf teria sido suspenso.

Mas uma segunda versão dos acontecimentos vem dos próprios Assassinos. Ela é relatada num dos raros escritos que sobreviveram à seita, uma narrativa assinada por um de seus adeptos, um certo Abu-Firas. Segundo ele, Sinan, que estava ausente de Massiaf quando a fortaleza foi sitiada, teria vindo postar-se com dois companheiros numa colina vizinha para observar o desenrolar das operações, e Saladino teria então ordenado a seus homens para ir capturá-lo. Uma tropa importante teria cercado Sinan, mas, quando os soldados haviam tentado aproximar-se dele, seus membros teriam ficado paralisados por uma força misteriosa. Diz-se que o "velho da montanha" então lhes pediu para advertir o sultão de que ele desejava encontrá-lo pessoalmente e em particular, que, aterrorizados, eles correram para contar a seu mestre o que acabava de acontecer, e que Saladino, não prevendo nada de bom, mandou espalhar cal e cinza em volta de sua tenda para detectar qualquer sinal de passos, e ao cair do dia colocou guardas munidos de archotes para protegê-lo. De repente, em plena noite, ele acordou sobressaltado, notou no espaço de um instante uma figura desconhecida que deslizava para fora de sua tenda e na qual acreditou reconhecer Sinan em pessoa. O misterioso visitante tinha deixado sobre o leito um bolo envenenado com um papel onde Saladino pôde ler: *Estás em nosso poder.* Então Saladino teria deixado escapar um grito, e seus guardas acorrido, jurando não terem visto nada. No dia seguinte, Saladino apressou-se em suspender o cerco e retornou a toda velocidade a Damasco.

Essa narrativa é sem dúvida bastante romanceada, mas é fato que Saladino decidiu de repete modificar toda a sua política em relação aos Assassinos. Apesar de sua aversão por qualquer espécie de heréticos, ele jamais tentará ameaçar o território dos *batinis*. Muito pelo contrário, doravante irá procurar aliá-los a si, privando seus inimigos, tanto os muçulmanos quanto os *franj*, de um precioso auxiliar. Pois, na batalha pelo controle da Síria, o sultão está decidido a colocar todos os trunfos a seu favor. É verdade que ele foi virtualmente um ganhador desde que se apoderou de Damasco, mas o conflito se eterniza. Essas campanhas que é preciso conduzir contra os Estados francos, contra Alepo, contra Mossul, também dirigidas por um descendente de Zinki, e contra diversos outros príncipes de Jézira e da Ásia Menor

são exaustivas, visto que ele deve ir regularmente ao Cairo para desencorajar intrigantes e conspiradores.

A situação começa a se decantar no final do ano de 1181, quando as-Saleh morre subitamente, provavelmente envenenado, com a idade de dezoito anos. Ibn al-Athir conta seus últimos momentos com emoção:

> "Quando seu estado piorou, os médicos lhe aconselharam tomar um pouco de vinho. Ele lhes disse: 'Não o farei antes de ter a opinião de um doutor da escritura sagrada'. Um dos principais ulemás veio à cabeceira de sua cama e lhe explicou que a religião autorizava o emprego do vinho como medicamento. As-Saleh perguntou: 'E vós pensais verdadeiramente que se Deus decidiu pôr fim à minha vida ele poderia mudar de opinião ao ver-me beber vinho?'. O religioso foi obrigado a dizer não. 'Então', concluiu o moribundo, 'não quero encontrar meu criador tendo no estômago um alimento proibido'".

Um ano mais tarde, a 18 de junho de 1183, Saladino faz sua entrada solene em Alepo. Doravante, a Síria e o Egito serão apenas um, não nominalmente, como no tempo de Nureddin, mas em essência, sob a autoridade incontestável do soberano aiúbida. Curiosamente, a emergência desse poderoso Estado árabe, que os estreita cada dia mais, não leva os *franj* a dar provas de maior solidariedade. Muito pelo contrário. Enquanto o rei de Jerusalém, horrivelmente mutilado pela lepra, se dissipa na impotência, dois clãs rivais disputam o poder. O primeiro, favorável a um acordo com Saladino, é dirigido por Raymond, conde de Trípoli. O segundo, extremista, tem por porta-voz Renaud de Châtillon, ex-príncipe de Antioquia.

Muito moreno, com o nariz aquilino, falando correntemente o árabe, leitor atento dos textos islâmicos, Raymond teria passado por um emir sírio como os outros se seu porte alto não traísse sua origem ocidental.

> "Não havia", conta-nos Ibn al-Athir, "entre os *franj* dessa época nenhum homem mais corajoso nem mais sábio do que o senhor de Trípoli, Raymond Ibn Raymond as-Sanjili, descendente de Saint-Gilles. Mas era muito ambicioso e desejava ardentemente tornar-se rei. Durante algum tempo garantiu a regência, mas logo foi afastado. Isto lhe gerou tanto rancor que escreveu a Salaheddin, pôs-se a seu lado e lhe pediu que o ajudasse a se tornar rei dos *franj*. Salaheddin se deleitou com isso e se apressou em libertar um certo número de cavaleiros de Trípoli que eram prisioneiros dos muçulmanos".

Saladino está atento a essas discórdias. Quando a corrente "oriental" dirigida por Raymond parece triunfar em Jerusalém, ele se torna conciliador.

Em 1184, Baudoin IV entrou na fase terminal da lepra que o acometia. Seus pés e pernas estão flácidos e seus olhos apagados. Mas não lhe faltam coragem nem bom senso e confiança no conde de Trípoli, que se esforça para estabelecer relações de boa vizinhança com Saladino. O viajante andaluz Ibn Jobair, que visita Damasco naquele ano, se mostra surpreendido ao ver que, apesar da guerra, as caravanas vão e vêm desembaraçadamente do Cairo a Damasco através do território dos *franj*. "Os cristãos", constata, "fazem os muçulmanos pagar uma taxa que é aplicada sem abusos. Os comerciantes cristãos, por sua vez, pagam direitos sobre suas mercadorias quando atravessam o território dos muçulmanos. O entendimento entre eles é perfeito e a eqüidade é respeitada. Os guerreiros se ocupam com a guerra, mas o povo permanece em paz".

Saladino, longe de querer pôr fim a essa coexistência, se mostra disposto a ir mais longe no caminho da paz. Em março de 1185, com efeito, o rei leproso morre aos 24 anos, deixando o trono a seu sobrinho, Baudoin V, uma criança de seis anos, e a regência ao conde de Trípoli, que, sabendo que necessita de tempo para consolidar seu poder, se apressa em enviar emissários a Damasco para pedir uma trégua. Saladino, que tem todos os meios para determinar um combate decisivo com os ocidentais, prova, aceitando concluir uma trégua de quatro anos, que não está procurando um confronto a qualquer preço.

Mas quando o menino-rei morre um ano mais tarde, em agosto de 1186, a função de regente é posta em causa. "A mãe do pequeno monarca", explica Ibn al-Athir, "estava apaixonada por um *franj* recém-chegado do Ocidente, um certo Guy. Ela o esposara e, com a morte da criança, colocou a coroa na cabeça do marido, mandou vir o patriarca, os padres, os monges, os hospitalários, os templários, os barões, anunciou-lhes que havia transmitido o poder a Guy e fez com que eles lhe jurassem obediência. Raymond recusou e preferiu entender-se com Saladino. Este Guy é o rei Guy de Lusignam, um homem perfeitamente apagado, desprovido de qualquer competência política e bélica, sempre pronto a se submeter à opinião de seu último interlocutor. Ele não passa de um fantoche nas mãos dos "falcões", cujo chefe de fila é o "brins Arnat", Renaud de Châtillon.

Após sua aventura cipriota e suas exações na Síria do Norte, esse último passou quinze anos nas prisões de Alepo antes de ser resgatado em 1175 pelo filho de Nureddin. Seu cativeiro só serviu para agravar seus defeitos. Mais fanático, mais ávido, mais sanguinário do que nunca, Arnat suscitará para si mais ódio entre os árabes e os *franj* do que decênios de guerras e massacres. Após sua libertação, não conseguiu retomar Antioquia, onde reina seu genro Bohémond III. Ele se instalou então no reino de Jerusalém, on-

de se apressou em esposar uma jovem viúva que lhe trouxe como dote os territórios situados a leste do Jordão, particularmente as poderosas fortalezas de Kerak e de Chawbak. Aliado dos templários e dos nobres cavaleiros recém-chegados, exerce sobre a corte de Jerusalém uma influência crescente que apenas Raymond consegue, durante certo tempo, contrabalançar. A política que ele procura impor é a da primeira invasão franca: bater-se sem parar contra os árabes, pilhar e massacrar sem deferência, conquistar novos territórios. Para ele, qualquer conciliação, qualquer compromisso não passa de uma traição. Não se sente preso por nenhuma trégua, por nenhuma palavra dada. Aliás, de que vale um juramento prestado a infiéis?, retruca cinicamente.

Em 1180, um acordo havia sido assinado entre Damasco e Jerusalém garantindo a livre circulação dos bens e dos homens na região. Poucos meses mais tarde, uma caravana de ricos comerciantes árabes que atravessava o deserto da Síria em direção a Meca foi atacada por Renaud, que se apropriou da mercadoria. Saladino queixou-se disso a Baudoin IV, mas este não ousou ser severo com seu protegido. No outono de 1182, foi mais grave: Arnat decidiu ir fazer uma razia na própria Meca. Tendo embarcado em Eilat, então pequeno porto de pesca árabe situado no golfo de Aqaba, e tendo deixado guiar-se por alguns piratas do mar Vermelho, a expedição, descendo ao longo da costa, se aproximara de Yanboh, porto de Medina, depois de Rabigh, próximo de Meca. A caminho, os homens de Renaud afundaram um barco de peregrinos muçulmanos que se dirigia a Jeddah. "Todos foram tomados de surpresa", explica Ibn al-Athir, "pois as pessoas dessas regiões não tinham conhecido tipo nenhum de *franj*, nem comerciante nem guerreiro". Eufóricos com esse sucesso, os assaltantes gastaram seu tempo enchendo seus barcos com o saque. Enquanto o próprio Renaud navegava contra a corrente em direção às suas terras, seus homens passavam longos meses sulcando o mar Vermelho. O irmão de Saladino, al-Adel, que governava o Egito em sua ausência, armou uma frota e a lançou em perseguição dos saqueadores, que foram esmagados. Alguns deles foram conduzidos a Meca para serem decapitados em público, "castigo exemplar", conclui o historiador de Mossul, "para aqueles que procuraram violar os lugares santos". As notícias dessa louca aventura percorreram o mundo muçulmano, onde Arnat simbolizará daí em diante o que há de mais hediondo no inimigo franco.

Saladino havia respondido lançando vários ataques contra o território de Raymond. Mas, apesar de seu furor, o sultão sabia permanecer magnânimo. Em novembro de 1183, por exemplo, quando ele havia instalado catapultas em volta da cidadela de Kerak e começado a bombardeá-la com pe-

dras, os defensores lhe mandaram dizer que nesse mesmo momento, no interior, estavam sendo celebradas núpcias principescas. Mesmo sendo a noiva enteada de Renaud, Saladino pediu aos sitiados que lhe indicassem o pavilhão onde os recém-casados iriam se encontrar, e ordenou a seus homens que poupassem esse setor.

Tais gestos, contudo, nada representam para Arnat. Neutralizado momentaneamente pelo prudente Raymond, ele pode, com o advento do rei Guy, em setembro de 1186, ditar de novo sua lei. Poucas semanas mais tarde, ignorando a trégua que devia prolongar-se ainda por mais dois anos e meio, o príncipe se arremessa, como uma ave de rapina, sobre uma importante caravana de peregrinos e mercadores árabes que seguiam tranqüilamente o caminho de Meca. Massacra os homens armados, levando os outros em cativeiro a Kerak. Quando alguns deles ousam lembrar a Renaud a existência da trégua, ele responde num tom de desprezo: "Que vosso Maomé venha, pois, libertar-vos!". Quando contarem a Saladino estas palavras, algumas semanas mais tarde, este jurará matar Arnat com as próprias mãos.

Mas, nesse instante, o sultão se esforça para contemporizar. Envia emissários a Renaud para pedir, conforme os acordos, a libertação dos cativos e a restituição de seus bens. Contudo o príncipe, recusando recebê-los, faz com que estes rumem, sem alternativa, a Jerusalém, onde o rei Guy, que se diz chocado com as atitudes de seu protegido, os recebe, mas não ousa entrar em conflito com ele. Os embaixadores insistem: os reféns do príncipe Arnat continuariam a se aviltar nas masmorras de Kerak a despeito de todos os acordos e de todos os juramentos? O incapaz Guy lava as mãos.

A trégua está rompida. Saladino, que a teria respeitado até o fim, não se inquieta de modo algum com a volta das hostilidades. Despachando mensagens aos emires do Egito, da Síria, da Jézira e de outras regiões, para lhes anunciar que os *franj* achincalharam traiçoeiramente seus compromissos, ele chama aliados e vassalos para se unirem com todas as forças de que dispõem para tomar parte no *jihad* contra o ocupante. De todas as regiões do Islã, milhares de cavaleiros e de infantes afluem a Damasco. A cidade se assemelha a um barco encalhado num mar de velas ondulantes, pequenas tendas de pele de camelo, onde soldados se abrigam do sol e da chuva, ou vastos pavilhões principescos de tecidos ricamente coloridos, ornados com versículos do Alcorão ou de poemas caligrafados.

Enquanto a mobilização prossegue, os *franj* se afundam em querelas internas. O rei Guy julga o momento propício para se desembaraçar de seu rival Raymond, a quem acusa de complacência para com os muçulmanos, e o exército de Jerusalém se prepara para atacar Tiberíades, uma pequena cidade da Galiléia que pertence à mulher do conde de Trípoli. Alertado, este

vai encontrar Saladino para lhe propor uma aliança, logo aceita pelo sultão, que envia um destacamento de suas tropas a fim de reforçar a guarnição de Tiberíades. O exército de Jerusalém recua.

A 30 de abril de 1187, quando os combatentes árabes, turcos e curdos continuam a afluir a Damasco em ondas sucessivas, Saladino envia a Tiberíades um mensageiro para pedir a Raymond, conforme sua aliança, que mande seus batedores dar uma volta de reconhecimento do lado do lago da Galiléia. O conde sente-se acuado, mas não pode recusar. Sua única exigência é que os soldados muçulmanos deixem seu território antes do anoitecer e que prometam não atacar nem as pessoas nem os bens de seus súditos. Para evitar qualquer incidente, ele previne todas as localidades vizinhas da passagem das tropas muçulmanas e pede aos habitantes para que estes não saiam de casa.

No dia seguinte, sexta-feira 1.° de maio, ao amanhecer, sete mil cavaleiros comandados por um preposto de Saladino passam sob os muros de Tiberíades. Na mesma noite, quando percorrem esse mesmo caminho no sentido inverso, tinham respeitado ao pé da letra as exigências do conde, não molestaram aldeias nem castelos, não saquearam nem ouro nem gado, e entretanto não puderam evitar um incidente. Com efeito, os grão-mestres dos templários e dos hospitalários se encontravam, por acaso, numa fortaleza da redondeza, quando na véspera um mensageiro de Raymond veio anunciar a vinda do destacamento muçulmano. O sangue dos monges-soldados esquentou. Para eles, não existe pacto com os sarracenos! Juntando às pressas algumas centenas de cavaleiros e de infantes, decidiram atacar os soldados muçulmanos, perto da aldeia de Saffuriya, ao norte de Nazaré. Em poucos minutos, os *franj* foram dizimados. Só o grão-mestre dos templários conseguiu escapar.

> "Amedrontados com essa derrota", relata Ibn al-Athir, "os *franj* enviaram a Raymond seu patriarca, seus padres e monges, além de um grande número de cavaleiros, e o censuraram amargamente por causa de sua aliança com Saladino. Disseram-lhe: 'Você certamente se converteu ao islamismo, senão não poderia ter suportado o que acabou de acontecer. Não teria permitido que os muçulmanos passassem através de seu território, que massacrassem os templários e hospitalários e que se retirassem levando prisioneiros sem que você tentasse se opor a isso'. Os próprios soldados do conde, os de Trípoli e os de Tiberíades lhe fizeram as mesmas censuras, e o patriarca ameaçou excomungá-lo e anular seu casamento. Submetido a essas pressões, Raymond sentiu medo. Desculpou-se e se arrependeu. Eles o perdoaram, reconciliaram-se com ele e lhe pediram que colocasse suas tropas à disposição do rei e que participasse do combate contra os muçulmanos. O conde, então, partiu com eles.

Os *franj* reuniram suas tropas, cavaleiros e infantes, próximo a Acre, depois marcharam, arrastando o passo, em direção à aldeia de Saffuriya".

No acampamento muçulmano, a derrocada dessas ordens religiosas militares, unanimemente temidas e detestadas, dá um antegozo de vitória. De agora em diante, emires e soldados têm pressa de cruzar armas com os *franj*. Em junho, Saladino reúne todas as suas tropas a meio-caminho de Damasco e de Tiberíades: doze mil cavaleiros, sem contar infantes e voluntários, desfilam diante dele. Do alto de seu cavalo, o sultão urrou a ordem do dia, logo repetida em eco por milhares de vozes inflamadas: "Vitória sobre o inimigo de Deus!".

Junto ao estado-maior, Saladino analisou calmamente a situação: "A ocasião que se oferece a nós, sem dúvida alguma nunca mais se repetirá. A meu ver, o exército muçulmano deve enfrentar todos os infiéis numa batalha campal. É preciso se lançar resolutamente ao *jihad* antes que nossas tropas se dispersem". O que o sultão quer evitar é que, a estação dos combates terminando no outono, seus submissos e seus aliados voltem para casa com suas tropas antes que ele tenha podido obter a vitória decisiva. Mas os *franj* são guerreiros de extrema prudência. Vendo as forças muçulmanas assim reagrupadas, não irão evitar o combate?

Saladino decide preparar-lhes uma armadilha, pedindo a Deus que eles nela caiam. Dirige-se a Tiberíades, ocupa a cidade num só dia, ordena numerosos incêndios e sitia a cidadela, ocupada pela condessa, esposa de Raymond, e um punhado de defensores. O exército muçulmano é perfeitamente capaz de esmagar sua resistência, mas o sultão retém seus homens. É preciso acentuar lentamente a pressão, fingir preparar o assalto final, e esperar as reações.

"Quando os *franj* souberam que Saladino tinha ocupado e incendiado Tiberíades" narra Ibn al-Athir, "se reuniram em conselho. Alguns propuseram marchar contra os muçulmanos para combatê-los e impedi-los de se apoderar da cidade. Mas Raymond interveio: 'Tiberíades me pertence', disse-lhes ele, 'e nela minha própria mulher está sitiada. Mas estou pronto a aceitar que a cidadela seja tomada e que a minha esposa seja capturada se a ofensiva de Saladino parar por aí. Pois, por Deus, vi muitos exércitos muçulmanos no passado e nenhum era tão numeroso nem tão potente quanto este de que Saladino hoje dispõe. Evitemos, pois, medirmo-nos com ele. Poderemos ainda retomar Tiberíades mais tarde e pagar um resgate para libertar os nossos'. Mas o príncipe Arnat, senhor de Kerak, retrucou: 'Você procura nos pôr medo descrevendo a força dos muçulmanos, porque você os ama e prefere a sua amizade, caso contrário não diria tais palavras. E se você me disser que são numero-

sos, responderei: o fogo não se deixa impressionar pela quantidade de madeira a ser queimada'. O conde então disse: 'Sou um dos vossos, farei como quiserdes, lutarei do vosso lado, mas vereis o que irá acontecer''.

Uma vez mais, a voz da razão dos extremistas tinha triunfado entre os ocidentais.

Doravante, tudo está pronto para a batalha. O exército de Saladino desdobrou-se numa planície fértil, coberta de árvores frutíferas. Atrás, estende-se a água doce do lago de Tiberíades, que atravessa o Jordão, enquanto mais longe, em direção ao nordeste, destaca-se a silhueta majestosa dos montes Golan. Próximo ao campo muçulmano, eleva-se uma colina dominada por dois cumes, que se chama ''chifres de Hittin'', o mesmo nome da aldeia que se encontra em seu flanco.

A 3 de julho, o exército franco, com mais ou menos doze mil homens, se põe em movimento. O caminho que deve percorrer entre Saffuriya e Tiberíades não é longo, no máximo quatro horas de marcha em tempo normal. No verão, todavia, esse espaço de terra palestina se apresenta completamente árido. Não há fonte nem poços, e os cursos de água estão secos. Mas deixando Saffuriya bem cedinho, os *franj* pensam em matar a sede às margens do lago à tarde. Saladino preparou a armadilha minuciosamente. Durante todo o dia seus cavaleiros atormentam o inimigo, atacando-o tanto pela frente, por trás, quanto pelos costados, dirigindo-lhes sem parar nuvens de flechas. Infligem assim aos ocidentais algumas perdas e, sobretudo, forçam-nos a moderar o passo.

Pouco antes do cair do dia, os *franj* atingiram um promontório do alto do qual podem dominar toda a paisagem. A seus pés, estende-se a aldeiazinha de Hittin, com poucas casas de cor amarronzada, enquanto, ao fundo do vale, cintilam as águas do lago de Tiberíades. E mais próximo, na planície verdejante que se estende ao longo da margem, o exército de Saladino. Para beber é preciso pedir a autorização do sultão!

Saladino sorri. Sabe que os *franj* estão esgotados, sedentos, que não têm mais força nem tempo, antes de anoitecer, de abrir caminho até o lago, condenados a ficar até a manhã seguinte sem uma gota d'água. Poderão realmente bater-se nessas condições? Naquela noite, Saladino partilhou seu tempo entre a prece e as reuniões do estado-maior. Encarregando vários de seus emires para que estes se dirijam à retaguarda do inimigo a fim de lhes impedir a retirada, ele se assegura de que cada um tomou sua posição e repete suas instruções.

No dia seguinte, 4 de julho de 1187, desde os primeiros raios do amanhecer, os *franj*, totalmente cercados, aturdidos pela sede, tentam desespera-

damente descer a colina e atingir o lago. Seus infantes, mais acostumados que seus cavaleiros com a esgotante caminhada da véspera, correm às cegas, levando machados e munição como um fardo, e vêm esmagar-se, onda após onda, num sólido muro de sabres e de lanças. Os sobreviventes retrocedem desordenadamente em direção à colina, onde se misturam aos cavaleiros, doravante seguros de sua derrota. Nenhuma linha de defesa pode resistir. E entretanto continuam lutando com a coragem do desespero. Raymond, à frente de um punhado de seus homens, tenta abrir passagem através das linhas muçulmanas. Os comandantes de Saladino, que o reconheceram, lhe permitem escapar. Ele prosseguirá sua cavalgada até Trípoli.

> "Após a partida do conde, os *franj* estavam quase capitulando", conta Ibn al-Athir. "Os muçulmanos tinham colocado fogo na relva, e o vento soprava a fumaça nos olhos dos cavaleiros. Acometidos pela sede, pelas chamas, pela fumaça, pelo calor do verão e pelo fogo do combate, os *franj* não agüentavam mais. Mas disseram a si mesmos que só poderiam escapar da morte enfrentando-a. Lançaram então ataques tão fortes que os muçulmanos quase cederam. Entretanto, a cada assalto, os *franj* sofriam perdas e seu número diminuía. Os muçulmanos se apoderaram da verdadeira cruz. Foi, para os *franj*, a mais grave das perdas, pois, segundo eles contam, foi nela que o Messias (a paz esteja com ele) teria sido crucificado."

Segundo o Islã, somente em aparência é que o Cristo foi crucificado, pois Deus amava demais o filho de Maria para permitir que um sacrifício tão odioso lhe fosse infligido.

A despeito desta perda, os últimos sobreviventes *franj*, perto de 150 de seus melhores cavaleiros, continuaram a resistir valentemente, entrincheirando-se num terreno elevado, acima da aldeia de Hittin, para levantar suas tendas e organizar a defesa. Mas os muçulmanos os perseguem por toda parte e somente a tenda do rei permanece de pé. A seqüência é contada pelo próprio filho de Saladino, al-Malik al-Afdal, que tem então 17 anos.

> "Eu estava", diz ele, "ao lado de meu pai na batalha de Hittin, a primeira à qual assisti. Quando o rei dos *franj* se viu na colina, dirigiu com os seus um bravo ataque que fez recuar nossas próprias tropas até o lugar onde meu pai se encontrava. Então eu o olhei. Estava triste, irritado, e emaranhava nervosamente a barba. Avançou gritando: 'Satã não deve ganhar!'. Os muçulmanos partiram novamente ao assalto da colina. Quando vi os *franj* recuarem sob a pressão de nossas tropas, urrei de alegria: 'Nós o vencemos!'. Mas os *franj* atacaram cada vez mais, e os nossos se encontraram de novo junto a meu pai. Ainda desta vez ele os impeliu ao assalto, e eles forçaram o inimigo a se retirar em direção à colina. Urrei novamente: 'Nós os vencemos!'. En-

tão meu pai se voltou para mim e me disse: 'Cala-te! Nós só o teremos esmagado quando aquela tenda lá em cima estiver tombada!'. Antes que ele tivesse podido terminar a frase, a tenda do rei desabou. O sultão então desceu do cavalo, prosternou-se e agradeceu a Deus chorando de alegria''.

É por entre gritos de alegria que Saladino se levanta, retoma sua montaria e se dirige à tenda. Conduziram até ele os reféns, notadamente o rei Guy e o príncipe Arnat. O escritor Imadeddin al-Asfahami, conselheiro do sultão, assiste à cena.

''Salaheddin'', conta ele, ''convidou o rei a se sentar perto dele, e quando Arnat entrou, por sua vez, ele o instalou perto de seu rei e o lembrou de seus delitos: 'Quantas vezes juraste depois violaste teus juramentos, quantas vezes assinaste acordos que não respeitaste!'. Arnat respondeu através do intérprete: 'Todos os reis sempre se comportaram assim. Nada fiz além disso'. Nesse entrementes, Guy arquejava de sede, meneava a cabeça como se estivesse bêbado, e seu rosto traía um grande medo. Salaheddin dirigiu-lhe palavras tranqüilizadoras e mandou buscar água fria para oferecer-lhe. O rei bebeu, dando o resto a Arnat, que por sua vez saciou sua sede. O sultão disse então a Guy: 'Não pediste minha permissão antes de lhe dares de beber. Isso, pois, não me obriga a conceder-lhe graça'''.

Segundo a tradição árabe, um prisioneiro a quem se oferece de beber ou de comer deve ter a vida salva, um compromisso que Saladino evidentemente não assumiria em favor do homem que ele jurou matar com as próprias mãos. Imadeddin prossegue:

''Depois de ter pronunciado essas palavras, o sultão saiu, montou a cavalo, depois se afastou, deixando os cativos expostos ao terror. Passou em revista as tropas que retornavam, depois voltou a sua tenda. Ali, mandou buscar Arnat, avançou até ele e o feriu entre o pescoço e a omoplata. Quando Arnat caiu no chão, cortaram-lhe a cabeça, depois arrastaram seu corpo pelos pés diante do rei, que começou a tremer. Vendo-o assim atormentado, o sultão lhe disse num tom tranqüilizador: 'Este homem foi morto em razão de sua maleficência e de sua perfídia!'''.

De fato, o rei e a maior parte dos prisioneiros seriam poupados, mas os templários e os hospitalários sofrerão a sorte de Renaud de Châtillon.

Saladino não esperou o fim desse memorável dia para reunir seus principais emires e para os felicitar pela vitória, que, segundo ele, restabeleceu a honra por muito tempo injuriada pelos invasores. Doravante, pensa ele, os *franj* não têm mais exército, e é preciso aproveitar isso imediatamente pa-

ra recuperar as terras que eles ocuparam injustamente. Na manhã seguinte, um domingo, ele ataca a cidadela de Tiberíades, onde a esposa de Raymond sabe que não adianta mais resistir. Ela confia em Saladino, que concorda em deixar os defensores partir com todos os seus bens sem que ninguém os incomode.

Na terça-feira seguinte, o exército vitorioso marcha sobre o porto de Acre, que capitula sem resistência. A cidade adquiriu, nos últimos anos, uma importância econômica considerável, já que é através dela que se realiza todo o comércio com o Ocidente. O sultão tenta fazer com que os numerosos mercadores italianos permaneçam lá, prometendo-lhes oferecer-lhes toda a proteção necessária. Mas estes preferem partir em direção ao porto vizinho de Tiro. Lamentando, ele não se opõe a isso. Até mesmo os autoriza a transportar todas as suas riquezas e lhes oferece uma escolta para protegê-los dos assaltantes.

Julgando inútil se deslocar à frente de um exército tão poderoso, o sultão encarrega seus emires de reduzirem as diversas praças-fortes da Palestina. Um a um, os estabelecimentos francos da Galiléia e da Samaria se rendem, em poucas horas ou em poucos dias. É particularmente o caso de Naplusa, de Haifa e de Nazaré, cujos habitantes se dirigem a Tiro ou a Jerusalém. A única rusga séria aconteceu em Jafa, onde um exército vindo do Egito, sob o comando de al-Adel, irmão de Saladino, encontra uma brava resistência. Quando consegue levar a situação de vencida, al-Adel reduz o conjunto da população à escravidão. Ibn al-Athir conta que ele próprio comprou, num mercado de Alepo, uma jovem cativa franca vinda de Jafa.

> "Ela tinha um filho de um ano. Um dia, enquanto ela o carregava em seus braços, o menino caiu e arranhou o rosto. Ela se pôs a soluçar. Procurei consolá-la dizendo-lhe que o ferimento não era grave e que não era preciso chorar assim por tão pouca coisa. Ela então me respondeu: 'Não é por isso que choro, mas por causa da infelicidade que se abateu sobre nós. Tinha seis irmãos e todos pereceram; no que diz respeito a meu marido e às minhas irmãs, não sei o que lhes aconteceu'. De todos os *franj* do litoral", precisa o historiador árabe, "somente os habitantes de Jafa se submeteram a tal sorte".

De fato, em todos os outros lugares, a reconquista se fez cautelosamente. Após sua curta estada em Acre, Saladino se dirige ao norte. Passa diante de Tiro, mas decidindo não demorar aos pés da poderosa muralha da cidade, empreende uma marcha triunfal ao longo da costa. A 29 de julho, após 77 anos de ocupação, Saida capitula sem disparar um só tiro, seguida, com poucos dias de intervalo, por Beirute e Jbail. Todas as tropas muçulma-

nas doravante estão próximas do condado de Trípoli, mas Saladino, que acredita não ter mais nada a temer nessa região, retorna ao sul, para se deter novamente diante de Tiro, perguntando-se se não deveria sitiá-la.

> "Após alguma hesitação", conta Bahaeddin, "o sultão renuncia a isso. Suas tropas estavam dispersas um pouco por toda parte, seus homens mostravam sinais de cansaço com a longa campanha, e Tiro estava muito bem defendida, pois todos os *franj* do litoral ali estavam agora reunidos. Ele preferiu, pois, atacar Ascalon, que era mais fácil de ser tomada".

Um dia virá em que Saladino irá arrepender-se dessa decisão. Mas, no momento, a marcha triunfal prossegue. A 4 de setembro, Ascalon capitula, depois Gaza, que pertence aos templários. Nesse mesmo instante, Saladino despacha alguns emirés de seu exército para a região de Jerusalém, onde eles se apoderam de várias localidades, entre elas Belém. O sultão doravante só tem um desejo: coroar sua campanha vitoriosa, assim como sua carreira, com a reconquista da Cidade Santa.

Poderá ele, à semelhança do califa Omar, entrar nesse local venerado sem destruição ou derramamento de sangue? Aos habitantes de Jerusalém, envia uma mensagem convidando-os a estabelecer negociações sobre o futuro da cidade. Uma delegação de notáveis vem encontrá-lo em Ascalon. A proposta do vencedor é razoável: entregam-lhe a cidade sem combate, os habitantes que o desejarem poderão partir levando todos os seus bens, os locais de culto cristãos serão respeitados e aqueles que, no futuro, quiserem vir em peregrinação não serão incomodados. Mas, para grande surpresa do sultão, os *franj* respondem com tanta arrogância como no tempo em que eram poderosos. Entregar Jerusalém, a cidade onde Jesus morreu? Nem discutir! A cidade pertence a eles e eles a defenderão até o fim.

Então, jurando que tomará Jerusalém com a espada, Saladino ordena a suas tropas dispersas nos quatro cantos da Síria que se reagrupem em volta da Cidade Santa. Todos os emires acorrem. Qual muçulmano não desejaria poder dizer ao Criador no dia do Juízo: combati por Jerusalém! Ou melhor ainda: morri como mártir por Jerusalém! Saladino, a quem um astrólogo havia predito um dia que ele perderia um olho se entrasse na Cidade Santa, respondera: "Para dela me apoderar, estou pronto a perder os dois olhos!".

No interior da cidade sitiada, a defesa é assegurada por Balian d'Ibelin, mestre de Ramleh, "um senhor que", segundo Ibn al-Athir, "tinha entre os *franj* uma situação mais ou menos igual à do rei". Ele havia conseguido deixar Hittin pouco antes da derrota dos seus, depois se refugiara em Tiro.

Estando sua mulher em Jerusalém, ele havia, durante o verão, pedido a Saladino autorização para ir procurá-la, prometendo não portar armas e passar uma só noite na Cidade Santa. Chegando ali, suplicaram-lhe todavia que ficasse, pois ninguém melhor do que ele tinha autoridade para dirigir a resistência. Mas Balian, que era homem honrado e não podia aceitar defender Jerusalém e seu povo sem trair seu acordo com o sultão, recorreu ao próprio Saladino para saber o que deveria fazer, e o sultão, magnânimo, o havia desobrigado de seu compromisso. Se o dever lhe impunha ficar na Cidade Santa e empunhar armas, que o fizesse! E já que Balian, ocupado demais em organizar a defesa de Jerusalém, não podia colocar a esposa em abrigo seguro, o sultão lhe havia arranjado uma escolta para conduzi-la a Tiro!

Saladino nada recusava para um homem honrado, fosse ele o mais valente de seus inimigos. Verdade que nesse caso o risco é mínimo. A propósito de sua bravura, Balian não pode inquietar seriamente o exército muçulmano. Se as muralhas são sólidas e a população franca profundamente ligada à capital, os efetivos dos defensores limitam-se a um punhado de cavaleiros e a algumas centenas de burgueses sem nenhuma experiência militar. Por outro lado, os cristãos orientais, ortodoxos e jacobitas, que vivem em Jerusalém, são favoráveis a Saladino, sobretudo o clero, que foi constantemente ridicularizado pelos prelados latinos, um dos principais conselheiros do sultão é um padre ortodoxo chamado Yussef Batit. É ele quem se ocupa dos contatos com os *franj*, assim como com as comunidades cristãs orientais. Pouco antes do início do cerco, o clero ortodoxo prometeu a Batit abrir as portas da cidade se os ocidentais se obstinassem por muito tempo.

De fato, a resistência dos *franj* será corajosa mas breve, e sem ilusões. O cerco de Jerusalém começa a 20 de setembro. Seis dias mais tarde, Saladino, que instalou seu acampamento no monte das Oliveiras, pede às suas tropas para apertar o cerco com vistas ao assalto final. A 29 de setembro, os sapadores conseguem fazer uma brecha ao norte da muralha, bem próximo ao local onde os ocidentais abriram sua passagem em julho de 1099. Vendo que não adianta mais continuar o combate, Balian pede um salvo-conduto e se apresenta diante do sultão.

Saladino se mostra intratável. Não havia proposto aos habitantes, bem antes da batalha, as melhores condições de capitulação? Agora não há mais tempo para negociações, pois ele jurou que tomaria a cidade pela espada da mesma forma que haviam feito os *franj*! A única maneira de isentá-lo de seu juramento é que Jerusalém abra suas portas e se entregue totalmente a ele, sem condições.

"Balian insiste em obter uma promessa de salvação", relata Ibn al-A-

thir, "mas Saladino nada promete. Tenta enternecê-lo, mas em vão. Então se dirige a ele nestes termos: 'Ó sultão, fica sabendo que existe nessa cidade uma quantidade de pessoas das quais somente Deus sabe o número. Eles hesitam em prosseguir o combate, pois esperam que tu preserves suas vidas como fizeste com muitos outros, porque amam a vida e detestam a morte. Mas se virmos que a morte é inevitável, então, por Deus, mataremos nossos filhos e nossas mulheres, queimaremos tudo que possuímos, não vos deixaremos, como resto, um só dinar, um só dirham, um só homem nem uma só mulher para serem capturados. Em seguida, destruiremos o Rochedo sagrado, a mesquita al-Aqsa e muitos outros lugares, mataremos os cinco mil prisioneiros muçulmanos que detemos, depois exterminaremos todas as montarias e todos os animais. No fim, sairemos, e nos bateremos contra vós como quem se bate pela vida. Nenhum de nós morrerá sem ter matado vários dos vossos'".

Sem se deixar impressionar com as ameaças, Saladino se comove com o fervor de seu interlocutor. Para não se mostrar facilmente enternecido, ele se volta para seus conselheiros e lhes pergunta se, para evitar a destruição dos lugares santos do Islã, não se poderia isentar de seu juramento de tomar a cidade pela espada. A resposta é afirmativa, mas, conhecendo a incorrigível generosidade do mestre, insistem para que este obtenha dos *franj*, antes de os deixar partir, uma recompensa financeira, pois a longa campanha em curso esvaziou totalmente os cofres do Estado. Os infiéis, explicam os conselheiros, são virtualmente prisioneiros. Cada um deverá pagar seu resgate: dez dinares para os homens, cinco para as mulheres e um para as crianças. Balian aceita, mas pleiteia em favor dos pobres que segundo ele não podem pagar tal soma. Não poderiam libertar sete mil deles por trinta mil dinares? Uma vez mais o pedido é aceito, para furor dos tesoureiros. Satisfeito, Balian ordena que seus homens deponham as armas.

E na sexta-feira, 2 de outubro de 1187, o 27 *rajab* do ano 583 da Hégira, no mesmo dia em que os muçulmanos festejam a viagem noturna do Profeta a Jerusalém, Saladino faz sua entrada solene na Cidade Santa. Seus emires e seus soldados recebem ordens rigorosas: nenhum cristão, seja franco ou oriental, deve ser incomodado. De fato, não haverá massacre nem pilhagem. Alguns fanáticos exigiram a destruição da igreja do Santo Sepulcro como forma de represália contra os rigores cometidos pelos *franj*, mas Saladino os coloca em seus devidos lugares. Muito pelo contrário, ele reforça a guarda nos lugares do culto e anuncia que os próprios *franj* poderão vir em peregrinação quando quiserem. Bem entendido, a cruz franca, instalada na cúpula do Rochedo, é recolhida; e a mesquita al-Aqsa, que tinha sido transformada em igreja, se torna um lugar de culto muçulmano, depois que seus muros foram aspergidos com água de rosas.

Biblioteca FIBRA
FACULDADE DE AMAZÔNIA

Enquanto Saladino, cercado por uma multidão de companheiros, passa de um santuário a outro, chorando, orando e se prosternando, a maior parte dos *franj* permaneceu na cidade. Os ricos se preocupam em vender suas casas, seus comércios ou seus móveis antes de se exilarem, sendo os compradores geralmente cristãos ortodoxos ou exaltados que permanecem no local. Outros bens serão vendidos mais tarde às famílias judias que Saladino instalará na Cidade Santa.

Balian se esforça, por sua vez, para reunir o dinheiro necessário para pagar o resgate dos mais pobres. O imposto em si não é muito pesado. Os dos príncipes atingem habitualmente várias dezenas de milhares de dinares, isto é, cem mil ou mais. Mas, para os humildes, uma vintena de dinares representa a renda de um ano ou dois. Milhares de infelizes se reuniram diante das portas da cidade para mendigar algumas moedas. Al-Adel, que não é menos sensível que o irmão, pede a Saladino permissão para libertar sem resgate mil prisioneiros pobres. Sabendo disso, o patriarca franco pede setecentos outros, e Balian quinhentos. Todos são libertados. Depois, por iniciativa própria, o sultão anuncia a todos os idosos a possibilidade de partir sem nada pagar, assim como a libertação dos pais de família aprisionados. Quanto às viúvas e aos órfãos francos, ele não se contenta em isentá-los de qualquer pagamento, lhes oferece presentes antes de os deixar partir.

Os tesoureiros de Saladino ficam desesperados. Se se libertam os menos afortunados sem contrapartida, que aumentem pelo menos o resgate dos ricos! A cólera desses bravos servidores do Estado atinge seu auge quando o patriarca de Jerusalém sai da cidade acompanhado de numerosas carroças cheias de ouro, tapetes e todo tipo de bens mais preciosos. Imadeddin al-Asfahani fica escandalizado, como ele mesmo o conta.

> "Eu disse ao sultão: 'Esse patriarca transporta riquezas que não valem menos de duzentos mil dinares. Nós lhes permitimos carregar os seus bens, mas não os tesouros das igrejas e dos conventos. É preciso não deixá-lo com eles!'. Mas Salaheddin respondeu: 'Devemos aplicar ao pé da letra os acordos que assinamos, assim ninguém poderá acusar os crentes de haverem traído os tratados. Muito pelo contrário, os cristãos evocarão em todos os lugares os benefícios com os quais os satisfazemos'."

De fato, o patriarca pagará dez dinares, como todos os outros, e ainda se beneficiará de uma escolta para poder atingir Tiro sem ser importunado.

Se Saladino conquistou Jerusalém, não foi para acumular ouro, ainda menos para se vingar. Ele procurou, explica, cumprir o seu dever em consi-

deração ao Deus de sua fé. Sua vitória foi ter libertado a Cidade Santa do controle dos invasores, e isto sem derramamento de sangue, sem destruição, sem ódio. Sua felicidade foi poder prosternar-se nesses lugares onde, sem ele, nenhum muçulmano teria podido rezar. Na sexta-feira, 9 de outubro, uma semana após a vitória, uma cerimônia oficial é organizada na mesquita al-Aqsa. Para esta ocasião memorável, numerosos religiosos disputaram a honra de pronunciar o sermão. Finalmente, é o cádi de Damasco Moiheddin Ibn al-Zaki, sucessor de Abu-Saad al-Harawi, que o sultão designa para subir ao púlpito, vestido com uma preciosa roupa negra. Sua voz é clara e poderosa, mas um ligeiro tremor trai sua emoção: "Glória a Deus que gratificou o Islã com esta vitória e que reconduziu esta cidade ao bom caminho após um século de perdição! Honra a este exército que Ele escolheu para consumar a conquista! E saudação a ti, Saladino Yussef, filho de Ayyub, que restituiu a esta nação sua dignidade injuriada!".

Quinta Parte

O *Sursis* (1187-1244)

Quando o mestre do Egito decidiu entregar Jerusalém aos franj, *uma imensa tempestade de indignação sacudiu os países do Islã.*

Sibt Ibn al-Jawzi,
cronista árabe (1186-1256)

11

O encontro impossível

Venerado como um herói no dia seguinte à reconquista de Jerusalém, Saladino não deixa de ser menos criticado. Amigavelmente por seus próximos, cada vez mais severamente por seus adversários.

> "Salaheddin", diz Ibn al-Athir, "nunca mostrava nenhuma firmeza em suas decisões. Quando sitiava uma cidade e os defensores resistiam durante algum tempo, ele se cansava e suspendia o cerco. Ora, um monarca jamais deve agir dessa maneira, mesmo que o destino o favoreça. Muitas vezes é preferível ser malsucedido e permanecer firme do que ter êxito e desperdiçar em seguida os frutos do sucesso. Nada ilustra melhor esta verdade do que o comportamento de Salaheddin em Tiro. Foi unicamente culpa sua se os muçulmanos sofreram um revés nesse lugar".

Se bem que não dê nenhuma prova de uma hostilidade sistemática, o historiador de Mossul, fiel à dinastia de Zinki, sempre mostrou reserva em relação a Saladino. Após Hittin e Jerusalém, Ibn al-Athir se associa à alegria geral do mundo árabe. O que não o impede de salientar, sem nenhuma complacência, os erros do herói. Tratando-se de Tiro, as acusações formuladas pelo historiador são perfeitamente justificadas.

> "Cada vez que ele se apoderava de uma cidade ou de uma fortaleza franca, como Acre, Ascalon, Jerusalém, Salaheddin permitia aos cavaleiros e soldados inimigos se exilar em Tiro, ainda que esta cidade se tivesse tornado prati-

camente invencível. Os *franj* do litoral enviaram mensagens àqueles que estão além dos mares, e estes últimos prometeram vir em seu socorro. Não deveríamos dizer que foi o próprio Salaheddin quem de algum modo organizou a defesa de Tiro contra seu próprio exército?''

Certamente, não cabe censura ao sultão pela magnanimidade com a qual ele tratou os vencidos. Sua repugnância em derramar sangue inutilmente, o estrito respeito por seus compromissos, a comovedora nobreza de cada um de seus gestos têm, aos olhos da História, no mínimo tanto valor quanto suas conquistas. É entretanto incontestável que cometeu um grave equívoco político e tático. Tomando Jerusalém, ele sabe que está desafiando o Ocidente, e que este reagirá. Permitir, nessas condições, a dezenas de milhares de *franj* se restringir a Tiro, a mais poderosa praça-forte do litoral, é oferecer uma cabeça de ponte ideal a uma nova invasão. Sobretudo quando os cavaleiros encontraram, na ausência do rei Guy, ainda cativo, um chefe particularmente tenaz na pessoa daquele que os cronistas árabes chamam ''al-Markieh'', o marquês Conrad de Montferrat, recentemente chegado do Ocidente.

Sem estar inconsciente do perigo, Saladino o subestima. Em novembro de 1187, poucas semanas após a conquista da Cidade Santa, ele inicia o cerco de Tiro. Mas o faz sem grande determinação. A antiga cidade fenícia não pode ser tomada senão com a vinda da esquadra egípcia. Saladino sabe disso. Entretanto, ele se apresenta diante das muralhas com uma esquadra de dez navios dos quais cinco são rapidamente queimados pelos defensores durante uma manobra audaciosa. Os outros fogem na direção de Beirute. Privado da marinha, o exército muçulmano não pode mais atacar Tiro senão através da estreita cornija que liga a cidade à terra firme. Nestas condições, o cerco pode durar meses. Tanto que os *franj*, eficazmente mobilizados por al-Markieh, parecem estar prontos a se bater até o fim. Esgotados por essa interminável campanha, a maioria dos emires aconselha Saladino a renunciar. Com ouro, o sultão poderia ter convencido alguns deles a ficar a seu lado. Mas os soldados custam caro no inverno, e os cofres do Estado estão vazios. Ele próprio está fatigado. Portanto, desmobiliza a metade de suas tropas, depois, suspendendo o cerco, se dirige ao norte, onde muitas cidades e fortalezas podem ser reconquistadas sem muito esforço.

Para o exército muçulmano é uma nova marcha triunfal: Lattaquieh, Tartus, Baghras, Safed, Kawkab... A lista das conquistas é longa. Seria mais simples enumerar o que resta aos *franj* no Oriente: Tiro, Trípoli, Antioquia e seu porto, assim como três fortalezas isoladas. Mas, no círculo de Saladino, os mais perspicazes não se enganam com isso. Para que serve acumular

conquistas se nada assegura que com isso se pode desencorajar uma nova invasão? O próprio sultão ostenta uma serenidade a toda prova. "Se os *franj* vierem do além-mar, sofrerão a mesma sorte que os daqui!", ele exclama quando uma frota siciliana se mostra diante de Lattaquieh. Em julho de 1188, ele não hesita, aliás, em libertar Guy, não sem ter feito com que ele jurasse nunca mais empunhar uma arma contra os muçulmanos.

Este último presente irá custar-lhe caro. Em agosto de 1189, o rei *franj*, faltando à sua palavra, vem sitiar o porto de Acre. As forças de que ele dispõe são modestas, mas de agora em diante navios chegam a cada dia, despejando no litoral ondas sucessivas de combatentes ocidentais.

> "Após a queda de Jerusalém", narra Ibn al-Athir, "os *franj* se vestiram de negro, e partiram além dos mares a fim de pedir ajuda e socorro em todos os países, particularmente em Roma, a Grande. Para incitar as pessoas à vingança, levavam um desenho representando o Messias, que a paz esteja com ele, todo ensangüentado, com um árabe que o moía de pancadas. Eles diziam: 'Olhai! Eis o Messias, e eis Maomé, profeta dos muçulmanos, que o espanca mortalmente!'. Comovidos, os *franj* se unem, inclusive as mulheres, e aqueles que não podiam vir, pagaram as despesas daqueles que iriam bater-se em seu lugar. Um dos prisioneiros inimigos me contou que era filho único e que sua mãe tinha vendido a própria casa para lhe fornecer o equipamento. As motivações religiosas e psicológicas dos *franj* eram tais que eles estavam prontos a vencer quaisquer dificuldades para chegar a seus fins".

Desde os primeiros dias de setembro, de fato, as tropas de Guy recebem reforços e mais reforços. Começa então a batalha de Acre, uma das mais longas e mais sofridas das guerras francas. Acre está construída numa península em forma de apêndice nasal: ao sul, o porto; a oeste, o mar; ao norte e a leste, duas sólidas muralhas que formam um ângulo reto. A cidade está duplamente cercada. Em torno de seus parapeitos, solidamente ocupados pela guarnição muçulmana, os *franj* formam um arco de círculo cada vez mais espesso, mas devem contar em sua retaguarda com o exército de Saladino. Nos primeiros tempos, este tentou cercar o inimigo com a esperança de dizimá-lo. Mas rapidamente compreendeu que não conseguiria. Pois, se o exército muçulmano alcança várias vitórias sucessivas, os *franj* compensam imediatamente suas perdas. De Tiro ou de além dos mares, cada dia que nasce lhes traz seu quinhão de combatentes.

Em outubro de 1189, enquanto a batalha de Acre se desencadeia, Saladino recebe uma mensagem de Alepo informando-o de que o "rei dos germânicos", o imperador Frederico Barba-Roxa, se aproxima de Constantinopla, a caminho da Síria, com cerca de duzentos a duzentos e sessenta mil

homens. O sultão fica vivamente preocupado, nos conta seu fiel Bahaeddin, que se encontra então a seu lado. "Visto a extrema gravidade da situação, ele julgou necessário chamar todos os muçulmanos ao *jihad* e informar o califa do desdobramento da situação. Ele me encarregou, pois, de ir ver os mestres de Sinjar, de Jézira, de Mossul, de Irbil, e impeli-los a virem eles próprios com seus soldados para participar do *jihad*. Devia dirigir-me em seguida a Bagdá a fim de incitar o príncipe dos crentes a reagir. Foi o que fiz." Para tentar tirar o califa de sua letargia, Saladino menciona numa carta que "o papa, que reside em Roma, ordenou aos povos francos marchar sobre Jerusalém". Ao mesmo tempo, Saladino envia mensagens aos dirigentes do Maghreb e da Espanha muçulmana para convidá-los a vir em socorro de seus irmãos, "como os *franj* do Ocidente fizeram anteriormente com os do Oriente". Em todo o mundo árabe, o entusiasmo suscitado pela reconquista cede lugar ao medo. Murmura-se que a vingança dos *franj* será terrível, que haverá um novo derramamento de sangue, que a Cidade Santa estará novamente perdida, que a Síria e o Egito vão cair nas mãos dos invasores. Mas, uma vez mais, o acaso, ou a providência, intervém em favor de Saladino.

Após ter atravessado triunfalmente a Ásia Menor, o imperador germânico chega, na primavera de 1190, diante de Konya, a capital dos sucessores de Kilij Arslan, da qual força rapidamente as portas, antes de enviar emissários a Antioquia para anunciar sua vinda. Os armênios do sul da Anatólia se alarmam com isso. Seu clero despacha um mensageiro a Saladino suplicando-lhe que venha protegê-los contra essa nova invasão franca. Mas a intervenção do sultão não será necessária. A 10 de junho, na quadra mais quente do ano, Frederico Barba-Roxa se banha num pequeno curso d'água aos pés dos montes Taurus, quando, sem dúvida vítima de uma crise cardíaca, se afoga "num lugar", precisa Ibn al-Athir, "onde a água bate apenas nos quadris". Seu exército se dispersou, e Deus evitou assim que os muçulmanos padecessem a maleficência dos alemães, que, entre os *franj*, são uma espécie particularmente numerosa e tenaz.

O perigo germânico é, assim, milagrosamente afastado, mas não sem ter paralisado Saladino durante vários meses, impedindo-o de determinar a batalha decisiva contra os sitiantes de Acre. Doravante, em torno do porto palestino, a situação está imobilizada. Se o sultão recebeu reforços suficientes para se manter ao abrigo de um contra-ataque, os *franj* não podem mais ser desalojados. Pouco a pouco, um *modus vivendi* se estabelece. Entre duas escaramuças, cavaleiros e emires convidam uns aos outros para banquetear e juntos conversam tranqüilamente, entregando-se por vezes a alguns jogos, como relata Bahaeddin.

"Um dia, os homens dos dois campos, cansados de se bater, decidiram organizar um combate entre as crianças. Dois rapazes saíram da cidade para medir força com dois jovens infiéis. No jogo da luta, um dos rapazes muçulmanos saltou sobre seu adversário, o derrubou e o agarrou pelo pescoço. Vendo que estava correndo o risco de matar seu rival, alguns *franj* se aproximaram e lhe disseram: 'Pára! Ele se tornou teu prisioneiro de verdade, e nós vamos resgatá-lo'. Ele recebeu dois dinares e o soltou."

Apesar do ambiente de festa popular, a situação dos beligerantes é pouco divertida. Os mortos e feridos são numerosos, as epidemias devastam e, no inverno, o abastecimento não é fácil. É sobretudo a situação da guarnição de Acre que preocupa Saladino. À medida que os navios chegam do Ocidente, o bloqueio marítimo torna-se cada vez mais rigoroso. Por duas vezes, uma frota egípcia, contando várias dezenas de embarcações, consegue abrir caminho até o porto, mas as perdas são consideráveis e o sultão logo deve recorrer a uma artimanha para aprovisionar os sitiados. Em julho de 1190 ele manda equipar em Beirute um imenso navio contendo trigo, queijo, cebola e carneiros.

"Um grupo de muçulmanos ocupou o navio", conta Bahaeddin. "Eles se vestiram como os *franj*, fizeram a barba, penduraram cruzes no mastro e exibiram porcos sobre a ponte. Aproximaram-se da cidade, passando tranqüilamente no meio dos navios inimigos. Pararam-nos dizendo-lhes: 'Vê-se que vos dirigis a Acre!'. Fingindo espanto, os nossos perguntaram: 'Não tomastes a cidade?'. Os *franj*, que acreditavam estar tratando com seus congêneres, responderam: 'Não, ainda não a tomamos'. 'Bom', disseram os nossos, 'vamos então atracar perto do campo, mas atrás de nós há um outro navio. É preciso adverti-lo para que ele não vá até a cidade'. Os cidadãos de Beirute, de fato, haviam notado, ao vir, que um navio franco avançava atrás deles. Os marinheiros inimigos se dirigiram de imediato a ele, enquanto os nossos singravam a toda vela em direção ao porto de Acre, onde foram recebidos com gritos de alegria, pois a escassez reinava na cidade."

Tais estratagemas não podem, todavia, repetir-se freqüentemente. Se o exército de Saladino não conseguir afrouxar o cerco, Acre acabará capitulando. Ora, à medida que os meses passam, as chances de uma vitória muçulmana, de um novo Hittin, parecem cada vez mais remotas. Longe de se exaurir, a onda de combatentes ocidentais não pára de se ampliar: em abril de 1191, é o rei da França Filipe Augusto que desembarca com suas tropas nas imediações de Acre, seguido, no princípio de junho, por Ricardo Coração de Leão.

"Este rei da Inglaterra, Malek al-Inkitar", nos diz Bahaeddin, "era um homem corajoso, enérgico, audacioso no combate. Embora inferior ao rei da França por sua categoria, era mais rico e mais renomado como guerreiro. Em sua caminhada, parou em Chipre, da qual se apoderou, e quando fez sua aparição diante de Acre, acompanhado por vinte e cinco galeras entulhadas de homens e de material de guerra, os *franj* soltaram gritos de alegria, acendendo grandes fogueiras para celebrar sua vinda. No que diz respeito aos muçulmanos, este acontecimento encheu-lhes os corações de temor e de apreensão".

Aos 33 anos, o gigante ruivo, que traz a coroa da Inglaterra, é o exemplo típico do cavaleiro belicoso e frívolo, cuja nobreza de ideais mal esconde a brutalidade desconcertante e a total ausência de escrúpulos. Mas se nenhum ocidental é insensível ao seu encanto e ao seu inegável carisma, o próprio Ricardo fica fascinado por Saladino. Desde a sua chegada, procura encontrá-lo. Despachando um mensageiro a al-Adel, ele lhe pede para preparar uma entrevista com seu irmão. O sultão responde sem um momento de hesitação: "Os reis se reúnem somente após a conclusão de um acordo, pois não é conveniente guerrear uma vez que se conhece e que se sentou à mesma mesa", mas ele autoriza o irmão a encontrar Ricardo, com a condição de que cada um deles esteja rodeado por seus soldados. Os contatos prosseguem, mas sem grandes resultados. "De fato", explica Bahaeddin, "a intenção dos *franj*, enviando-nos mensageiros, era sobretudo conhecer nossos pontos fortes e nossas fraquezas. Nós mesmos, ao recebê-los, tínhamos exatamente os mesmos propósitos". Se Ricardo sente uma vontade sincera de conhecer o conquistador de Jerusalém, ele certamente não veio ao Oriente para negociar.

Enquanto esses confrontos prosseguiam, o rei inglês prepara ativamente o assalto final contra Acre. Totalmente isolada do mundo, a cidade padece de fome. Apenas alguns nadadores de elite ainda podem atingi-la, pondo em risco a própria vida. Bahaeddin relata a aventura de um deles.

"Trata-se", ele precisa, "de um dos episódios mais curiosos e mais exemplares dessa longa batalha. Havia um nadador muçulmano chamado Issa que tinha o costume de mergulhar à noite debaixo dos navios inimigos e irromper do outro lado, onde os sitiados o esperavam. Geralmente transportava, atados à cintura, dinheiro e mensagens destinados à guarnição. Uma noite em que havia mergulhado com três bolsas contendo mil dinares e várias cartas, foi notado e morto. Soubemos rapidamente que uma desgraça havia acontecido, pois Issa nos informava regularmente de sua chegada enviando um pombo da cidade em nossa direção. Naquela noite, nenhum sinal chegou a nós. Poucos dias depois, uns habitantes de Acre que se encontravam à beira d'água vi-

ram um corpo encalhado na costa. Aproximando-se, reconheceram Issa, o nadador, que ainda tinha em volta da cintura o ouro e a cera com a qual as cartas haviam sido lacradas. Alguém já viu algum homem cumprir sua missão tão fielmente, mesmo após a morte, como se ainda estivesse com vida?".

O heroísmo de alguns combatentes árabes não foi suficiente. A situação da guarnição de Acre torna-se crítica. No início do verão de 1191, os apelos dos sitiados não são mais do que gritos de desespero: "Estamos no final de nossas forças e não temos outra escolha senão a capitulação. A partir de amanhã, se vocês não fizerem nada por nós, pediremos uma salvaguarda e entregaremos a cidade". Saladino cede à depressão. Tendo doravante perdido qualquer ilusão a respeito da cidade sitiada, chora copiosamente. Seus próximos temem por sua saúde, e os médicos lhe prescrevem poções para acalmá-lo. Ele pede aos arautos para irem gritar por todo o acampamento que um ataque maciço vai ser dirigido para libertar Acre. Mas seus emires não o atendem. "Por que", retorquem, "colocar inutilmente todo o exército muçulmano em perigo?". Os *franj* agora são tão numerosos e estão tão solidamente entrincheirados que qualquer ofensiva seria um suicídio.

A 11 de julho de 1191, após dois anos de cerco, bandeiras cruzadas aparecem subitamente sobre as muralhas de Acre.

"Os *franj* soltaram um imenso grito de alegria, enquanto em nosso acampamento todo mundo estava embotado. Os soldados choravam e se lamentavam. Quanto ao sultão, parecia uma mãe que acaba de perder o filho. Fui vê-lo fazendo o possível para reconfortá-lo. Disse-lhe que doravante ele deveria sonhar com o futuro de Jerusalém e das cidades do litoral, e preocupar-se com a sorte dos muçulmanos capturados em Acre."

Superando sua dor, Saladino envia um mensageiro a Ricardo para discutir as condições para a libertação dos prisioneiros. Mas o inglês tem pressa. Decidido a aproveitar o seu sucesso para dirigir uma vasta ofensiva, não tem tempo para se ocupar dos cativos, atua como o sultão, quatro anos antes, quando as cidades francas caíam em suas mãos uma depois da outra. A única diferença é que, não querendo ficar com tantos prisioneiros, Saladino os havia soltado, enquanto Ricardo prefere exterminá-los. Dois mil e setecentos soldados da guarnição de Acre são reunidos diante dos muros da cidade, com perto de trezentas mulheres e crianças de suas famílias. Atados por cordas formando uma só massa de carne, são entregues aos combatentes francos, que encarniçam sobre eles com seus sabres, lanças e pedras, até que os gemidos se calem.

Tendo assim resolvido esse problema de maneira despachada, Ricardo deixa Acre frente às suas tropas. Dirige-se para o sul, ao longo da costa, seguido de perto por sua frota, enquanto Saladino se utiliza de um caminho paralelo, no interior. Os confrontos são numerosos entre os dois exércitos, mas nenhum é decisivo. O sultão sabe agora que não pode impedir os invasores de retomar o controle do litoral palestino, ainda menos destruir seu exército. Sua ambição se limita a refreá-los, a barrar-lhes, custe o que custar, o caminho de Jerusalém, cuja perda seria terrível para o Islã. Sente que está vivendo a hora mais sombria de sua carreira. Profundamente afetado, esforça-se entretanto para preservar o ânimo de suas tropas e de seus próximos. Diante destes últimos, reconhece que sofreu graves reveses, mas, explica, ele e seu povo estão aqui para ficar, enquanto os reis francos estão apenas tomando parte em uma expedição que cedo ou tarde terá fim. O rei da França não deixou a Palestina em agosto, depois de ter passado cem dias no Oriente? O da Inglaterra não repetiu várias vezes que tinha pressa de retornar ao seu longínquo reino?

Ricardo, ademais, multiplica as aberturas diplomáticas. Em setembro de 1191, quando suas tropas alcançam alguns sucessos, notadamente na planície costeira de Arsuf, ao norte de Jafa, ele insiste junto a al-Adel para chegar a um acordo rápido.

> "Os nossos e os vossos estão mortos", diz-lhe ele numa mensagem, "o país está em ruínas e o negócio nos escapou completamente, a nós todos. Não pensais que isso basta? No que nos concerne, há apenas três causas de discórdia: Jerusalém, a verdadeira cruz e o território.
>
> No que diz respeito a Jerusalém, é nosso local de culto e jamais aceitaremos renunciar a ele, mesmo que tenhamos que combater até o fim. Quanto ao território, gostaríamos que nos fosse dado o que está a oeste do Jordão. Com relação à cruz, ela representa para vós apenas um pedaço de madeira, ao passo que para nós seu valor é inestimável. Que o sultão no-la dê, e que se ponha fim a esta luta esgotante".

Al-Adel entrega imediatamente a responsabilidade a seu irmão, que consulta seus principais colaboradores antes de ditar sua resposta:

> "A Cidade Santa é tão importante para nós quanto para vós; ela é até mais importante para nós, pois foi em sua direção que nosso profeta realizou sua viagem noturna, e é ali que nossa comunidade irá reunir-se no dia do julgamento final. Está portanto excluída a possibilidade de a abandonarmos. Jamais os muçulmanos o admitiriam. No que diz respeito ao território, ele sempre foi nosso, e vossa ocupação é apenas passageira. Vós conseguistes nele vos

instalar em razão da fraqueza dos muçulmanos que então o povoavam, mas enquanto houver guerra não vos permitiremos privar de vossas possessões. Quanto à cruz, ela representa um grande trunfo em nossas mãos, e não nos separaremos dela senão quando obtivermos em contrapartida uma concessão importante em favor do Islã".

A firmeza das duas mensagens não deve causar ilusão. Se cada um apresenta suas exigências máximas, é claro que o caminho do compromisso não está fechado. De fato, três dias após, Ricardo faz chegar ao irmão de Saladino uma proposta bem curiosa.

"Al-Adel me convocou", conta Bahaeddin, "para comunicar-me os resultados de seus últimos contatos. Segundo o acordo visado, al-Adel esposaria a irmã do rei da Inglaterra. Esta fora casada com o mestre da Sicília, que estava morto. O inglês havia trazido a irmã com ele ao Oriente, e propunha casá-la com al-Adel. O casal residiria em Jerusalém. O rei daria as terras que controla, de Acre até Ascalon, à irmã, que se tornaria rainha do litoral, do *sahel*. O sultão cederia suas posses a seu irmão, que se tornaria rei do *sahel*. A cruz lhes seria confiada, e os prisioneiros dos dois campos seriam libertados. Depois, concluída a paz, o rei da Inglaterra retornaria a sua terra além dos mares".

Visivelmente, al-Adel está seduzido. Ele recomenda a Bahaeddin que faça o possível para convencer Saladino. O cronista promete dedicar-se ao assunto.

"Apresentei-me pois diante do sultão e lhe repeti o que havia ouvido. Logo à primeira vista, ele me disse que não via nisso nenhum inconveniente, mas que, segundo a sua opinião, o próprio rei da Inglaterra jamais aceitaria um tal entendimento e que isso não passava de uma brincadeira ou de uma artimanha. Pedi-lhe por três vezes para confirmar sua aprovação, o que ele fez. Voltei portanto à casa de al-Adel para anunciar-lhe o consentimento do sultão. Ele se apressou em enviar um mensageiro ao acampamento inimigo para transmitir sua resposta. Mas o maldito inglês lhe mandou dizer que sua irmã mostrara uma cólera terrível quando ele lhe havia feito a proposta: tinha jurado que jamais se entregaria a um muçulmano."

Como o havia adivinhado Saladino, Ricardo tentava ser astucioso. Ele esperava que o sultão fosse rejeitar totalmente o seu plano, o que teria fortemente desagradado a al-Adel. Aceitando, Saladino obrigava o monarca franco a revelar o seu jogo duplo. Há vários meses, Ricardo se esforçava, com efeito, no sentido de estabelecer relações privilegiadas com al-Adel, chaman-

do-o "meu irmão", favorecendo sua ambição para tentar utilizá-lo contra Saladino. Era um combate leal. O sultão, por seu lado, emprega métodos similares. Paralelamente às suas negociações com Ricardo, estabelece negociações com o senhor de Tiro, al-Markieh Conrad, que mantém relações extremamente tensas com o monarca inglês, suspeitando que ele procura privá-lo de suas posses. Ele irá até mesmo propor a Saladino uma aliança contra os "*franj* do mar". Sem tomar essa oferta ao pé da letra, o sultão a utiliza para acentuar sua pressão diplomática sobre Ricardo, a tal ponto exasperado pela política do marquês, que pouco mais tarde mandará assassinar!

Tendo sua manobra malogrado, o rei de Inglaterra pede a al-Adel para que prepare uma entrevista com Saladino. Mas a resposta deste último é a mesma que havia dado alguns meses antes:

> "Os reis só se encontram após a conclusão de um acordo. De qualquer maneira", acrescenta, "não compreendo tua língua e tu ignoras a minha, e temos necessidade de um tradutor em quem nós dois tenhamos confiança. Que este homem seja, pois, um mensageiro entre nós. Quando chegarmos a um entendimento, nós nos reuniremos, e a amizade reinará entre nós".

As negociações vão ainda se arrastar por um ano. Entrincheirado em Jerusalém, Saladino deixa passar o tempo. Suas propostas de paz são simples: cada um fica com o que detém; que os *franj*, se o desejarem, venham desarmados efetuar sua peregrinação à Cidade Santa, mas esta permanecerá nas mãos dos muçulmanos. Ricardo, que deseja ardentemente regressar a seu lar, tenta forçar a decisão marchando por duas vezes em direção a Jerusalém, sem todavia atacá-la. Para liberar seu excesso de energia, ele se lança, durante meses, na construção de uma formidável fortaleza em Ascalon, com a qual sonha fazer uma base para uma futura expedição ao Egito. Assim que a obra termina, Saladino exige que ela seja demolida, pedra por pedra, antes da conclusão da paz.

Em agosto de 1192, Ricardo está com os nervos esgotados. Gravemente doente, abandonado por numerosos cavaleiros que lhe cobram por não ter tentado retomar Jerusalém, acusado do assassinato de Conrad, apressado por seus amigos para retornar sem demora à Inglaterra, ele não pode mais adiar sua partida. Quase que suplica a Saladino para deixar-lhe Ascalon. Mas a resposta é negativa. Então lhe envia uma nova mensagem, renovando seu pedido e concluindo que, se uma paz conveniente não fosse assinada em seis dias, "ele seria obrigado a passar o inverno aqui". Este ultimato velado faz sorrir Saladino, que, convidando o mensageiro a se sentar, dirige-se a ele nestes termos: "Dirás ao rei que não cederei no que diz respei-

to a Ascalon. Quanto a seu projeto de passar o inverno nesta terra, penso que é inevitável, pois é essa a região de que ele se apoderou, ele bem sabe que a retomaremos assim que partir. É mesmo possível que a tomemos antes mesmo que ele parta. Precisa ele verdadeiramente passar o inverno aqui, a dois meses de distância de sua família e de seu povo, no momento em que está na força da idade e que pode aproveitar dos prazeres da vida? Por meu lado, eu poderia passar aqui o inverno, depois o verão, depois um outro inverno e um outro verão, pois estou em meu solo, entre meus filhos e meus próximos, que estão a meus cuidados, e tenho um exército para o verão e um outro para o inverno. Sou um homem de idade, que não tem mais nada a fazer com os prazeres da existência. Vou ficar assim esperando, até que Deus dê a vitória a um de nós".

Aparentemente impressionado com esse discurso, Ricardo faz saber nos dias que se seguem que ele está pronto a renunciar a Ascalon. E, no início de setembro de 1192, uma paz é assinada por cinco anos. Os *franj* conservam a zona costeira, indo de Tiro a Jafa, e reconhecem a autoridade de Saladino sobre o resto do país, incluindo Jerusalém. Os guerreiros ocidentais, que obtiveram do sultão salvo-condutos, se precipitam à Cidade Santa para rezar no túmulo de Cristo. Saladino recebe cortesmente os mais importantes dentre eles, convidando-os até para partilhar de suas refeições e lhes confirmando sua firme vontade de preservar a liberdade do culto. Mas Ricardo recusa ir até lá. Ele não quer entrar como convidado numa cidade onde tinha prometido a si mesmo entrar como conquistador. Um mês após a conclusão de paz, ele deixa a terra do Oriente sem ter visto o Santo Sepulcro nem Saladino.

O sultão saiu finalmente vencedor deste penoso confronto com o Ocidente. Na verdade, os *franj* retomaram o controle de algumas cidades, obtendo assim um *sursis* de aproximadamente cem anos. Mas nunca mais estabelecerão uma potência capaz de ditar sua lei no mundo árabe. Não mais controlam verdadeiros senhorios, apenas estabelecimentos.

Apesar desse sucesso, Saladino se sente mortificado e um tanto diminuído. Ele quase não se assemelha mais ao herói carismático de Hittin. Sua autoridade sobre seus emires enfraqueceu, seus detratores são cada vez mais virulentos. Fisicamente, não se sente bem. Sua saúde, é verdade, nunca foi excelente, obrigando-o, já há anos, a consultar regularmente os médicos da corte, em Damasco como no Cairo. Na capital egípcia, ele se ligou particularmente aos serviços de um prestigioso *tabib* judeo-árabe vindo da Espanha, Mussa Ibn Maimun, mais conhecido pelo nome de Maimônides. Sabe-se que durante os anos mais duros da luta contra os *franj* ele sofreu freqüentes acessos de paludismo que o forçaram a ficar de cama por longos dias. Entre-

tanto, em 1192, não é a evolução de uma doença qualquer que inquieta seus médicos, mas um enfraquecimento geral, uma espécie de envelhecimento prematuro que é constatado por todos aqueles que se aproximam do sultão. Saladino está com 55 anos, mas ele mesmo tem consciência de ter atingido o termo de sua existência.

Saladino os passa sossegadamente em sua cidade preferida, Damasco, no meio dos seus, os últimos dias de sua vida. Bahaeddin não o deixa mais, anotando afetuosamente cada um de seus gestos. Na quinta-feira, 18 de fevereiro de 1193, ele o encontra no jardim de seu palácio da cidadela.

> "O sultão estava sentado à sombra, cercado pelos mais jovens de seus filhos. Perguntou quem o esperava no interior. 'Mensageiros francos', responderam-lhe, 'assim como um grupo de emires e de notáveis'. Ele mandou chamar os *franj*. Quando se apresentaram diante dele, ele carregava em seus joelhos um de seus garotinhos, o emir Abu-Bakr, o filho predileto. Vendo o aspecto dos *franj*, com seus rostos imberbes, cabelos longos, suas vestes curiosas, o menino sentiu medo e começou a chorar. O sultão pediu desculpa aos *franj* e pôs fim à entrevista sem ter escutado o que eles queriam comunicar-lhe. Depois me disse: 'Comeste alguma coisa hoje?'. Era seu modo de convidar para uma refeição. Acrescentou: 'Que nos tragam alguma coisa para comer!'. Serviram-nos arroz com coalhada e outros pratos leves, e ele comeu. Isso me tranqüilizou, pois pensava que ele tivesse perdido o apetite. Depois de um certo tempo, ele se sentia pesado e não podia colocar mais nada na boca. Ele se deslocava com dificuldade e por causa disso pedia desculpas às pessoas."

Naquela quinta-feira, Saladino se sente em boa forma para ir, a cavalo, acolher uma caravana de peregrinos de volta de Meca. Mas, dois dias mais tarde, ele não mais consegue levantar-se. Afunda-se pouco a pouco num estado de letargia. Seus momentos de consciência são cada vez mais raros. A notícia de sua doença espalhou-se, e os damascenos temem que a cidade caia logo na anarquia.

> "Os tecelãos retiraram suas mercadorias da praça com medo do saque. E todas as noites, quando eu deixava a cabeceira do sultão para voltar a casa, as pessoas se aglomeravam em meu caminho para tentar adivinhar, através de minha expressão, se o inevitável já havia acontecido."

No dia 2 de março à noite, o quarto do doente é invadido pelas mulheres do palácio, que não conseguem reter as lágrimas. O estado de Saladino é tão crítico que seu filho mais velho al-Afdal pede a Bahaeddin, assim como a um outro colaborador do sultão, o cádi al-Fadil, para passar a noi-

te na cidadela. "Seria imprudente", responde o cádi, "pois se as pessoas da cidade não nos vissem sair pensariam no pior, e poderia haver saque". Para velar o doente, mandam vir um xeque que mora no interior da cidadela.

> "Este lia versículos do Alcorão, falava de Deus e do além, enquanto o sultão jazia sem consciência. Quando voltei, no dia seguinte de manhã, ele já havia morrido. Que Deus o tenha em sua glória! Contaram-me que quando o xeque leu o versículo dizendo: 'Não há outra divindade senão Deus, e é nele que eu confio', o sultão sorriu, seu rosto se iluminou, depois ele entregou sua alma."

Assim que souberam de sua morte, numerosos damascenos se dirigem à cidadela, mas os guardas os impedem de atravessá-la. Apenas os grandes emires e os principais ulemás estão autorizados a apresentar suas condolências a al-Afdal, filho mais velho do finado sultão, sentado num dos salões do palácio. Os poetas e os oradores são convidados a guardar silêncio. Os filhos mais jovens de Saladino saem às ruas e se misturam soluçando à multidão.

> "Estas cenas insustentáveis", conta Bahaeddin, "prosseguiram até após a prece do meio-dia. Então se ocuparam em lavar o corpo e em vesti-lo com uma mortalha; todos os produtos utilizados nessa cerimônia foram pedidos emprestados, pois o sultão não possuía nada como coisa particular. Embora convidado a participar da cerimônia, efetuada pelo teólogo al-Dawlahi, não tive coragem de assistir a ela. Após a prece do meio-dia, levaram o corpo para fora num ataúde embrulhado num lençol. Percebendo o cortejo fúnebre, a multidão começou a soltar gritos de lamentação. Depois vieram grupo após grupo rezar sobre seus despojos. Então, o sultão foi transportado para os jardins do palácio, ali onde havia sido tratado durante a doença, e depois foi sepultado no pavilhão da frente. Colocaram-no na terra na hora da prece da tarde. Que Deus santifique sua alma e ilumine seu túmulo!"

12

O justo e o perfeito

Como todos os dirigentes muçulmanos de sua época, Saladino tem por sucessor imediato a guerra civil. Assim que desapareceu, o império se desmembrou. Um de seus filhos toma o Egito, um outro Damasco, um terceiro Alepo. Felizmente, a maior parte de seus 17 filhos homens, assim como sua única filha, são jovens demais para se bater, o que limita um pouco a fragmentação. Mas o sultão deixa também dois irmãos e vários sobrinhos que querem sua parte da herança e, se possível, o legado inteiro. Será preciso perto de nove anos de combates, de alianças, de traições e de assassinatos para que o império aiúbida obedeça novamente a um só chefe: al-Adel, "o Justo", o hábil negociador que quase se tornou cunhado de Ricardo Coração de Leão.

Saladino desconfiava um pouco de seu filho mais novo, muito tagarela, intrigante, ambicioso e exageradamente complacente a respeito dos ocidentais. Além disso lhe havia confiado um feudo sem grande importância: os castelos tomados a Renaud de Châtillon à margem leste do Jordão. Com esse território árido e quase inabitado, estimava o sultão, ele jamais poderia pretender dirigir o império. Era conhecê-lo mal. Em julho de 1196, al-Adel toma Damasco de al-Afdal. O filho de Saladino, de 26 anos, se mostrara totalmente incapaz de governar. Deixando o poder efetivo a seu vizir Diyaeddin Ibn al-Athir, irmão do historiador, ele se entrega ao álcool e aos prazeres do harém. Seu tio se livrara dele graças a uma conspiração e o exila numa fortaleza vizinha de Salkhad, onde al-Afdal, devorado pelo remorso, pro-

mete abandonar sua vida dissoluta para se consagrar à prece e à meditação. Em novembro de 1198, um outro filho de Saladino, al-Aziz, mestre do Egito, morre ao cair do cavalo durante uma caçada ao lobo nas vizinhanças das pirâmides. Al-Afdal não resiste à tentação de deixar seu retiro para tomar parte na sucessão, mas seu tio não sente nenhuma dificuldade em arrancar-lhe a nova posse e reenviá-lo à sua vida de recluso. A partir de 1202, al-Adel é, aos 57 anos, o mestre incontestável do império aiúbida.

Mesmo não tendo o carisma nem o gênio de seu ilustre irmão, ele se mostra melhor administrador. O mundo árabe conhece sob sua égide uma era de paz, de prosperidade e de tolerância. Estimando que a Guerra Santa não tinha mais razão de ser após a recuperação de Jerusalém e o enfraquecimento dos *franj*, o novo sultão adota com relação a estes últimos uma política de coexistência e de trocas comerciais; encoraja a instalação no Egito de várias centenas de mercadores italianos. Uma calma sem precedentes vai reinar no *front* árabe-franco durante vários anos.

Num primeiro tempo, estando os aiúbidas absorvidos por suas querelas, os *franj* tentaram colocar um pouco de ordem em seu território drasticamente repartido. Antes de deixar o Oriente, Ricardo confiou o reino de Jerusalém, do qual Acre é de agora em diante a capital, a um de seus sobrinhos, "al-cond-Herri", o conde Henrique de Champagne. Quanto a Guy de Lusignan, desconsiderado após a derrota de Hittin, é exilado com todas as honras, tornando-se rei de Chipre, onde sua dinastia reinará por quatro séculos. Para compensar a fraqueza de seu Estado, Henrique de Champagne procura concluir uma aliança com os Assassinos. Vai pessoalmente a uma de suas fortalezas, al-Kahf, para encontrar seu grão-mestre. Sinan, "o velho da montanha", morreu há pouco tempo, mas seu sucessor exerce sobre a seita a mesma autoridade absoluta. Para prová-lo a seu visitante franco, ordena que dois de seus adeptos se atirem do alto das muralhas, o que eles fazem sem um instante de hesitação — o grão-mestre se dispõe a prosseguir com a matança, mas Henrique suplica que ele ponha um fim a isso. Um tratado de aliança é concluído. Para honrar o convidado, os Assassinos lhe perguntam se não tem um assassinato a lhes confiar. Henrique agradece, prometendo recorrer a seus serviços caso se apresente a ocasião. Por ironia do destino, pouco depois de ter assistido a essa cena, o sobrinho de Ricardo morre, a 10 de setembro de 1197, caindo acidentalmente de uma janela de seu palácio em Acre.

Durante as semanas que sucedem a seu desaparecimento acontecem os únicos confrontos sérios que marcam esse período. Peregrinos alemães fanáticos se apoderam de Saida e de Beirute, antes de serem completamente derrotados no caminho de Jerusalém, no mesmo instante em que al-Adel re-

Biblioteca FIBRA

cupera Jafa. Mas, a 1.º de julho de 1198, uma nova trégua é assinada por um período de cinco anos e oito meses, tempo que é aproveitado pelo irmão de Saladino para consolidar seu poder. Como homem de Estado prevenido, ele sabe que não basta mais se entender com os *franj* do litoral para evitar uma nova invasão, mas é ao próprio Ocidente que ele trata de se dirigir. Não seria oportuno utilizar seu bom relacionamento com os mercadores italianos para os convencer a não mais despejar no Egito e na Síria ondas de guerreiros não sujeitos a controle?

Em 1202, ele recomenda a seu filho al-Kamel, "o Perfeito", vice-rei do Egito, estabelecer negociações com a pacífica república de Veneza, principal potência marítima do Mediterrâneo. Os dois Estados falam a linguagem do pragmatismo e dos interesses comerciais, e um acordo é rapidamente firmado. Al-Kamel garante aos venezianos o acesso dos portos do delta do Nilo, assim como Alexandria e Damieta, e lhes oferece toda a proteção e assistência necessárias, e em troca a República dos doges promete não sustentar nenhuma expedição ocidental contra o Egito. Os italianos, que, contra a promessa de uma forte soma, acabam de assinar com um grupo de príncipes ocidentais um acordo prevendo precisamente o transporte de 35 mil guerreiros francos ao Egito, preferem guardar o tratado secretamente. Hábeis negociadores, os venezianos estão decididos a não romper nenhum de seus compromissos.

Quando os cavaleiros, prontos a desembarcar, chegam na cidade do Adriático, são calorosamente acolhidos pelo doge Dandolo. "Era", nos diz Ibn al-Athir, "um homem velhíssimo e cego e, quando montava em seu cavalo, tinha necessidade de um escudeiro para guiar sua montaria". Apesar de sua idade e de sua enfermidade, Dandolo anuncia a intenção de ele próprio participar da expedição sob o estandarte da cruz. Todavia, antes da partida, exige que os cavaleiros paguem a quantia combinada. E quando estes pedem para atrasar o pagamento, ele aceita apenas sob a condição de que a expedição se inicie pela ocupação do porto de Zara que, há alguns anos, fazia concorrência com os venezianos no Adriático. Não é sem hesitações que os cavaleiros se resignam a isso, pois Zara é uma cidade cristã pertencente ao rei da Hungria, fiel servidor de Roma, mas eles não têm escolha: o doge exige este pequeno serviço ou o pagamento imediato da quantia prometida. Zara é pois atacada e saqueada em novembro de 1202.

Mas os venezianos visam muito mais. Tentam agora convencer os chefes da expedição a fazer um desvio por Constantinopla a fim de instalar no trono imperial um jovem príncipe favorável aos ocidentais. Se o objetivo final do doge é dar evidentemente à sua república o controle do Mediterrâneo, os argumentos que ele apresenta são hábeis. Utilizando a desconfian-

ça dos cavaleiros em relação aos "heréticos" gregos, falando-lhes do esplendor dos imensos tesouros de Bizâncio, explicando a seus chefes que o controle da cidade dos *rum* lhes permitiria lançar ataques mais eficazes contra os muçulmanos, eles se deixam levar por sua decisão. Em junho de 1203, a frota veneziana chega diante de Constantinopla.

> "O rei dos *rum* fugiu sem ter combatido", conta Ibn al-Athir, "e os *franj* instalaram seu jovem candidato no trono. Mas do poder ele tinha apenas vestígio, pois todas as decisões eram tomadas pelos *franj*. Estes impuseram ao povo pesadíssimos tributos, e quando o pagamento foi dado como impossível eles tomaram todo o ouro e as jóias, mesmo os que estavam nas cruzes e nas imagens do Messias, a paz esteja com ele! Os *rum* então se revoltaram matando o jovem monarca, depois, expulsando os *franj* da cidade, barricaram as portas. Como suas forças eram reduzidas, despacharam um mensageiro a Suleiman, filho de Kilij Arslan, mestre de Ronya, para que viesse em seu auxílio. Mas ele foi incapaz disso".

Os *rum* não estavam efetivamente em condições de se defender. Não somente seu exército era formado em boa parte por mercenários francos, mas numerosos agentes venezianos agiam contra eles dentro de seus próprios muros. Em abril de 1204, após apenas uma semana de combate, a cidade era invadida e, durante três dias, foi entregue ao saque e à carnificina. Objetos simbólicos, estátuas, livros, inumeráveis objetos de arte, testemunhos das civilizações grega e bizantina, eram roubados ou destruídos, e milhares de habitantes degolados.

> "Todos os *rum* foram mortos ou despojados", relata o historiador de Mossul. "Alguns de seus notáveis tentaram refugiar-se na grande igreja que chamam de Sofia, perseguidos pelos *franj*. Um grupo de padres e de monges saiu então, carregando cruzes e evangelhos, para suplicar aos atacantes que lhes preservassem a vida, mas os *franj* não deram nenhuma atenção às suas preces. Massacraram-nos a todos, depois saquearam a igreja."

Conta-se também que uma prostituta vinda com a expedição franca sentou-se no trono do patriarca entoando canções devassas, enquanto soldados bêbados violavam freiras gregas nos mosteiros vizinhos. O saque de Constantinopla, um dos atos mais degradantes da História, foi seguido, como disse Ibn al-Athir, da entronização de um imperador latino do Oriente, Baudoin de Flandres, cuja autoridade, bem entendido, os *rum* jamais reconhecerão. Os da corte imperial, que conseguiram se salvar, irão instalar-se em Nicéia, que se tornará a capital provisória do império grego até a retomada de Bizâncio, 57 anos mais tarde.

Longe de reforçar os estabelecimentos francos na Síria, a temerária aventura de Constantinopla lhes traz um golpe rigoroso. Com efeito, para estes numerosos cavaleiros que vêm procurar fortuna no Oriente, a terra grega oferece doravante melhores perspectivas. Feudos existem para serem tomados, riquezas para serem amontoadas, ao passo que a estreita faixa costeira em volta de Acre, de Trípoli ou de Antioquia não apresenta nenhum atrativo para os aventureiros. No momento, o desvio da expedição priva os *franj* da Síria dos reforços que lhes teriam permitido tentar uma nova operação contra Jerusalém e os força a pedir ao sultão, em 1204, a renovação da trégua. Al-Adel aceita a proposta por seis meses. Ainda que esteja no auge do poder, o irmão de Saladino não tem nenhuma intenção de se lançar num empreendimento de reconquista. A presença dos *franj* no litoral não o atrapalha de modo algum.

Em sua maioria, os *franj* da Síria gostariam que a paz se prolongasse, mas, além dos mares, e principalmente em Roma, sonha-se apenas com a retomada das hostilidades. Em 1210, o reino de Acre cabe, devido a um casamento, a Jean de Brienne, um cavaleiro de 60 anos recentemente chegado do Ocidente. Ainda que esteja resignado a renovar a trégua por cinco anos, em julho de 1212, ele não deixa de enviar mensageiros ao papa para que este se apresse em acelerar os preparativos de uma poderosa expedição, de modo que consiga dirigir uma ofensiva no verão de 1217. De fato, os primeiros navios de peregrinos armados atingem Acre um pouco atrasados, no mês de setembro. Logo são seguidos por centenas de outros. Em abril de 1218, uma nova invasão franca começa, tendo por meta o Egito.

Al-Adel está surpreendido e sobretudo decepcionado com essa agressão. Ele não havia feito tudo, desde que subiu ao poder, e mesmo antes, na época das negociações com Ricardo, para pôr fim ao estado de guerra? Não tinha suportado há anos o sarcasmo dos homens religiosos, que o acusavam de ter desertado a causa do *jihad* por causa de sua amizade com os homens louros? Durante meses, este homem de 73 anos, doente, recusa dar fé aos relatórios que lhe chegam. Que um bando de alemães furiosos se dedique a saquear algumas cidades da Galiléia é um incidente com o qual está acostumado e que não o inquieta. Mas que após um quarto de século de paz o Ocidente se embrenhe numa invasão maciça, isto lhe parece impensável.

Entretanto, as informações são cada vez mais exatas. Dezenas de milhares de combatentes francos se reuniram diante da cidade de Damieta, que controla o acesso do braço esquerdo do Nilo. Com instruções de seu pai, al-Kamel vai ao encontro deles à frente de suas tropas. Atemorizado com o número, ele evita enfrentá-los. Prudentemente, instala seu acampamento ao

sul do porto, de modo que possa sustentar a guarnição sem ser constrangido a travar uma batalha campal. A cidade é uma das mais bem defendidas do Egito. Suas muralhas estão cercadas, a leste e ao sul, por uma estreita faixa de terra pantanosa, enquanto ao norte e a oeste o Nilo assegura um vínculo permanente com a parte interior do país. Ela não pode, portanto, ser eficazmente cercada, se o inimigo não conseguir assegurar o controle do rio. Para se precaver contra esse perigo, a cidade dispõe de um engenhoso sistema formado por uma grossíssima corrente de ferro, fixada de um lado nas muralhas da cidade e do outro a uma cidadela construída numa ilhota próxima à margem oposta, e que barra o acesso ao Nilo. Constatando que nenhum navio pode passar se a corrente não estiver desatada, os *franj* se amontoam sobre a cidadela. Por três meses todos os seus assaltos são repelidos, até o momento em que têm a idéia de estivar dois grandes navios e neles construir uma espécie de torre flutuante à altura da cidadela. Eles a tomam de assalto a 25 de agosto de 1218; a corrente é rompida.

Quando um pombo-correio, poucos dias mais tarde, leva a notícia dessa derrota a Damasco, al-Adel se mostra profundamente afetado. É claro que a queda da cidadela vai arrastar a de Damieta e que nenhum obstáculo poderá mais deter os invasores a caminho do Cairo. Uma longa campanha dá a conhecer que ele não tem mais forças. No fim de poucas horas, sucumbe a uma crise cardíaca.

Para os muçulmanos, a verdadeira catástrofe não é a queda da cidadela fluvial, mas a morte do velho sultão. No plano militar, al-Kamel consegue, com efeito, conter o inimigo, infligir-lhe perdas consideráveis e o impedir de levar a cabo o cerco de Damieta. No plano político, ao contrário, a inevitável luta pela sucessão se inicia, apesar dos esforços desenvolvidos pelo sultão para que seus filhos escapem a essa fatalidade. Em vida, repartiu seu domínio: o Egito para al-Kamel, Damasco e Jerusalém para al-Moazzam, a Jézira para al-Achraf e os feudos menos importantes para os mais jovens. Mas não se pode satisfazer a todas as ambições: mesmo que uma relativa harmonia reine efetivamente entre os irmãos, alguns conflitos não podem ser evitados. No Cairo, numerosos emires se aproveitam da ausência de al-Kamel para tentar instalar no trono um de seus jovens irmãos. O golpe de Estado está a ponto de ser executado quando o mestre do Egito, que foi informado, esquecendo Damieta e os *franj* levanta seu acampamento e vai em direção de sua capital para estabelecer a ordem e castigar os conspiradores. Os invasores ocupam sem demora as posições que ele acaba de abandonar. Damieta doravante está cercada.

Ainda que tenha recebido o apoio de seu irmão al-Moazzam, que veio de Damasco com seu exército, al-Kamel não está mais em condições de sal-

var a cidade, ainda menos de pôr fim à invasão. Além disso, certas aberturas de paz são particularmente generosas. Depois de ter pedido a al-Moazzam para demolir as fortificações de Jerusalém, envia uma mensagem aos *franj* lhes assegurando que estaria pronto a lhes entregar a Cidade Santa se eles aceitassem deixar o Egito. Mas, sentindo-se fortificados, os *franj* recusam negociar. Em outubro de 1219, al-Kamel conclui sua oferta: entregaria não somente Jerusalém, mas o conjunto da Palestina a oeste do Jordão, com a verdadeira cruz como prêmio. Dessa vez, os invasores têm a bondade de estudar suas propostas. Jean de Brienne é de opinião favorável, assim como todos os *franj* da Síria. Mas a decisão final pertence a um certo Pélage, um cardeal espanhol, partidário da Guerra Santa a todo custo, que o papa nomeou à frente da expedição. Nunca, ele diz, aceitará negociar com os sarracenos. E, para bem acentuar sua recusa, ordena sem demora o assalto contra Damieta. A guarnição, dizimada pelos combates, a fome e uma recente epidemia, não opõe qualquer resistência.

Pélage está agora decidido a se apoderar de todo o Egito. Se no momento não marcha em direção ao Cairo é porque se anuncia a chegada de Frederico de Hohenstaufen, rei da Alemanha e da Sicília, o monarca poderoso do Ocidente, à frente de uma importante expedição. Al-Kamel, que soube desses rumores, se prepara para a guerra. Suas mensagens percorrem as terras do Islã para convocar o auxílio de irmãos, primos e aliados. Por outro lado, manda armar a oeste do delta, não longe de Alexandria, uma frota que, durante o verão de 1220, surpreende os navios dos ocidentais, ao largo do Chipre, infligindo-lhes uma esmagadora derrota. Estando o inimigo, assim, privado do domínio dos mares, al-Kamel se apressa em renovar sua oferta de paz, a isso acrescentando a promessa de assinar uma trégua de 30 anos. Em vão. Pélage vê nessa generosidade excessiva a prova de que o mestre do Cairo se encontra com a corda no pescoço. Pois não se acabou de saber que Frederico II foi sagrado imperador em Roma e que fez o juramento de partir sem demora para o Egito? Na primavera de 1221, sem mais tardar, ele deveria estar lá com centenas de embarcações e dezenas de milhares de soldados. O exército franco não deve, enquanto o espera, fazer nem a guerra nem a paz.

Frederico, de fato, chegará somente oito anos mais tarde! Pélage espera pacientemente até o início do verão. Em julho de 1221, o exército franco deixa Damieta, embrenhando-se resolutamente no caminho do Cairo. Na capital egípcia, os soldados de al-Kamel devem utilizar a força para impedir a fuga dos habitantes. Mas o sultão se mostra confiante, pois dois de seus irmãos vieram em sua ajuda: al-Achraf, que com suas tropas da Jézira se juntou a ele para tentar impedir que os invasores atingissem o Cairo, e

al-Moazzam, que se dirige com seu exército sírio na direção norte, se interpondo audaciosamente entre o inimigo e Damieta. Quanto a al-Kamel, ele observa de perto, com uma alegria apenas contida, a enchente do Nilo. Pois o nível da água começa a se elevar sem que os ocidentais prestem atenção. Em meados de agosto, as terras se tornaram tão lamacentas e escorregadias que os cavaleiros são obrigados a se deter e a retirar seu exército inteiro.

Assim que o movimento de retirada se inicia, um grupo de soldados egípcios toma a iniciativa de demolir os diques. Estamos a 26 de agosto de 1221. Em poucas horas, e enquanto as tropas muçulmanas lhe cortam as saídas, todo o exército franco se vê atolado num mar de lama. Dois dias depois, Pélage, desesperado para salvar seu exército do aniquilamento, envia um mensageiro a al-Kamel para lhe exigir a paz. O soberano aiúbida dita uma trégua de oito anos; em troca, seu exército poderá retomar o mar sem ser incomodado. Evidentemente, não se trata mais de lhe oferecer Jerusalém.

Celebrando essa vitória tão completa quanto inesperada, muitos árabes se perguntam se al-Kamel falava realmente sério quando propôs entregar a Cidade Santa aos *franj*. Não se tratava de um engodo visando ganhar tempo? Não se fixarão por muito tempo nesse ponto.

Durante a penosa crise de Damieta, o mestre do Cairo muitas vezes se questionou a respeito desse famoso Frederico, "al-enboror", de quem os *franj* esperavam a vinda. É ele, na verdade, tão poderoso como se diz? Está realmente determinado a levar a Guerra Santa contra os muçulmanos? Interrogando seus colaboradores, informando-se junto aos viajantes vindos da Sicília, essa ilha da qual Frederico é o rei, al-Kamel vai de surpresa em surpresa. Quando fica sabendo, em 1225, que o imperador acaba de esposar Yolande, a filha de Jean de Brienne, tornando-se assim rei de Jerusalém, decide enviar-lhe uma embaixada presidida por um hábil diplomata, o emir Fakhreddin Ibn ach-Cheik. Desde sua chegada a Palermo, este fica maravilhado: sim, tudo o que se diz a respeito de Frederico é exato! Ele fala e escreve perfeitamente o árabe, não esconde sua admiração pela civilização muçulmana, se mostra desgostoso em relação ao Ocidente bárbaro e sobretudo com o papa de Roma, a Grande. Seus colaboradores próximos são árabes, assim como os soldados de sua guarda, que, nas horas da prece, se prosternam voltando o olhar em direção a Meca. Tendo passado toda a sua juventude na Sicília, então centro privilegiado das ciências árabes, este espírito curioso não tem muitas coisas em comum com os *franj* obtusos e fanáticos. Em seu reino, a voz do muezim ressoa sem entraves.

Fakhreddin logo se torna amigo e confidente de Frederico. Através de-

le, os laços se estreitam entre o imperador germânico e o sultão do Cairo. Os dois monarcas trocam cartas discutindo a lógica de Aristóteles, a imortalidade da alma, a gênese do universo. Al-Kamel, sabendo da paixão de seu correspondente pela observação dos animais, lhe oferece ursos, macacos, dromedários, assim como um elefante, que o imperador confia aos responsáveis árabes de seu jardim zoológico particular. O sultão está satisfeito por encontrar no Ocidente um dirigente esclarecido, capaz de compreender, como ele, a inutilidade dessas intermináveis guerras religiosas. Também não hesita em expressar a Frederico seu desejo de vê-lo no Oriente num futuro próximo, acrescentando que se sentiria feliz vendo-o na posse de Jerusalém.

Compreende-se melhor esse acesso de generosidade quando se sabe que no momento em que essa oferta é formulada, a Cidade Santa pertence não a al-Kamel, mas a seu irmão al-Moazzam, com quem ele acaba de se indispor. No espírito de al-Kamel, a ocupação da Palestina por seu aliado Frederico criaria um Estado tampão que o protegeria contra os empreendimentos de al-Moazzam. Em prazo mais longo, o reino de Jerusalém, revigorado, poderia interpor-se eficazmente entre o Egito e os povos guerreiros da Ásia, cuja ameaça se determina. Um muçulmano fervoroso jamais teria encarado tão friamente a situação de abandonar a Cidade Santa, mas al-Kamel é bastante diferente de seu tio Saladino. Para ele, a questão de Jerusalém é antes de tudo política e militar; o aspecto religioso só é levado em conta na medida em que influencia a opinião pública. Não se sentindo mais próximo do cristianismo do que do Islã, Frederico tem um comportamento idêntico. Se ele deseja tomar posse da Cidade Santa, não é de modo algum para se recolher no túmulo de Cristo, mas porque tal resultado reforçaria sua posição na luta contra o papa, que acaba de excomungá-lo para o punir pelo atraso de sua expedição ao Oriente.

Quando em setembro de 1128 o imperador desembarca em Acre, está convencido de que com a ajuda de al-Kamel vai poder entrar vitorioso em Jerusalém, impondo assim o silêncio a seus inimigos. De fato, o mestre do Cairo está terrivelmente embaraçado, pois recentes acontecimentos subverteram totalmente o campo de batalha regional. Al-Moazzam morreu subitamente, em novembro de 1127, deixando Damasco a seu filho an-Nasser, um jovem sem experiência. Para al-Kamel, que pode doravante sonhar em se apoderar de Damasco e da Palestina, não se trata mais de estabelecer um Estado tampão entre o Egito e a Síria. Quer dizer, se a chegada de Frederico, que lhe pede Jerusalém e seus arredores, em nome da amizade, não o seduz muito, como homem honrado ele não pode renegar suas promessas, mas tenta tergiversar, explicando ao imperador que a situação mudou subitamente.

Frederico, que veio com apenas três mil homens, considerava que a tomada de Jerusalém seria somente uma formalidade. Assim não ousa lançar-se numa política de intimidação e procura enternecer al-Kamel. "Sou teu amigo", escreve-lhe. "Foste tu quem me incitaste a fazer esta viagem. Agora, o papa e todos os reis do Ocidente estão a par de minha missão. Se eu voltasse de mãos vazias, perderia toda a consideração. Por favor, dá-me Jerusalém para que eu possa continuar de cabeça erguida!" Al-Kamel fica tocado, assim envia a Frederico seu amigo Fakhreddin, carregado de presentes, com uma resposta de duplo sentido. "Eu também", lhe explica, "devo levar em conta esta opinião. Se te entregasse Jerusalém, isso poderia arrastar, não somente uma condenação de meus atos da parte do califado, mas também uma insurreição religiosa que poderia levar-me o trono". Tanto para um quanto para outro, tratava-se de salvar as aparências. Frederico chega a suplicar a Fakhreddin que lhe encontre uma saída honrosa. E este lhe lança, com o acordo prévio do sultão, uma bóia de salvação. "O povo jamais aceitará que entreguemos Jerusalém, tão caramente conquistada por Saladino, sem nenhum combate. Em compensação, se o acordo a respeito da Cidade Santa pudesse evitar uma guerra sangrenta..." O imperador compreende. Sorri, agradece ao amigo pelo conselho, depois ordena às suas magras tropas que se preparem para o combate. No final de novembro de 1128, enquanto marcha com grande pompa em direção ao porto de Jafa, al-Kamel manda proclamar por todo o país que é preciso se preparar para uma longa e dura guerra contra o poderoso soberano do Ocidente.

Algumas semanas mais tarde, sem que nenhum combate tenha acontecido, o texto do acordo está pronto: Frederico obtém Jerusalém, um corredor ligando-a à costa, assim como Belém, Nazaré, os arredores de Saida e a poderosa fortaleza de Tibnin, a leste de Tiro. Os muçulmanos mantêm, na Cidade Santa, sua presença no setor do Haram ach-Charif, onde estão agrupados seus principais santuários. O tratado é assinado a 18 de fevereiro de 1229 por Frederico e pelo embaixador Fakhreddin em nome do sultão. Um mês mais tarde, o imperador se dirige a Jerusalém, cuja população muçulmana foi evacuada por al-Kamel, com exceção de alguns religiosos encarregados dos locais de culto do Islã. Ele é recebido pelo cádi de Naplusa, Chamseddin, que lhe entrega as chaves da cidade e lhe serve de certo modo de guia. O próprio cádi conta essa visita.

> "Quando o imperador dos *franj* veio a Jerusalém, fiquei com ele como me havia pedido al-Kamel. Entrei com ele no Haram ach-Charif, onde ele deu uma volta pelas pequenas mesquitas. Depois nos dirigimos à mesquita al-Aqsa, da qual admirou a arquitetura, assim como a do Dôme-du-Rocher.

> Ficou fascinado com a beleza do púlpito, subiu seus degraus até em cima. Quando desceu, tomou-me pela mão e me arrastou novamente a al-Aqsa. Ali, encontrou um padre, que, com o evangelho na mão, queria entrar na mesquita. Furioso, o imperador começou a maltratá-lo. 'O que é que o trouxe a este lugar? Por Deus, se um de vós ousasse colocar os pés aqui sem permissão, eu lhe arrebentaria os olhos!' O padre se afastou tremendo. Naquela noite, pedi ao muezim que não chamasse à prece para não indispor o imperador. Mas este, quando fui vê-lo na manhã seguinte, me interrogou: 'Ó cádi, por que os muezins não chamaram para a prece como de costume?'. Respondi: 'Fui eu que os impedi de fazê-lo com respeito à tua majestade'. 'Não deverias ter agido assim', disse o imperador, 'pois se passei esta noite em Jerusalém, foi sobretudo para ouvir a chamada do muezim durante a noite''.

Quando de sua visita ao Dôme-du-Rocher, Frederico leu uma inscrição dizendo: *Saladino purificou esta cidade dos muchrikin*. Este termo, que significa ''associacionistas'' ou mesmo ''politeístas'', se refere àqueles que associam outras divindades ao culto do Deus único. Designa em particular, nesse contexto, os cristãos, adeptos da Trindade. Fingindo ignorá-lo, o imperador, com um sorriso divertido, pergunta a seus hospedeiros embaraçados quem poderiam ser esses ''muchrikin''. Poucos minutos depois, vendo uma rede de arame na entrada do Dôme, interroga sobre sua utilidade. ''É para impedir os pássaros de entrar neste local'', lhe respondem. Diante de seus interlocutores siderados, Frederico comenta a alusão visando evidentemente aos *franj*: ''E dizer que Deus permitiu que os porcos penetrassem aqui!''. O cronista de Damasco, Sibt Ibn al-Jawzi, que é, em 1229, um brilhante orador de 43 anos, vê nessas reflexões a prova de que Frederico não é nem cristão nem muçulmano, ''mas muito certamente ateu''. Acrescenta, fiando nos testemunhos daqueles que o tiveram na intimidade em Jerusalém, que o imperador ''era de pêlo ruivo, calvo e míope; se tivesse sido um escravo, não teria valido duzentos dirhans''.

A hostilidade de Sibt para com o imperador reflete o sentimento da grande maioria dos árabes. Noutras circunstâncias, ter-se-ia sem dúvida admirado a atitude amistosa do imperador em relação ao Islã e a sua civilização. Mas os termos do tratado redigido por al-Kamel escandalizam a opinião. ''Desde que a notícia da entrega da Cidade Santa aos *franj* foi conhecida'', diz o cronista, ''uma verdadeira tempestade sacudiu todas as terras do Islã. Em razão da gravidade do acontecimento, organizaram-se manifestações públicas de luto''. Em Bagdá, em Mossul, em Alepo, as pessoas se reuniram nas mesquitas para denunciar a traição de al-Kamel. É todavia em Damasco que a reação é mais violenta. ''O rei an-Nasser me pediu para reunir o povo na mesquita de Damasco'', conta Sibt, ''para que eu falasse do

que estava acontecendo em Jerusalém. Eu só podia aceitar, pois meus deveres para com a fé me ditaram assim".

É na presença de uma multidão desencadeada que o cronista-pregador sobe ao púlpito, com a cabeça cingida por um turbante de seda negra: "A notícia desastrosa que recebemos cortou nossos corações. Nossos peregrinos não mais poderão ir a Jerusalém, os versículos do Alcorão não mais serão recitados nas escolas. Como hoje é dia de grande vergonha para os muçulmanos!". An-Nasser assiste em pessoa à manifestação. Entre ele e seu tio al-Kamel, uma guerra aberta está declarada. Tanto que, no momento em que este entrega Jerusalém a Frederico, o exército egípcio impõe um severo bloqueio a Damasco. Para a população da metrópole síria, solidamente unida em torno de seu jovem soberano, a luta contra a traição do mestre do Cairo torna-se um tema de mobilização. A eloqüência de Sibt não será, todavia, suficiente para salvar Damasco. Dispondo de uma esmagadora superioridade numérica, al-Kamel sai vitorioso desse confronto, obtendo a capitulação da cidade e restabelecendo em seu proveito a unidade do império aiúbida.

Em junho de 1299, an-Nasser deverá abandonar sua capital. Amargo, mas de modo algum desesperado, ele se instala a leste do Jordão, na fortaleza de Kerak, onde vai aparecer, durante os anos de trégua, como o símbolo da firmeza diante do inimigo. Muitos damascenos permanecem ligados à sua pessoa, e numerosos militantes religiosos, desiludidos com a política exageradamente conciliadora dos outros aiúbidas, guardam a esperança, graças a este jovem príncipe fogoso que incita seus pares a continuar o *jihad* contra os invasores. "Quem melhor do que eu", escreve, "emprega todos os seus esforços para proteger o Islã? Qual outro se bate em todas as circunstâncias pela causa de Deus? Em novembro de 1239, cem dias depois da extinção da trégua, an-Nasser, em favor de um ataque-surpresa, se apodera de Jerusalém. Em todo o mundo árabe se verifica uma explosão de alegria. Os poetas comparam o vencedor a seu tio-avô Saladino e o agradecem por assim ter vingado a afronta causada pela traição de al-Kamel.

Os que fazem sua apologia se esquecem, contudo, de dizer que an-Nasser se havia reconciliado com o mestre do Cairo pouco antes da morte deste último, esperando sem dúvida que ele lhe transmitisse assim o governo de Damasco. Do mesmo modo, os poetas evitam revelar que o príncipe aiúbida não procurou conservar Jerusalém após sua retomada; estimando a cidade indefensável, ele se apressou em destruir a torre de Davi assim como outras fortificações recentemente construídas pelos *franj*, antes de se retirar com suas tropas para Kerak. O fervor não exclui o realismo político ou militar, poderíamos dizer. O comportamento suicida ulterior do dirigente entretanto não deixa de intrigar. Durante a inevitável guerra de sucessão

que segue ao desaparecimento de al-Kamel, an-Nasser não hesita em propor aos *franj* uma aliança contra seus primos. A fim de atrair os ocidentais, ele reconhece oficialmente, em 1243, seu direito sobre Jerusalém, oferecendo-se até para retirar os homens de religião muçulmana do Haram ach-Charif. Al-Kamel jamais fora tão longe assim em seu compromisso!

Sexta Parte

A Expulsão (1244-1291)

Atacados pelos mongóis — os tártaros — a leste e pelos franj *a oeste, os muçulmanos nunca foram colocados numa situação tão crítica. Só Deus pode ainda lhes trazer socorro.*

Ibn al-Athir

13

O chicote mongol

"Os acontecimentos que vou narrar são tão horrorosos que por muitos anos evitei fazer qualquer alusão a eles. Não é fácil anunciar que a morte se abateu sobre o Islã e os muçulmanos. Ah! Como eu teria gostado que minha mãe não me tivesse posto neste mundo, ou então que eu tivesse morrido sem ter sido testemunha de todas essas desgraças. Se alguém lhes disser que a Terra nunca conheceu semelhante calamidade desde que Deus criou o homem, não hesitem em acreditar, pois esta é a pura verdade. Entre os dramas mais célebres da História, cita-se geralmente o massacre dos filhos de Israel por Nabucodonosor e a destruição de Jerusalém. Mas isso não é nada em comparação com o que acaba de acontecer. Não, até o final dos tempos, jamais será vista uma catástrofe de tamanha amplitude."

Em sua volumosa *História perfeita*, Ibn al-Athir não adota em nenhum outro momento um tom tão patético. Sua tristeza, seu temor e sua incredulidade explodem página após página, retardando, como por superstição, o instante em que deve enfim ser pronunciado o nome do flagelo: Gengis Khan.

A ascensão do conquistador mongol começou pouco depois da morte de Saladino, mas somente um quarto de século mais tarde foi que os árabes sentiram a aproximação da ameaça. Gengis Khan em primeiro lugar reuniu sob sua autoridade as diversas tribos turcas e mongóis da Ásia central antes de se lançar à conquista do mundo. Em três direções: a leste, onde o império chinês foi avassalado depois anexado; a noroeste, onde a Rússia depois a Europa oriental foram devastadas; a oeste, onde a Pérsia foi invadida. "É preciso arrasar todas as cidades", dizia Gengis Khan, "para que o mundo inteiro se transforme numa imensa estepe onde mães mongóis amamentarão

crianças livres e felizes''. De fato, cidades prestigiosas como Bukara, Samarcanda ou Herat serão destruídas, e sua população dizimada.

A primeira arremetida mongol em terra islâmica coincidiu de fato com a invasão franca no Egito de 1218 a 1221. O mundo árabe então parecia estar entre dois fogos, o que sem dúvida explica em parte a atitude conciliadora de al-Kamel com relação a Jerusalém. Mas Gengis Khan tinha renunciado aventurar-se pelo oeste da Pérsia. Com sua morte, em 1227, com a idade de 67 anos, a pressão dos cavaleiros das estepes sobre o mundo árabe se havia afrouxado por alguns anos.

Na Síria o flagelo se manifesta primeiramente de modo indireto. Entre as numerosas dinastias que os mongóis esmagaram em seu caminho há a dos turcos khawarezmianos, que durante os anos precedentes, do Iraque à Índia, suplantaram os seldjúcidas. O desmantelamento desse império muçulmano, que havia tido sua hora de glória, obrigou o resto de seu exército a fugir para bem longe dos vencedores, e foi assim que mais de dez mil cavaleiros khawarezmianos chegaram um belo dia à Síria, saqueando e espoliando as cidades, participando como mercenários das lutas internas dos aiúbidas. Em junho de 1244, considerando-se suficientemente fortes para instaurar seu próprio Estado, os khawarezmianos se lançam ao assalto de Damasco. Pilham as aldeias vizinhas e saqueiam os vergéis da Ghuta, mas, incapazes, diante da resistência da cidade, de conduzir com bom resultado um longo cerco, mudam de objetivo e se dirigem subitamente em direção a Jerusalém, que ocupam sem dificuldade a 11 de julho. Se a população franca é poupada em grande parte, a cidade é saqueada e incendiada. Um novo ataque contra Damasco lhes vale todavia, para grande alívio de todas as cidades da Síria, serem dizimados poucos meses depois por uma aliança dos príncipes aiúbidas.

Desta vez, os cavaleiros francos não retomarão Jerusalém. Frederico, cuja habilidade diplomática tinha permitido que os ocidentais deixassem flutuar a bandeira cruzada nos muros da cidade por quinze anos, se desinteressa por sua sorte. Renunciando às suas ambições orientais, ele prefere manter relações mais amistosas com os dirigentes do Cairo. Quando em 1247 o rei da França, Luís IX, se empenha em organizar uma expedição contra o Egito, o imperador tenta dissuadi-lo disso. Ele é informado regularmente por Ayyub, filho de al-Kamel, sobre os preparativos da expedição ocidental.

É em setembro de 1248 que Luís chega ao Oriente, mas não se dirige imediatamente às costas egípcias, calculando que seria arriscado demais empreender uma campanha antes da primavera. Instala-se em Chipre, esforçando-se durante esse mês de espera para realizar o sonho que com freqüência visitará os *franj* até o final do século XIII e mesmo ainda mais: concluir

uma aliança com os mongóis para se apossar do mundo árabe. Embaixadores circulam doravante regularmente entre os invasores do Leste e do Oeste. Em fins de 1248, Luís recebe em Chipre uma delegação que o faz pensar numa possível conversão dos mongóis ao cristianismo. Comovido com essa perspectiva, ele se apressa em enviar de volta preciosos e piedosos presentes. Mas os sucessores de Gengis Khan não compreendem o sentido de seu gesto. Tratando o rei da França como um simples dependente, pedem-lhe para que ele mande todos os anos presentes do mesmo valor. Esse equívoco vai evitar para o mundo árabe, ao menos no momento, um ataque combinado entre seus dois inimigos.

Portanto, é sozinhos que os ocidentais se lançam ao assalto do Egito a 5 de junho de 1249, não sem que os dois monarcas tenham trocado, segundo as tradições da época, declarações de guerra tonitruantes. "Já lhe enviei", escreve Luís, "numerosas advertências as quais você não levou em consideração. Doravante, minha decisão está tomada: vou atacar o seu território, e mesmo que você prestasse juramento de fidelidade à Cruz eu não mudaria de opinião. Os exércitos que me obedecem cobrem montes e planícies, numerosos como os calhaus da terra, avançam em sua direção com as espadas do destino". Para apoiar essas ameaças, o rei da França lembra a seu inimigo alguns dos sucessos obtidos no ano precedente pelos cristãos contra os muçulmanos da Espanha: "Expulsamos os vossos como se fossem tropas de gado, matamos os homens, deixamos as mulheres viúvas e capturamos moças e rapazes. Isso não vos serve de lição?". A resposta de Ayyub apresenta o mesmo teor: "Insensato, você se esqueceu das terras que lhes ocupamos e que conquistamos no passado, e mesmo recentemente? Você se esqueceu dos prejuízos que lhes causamos?". Aparentemente consciente de sua inferioridade numérica, Ayyub encontra no Alcorão a citação que o fortalece: "Quantas vezes uma pequena tropa venceu uma grande, com a permissão de Deus, pois Deus está com os bravos". O que o encoraja a predizer a Luís: "Sua derrota é fatal. Em pouco tempo, irá lamentar amargamente a aventura na qual se meteu".

Desde o início de sua ofensiva, os *franj,* entretanto, conseguem garantir um sucesso decisivo. Damieta, que tinha corajosamente resistido à última expedição franca trinta anos antes, desta vez é abandonada sem combate. Sua queda, que semeia a confusão no mundo árabe, revela brutalmente o enfraquecimento extremo dos herdeiros do grande Saladino. O sultão Ayyub, imobilizado pela tuberculose, incapaz de comandar suas tropas, prefere, em vez de tomar o Egito, reiniciar a política de seu pai, al-Kamel, propondo a Luís a troca de Damieta por Jerusalém. Mas o rei da França recusa tratar com um "infiel" vencido e moribundo. Ayyub decide então resistir

e se faz transportar em liteira até a cidade de Mansurah, "a Vitoriosa", construída por al-Kamel no mesmo lugar onde a precedente invasão franca tinha sido derrotada. Infelizmente, a saúde do sultão declina rapidamente. Tomado por acessos de tosse que parecem não mais terminar, ele entra em coma, a 20 de novembro, quando os *franj*, encorajados pela baixa do Nilo, deixam Damieta em direção a Mansurah. Três dias mais tarde, para grande desordem em seu séquito, ele morre.

Como anunciar ao exército e ao povo que o sultão morreu enquanto o inimigo está às portas da cidade e o filho de Ayyub, Turanshah, se encontra a várias semanas de retorno? É então que intervém um personagem providencial: Chajarat-ad-dorr, "a árvore das jóias", uma escrava de origem armênia, bela e astuta, que há muitos anos é a esposa preferida de Ayyub. Reunindo os familiares do sultão, ela lhes ordena guardar silêncio até a chegada do herdeiro e até mesmo pede ao velho emir Fakhreddin, o amigo de Frederico, para escrever uma carta em nome do sultão para convocar os muçulmanos ao *jihad*. Segundo um dos colaboradores de Fakhreddin, o cronista sírio Ibn Wassel, o rei da França teria sabido muito cedo da morte de Ayyub, o que o teria encorajado a acentuar sua pressão militar. Mas, no acampamento egípcio, o segredo é guardado por muito tempo para que se evite uma desmoralização das tropas.

Se durante o mês de inverno a batalha se desencadeia em volta de Mansurah, a 10 de fevereiro de 1250, graças a uma traição, o exército franco penetra de surpresa no interior da cidade. Ibn Wassel, que então estava no Cairo, conta:

> "O emir Fakhreddin estava no banho quando vieram trazer-lhe a notícia. Surpreso, ele saltou imediatamente na sela sem armadura e sem cota de malhas, para ir ver o que se passava. Foi atacado por uma tropa de inimigos, que o matou. O rei dos *franj* entrou na cidade, atingindo o palácio do sultão; seus soldados se espalharam pelas ruas, enquanto os soldados muçulmanos e a população procuravam salvar-se numa fuga desordenada. O Islã parecia mortalmente atingido, e os *franj* iam colher o fruto da vitória quando chegaram os mamelucos turcos. Como o inimigo havia se dispersado pelas ruas, estes cavaleiros se lançaram valentemente ao assalto. Por toda parte os *franj* eram surpreendidos e massacrados a golpes de espada ou de maça. No fim do dia, os pombos tinham levado ao Cairo uma mensagem que anunciava o ataque dos *franj* sem nada contar sobre o final da batalha. Também estávamos angustiados. Todo mundo ficou triste nos bairros da cidade até o dia seguinte, quando novas mensagens nos informaram da vitória dos leões turcos. Houve festa nas ruas do Cairo".

Durante as semanas seguintes, o cronista vai observar, a partir da capital egípcia, duas séries de acontecimentos paralelos que vão mudar à face do Oriente árabe: de um lado, a luta vitoriosa contra a última grande invasão franca; de outro, uma revolução única na história, já que ela vai levar ao poder, por perto de três séculos, uma casta de oficiais-escravos.

Após a derrota em Mansurah, o rei da França vê que sua posição militar se torna insustentável. Incapaz de tomar a cidade, importunado por todos os lados pelos egípcios num terreno lamacento, atravessado por inumeráveis canais, Luís decide negociar. Em princípios de março, ele dirige a Turanshah, que acaba de chegar do Egito, uma mensagem conciliadora onde se diz pronto a aceitar a proposta feita por Ayyub de devolver Damieta em troca de Jerusalém. A resposta do novo sultão não se faz esperar: as ofertas generosas feitas por Ayyub deveriam ter sido aceitas no tempo de Ayyub! Agora, é tarde demais. De fato, Luís pode esperar no máximo salvar seu exército para deixar o Egito são e salvo, pois a pressão à sua volta se acentua. Em meados de março, várias dezenas de galeras egípcias chegam a infligir uma severa derrota à frota franca, destruindo ou capturando perto de uma centena de embarcações de todas as dimensões e cortando aos invasores todas as possibilidades de fuga para Damieta. A 7 de abril, o exército de invasão, que tenta forçar o bloqueio, é atacado por batalhões de mamelucos, aos quais se juntam milhares de voluntários. No final de poucas horas, os *franj* se encontram numa situação aflitiva. Para acabar com o massacre de seus homens, o rei da França capitula e pede que sua vida seja salva. Ele é conduzido, acorrentado, até Mansurah, onde é trancado na casa de um funcionário aiúbida.

Curiosamente, essa estrondosa vitória do novo sultão aiúbida, longe de reforçar seu poder, vai desencadear sua queda. Um conflito opõe, com efeito, Turanshah aos principais oficiais mamelucos de seu exército. Estes últimos, considerando não sem razão que é a eles que o Egito deve sua salvação, exigem desempenhar um papel determinante na direção do governo, enquanto o soberano quer aproveitar de seu prestígio recém-adquirido para instalar seus próprios homens nos cargos de responsabilidade. Três semanas após a vitória sobre os *franj,* um grupo desses oficiais mamelucos, reunidos pela iniciativa de um brilhante oficial turco de 40 anos, Baibars, o besteiro, decide entrar em ação. A 2 de maio de 1250, à saída de um banquete organizado pelo monarca, estoura uma revolta. Turanshah, ferido no ombro por Baibars, corre em direção ao Nilo na esperança de fugir numa barca, quando seus assaltantes tornam a agarrá-lo. Ele suplica para que lhe poupem a vida, prometendo deixar para sempre o Egito e renunciar ao poder. Mas o último dos sultões aiúbidas é morto sem piedade. Um enviado do califa de-

verá intervir para que os mamelucos aceitem dar uma sepultura a seu ex-mestre.

Apesar do êxito em seu golpe de Estado, os oficiais-escravos hesitam em se apoderar diretamente do trono. Os mais prudentes entre eles se esforçam para encontrar um compromisso que permita conferir a seu poder nascente uma aparência de legitimidade aiúbida. A fórmula que eles põem em funcionamento marcará época na história do mundo muçulmano, como notou Ibn Wassel, testemunha incrédula do singular acontecimento.

> "Após o assassinato de Turanshah", ele conta, "os emires e os mamelucos se reuniram perto do pavilhão do sultão e decidiram levar ao poder Chajarat-ad-dorr, uma esposa do sultão aiúbida, que se torna rainha e sultana. Ela tomou em mãos os negócios do governo, estabeleceu em seu nome um selo real com a fórmula *Oum Khalil*, 'a mãe de Khalil', uma criança que ela havia tido e que morrera na infância. O sermão da sexta-feira foi pronunciado em todas as mesquitas em nome de Oum Khalil, sultana do Cairo e de todo o Egito. Este foi um fato sem precedentes na história do Islã".

Pouco depois de sua entronização, Chajarat-ad-dorr se casa com um dos chefes mamelucos, Aibek, e lhe confere o título de sultão.

A substituição dos aiúbidas pelos mamelucos marca um nítido endurecimento da atitude do mundo muçulmano com relação aos invasores. Os descendentes de Saladino tinham se mostrado mais do que conciliantes para com os *franj*. Sobretudo seu poder enfraquecido não estava mais em condições de fazer frente aos perigos que ameaçavam o Islã tanto a leste quanto a oeste. A revolução mameluca aparecerá rapidamente como um empreendimento de endireitamento militar, político e religioso.

O golpe de Estado acontecido no Cairo não muda em nada o destino do rei da França, sobre quem um acordo de princípio se interpusera nos tempos de Turanshah, segundo o qual Luís devia permanecer livre em troca da retirada de todas as tropas francas do território egípcio, particularmente de Damieta, e do pagamento de um resgate de um milhão de dinares. Poucos dias depois da ascensão ao poder de Oum Khalil, o soberano francês é efetivamente solto, depois de ter sido admoestado pelos negociadores egípcios: "Como um homem de bom senso, sábio e inteligente como você, pode embarcar num navio para vir a um território povoado por inumeráveis muçulmanos? De acordo com nossa lei, um homem que atravessa assim o mar não pode ser questionado pela justiça". "E por quê?", interroga o rei. "Porque se considera que ele não esteja na posse de todas as suas faculdades."

O último soldado franco deixará o Egito antes do final do mês de maio.

Nunca mais os ocidentais tentarão invadir o país do Nilo. O "perigo louro" será rapidamente eclipsado por aquele, bem mais pavoroso, que representa os descendentes de Gengis Khan. Desde a morte do grande conquistador, seu império ficou enfraquecido pelos conflitos de sucessão, e o Oriente muçulmano beneficiou-se de um pequeno e inesperado descanso. A partir de 1251, todavia, os cavaleiros das estepes estão novamente unidos sob a autoridade de três irmãos, netos de Gengis Khan: Mongkla, Kubilai e Hulagu. O primeiro é designado como soberano incontestável do império, tendo por capital Karakorum, na Mongólia; o segundo reina em Pequim; o terceiro, instalado na Pérsia, tem a ambição de conquistar todo o Oriente muçulmano, até as margens do Mediterrâneo, talvez até o Nilo. Hulagu é um personagem complexo. Apaixonado pela filosofia e pelas ciências, procurando a sociedade dos letrados, se transforma durante suas campanhas numa besta sanguinária, sedenta de sangue e de destruição. Sua atitude com relação à religião não é menos contraditória. Bastante influenciado pelo cristianismo — sua mãe, sua mulher preferida e vários de seus colaboradores pertencem à Igreja nestoriana — ele entretanto jamais renunciou ao xamanismo, religião tradicional de seu povo. Nos territórios que governa, particularmente na Pérsia, mostra-se geralmente tolerante com relação aos muçulmanos, mas, arrebatado por sua vontade de destruir qualquer entidade política capaz de se opor a ele, sustenta contra as metrópoles mais prestigiosas do Islã uma guerra de destruição total.

Seu primeiro alvo será Bagdá. Num primeiro tempo, Hulagu pede ao califa abássida al-Mutassim, trigésimo sétimo de sua dinastia, para reconhecer a suserania mongol como seus predecessores tinham aceito no passado a dos seldjúcidas. O príncipe dos crentes, confiante demais em seu prestígio, manda dizer ao conquistador que qualquer ataque contra a capital do califado provocaria a mobilização da totalidade do mundo muçulmano, das Índias ao Maghreb. De modo algum impressionado, o neto de Gengis Khan proclama sua intenção de tomar a cidade pela força. Acompanhado de centenas de milhares de cavaleiros, ele avança, no final de 1257, em direção à capital abássida, destruindo em sua passagem o santuário dos Assassinos em Alamut, onde uma biblioteca de valor inestimável é destruída, tornando para sempre difícil qualquer conhecimento aprofundado da doutrina e das atividades da seita. Assumindo então consciência da amplitude da ameaça, o califa decide negociar. Propõe a Hulagu pronunciar seu nome nas mesquitas de Bagdá e lhe outorgar o título de sultão. É tarde demais: o mongol optou definitivamente pela força. Depois de algumas semanas de resistência corajosa, o príncipe dos crentes é forçado a capitular. Ele vai pessoalmente, a 10 de fevereiro de 1258, ao acampamento do vencedor e faz com

Biblioteca FIBRA

que ele prometa conservar a vida de todos os cidadãos, se eles aceitarem depor as armas. Em vão: assim que se desarmam, os combatentes muçulmanos são exterminados. Depois a horda mongólica se espalha pela prestigiosa cidade, demolindo os edifícios, incendiando bairros, massacrando sem piedade homens, mulheres e crianças, perto de oitenta mil pessoas ao todo. Só a comunidade cristã da cidade é poupada graças à intervenção da mulher do Khan. O próprio príncipe dos crentes será executado por sufocação poucos dias depois de sua derrota. O final trágico do califado abássida mergulha o mundo muçulmano no estupor. Não se trata mais de agora em diante de um combate bélico para o controle de uma cidade ou de uma região, mas de uma luta desesperada pela sobrevivência do Islã.

Tanto que os tártaros prosseguem seu caminho triunfal em direção à Síria. Em janeiro de 1260, o exército de Hulagu investe contra Alepo, tomada depois de uma resistência heróica. Como em Bagdá, massacres e devastações se abatem sobre essa antiga cidade, culpada de ter feito frente ao conquistador. Algumas semanas mais tarde, os invasores estão às portas de Damasco. Os régulos aiúbidas que ainda governam as cidades sírias são incapazes de reter a corrente. Alguns deles decidem reconhecer o poderio do Grande Khan, sonhando mesmo, cúmulo da inconsciência, aliar-se aos invasores contra os mamelucos do Egito, inimigos de sua dinastia. Entre os cristãos, orientais ou francos, as opiniões estão divididas. Os arménios, na pessoa de seu rei Hethum, tomam a defesa dos mongóis, assim como o príncipe Bohémond de Antioquia, seu genro. Em compensação, os *franj* de Acre adotam uma posição de neutralidade, que favorecia sobremaneira aos muçulmanos. Mas a impressão que prevalece, tanto no Oriente quanto no Ocidente, é que a campanha mongol é uma espécie de guerra santa levada contra o Islã, que corresponde simetricamente às expedições francas. Esta impressão é reforçada pelo fato de que o principal lugar-tenente de Hulagu na Síria, o general Kitbuka, é um cristão nestoriano. Quando Damasco é tomada, a 1.° de março de 1260, são três príncipes cristãos, Bohémond, Hethum e Kitbuka, que ali penetram como vencedores, para grande escândalo dos árabes.

Até onde irão os tártaros? A Meca, asseguram alguns, para levar o golpe de misericórdia à religião do Profeta. Em Jerusalém, de qualquer forma, e dentro em pouco. Toda a Síria está convencida disso. No dia seguinte à queda de Damasco, dois destacamentos mongóis se apressam em ocupar duas cidades palestinas: Naplusa, no centro, e Gaza, a sudoeste. Estando, esta última, situada nos confins do Sinai, parece certo, nessa trágica primavera de 1260, que o próprio Egito não escapará à devastação. Hulagu, aliás, não esperou o final de sua campanha síria para enviar um embaixador ao Cairo para pedir a rendição incondicional do país do Nilo. O emissário foi

recebido, ouvido e depois decapitado. Os mestiços não brincam. Seus métodos não se assemelham em nada aos de Saladino. Os sultões-escravos que governam no Cairo há dez anos refletem o endurecimento e a intransigência de um mundo árabe acometido por todas as partes. Eles se batem por todos os meios. Sem escrúpulos, sem gestos magnânimos, sem compromisso. Mas com coragem e eficiência.

Em todo caso, é para eles que se voltam os olhares, pois representam a última esperança de entrave à progressão do invasor. No Cairo, o poder está há alguns meses nas mãos de um militar de origem turca, Qutuz. Chajarat-ad-dorr e seu marido Aibek, após terem governado juntos por sete anos, haviam acabado por se destruir um ao outro. A esse respeito, numerosas versões circularam durante muito tempo. Aquela que tem o favor dos contadores populares mistura evidentemente o amor e o ciúme às ambições políticas. A sultana está dando banho em seu marido, como o faz sempre, quando, aproveitando desse momento de repouso e de intimidade, ela censura o sultão por ter tomado como amante uma linda escrava de 14 anos. "Então não te agrado mais?"; pergunta para enternecê-lo. Mas Aibek responde brutalmente: "Ela é jovem, e tu não és mais". Chajarat-ad-dorr treme de raiva. Cobre os olhos do marido com sabão, dirige-lhe algumas palavras conciliadoras para distraí-lo, depois bruscamente, pegando um punhal, atravessa-lhe o flanco. Aibek cai. A sultana fica alguns instantes imóvel, como que paralisada. Depois, dirigindo-se à porta, chama alguns escravos fiéis para que a livrem do corpo. Mas, para sua infelicidade, um dos filhos de Aibek, de quinze anos, que notou estar vermelha a água do banho que escorre para fora, se precipita no quarto, percebe Chajarat-ad-dorr de pé junto à porta, seminua, tendo ainda na mão um punhal vermelho de sangue. Ela foge pelos corredores do palácio, perseguida por seu enteado, que alerta os guardas. No momento de ser pega, a sultana tropeça. Sua cabeça vai violentamente de encontro a um ladrilho de mármore. Quando a encontram, ela não mais respira.

Ainda que fortemente romanceada, esta versão apresenta um real interesse histórico, na medida em que, segundo qualquer memória, reproduz o que efetivamente se contou nas ruas do Cairo no dia seguinte ao drama, em abril de 1257.

Seja como for, após o desaparecimento dos dois soberanos, o jovem filho de Aibek se instala no trono. Não por muito tempo. À medida que a ameaça mongol torna necessário, os chefes do exército egípcio determinam que um adolescente não pode assegurar a responsabilidade do combate decisivo que se prepara. Em dezembro de 1259, no momento em que as hordas de Hulagu começam a desfraldar as velas sobre a Síria, um golpe de Estado

leva ao poder Qutuz, um homem maduro, enérgico, que fala de improviso a linguagem da Guerra Santa e convoca a mobilização geral contra o invasor inimigo do Islã.

Com o retrocesso histórico, o novo golpe de Estado do Cairo surge como um verdadeiro sobressalto patriótico. Logo em seguida, o país está em pé de guerra. Em julho de 1260, um poderoso exército egípcio penetra na Palestina para enfrentar o inimigo.

Qutuz não ignora que o exército mongol perdeu seus efetivos desde que Mongka, Khan supremo dos mongóis, tendo morrido, seu irmão Hulagu teve de partir com seu exército para participar da inevitável luta de sucessão. Desde a tomada de Damasco, o neto de Gengis Khan abandonou a Síria, deixando lá apenas alguns milhares de cavaleiros comandados por seu lugar-tenente Kitbuka.

O sultão Qutuz sabe que é o momento de desferir um golpe no invasor. O exército egípcio começa por atacar a guarnição mongol de Gaza que, desprevenida, mal resiste. Depois os mamelucos avançam até Acre, sabendo que os *franj* da Palestina se mostram mais reticentes que os de Antioquia com relação aos mongóis. Se alguns de seus barões se rejubilam ainda com as derrotas do Islã, a maioria está atemorizada com a brutalidade dos conquistadores asiáticos. Também, quando Qutuz lhes propõe uma aliança, sua resposta é negativa: se não estão prontos para participar dos combates, não se opõem a deixar passar o exército egípcio em suas terras e a permitir que eles se abasteçam. O sultão pode assim avançar pelo interior da Palestina, e mesmo até Damasco, sem ter de proteger sua retaguarda.

Kitbuka se prepara para ir ao seu encontro quando eclode uma insurreição popular em Damasco. Os muçulmanos da cidade, cansados com os rigores do invasor e encorajados com a partida de Hulagu, levantam barricadas nas ruas e põem fogo nas igrejas poupadas pelos mongóis. Kitbuka vai precisar de vários dias para restabelecer a ordem, o que permite a Qutuz consolidar suas posições na Galiléia. É nos arredores da aldeia de Ain Jalut, "a fonte de Golias", que os dois exércitos se encontram a 3 de setembro de 1260. Qutuz teve tempo de esconder a maior parte de suas tropas, deixando apenas no campo de batalha uma vanguarda comandada pelo mais brilhante de seus oficiais, Baibars. Kitbuka chega repentinamente e, mal informado, cai na armadilha. Com todas as suas tropas, ele se lança ao ataque. Baibars recua, mas enquanto o persegue o mongol se vê de súbito cercado por todos os lados pelas forças egípcias, mais numerosas que as suas.

Em poucas horas, a cavalaria mongol é exterminada. O próprio Kitbuka é capturado e logo decapitado.

A 8 de setembro à noite, os cavaleiros mamelucos entram como libertadores numa Damasco regozijante.

14

Praza a Deus que eles nunca mais coloquem os pés aqui.
Abul-Fida

Bem menos espetacular que Hittin, mais convencional também no plano militar, Ain Jalut aparece todavia como uma das batalhas mais decisivas da História. Ela vai, na verdade, permitir aos muçulmanos não somente escapar ao aniquilamento, mas também reconquistar todas as terras que os mongóis lhes haviam tomado. Logo os descendentes de Hulagu, instalados na Pérsia, vão se converter ao Islã para melhor assentar sua autoridade.

No instante, o sobressalto mameluco vai conduzir a uma série de prestações de contas com todos aqueles que ajudaram o invasor. O alerta havia sido impetuoso. Doravante, nada de conceder *sursis* ao inimigo, quer seja *franj* ou tártaro.

Após ter retomado Alepo, no princípio de outubro de 1260, e repelido sem dificuldade uma contra-ofensiva de Hulagu, os mamelucos se empenham em organizar grupos de ataques punitivos contra Bohémond de Antioquia e Hethum da Armênia, principais aliados dos mongóis. Mas uma luta pelo poder ocorre no seio do exército egípcio. Baibars queria estabelecer-se em Alepo na qualidade de governador semi-independente; Qutuz, que receia as ambições de seu lugar-tenente, recusa. Ele não aceita um poder concorrente na Síria. Para pôr termo a esse conflito, o sultão reúne seu exér-

cito e retoma o caminho do Egito. A três dias de marcha do Cairo, ele concede aos soldados um dia de repouso, 23 de outubro, e decide se entregar a seu esporte favorito, a caça à lebre, em companhia dos principais chefes do exército. Ele tem, aliás, o cuidado de se fazer acompanhar por Baibars, com medo de que este último aproveite de sua ausência para fomentar uma rebelião. A pequena tropa se afasta do acampamento ao amanhecer. No fim de duas horas, pára para descansar um pouco. Um emir se aproxima de Qutuz e toma-lhe a mão como se fosse para beijá-la. No mesmo instante, Baibars desembainha a espada e a crava nas costas do sultão, que cai. Sem perder um momento, os dois conjurados saltam em suas montarias e retornam ao acampamento à toda velocidade. Apresentam-se diante do emir Aqtai, um velho oficial unanimemente respeitado no exército, e lhe anunciam: "Matamos Qutuz". Aqtai, que não parece estar muito emocionado, pergunta: "Qual de vós o matou com as próprias mãos?". Baibars não hesita: "Fui eu!". O velho mameluco se aproxima dele, o convida a se instalar na tenda do sultão e se curva diante dele para lhe render homenagem. Logo, todo o exército aclama o novo sultão.

Essa ingratidão para com o vencedor de Ain Jalut, menos de dois meses após seu brilhante feito, não enaltece, evidentemente, os mamelucos. É preciso todavia considerar, para defesa dos oficiais-escravos, que a maior parte deles considera Baibars, há longos anos, como seu verdadeiro chefe. Não foi ele quem, em 1250, ousou pela primeira vez castigar com sua arma o aiúbida Turanshah, expressando assim a vontade dos mamelucos de tomar conta do poder? Ele não desempenhou um papel determinante na vitória contra os mongóis? Tanto pela sua perspicácia política, pela sua habilidade militar, quanto por sua extraordinária coragem física, ele se impôs como o primeiro dos seus.

Nascido em 1233, o sultão mameluco começou a vida como escravo na Síria. Seu primeiro mestre, o emir aiúbida de Hama, o tinha vendido por superstição, pois seu olhar o inquietava. O jovem Baibars era em verdade um gigante muito moreno, de voz rouca, olhos claros e azuis, tendo, no olho direito, uma mancha branca. O futuro sultão foi comprado por um oficial mameluco que o incorporou à guarda de Ayyub onde, graças às suas qualidades pessoais, e sobretudo à sua total ausência de escrúpulos, conseguiu abrir caminho até o topo da hierarquia.

No final de outubro de 1260, Baibars entra vencedor no Cairo, onde sua autoridade é reconhecida sem nenhuma dificuldade. Nas cidades sírias, em compensação, outros oficiais mamelucos aproveitam da morte de Qutuz para proclamar sua independência. Mas, através de uma campanha-relâmpago, o sultão se apodera de Damasco e de Alepo, reunificando sob sua auto-

ridade o antigo domínio aiúbida. Muito rapidamente, esse oficial sanguinário e inculto mostra ser um grande homem de Estado, artesão de um verdadeiro renascimento do mundo árabe. Sob seu reinado, o Egito e, em menor escala, a Síria, vão tornar-se centros de emanação cultural e artística. Baibars, que vai consagrar sua vida a destruir todas as fortalezas francas capazes de lhe fazer frente, se afirma por outro lado como um grande construtor, embelezando o Cairo, construindo acima de tudo seu domínio de pontes e estradas. Também vai restabelecer uma espécie de serviço postal, com pombos ou cavalos, ainda mais eficaz que os de Nureddin ou Saladino. Seu governo será severo, às vezes brutal, mas esclarecido, e de modo algum arbitrário. Com relação aos *franj*, ele adota desde sua ascensão ao poder uma atitude firme, que visa reduzir sua influência. Mas diferencia aqueles de Acre, que ele simplesmente quer enfraquecer, daqueles de Antioquia, culpados de terem causa em comum com os invasores mongóis.

Desde o final de 1261, ele pensa em organizar uma expedição punitiva contra as terras do príncipe Bohémond e do rei armênio Hethum. Mas vai de encontro aos tártaros. Se Hulagu não está mais em condições de invadir a Síria, ele dispõe ainda, na Pérsia, de forças suficientes para impedir o castigo de seus aliados. Prudentemente, Baibars decide esperar melhor ocasião.

Ela se apresenta em 1265, com a morte de Hulagu. Então, Baibars aproveita as divisões que se manifestam entre os mongóis para invadir antes de tudo a Galiléia e reduzir várias praças-fortes com a cumplicidade de uma parte da população cristã local. Depois se dirige bruscamente em direção ao norte, penetra no território de Hethum, destrói uma a uma todas as cidades, e particularmente sua capital, Sis, da qual mata uma grande parte da população e leva mais de quarenta mil cativos. O reino armênio jamais se restabelecerá. Na primavera de 1268, Baibars parte novamente em campanha. Começa por atacar os arredores de Acre, apodera-se do castelo de Beaufort, depois, arrastando seu exército em direção ao norte, se apresenta em 1º de maio sob os muros de Trípoli. Ali encontra o mestre da cidade, que não é outro senão Bohémond, igualmente príncipe de Antioquia. Este último, que nada ignora do ressentimento do sultão a seu respeito, se prepara para um longo cerco. Mas Baibars tem outros projetos. Poucos dias mais tarde, ele retoma seu caminho em direção ao norte para chegar diante de Antioquia em 14 de maio. A maior das cidades francas, que tinha feito frente durante 170 anos a todos os soberanos muçulmanos, não resistirá por mais de quatro dias. Em 18 de maio à noite uma brecha é aberta nas muralhas, não longe da cidadela; as tropas de Baibars se espalham pelas ruas. Essa conquista não se assemelha às de Saladino. A população é inteiramente massa-

crada ou fica reduzida à escravidão, a própria cidade é totalmente devastada. Da prestigiosa Antioquia restará apenas uma aldeola desolada, salpicada de ruínas, que o tempo enterrará sob a vegetação.

Bohémond só fica sabendo da queda de sua cidade através de uma carta memorável que lhe envia Baibars, na realidade redigida pelo cronista oficial do sultão, o egípcio Ibn Abd-el-Zaher:

> "Ao nobre e valoroso cavaleiro Bohémond, príncipe transformado em simples conde graças à tomada de Antioquia".

A picardia não pára aí:

> "Quando te deixamos em Trípoli, nos dirigimos imediatamente a Antioquia, onde chegamos no primeiro dia do mês venerado do ramadã. Na mesma hora de nossa chegada, tuas tropas saíram para nos oferecer combate, mas foram vencidas, pois, se elas se prestassem apoio mútuo, o apoio de Deus lhes faltaria. Não viste teus cavaleiros no chão debaixo das patas dos cavalos, teus palácios submetidos ao saque, tuas damas sendo vendidas nos mercados da cidade e compradas por um dinar somente, tomado, aliás, de teu próprio dinheiro!".

Após uma longa descrição, onde nenhum detalhe foi economizado ao recipiendário da mensagem, o sultão conclui, chegando ao fato:

> "Esta carta te alegrará ao anunciar-te que Deus te deu a graça de te guardar são e salvo e de prolongar a tua vida, já que não te encontravas em Antioquia. Pois, se ali estivesses, agora estarias morto, ferido ou serias prisioneiro. Mas talvez Deus tenha te economizado para que te submetas e faças ato de obediência".

Como homem razoável, e sobretudo impossibilitado de atuação, Bohémond responde propondo uma trégua. Baibars aceita. Ele sabe que o conde, aterrorizado, não representa mais nenhum perigo, não mais que Hethum, cujo reino foi praticamente riscado do mapa. Quanto aos *franj* da Palestina, estes se contentam em obter uma prorrogação. O sultão envia a Acre seu cronista Ibn Abd-el-Zaher para selar o acordo.

> "Seu rei procurava hesitar para obter melhores condições, mas eu me mostrei inflexível, de conformidade com as diretivas do sultão. Exasperado, o rei dos *franj* pediu ao intérprete: 'Diga-lhe para olhar atrás dele!'. Eu me voltei e vi todo o exército dos *franj* em formação de combate. O intérprete acrescentou: 'O rei te diz para não te esqueceres da existência desta multidão de soldados'. Como eu não respondesse, o rei insistiu com o intérprete. Então perguntei: 'Posso estar seguro de conservar a vida se eu disser o que penso?'.

'Sim.' 'Então, diga ao rei que há menos soldados em seu exército do que prisioneiros francos nas prisões do Cairo!' O rei só faltou ficar sufocado, então pôs fim à entrevista, mas pouco tempo depois ele nos recebeu para concluir a trégua."

De fato, os cavaleiros francos não mais inquietarão Baibars. A inevitável reação com a tomada de Antioquia, ele o sabe, não virá deles, mas de seus mestres, os reis do Ocidente.

O ano de 1268 não havia terminado quando rumores persistentes anunciam o retorno próximo ao Oriente do rei da França à frente de um poderoso exército. O sultão interroga freqüentemente mercadores ou viajantes. Durante o verão de 1270, uma mensagem chega ao Cairo anunciando que Luís desembarcou com seis mil homens na praia de Cartago, próximo a Túnis. Sem hesitar, Baibars reúne os principais emires mamelucos para lhes anunciar sua intenção de partir à frente de um poderoso exército em direção à longínqua província da África, para ajudar os muçulmanos a repelir essa nova invasão franca. Mas, poucas semanas mais tarde, uma nova mensagem chega ao sultão, assinada por al-Mustansir, emir de Túnis, informando que o rei da França foi encontrado morto em seu acampamento e que seu exército havia partido, não sem ter sido em grande parte dizimado pela guerra ou pela doença. Afastado esse perigo, é tempo de Baibars lançar uma nova ofensiva contra os *franj* do Oriente. Em março de 1271, ele se apodera do temível "Hosn-al-Akrad", o krak dos cavaleiros, que o próprio Saladino não tinha conseguido vencer.

Nos anos que se seguem, os *franj* e sobretudo os mongóis, dirigidos por Abaga, filho e sucessor de Hulagu, organizarão várias incursões à Síria; mas serão invariavelmente repelidos. E quando Baibars morre envenenado, em julho de 1277, as possessões francas no Oriente não representam mais do que um rosário de cidades costeiras cercadas por todas as partes pelo império mameluco. Sua poderosa rede de fortalezas foi totalmente desmantelada. O *sursis* de que gozaram no tempo dos aiúbidas termina imediatamente; sua expulsão é de agora em diante fatal.

Entretanto nada urge. A trégua concedida por Baibars é mantida em 1283 por Qalaun, o novo sultão mameluco. Com relação aos *franj,* este não dá provas de nenhuma hostilidade. Declara-se pronto a garantir sua presença e sua segurança no Oriente, com a condição de que eles renunciem, por ocasião de cada invasão, a prestar auxílio aos inimigos do Islã. O texto do tratado que ele propõe ao reino de Acre constitui, da parte deste administrador hábil e esclarecido, uma tentativa de "regularização" da situação dos *franj.*

"Se um rei franco partisse do Ocidente", diz o texto, "para vir meter-se nas terras do sultão ou de seu filho, o regente do reino e os grandes mestres de Acre estavam obrigados a informar o sultão de sua vinda dois meses antes de sua chegada. Se ele desembarcasse no Oriente depois que estes dois meses se passassem, o regente do reino e os grandes mestres de Acre estariam isentos de qualquer responsabilidade.

Se um inimigo viesse dentre os mongóis, ou de outra parte, aquele dos dois partidos que tivesse conhecimento disso em primeiro lugar deveria advertir o outro. Se tal inimigo — Deus queira que não! — marchasse contra a Síria e as tropas do sultão se retirassem diante dele, os dirigentes de Acre teriam direito de entrar em negociações com esse inimigo com o objetivo de salvar seus súditos e seus territórios".

Assinada em maio de 1283, "por dez anos, dez meses, dez dias e dez horas", a trégua cobre "todos os países francos do litoral, isto é, a cidade de Acre, com seus vergéis, seus terrenos, seus moinhos, suas vinhas e as setenta e três aldeias que dela dependem; a cidade de Haifa, suas vinhas, seus vergéis e as sete aldeias que a ela estão ligadas ... No que diz respeito a Saida, o castelo e a cidade, as vinhas e a periferia pertencem aos *franj*, assim como as quinze aldeias que a ela estão ligadas, com a planície circundante, seus rios, riachos, fontes, vergéis, moinhos, canais e diques que servem há muito tempo para a irrigação de suas terras". Se a enumeração é longa e minuciosa é para evitar qualquer litígio. O conjunto do território franco aparece todavia dividido: uma faixa costeira, estreita e adelgaçada, que não se assemelha em nada à antiga e temível potência regional constituída outrora pelos *franj*. Verdade que os locais mencionados não representam o conjunto das possessões francas. Tiro, que se destacou do reino de Acre, conclui um acordo separado com Qalaun. Mais ao norte, cidades como Trípoli ou Lattaquieh estão excluídas da trégua.

É também o caso da fortaleza de Marqab, mantida pelos hospitalários, "al-osbitar". Estes monges-cavaleiros tomaram a defesa dos mongóis, até mesmo combatendo a seu lado quando de uma nova tentativa de invasão em 1281. Assim, Qalaun decidiu fazê-los pagar por isso. Na primavera de 1285, nos conta Ibn Abd-el-Zaher, "o sultão preparou em Damasco máquinas de sítio. Mandou vir do Egito grande quantidade de flechas e de armas de todas as espécies que ele distribuiu aos emires. Mandou preparar também engenhos de ferro e tubos lança-chamas como não existem em parte alguma salvo nos *makhazen* — depósitos — e *dar-al-sinaa*, arsenal do sultão. Igualmente foram recrutados peritos pirotécnicos, e cercou-se Marqab com um cinturão de catapultas das quais três do tipo 'franco' e quatro do tipo 'diabo'. A 25 de maio, as alas da fortaleza estão tão profundamente mina-

das que os defensores capitulam. Qalaun os autoriza a partir são e salvos para Trípoli, levando seus bens pessoais.

Uma vez mais, os aliados dos mongóis teriam sido castigados sem que estes últimos pudessem intervir. Gostariam de ter reagido, mas as cinco semanas que durou o cerco teriam sido insuficientes para organizar uma expedição que partisse da Pérsia. Entretanto, nesse ano de 1285, os tártaros, mais determinados do que nunca, decidem retomar sua ofensiva contra os muçulmanos. Seu novo chefe, o *ilkham* Arghun, neto de Hulagu, retomou por conta própria o sonho mais caro de seus predecessores: realizar uma aliança com os ocidentais para tomar o sultanato mameluco. Contatos bem regulares são então estabelecidos entre Tabriz e Roma para organizar uma expedição comum, ou pelo menos combinada. Em 1289, Qalaun pressente um perigo iminente, mas seus agentes não conseguem fornecer-lhe informações precisas. Ele ignora, em particular, que um plano de campanha minucioso, elaborado por Arghun, acaba de ser proposto por escrito ao papa e aos principais reis do Ocidente. Uma dessas cartas, endereçada ao soberano francês Felipe IV, o Belo, foi conservada. O chefe mongol nela propõe iniciar a invasão da Síria na primeira semana de janeiro de 1291. Ele prevê que Damasco cairá em meados de fevereiro e que Jerusalém será tomada pouco depois.

Sem verdadeiramente adivinhar o que está sendo tramado, Qalaun fica cada vez mais inquieto. Ele teme que os invasores do leste ou do oeste não possam encontrar nas cidades francas da Síria uma cabeça de ponte que facilite sua penetração. Mas, ainda que esteja convencido de que a presença dos *franj* constitui uma ameaça permanente para a segurança do mundo muçulmano, ele recusa confundir as pessoas de Acre e as da metade norte da Síria, que se mostraram abertamente favoráveis ao invasor mongol. De qualquer maneira, como homem honrado, o sultão não pode atacar Acre, protegida pelo tratado de paz por cinco anos ainda. Assim decidirá pôr a culpa em Trípoli. É sob os muros da cidade, conquistada 180 anos antes pelo filho de Sain-Gilles, que seu poderoso exército se reúne em março de 1289.

Entre as dezenas de combatentes do exército muçulmano se encontra Abul-Fida, um jovem emir de 16 anos. Saído da dinastia aiúbida mas transformado em vassalo dos mamelucos, ele reinará alguns anos mais tarde sobre a pequena cidade de Hama, onde consagrará o essencial de seu tempo a ler e a escrever. A obra deste historiador, que é também geógrafo e poeta, é sobretudo interessante pela narrativa que nos oferece dos últimos anos da presença franca no Oriente. Pois Abul-Fida está presente, com os olhos atentos e a espada na mão, em todos os campos de batalha.

"A cidade de Trípoli", ele observa, "está cercada pelo mar e só pode ser atacada por terra pelo leste, por uma estreita passagem. Após ter armado o cerco, o sultão apontou em sua direção um grande número de catapultas de todos os tamanhos, e lhe impôs um bloqueio rigoroso".

Após mais de um mês de combates, a cidade cai em abril nas mãos de Qalaun.

"As tropas muçulmanas ali penetraram à força", acrescenta Abul-Fida, que de modo algum tenta encobrir a verdade. "A população retrocedeu para o porto. Ali, alguns homens escaparam em navios, mas a maioria deles foi massacrada, as mulheres e as crianças capturadas, e os muçulmanos amealharam um imenso despojo."

Quando os invasores acabaram de matar e de saquear, a cidade é demolida e arrasada por ordem do sultão.

"A pouca distância de Trípoli havia, em pleno mar, uma ilhota com uma igreja. Quando a cidade foi tomada, muitos *franj* ali se refugiaram com suas famílias. Mas as tropas muçulmanas lançaram-se ao mar, atravessaram a nado até a ilhota, massacraram todos os homens que ali estavam refugiados e levaram as mulheres e as crianças juntamente com o saque. Após a carnificina, eu mesmo passei pela ilha de barco, mas não pude ficar por causa do mau cheiro dos cadáveres."

O jovem aiúbida, imbuído da grandeza e da magnanimidade de seus ancestrais, não pode impedir de ficar escandalizado com esses massacres inúteis. Mas, como sabe, os tempos mudaram.

Curiosamente, a expulsão dos *franj* se passa numa atmosfera que lembra a que tinha caracterizado sua chegada, perto de dois séculos antes. Os massacres de Antioquia de 1268 parecem reproduzir os de 1098, e o encarniçamento sobre Trípoli será apresentado pelos historiadores árabes dos séculos vindouros como uma resposta tardia à destruição, em 1109, da cidade de Banu Ammar. Entretanto, é durante a batalha de Acre, a última grande batalha das guerras francas, que a desforra vai tornar-se realmente o tema maior da propaganda mameluca.

No dia seguinte à sua vitória, Qalaun é importunado por seus oficiais. Está claro de agora em diante, eles afirmam, que nenhuma cidade franca pode fazer frente ao exército mameluco, que é preciso atacar logo, sem esperar que o Ocidente, alarmado com a queda de Trípoli, organize uma expedição na Síria. Não seria necessário acabar de uma vez por todas com o que resta do reino franco? Mas Qalaun recusa: ele assinou uma trégua e nunca

trairá seu juramento. Não poderia então, insiste seu círculo, pedir aos doutores da lei para proclamar a nulidade do tratado com Acre, esse procedimento muitas vezes utilizado pelos *franj* no passado? O sultão se opõe. Ele lembra a seus emires que jurou, no quadro do acordo assinado em 1283, a não ter recurso às consultas jurídicas para romper a trégua. Não, confirma Qalaun, ele iria apoderar-se de todos os territórios francos que o tratado não protege, mas nada mais. E despacha uma representação a Acre para reafirmar ao último dos reis, Henry, "soberano de Chipre e de Jerusalém", que respeitará seus compromissos. Ou melhor, ele decide renovar essa famosa trégua por dez anos mais a partir de julho de 1289, e encoraja os muçulmanos a aproveitar Acre para suas trocas comerciais com o Ocidente. Nos meses que se seguem, o porto palestino conhece, de fato, uma intensa atividade. As centenas, mercadores damascenos vêm se instalar nos numerosos albergues próximos aos mercados, efetuando lucrativas transações com os comerciantes venezianos ou com os ricos templários, transformados nos principais banqueiros da Síria. Por outro lado, milhares de camponeses árabes, vindos principalmente da Galiléia, afluem à metrópole franca para ali vender suas colheitas. Essa prosperidade traz proveito a todos os Estados da região, e em particular aos mamelucos. Depois de muitos anos, as correntes de troca com o Estado tendo sido perturbadas pela presença mongol, a deficiência de lucro só pode ser compensada por um desenvolvimento do comércio mediterrâneo.

Para os mais realistas dos dirigentes francos, o novo papel devolvido à sua capital — de uma grande sucursal efetuando a ligação entre dois mundos — representa uma possibilidade inesperada de sobrevivência numa região onde eles não têm mais nenhuma probabilidade de desempenhar um papel hegemônico. Todavia, não é essa a opinião de todos. Alguns ainda esperam suscitar no Ocidente uma mobilização religiosa suficiente para organizar novas expedições militares contra os muçulmanos. No dia seguinte à queda de Trípoli, o rei Henry despachou mensageiros a Roma para pedir reforços, de modo que na metade do verão de 1290 uma imponente frota chega ao porto de Acre, despejando na cidade milhares de combatentes francos fanatizados. Os habitantes observam com desconfiança esses ocidentais cambaleando de embriaguez que têm jeito de larápios e não obedecem a nenhum chefe.

Passam-se algum tempo e os incidentes começam. Mercadores damascenos são assaltados nas ruas, despojados e abandonados mortos. As autoridades conseguem, de qualquer modo, restabelecer a ordem, mas no final de agosto a situação se deteriora. Em seguida a um banquete copiosamente regado, os recém-chegados se espalham pelas ruas. Todas as pessoas de barba

são perseguidas, depois degoladas sem piedade. Numerosos árabes, pacíficos mercadores ou camponeses, tanto cristãos como muçulmanos, perecem desse modo. Os outros fogem, para ir contar o que acabou de acontecer.

Qalaun está louco de raiva. Foi para chegar a esse ponto que ele renovou a trégua com os *franj?* Seus emires o levam a agir imediatamente. Mas como homem de Estado responsável, ele não quer se deixar ser levado pela cólera. Envia a Acre uma representação para pedir explicações e exigir, sobretudo, que os assassinos lhe sejam entregues para serem castigados. Os *franj* estão divididos. Uma minoria recomenda aceitar as condições do sultão para evitar uma nova guerra. Os outros recusam, indo mesmo responder aos emissários de Qalaun que os próprios muçulmanos são responsáveis pela matança, tendo um ou dois procurado seduzir uma mulher franca.

Então Qalaun não hesita mais. Reúne seus emires e lhes anuncia sua decisão de dar fim, de uma vez por todas, a uma ocupação franca que já havia durado demais. Imediatamente os preparativos começam. Os vassalos são convocados, nos quatro cantos do sultanato, para tomar parte nesta última batalha da Guerra Santa.

Antes que o exército deixe o Cairo, Qalaun jura sobre o Alcorão não mais abandonar sua arma antes de o último franco ser expulso. O juramento é bem mais impressionante pelo fato de o sultão ser então um velho enfraquecido. Ainda que não conheçamos sua idade com precisão, parece que ele tinha ultrapassado há muito os 70 anos. Em 4 de novembro de 1290, o impressionante exército mameluco se põe em marcha. Já no dia seguinte, o sultão cai doente. Chama seus emires à sua cabeceira, faz com que eles jurem obediência a seu filho Khalil e pede a este para se empenhar como ele em levar ao fim a campanha contra os *franj.* Qalaun morre, menos de uma semana mais tarde, venerado por seus súditos como um grande soberano.

O desaparecimento do sultão atrasa, em poucos meses apenas, a última ofensiva contra os *franj.* Em março de 1291, Khalil retoma, a frente de seu exército, o caminho da Palestina. Numerosos contingentes sírios reúnem-se a ele no princípio de maio na planície que cerca Acre. Abul-Fida, então com a idade de 18 anos, participa da batalha com seu pai; ele é investido de uma responsabilidade, já que tem o encargo de uma terrível catapulta, apelidada "a Vitoriosa", que precisou ser transportada peça por peça de Hosn-el-Akrad até a vizinhança da cidade franca.

> "As carroças estavam tão pesadas que o deslocamento nos tomou mais de um mês, quando em tempo normal oito dias teriam sido suficientes. À chegada, os bois que puxavam as carroças estavam quase todos mortos de esgotamento e de frio.

da costa, todas as fortalezas que um dia poderiam servir aos *franj* se ainda quisessem voltar ao Oriente.

"Com essas conquistas", conclui Abul-Fida, "todas as terras do litoral retornaram integralmente às mãos dos muçulmanos, resultado inesperado. Assim os *franj*, que outrora tinham estado a ponto de conquistar Damasco, o Egito e muitas outras regiões, foram expulsos de toda a Síria e das zonas costeiras. Praza a Deus que nunca mais eles coloquem os pés aqui!".

Epílogo

Na aparência, o mundo árabe acabava de alcançar uma vitória brilhante. Se o Ocidente procurava, através de suas invasões sucessivas, conter o impulso do Islã, o resultado foi exatamente o inverso. Não somente os Estados francos do Oriente se achavam desenraizados após dois séculos de dominação, mas os muçulmanos se tinham restabelecido tão bem que iam partir, sob a bandeira dos turcos otomanos, à conquista da própria Europa. Em 1453, Constantinopla caía em suas mãos. Em 1529, seus cavaleiros acampavam sob os muros de Viena.

Era apenas, dizíamos, a aparência. Pois, com o recuo histórico, uma constatação se impõe: na época das cruzadas, o mundo árabe, da Espanha ao Iraque, é ainda intelectualmente e materialmente o depositário da civilização mais avançada do planeta. Depois, o centro do mundo se desloca resolutamente em direção ao oeste. Há nisso uma relação de causa e efeito? Podemos chegar a afirmar que as cruzadas deram o sinal do impulso da Europa ocidental — que ia progressivamente dominar o mundo — e haviam dado o dobre funerário da civilização árabe.

Sem ser superficial, tal julgamento deve ser matizado. Os árabes sofriam, bem antes das cruzadas, de algumas "enfermidades" que a presença franca trouxe à luz e talvez agravou, mas que não criou inteiramente.

O povo do Profeta tinha perdido, desde o século IX, o controle de seu destino. Seus dirigentes praticamente eram todos estrangeiros. Dessa multidão de personagens que vimos desfilar durante dois séculos de ocupação fran-

ca, quais eram árabes? Os cronistas, os cádis, alguns régulos locais — Ibn Ammar, Ibn Muqidh — e os califas impotentes? Mas os detentores reais do poder, e até os principais heróis da luta contra os *franj* — Zinki, Nureddin, Qutuz, Baibars, Qalaun — era turcos; al-Afdal era armênio; Chirkuh, Saladino, al-Adel, al-Kamel eram curdos. Evidentemente, a maior parte desses homens de Estado eram arabizados cultural e afetivamente, mas não esqueçamos que vimos em 1134 o sultão Massud discutir com o califa al-Mustarchid por intermédio de um intérprete, porque o seldjúcida, 80 anos após a tomada de Bagdá por seu clã, ainda não falava uma palavra de árabe. Mais grave ainda: um número considerável de guerreiros das estepes, sem nenhum laço com as civilizações árabes ou mediterrâneas, vinha regularmente se integrar à guerreira casta dirigente. Dominados, oprimidos, injuriados, estranhos em sua própria terra, os árabes não podiam continuar em seu desenvolvimento cultural iniciado no século VII. No momento da chegada dos *franj*, eles já espezinhavam, contentando-se em viver à sombra de suas aquisições do passado. E se ainda estavam claramente adiantados com relação a estes novos invasores na maior parte dos domínios, seu declínio havia começado.

Segunda "enfermidade" dos árabes, que não deixa de ter ligação com a primeira, é a sua incapacidade de construir instituições estáveis. Os *franj*, desde sua chegada ao Oriente, conseguiram criar verdadeiros Estados. Em Jerusalém, a sucessão ocorria geralmente sem choque; um conselho do reino exercia um controle efetivo sobre a política do monarca, e o clero tinha um papel reconhecido no jogo do poder. Nos Estados muçulmanos, nada disso acontecia. Toda monarquia era ameaçada com a morte do monarca, toda transmissão do poder provocava uma guerra civil. É preciso atribuir a total responsabilidade desse fenômeno às sucessivas invasões, que colocavam em causa a própria existência dos governos? É preciso incriminar as origens nômades dos povos que dominaram essa região, quer se trate dos próprios árabes, dos turcos ou dos mongóis? Não se pode, nos limites desse epílogo, resolver tal questão. Contentemo-nos em precisar que ela ainda é colocada, em termos apenas diferentes, no mundo árabe do final do século XX.

A ausência de instituições estáveis e reconhecidas não podia deixar de trazer conseqüências para as liberdades. Ente os ocidentais, o poder dos monarcas é regido, na época das cruzadas, por princípios difíceis de serem transgredidos. Ussama o notou, durante uma visita ao reino de Jerusalém, que "quando os cavaleiros proferem uma sentença, esta não pode ser modificada nem quebrada pelo rei". Ainda mais significativo é o testemunho de Ibn Jobair nos últimos dias de sua viagem ao Oriente:

"Deixando Tibnin (próximo a Tiro) atravessamos uma sucessão ininterrupta de fazendas e de aldeias cujas terras eram eficazmente exploradas. Seus habitantes são todos muçulmanos, mas vivem na abastança com os *franj* — que Deus nos guarde das tentações! —, suas habitações lhes pertencem e todos os seus bens lhes são deixados. Todas as regiões controladas pelos *franj* na Síria estão submetidas a esse mesmo regime: os domínios de bens de raiz, aldeias e fazendas ficaram nas mãos dos muçulmanos. Ora, a dúvida penetra no coração de um grande número destes homens que vivem em território muçulmano. Estes últimos sofrem, de fato, com a injustiça de seus correligionários, enquanto os *franj* agem com eqüidade".

Ibn Jobair tem razão de se inquietar, pois acaba de descobrir, nas estradas do atual Líbano-Sul, uma realidade grave em conseqüências: mesmo se o conceito de justiça entre os *franj* apresenta certos aspectos que poderíamos qualificar de "bárbaros", assim como Ussama o sublinha, sua sociedade tem a vantagem de ser "distribuidora de direitos". A noção de cidadão certamente ainda não existe, mas os feudais, os cavaleiros, o clero, a universidade, os burgueses e até os camponeses "infiéis", todos têm seus direitos estabelecidos. No Oriente árabe, o procedimento dos tribunais é mais racional; entretanto, não existem limites para o poder arbitrário do príncipe. O desenvolvimento das cidades mercantis, como a evolução das idéias, só podia ser retardado.

A reação de Ibn Jobair merece mesmo um exame mais atento. Se ele tem a honestidade de reconhecer qualidades no "inimigo maldito", desfaz-se em seguida em imprecações, avaliando que a eqüidade dos *franj* e sua boa administração constituem um perigo mortal para os muçulmanos. Estes não estariam se submetendo ao risco de voltar as costas a seus correligionários — e à sua religião — caso venham a encontrar o bem-estar na sociedade franca? Por mais compreensível que seja, a atitude do viajante não é menos sintomática de um mal de que seus semelhantes sofrem: durante as cruzadas, os árabes recusaram abrir-se para as idéias vindas do Ocidente. E aí está, provavelmente, o efeito mais desastroso das agressões de que foram vítimas. Para o invasor, aprender a língua do povo conquistado é uma habilidade; para este último, aprender a língua do conquistador é um comprometimento, isto é, uma traição. De fato, foram numerosos os *franj* que aprenderam o árabe, enquanto os habitantes do país, com exceção de poucos cristãos, permaneceram impermeáveis às línguas dos ocidentais.

Poderíamos multiplicar os exemplos, pois, em todos os domínios, os *franj* se adaptaram à escola árabe, tanto na Síria quanto na Espanha ou na Sicília. E o que nelas aprenderam era indispensável para a sua expansão ulte-

rior. A herança da civilização grega teria sido transmitida à Europa ocidental apenas por intermédio dos árabes, tradutores e continuadores. Na medicina, astronomia, química, geografia, matemática, arquitetura, os *franj* adquiriram seus conhecimentos dos livros árabes que assimilaram, imitaram e depois ultrapassaram. Quantas palavras ainda o testemunham: zênite, nadir, azimute, álgebra, algoritmo ou mais simplesmente "cifra". Tratando-se da indústria, os europeus retomaram, antes de a melhorar, os processos utilizados pelos árabes para a fabricação do papel, o trabalho do couro, o têxtil, a destilação do álcool e do açúcar — mais duas palavras emprestadas da língua árabe. Também não podemos esquecer a que ponto a agricultura européia se enriqueceu através do contato com o Oriente: abricó, beringela, chalota, laranja, melancia... A lista das palavras "árabes" é interminável.

Enquanto para a Europa ocidental a época das cruzadas era o início de uma considerável revolução, ao mesmo tempo econômica e cultural, no Oriente, as guerras santas iam desembocar em longos séculos de decadência e de obscurantismo. Sitiado por todas as partes, o mundo muçulmano se enrosca em si mesmo. Tornou-se friorento, defensivo, intolerante, estéril, tantas atitudes que se agravam à medida que prossegue a evolução planetária, em relação à qual ele se sente marginalizado. Doravante, o progresso é o outro. O modernismo é o outro. Seria preciso afirmar sua identidade cultural e religiosa rejeitando esse modernismo que simbolizava o Ocidente? Seria preciso, ao contrário, enredar-se resolutamente pela via da modernização correndo o risco de perder a própria identidade? Nem o Irã, nem a Turquia, nem o mundo árabe conseguiram resolver esse dilema; e é porque ainda hoje continuamos a assistir a uma alternação, muitas vezes brutal, entre fases de ocidentalização forçada e fases de integridade exagerada, fortemente xenófoba.

Ao mesmo tempo fascinado e aterrorizado por esses *franj* que conheceu bárbaros, os quais venceu mas que, depois, conseguiram dominar a terra, o mundo árabe não pode resolver-se a considerar as cruzadas como um simples episódio de um passado remoto. Muitas vezes nos surpreendemos ao descobrir a que ponto a atitude dos árabes, e dos muçulmanos em geral, com relação ao Ocidente continua influenciada ainda hoje por acontecimentos que se considera terem encontrado o seu término há sete séculos.

Ora, às vésperas do terceiro milênio, os responsáveis políticos e religiosos do mundo árabe se referem constantemente a Saladino, à queda de Jerusalém e à sua retomada. Israel é assimilado, na acepção popular como em certos discursos oficiais, a um novo Estado cruzado. Das três divisões do Exército para a libertação da Palestina, uma traz ainda o nome de Hittin e uma outra o de Ain Jalut. O presidente Nasser, no tempo de sua glória, era regu-

larmente comparado a Saladino, que como ele havia unido a Síria e o Egito — e até o Iêmen! No que se refere à expedição de Suez de 1956, ela foi vista, do mesmo modo que a de 1191, como uma cruzada conduzida pelos franceses e ingleses.

É verdade que as semelhanças são perturbadoras. Como não pensar no presidente Sadat, ao se ouvir Sibt Ibn al-Jawzi denunciar, diante do povo de Damasco, a "traição" do mestre do Cairo, al-Kamel, que ousou reconhecer a soberania do inimigo com relação à Cidade Santa? Como distinguir o passado do presente, quando se trata da luta entre Damasco e Jerusalém para o controle de Golan ou de Bekaa? Como não ficar sonhador lendo as reflexões de Ussama sobre a superioridade militar dos invasores?

Num mundo muçulmano perpetuamente agredido, não se pode impedir a emergência de um sentimento de perseguição, que toma, entre alguns fanáticos, a forma de uma perigosa obsessão: não se viu, a 13 de maio de 1981, o turco Mehemet Ali Agca atirar no papa após ter explicado numa carta: "Decidi matar João Paulo II, comandante supremo dos cruzados"? Além desse ato individual, está claro que o Oriente árabe vê sempre no Ocidente um inimigo natural. Contra ele, todo ato hostil, quer seja político, militar ou relativo ao petróleo, não passa de desforra legítima. E não se pode duvidar de que a ruptura entre estes dois mundos data das cruzadas, vistas pelos árabes, ainda hoje, como uma violação.

FACULDADE INTEGRADA BRASIL AMAZÔNIA
Biblioteca
FIBRA

Notas e fontes

Em dois anos de pesquisas sobre as cruzadas, convive-se com numerosas obras e autores que, encontro breve ou freqüentação assídua, exercem uma influência sobre o trabalho que se está efetuando. Se eles merecem todos ser mencionados, a ótica deste livro impõe uma seleção. Com efeito, estimamos que o leitor busca aqui, não uma bibliografia exaustiva sobre as cruzadas, mas referências que permitam ir além no conhecimento dessa "outra visão".

Três tipos de obras figuram nestas notas. Primeiro, é claro, os trabalhos dos historiadores e cronistas árabes que nos deixaram testemunhos sobre as invasões francas. Falaremos deles, capítulo após capítulo, à medida que seus nomes aparecerem na narrativa, dando as referências da obra original, na qual também nos baseamos, assim como as referências das traduções francesas disponíveis. Citemos todavia, nesta introdução, a excelente compilação de textos reunidos pelo orientalista italiano Francesco Gabrieli, publicada em francês com o título *Chroniques arabes des croisades*, Paris, Sindbad, 1977.

Um segundo tipo de obras trata da história medieval árabe e muçulmana nas suas relações com o Ocidente. Citemos em particular:

E Ashror, *A social and economic history of the near east in the Middle Age*, Londres, Collins, 1976; C. Cahen, *Les peuples musulmans dans l'Histoire médiévale*, Institut Français de Damas, 1977; M. Hodgson, *The venture of islam*, University of Chicago, 1974; R. Palm, *Les étendards du Prophète*, Paris, J. C. Lattès. 1981; J.J. Saunders, *A history of medieval islam*, Londres, RKP, 1965; J. Sauvaget, *Introduction à l'histoire de l'Orient musulman*, Paris, Adrien-Maisonneuve, 1961; J. Schacht, *The legacy of islam*, Oxford University, 1974; E. Sivan, *L'islam et la croisade*, Paris, Adrien-Maisonneuve, 1968; H. Montgomery Watt, *L'influence de l'islam sur l'Europe médiévale*, Paris, Geuthner, 1974.

Um terceiro tipo de obras diz respeito aos relatos históricos, globais ou parciais, das cruzadas. Obviamente, foi indispensável consultá-los para reunir os testemunhos árabes, necessariamente fragmentados, numa narrativa contínua que cobrisse os dois séculos de invasões francas. Esses relatos serão evocados mais de uma vez nestas notas. Citemos duas obras clássicas: *Histoire des croisades et du royaume franc de Jérusalem*, de René Grousset, 3 vols., Paris, Plon, 1934-1936, e *A history of the crusades*, de Stephen Runciman, 3 vols., Cambridge University, 1951-1954.

Prólogo

Os historiadores árabes não concordam todos em atribuir a al-Harawi o discurso que citamos. Segundo o cronista damasceno Sibt Ibn al-Jawzi (ver cap. 12), teria mesmo sido o cádi quem pronunciou essas palavras. O historiador Ibn al-Athir (ver cap. 2) afirma que o autor é o poeta al-Abiwardi, aparen-

temente inspirado pelas lamentações de al-Harawi. De qualquer forma, não há dúvida quanto ao conteúdo: as palavras citadas correspondem à mensagem que a delegação conduzida pelo cádi quis transmitir à corte do califa.

Partindo de Valência, na Espanha muçulmana, Ibn Jobair (1144-1217) efetuou sua viagem no Oriente entre 1182 e 1185. Ele consignou suas observações num livro que se encontra em francês (Paris, Geuthner, 1953-1956). O texto original foi reeditado em árabe (Beirute, Sader, 1980).

Nascido e morto em Damasco, Ibn al-Qalanissi (1073-1160) ocupou altas funções administrativas na sua cidade. Deixou uma crônica chamada *Zayl tarikh Dimachq*, cujo texto original existe apenas em uma edição de 1908. Uma edição francesa parcial, com o título de *Damas de 1075 à 1154*, foi publicada em 1952 pelo Institut Français de Damas e Éditions Adrien-Maisonneuve, Paris.

Capítulo 1

"Neste ano", na citação de Ibn al-Qalanissi, é o ano de 490 da Hégira. Todos os cronistas e historiadores árabes da época utilizam, com poucas variações, o mesmo método de exposição: eles enumeram, muitas vezes em desordem, os acontecimentos de cada ano, antes de passar para o ano seguinte.

O termo *rum* — singular: *rumi* — é às vezes utilizado no século XX em algumas partes do mundo árabe para designar não os gregos, mas os ocidentais em geral.

O emir — *al-amir* — é, na origem, "aquele que assume um comando". *Amir al-muminin* é o príncipe ou o que comanda os crentes. Os emires do exército são de certa forma os oficiais superiores. *Amir al-juyuch* é o chefe supremo dos exércitos, e *amir al-bahr* é o comandante da frota, uma palavra que os ocidentais tomarão emprestada sob uma forma concisa: *amiral*, "almirante".

A origem dos seldjúcidas ainda é cercada de mistério. O epônimo do clã, Seljuk, tinha dois filhos chamados Mikael e Israel, o que faz supor que a dinastia que unificou o Oriente muçulmano tinha origem cristã ou judaica. Após sua islamização, os seldjúcidas trocaram alguns de seus nomes. Em particular, Israel assumiu a forma turca de Arslan.

A gesta do rei Danishmend foi publicada em 1960, original e tradução, pelo Institut Français d'Archéologie d'Istambul.

Capítulo 2

A principal obra de Ibn al-Athir (1160-1223). *A História perfeita (Al-Kamel fit-Tarikh)*, só existe em francês em traduções fragmentadas, notadamente no *Recueil des historiens des croisades*, publicado em Paris, entre 1841 e 1906, pela Académie des Inscriptions et Belles-Lettres. O texto árabe de *Al-Kamel fit-Tarikh*, em 13 volumes, foi reeditado em 1979 (Sader, Beirute). São os volumes X, XI e XII *que des croisades et la principauté d'Antioche"*, Paris, Geuthner, 1940.

Sobre a seita dos Assassinos, ver capítulo 5.

Referência da citação de Ibn Jobair sobre o petróleo: *Voyages*, edição francesa, p. 268; edição árabe, p. 209.

Para saber mais a respeito de Antioquia e sua região, ler, de C. Cahen, *La Syrie du Nord à l'époque des croisades et la principauté d'Antioche"*, Paris, Geuthner, 1940.

Capítulo 3

Os relatos que dizem respeito aos atos de canibalismo cometidos pelos exércitos francos em Maara, em 1098, são numerosos — e concordam entre si — nas crônicas francas da época. São encontrados até o século XX, detalhados, em escritores europeus. É, por exemplo, o caso de *l'Histoire des croisades*, de Michaud, publicada em 1817-1822. Ver tomo 1, pp. 357 e 577, e *Bibliographie des croisades*, pp. 48, 76, 183, 248. No século XX, em compensação, esses relatos — em razão da missão civilizadora? — são geralmente ocultados. Grousset, nos três volumes de sua *Histoire*, não menciona nada a respeito;

Renciman contenta-se com uma alusão: "A fome reinava..., o canibalismo parecia a única solução" *(op. cit.*, tomo 1, p. 261).

Sobre os Tafurs, ver J. Prawer, *Histoire du royaume franc de Jérusalem*, Paris, C.N.R.S., 1975, tomo 1, p. 216.

Sobre Ussama Ibn Munqidh, ver cap. 7.

Sobre a origem do nome *krac* dos cavaleiros, ver Paul Deschamps,"La Toponomastique en Terra Sainte au temps des croisades", *in Recuil de travaux...*, Paris, Geuthner, 1955.

Os *franj* encontrarão a carta do basileu na tenda de al-Afdal após a batalha de Ascalon em agosto de 1099.

Capítulo 5

Sobre a batalha de Tiro e tudo que diz respeito à cidade, ver M. Chehab, *Tyr à l'époque des croisades*, Paris, Adrien-Maisonneuve, 1975.

Kamaleddin Ibn al-Adim (1192-1262), originário de Alepo, só dedicou a primeira parte de sua vida a escrever a história de sua cidade. Tomado por sua atividade política e diplomática e suas numerosas viagens pela Síria, o Iraque e o Egito, ele interromperá sua crónica em 1223. O texto original de sua *Histoire d'Alep* foi publicado pelo Institut Français de Damas, em 1968. Até hoje, não há nenhuma edição francesa.

O local em que ocorreu a batalha entre Ilghazi e o exército de Antioquia tem nomes diferentes, segundo as fontes: Sarmada, Darb Sarmada, Tel Aqibrin... Os *franj* o apelidaram *Ager sanguinis*, "o campo do sangue".

Sobre os Assassinos, ler M. Hodgson, *The order of Assassins*, Haia, Mouton, 1955.

Capítulo 6

O hospital fundado em Damasco em 1154 continuará a funcionar até 1899, quando será transformado em escola.

O pai de Zinki, Aq Sonqor, fora governador de Alepo até 1094. Acusado de traição por Tutuch, o pai de Redwan, foi decapitado. O jovem Zinki foi então recolhido por Karbuka de Mossul, que o educou e o fez participar de todas as suas batalhas.

A princesa Zomorrod era filha do emir Jawali, o antigo governador de Mossul.

Capítulo 7

Nascido em 1095, dois anos antes da chegada dos *franj* na Síria, morto em 1188, um ano depois da retomada de Jerusalém, o emir Ussama Ibn Munqidh ocupa um lugar à parte entre os testemunhos árabes das cruzadas. Escritor, diplomata, político, conheceu pessoalmente Nureddin, Saladino, Moinuddin Unar, o rei Fulque e muitos outros. Ambicioso, intrigante, conspirador, foi acusado de ter mandado assassinar um califa fatímida e um vizir egípcio, de ter querido derrubar seu tio Sultan e até mesmo seu amigo Moinuddin. Foi todavia a imagem do excelente letrado, do observador perspicaz e cheio de humor que ficou. A principal obra de Ussama, sua autobiografia, foi publicada em Paris em 1893 por H. Derenbourg. Trata-se de uma edição original agrupando o texto árabe, uma versão francesa que mistura paráfrases e citações, assim como uma quantidade de observações sobre Ussama, sua época, suas relações com os *franj*.

Para a narrativa da batalha de Edessa, ver J.-B. Chabot, "Un épisode de l'histoire des croisades," *in Mélanges...*, Paris, Geuthner, 1924.

Capítulo 8

Para saber mais sobre o filho de Zinki e sua época, ver N. Elisseeff, *Nur-ad-Din, un grand prince musulman de Syrie au temps des croisades*, Institut Français de Damas, 1967. A diferença de ortografia entre Nureddin e Nur-ad-Din nos leva a precisar aqui, se for necessário, que adotamos neste livro, destinado a um público não necessariamente especializado, uma transcrição acadêmica do árabe.

A primeira fonte de renda legal para os príncipes — inclusive para Nureddin — era a sua parte do saque ganho ao inimigo: ouro, prata, cavalos, cativos vendidos como escravos. O preço destes últimos diminuía sensivelmente quando eram muito numerosos, precisam os cronistas; chegava-se mesmo a trocar um homem por um par de chinelos!

Ao longo das cruzadas, violentos tremores de terra vieram devastar a Síria. Se o de 1157 é o mais espetacular, nenhum decênio transcorria sem um cataclisma maior.

Capítulo 9

O braço oriental do Nilo, hoje seco, é chamado "braço pelusíaco", pois atravessava a antiga cidade de Pelúsio. Lançava-se ao mar nas proximidades de Sabkhat-al-Bardawil, a laguna de Baudoin.

A família de Ayyub teve de deixar Tikrit em 1138, pouco depois do nascimento de Saladino nessa cidade. Chirkuh foi obrigado a matar um homem para vingar, segundo seus dizeres, a honra injuriada de uma mulher.

Originários da África do Norte, os fatímidas governaram o Egito de 966 a 1171, tendo fundado o Cairo, al-Qahira, "a Vitoriosa". Eles invocavam o testemunho de Fátima, filha do Profeta e esposa de Ali, inspirador do xiísmo.

Sobre as peripécias da espantosa batalha do Egito, ler G. Schlumberger, *Campagnes du roi Amaury Ier de Jérusalem en Egypte*, Paris, Plon, 1906.

Capítulo 10

A carta dos alepinos, como a maior parte das mensagens de Saladino, encontra-se no *Livre des deux jardins*, obra do cronista damasceno Abu Chama (1203-1267). Essa obra contém uma compilação preciosa de grande número de documentos oficiais impossíveis de se encontrar em outros lugares.

Bahaeddin Ibn Chaddad (1145-1234) entrou para o serviço de Saladino pouco antes da batalha de Hittin. Ele foi, até a morte do sultão, um confidente e um conselheiro. Sua biografia de Saladino foi recentemente reeditada, em original e tradução, em Beirute e Paris (Méditerranée, 1981).

Durante as núpcias de Kerak, as boas maneiras não estavam unicamente ao lado de Saladino. A mãe da recém-casada enviou ao sitiante pratos cuidadosamente preparados para que ele também pudesse participar das festividades.

O testemunho do filho de Saladino sobre a batalha de Hittin foi citado por Ibn al-Athir, vol. IX, ano 583 da Hégira.

Colaborador de Nureddin antes de entrar para o serviço de Saladino, Imadeddin al-Asfahani (1125-1201) publicou numerosas obras de história e de literatura, especialmente uma preciosa antologia poética. Seu estilo extraordinariamente empolado reduziu um pouco o valor de seu testemunho sobre os acontecimentos que viveu. Sua narrativa da *Conquête de la Syrie et de la Palestine par Saladin* foi publicada pela Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, Paris, 1972.

Capítulo 11

Segundo a fé muçulmana, Deus conduziu o Profeta, uma noite, numa viagem miraculosa de Meca à mesquita al-Aqsa, depois até os céus. Um encontro teve lugar com Jesus e Moisés, símbolo da continuidade das "religiões do livro".

Para os orientais, árabes, armênios ou gregos, a barba é um sinal de virilidade. Os rostos imberbes da maior parte dos cavaleiros francos divertiam, e muitas vezes escandalizavam.

Entre as numerosas obras ocidentais consagradas a Saladino, é preciso lembrar a de S. Lane-Pool, publicada em Londres em 1898 sob o título de *Saladin and the fall of the kingdom of Jerusalem*, e que infelizmente caiu no esquecimento há alguns anos. Foi reeditada em Beirute (Khayat, 1964).

Capítulo 12

Parece que al-Kamel recebeu em 1219 São Francisco de Assis, vindo ao Oriente na vã esperança de restabelecer a paz. Ele o teria ouvido com simpatia e lhe teria proposto presentes antes de tê-lo mandado de volta, com escolta, ao acampamento dos *franj*. De acordo com nosso conhecimento, nenhuma fonte árabe relata este acontecimento.

Orador e cronista damasceno, Sibt Ibn al-Jawzi (1186-1256) publicou uma volumosa história universal intitulada *Miraat az-zaman (O Espelho do Tempo)*, da qual apenas alguns fragmentos foram publicados.

Sobre o espantoso personagem que é o imperador, ler, de Benoist-Meschin, *Frédéric de Hohenstaufen ou le rêve excommunié*, Paris, Perrin, 1980.

Capítulo 13

Para uma história dos mongóis, ver R. Grousset, *l'Empire des steppes*, Paris, 1939. A troca de cartas entre Luís IX e Ayyub é relatada pelo cronista egípcio al-Maqrizi (1364-1442).

Diplomata e homem de lei, Jamaleddin Ibn Wassel (1207-1298) deixou uma crônica do período aiúbida e do início da era mameluca. Segundo nosso conhecimento, sua obra nunca foi editada, ainda que citações e traduções fragmentárias existam em Michaud e Gabrieli, *op. cit.*

Após a destruição de Alamut, a seita dos Assassinos se perpetuou sob uma forma que não se pode querer mais pacífica: os ismalianos, adeptos de Aga Khan, que muitas vezes se esquece que é o sucessor em linha direta de Hassan as-Sabbah.

A versão aqui relatada da morte de Aibek e de Chajarat-ad-dorr é de uma epopéia popular medieval, *Sirat al-malek az-zaher Baibars*, Beirute, As-sakafiya.

Capítulo 14

Secretário dos sultões Baibars e Qalaun, o cronista egípcio Ibn Abd el-Zaher (1223-1293) teve a má sorte de ver sua principal obra, *La vie de Baibars*, resumida por um sobrinho ignorante que apenas nos deixou um texto truncado e insípido. Os poucos fragmentos que chegaram a nós da obra original revelam um real talento de escritor e de historiador.

Entre todos os cronistas e historiadores árabes que citamos, Abul-Fida (1273-1331) foi o único a ter governado um Estado. Verdade que este, o emirado de Hama, era minúsculo, o que permitia ao emir aiúbida consagrar o essencial de seu tempo a numerosas obras, das quais *Moukhtassar tarikh al-bachar (Resumo da História da humanidade)*. Seu texto, em original e tradução, pode ser consultado em *Recueil des historiens des croisades*, já citado.

Ainda que a dominação ocidental sobre Trípoli tenha tido fim em 1289, numerosos nomes de origem franca subsistiram, na cidade e nas regiões vizinhas, até nossos dias: Anjul (Anjou), Dueihy (de Douai), Dekiz (de Guise), Dabliz (de Blise), Chanbur (Chambord), Chanfur (Chamfort), Frankieh (Franco)...

Antes de fechar este sobrevôo das fontes, citemos ainda:

Z. Oldenbourg, *Les croisades*, Paris, Gallimard, 1965, uma narrativa de sensibilidade cristã oriental; R. Pernoud, *Les hommes des croisades*, Paris, Tallandier, 1977; J. Sauvaget, *Historiens arabes*, Paris, Adrien-Maisonneuve, 1946.

Cronologia

Antes da Invasão

622: Emigração — Hégira — do profeta Maomé de Meca para Medina: começo da era muçulmana.
638: O califa Omar conquista Jerusalém.
Séculos VII e VIII: Os árabes contrõem um imenso império, se extendendo da Índia aos Pireneus.
809: Morte do califa Haroun al-Rachid; o império árabe no seu apogeu.
Século X: Embora sua civilização continuasse a florescer, os árabes conhecem uma decadência política. Os califas perdem o poder em proveito de militares persas e turcos.
1055: Os turcos seldjúcidas conquistam Bagdá.
1071: Os seldjúcidas aniquilam os bizantinos em Malazgirt e apoderam-se da Ásia Menor. À exceção do Egito, eles controlam todo o Oriente muçulmano.

A Invasão

1096: Kilij Arslan, sultão de Nicéia, derrota um exército invasor franco liderado por Pedro, o Eremita.
1097: Primeira grande expedição franca. Nicéia é tomada e Kilij Arslan é vencido em Doriléia.
1098: Os *franj* tomam Edessa e a seguir Antioquia, e triunfam sobre um exército de socorro muçulmano comandado por Karbuka, senhor de Mossul. Episódio dos canibais de Maara.
1099: Queda de Jerusalém seguida de massacres e pilhagens. Destruição de um exército de socorro egípcio. O cádi de Damasco, al-Harwi, dirige-se para Bagdá liderando uma delegação de refugiados para denunciar a falta de ação dos dirigentes muçulmanos frente à invasão.

A Ocupação

1100: Baudoin, conde de Edessa, escapa de uma emboscada perto de Beirute e se proclama rei de Jerusalém.
1104: Vitória muçulmana em Harran, que contém o avanço franco na direção do leste.
1108: Curiosa batalha em Tell Bacher: duas coalizões islamo-francas se enfrentam.
1109: Queda de Trípoli depois de 2000 dias de sítio.
1110: Queda de Beirute e de Saida.
1111: O cádi de Alepo, Ibn al-Khachab, organiza uma rebelião contra o califa de Bagdá para exigir sua intervenção contra a ocupação franca.
1112: Resistência vitoriosa em Tiro.
1115: Aliança dos príncipes muçulmanos e francos da Síria contra um exército despachado pelo sultão.
1119: Ilghazi, senhor de Alepo, derrota os *franj* em Sarmada.
1124: Os *franj* apoderam-se de Tiro: eles ocupam doravante toda a costa, à exceção de Ascalon.
1125: Ibn al-Khachab é morto pelos Assassinos.

A Resposta

1128: Fracassa um ataque dos *franj* contra Damasco: Zinki torna-se senhor de Alepo.
1135: Zinki tenta, sem sucesso, apoderar-se de Damasco.
1137: Zinki captura Fulque, rei de Jerusalém, mas depois o solta.
1138: Zinki coloca em cheque uma coalizão franco-bizantina; batalha de Chayzar.
1140: Aliança de Damasco e de Jerusalém contra Zinki.
1144: Zinki se apodera de Edessa, destruindo os primeiros dos quatro Estados francos do Oriente.
1146: Morte de Zinki. Seu filho Nureddin toma seu lugar em Alepo.

A Vitória

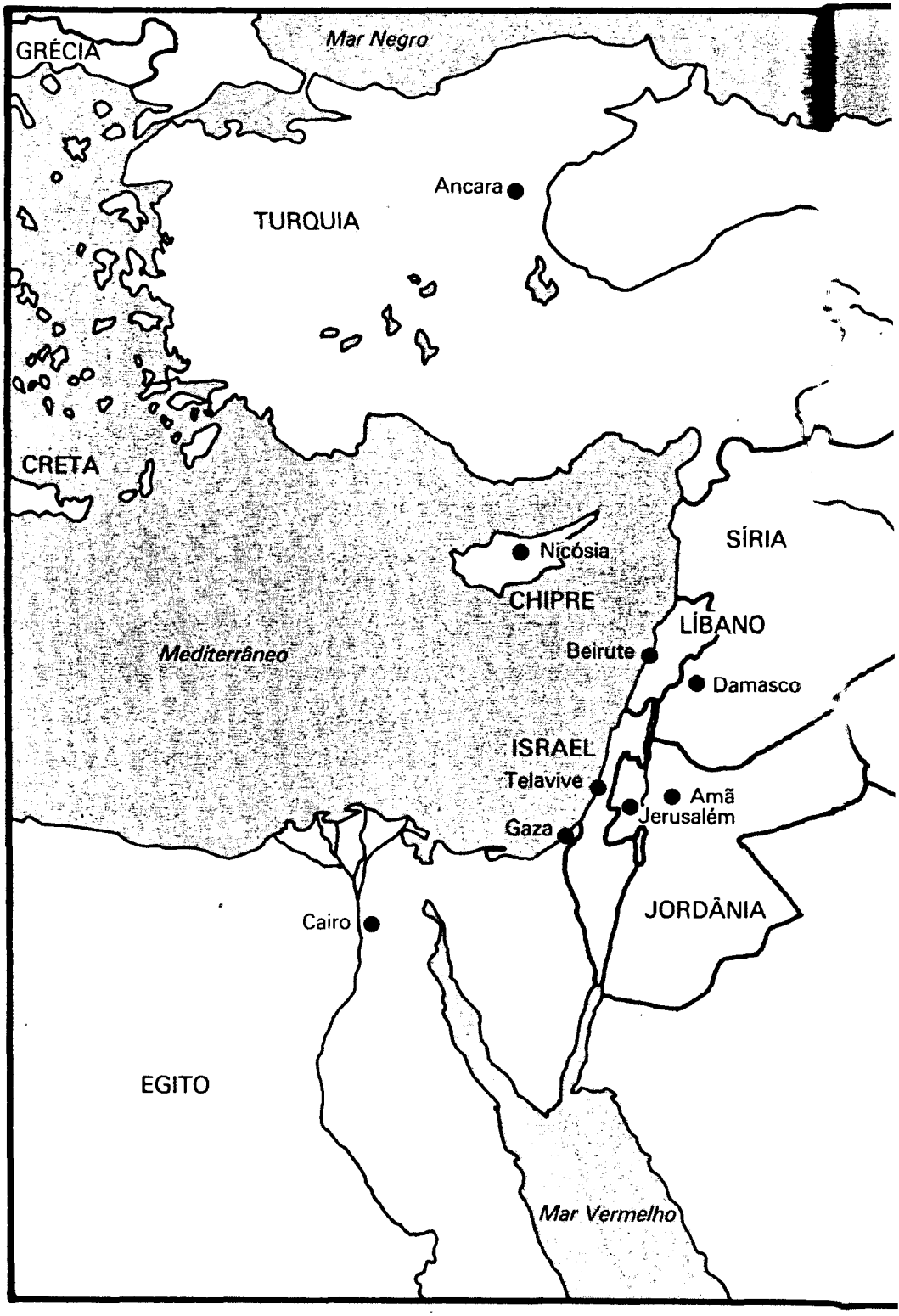
1148: Derrota diante de Damasco de uma nova expedição franca conduzida por Conrad, imperador da Alemanha, e pelo rei da França Luís VII.
1154: Nureddin toma controle de Damasco, unificando a Síria muçulmana sob sua autoridade.
1163-1169: A luta pelo Egito. Chirkuh, general de Nureddin, acaba por conquistá-lo. Proclamado vizir, ele morre após apenas dois meses. Seu sobrinho Saladino o sucede.
1171: Saladino proclama o término do califado fatímida. Senhor único do Egito, ele entra em conflito com Nureddin.
1174: Morte de Nureddin. Saladino apodera-se de Damasco.
1183: Saladino apodera-se de Alepo. Egito e Síria estão de agora em diante reunidos sob sua égide.
1187: Ano da vitória. Saladino derrota os exércitos francos em Hittin, perto do lago de Tiberíades. Ele reconquista Jerusalém e a maior parte dos territórios francos. Os antigos ocupantes conservam apenas Tiro, Trípoli e Antioquia.

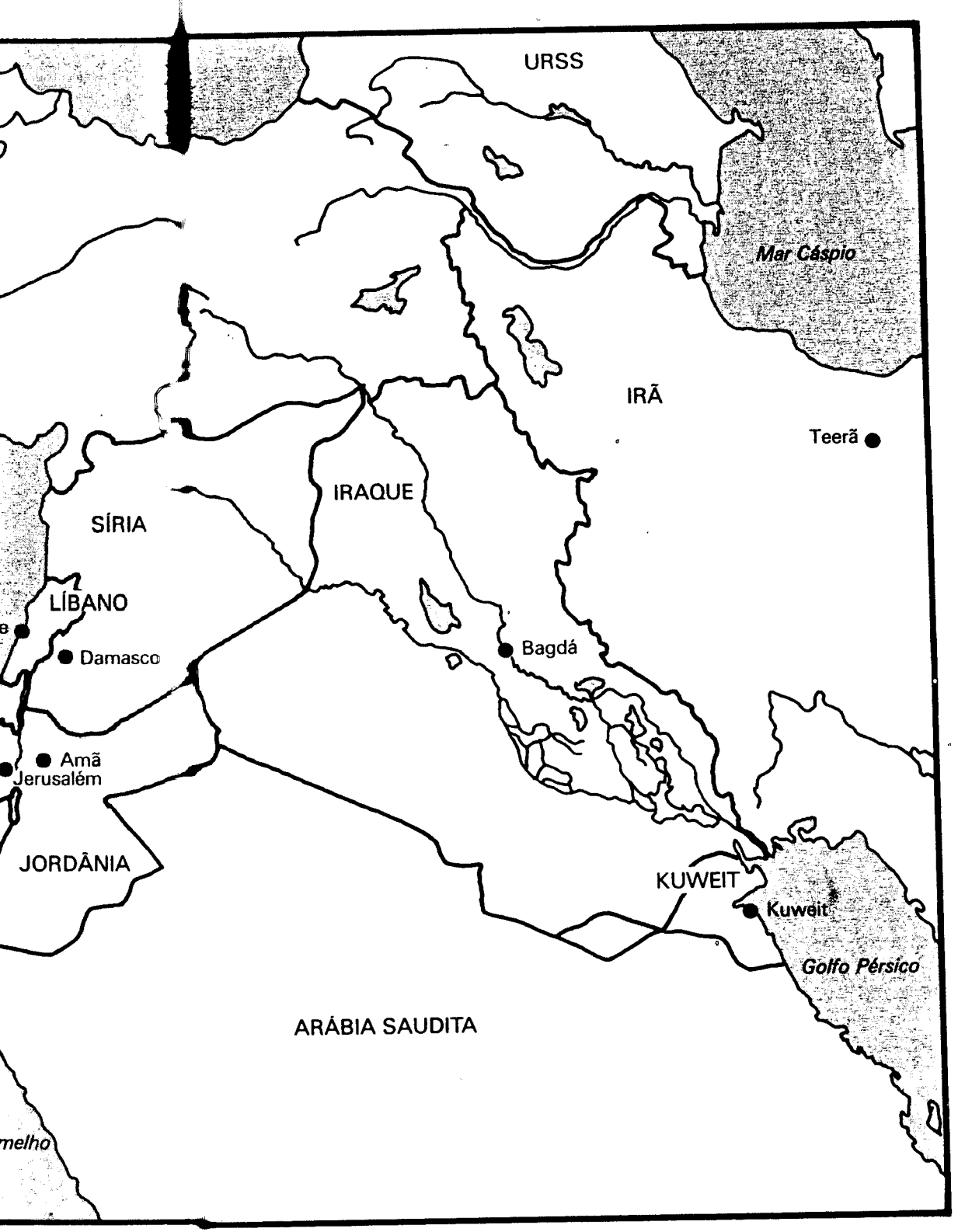
O Sursis

1190:1192: Impasse de Saladino diante de Acre. A intervenção do rei da Inglaterra Ricardo Coração de Leão permite aos *franj* reconquistarem do sultão diversas cidades, menos Jerusalém.
1193: Saladino morre em Damasco com a idade de 55 anos. Ao final de alguns anos de guerra civil, seu império é reunificado sob a autoridade de seu irmão al-Adel.
1204: Os *franj* se apoderam de Constantinopla. Saque da cidade.
1218-1221: Invasão do Egito pelos *franj*. Eles tomam Damieta e se dirigem para o Cairo, mas o sultão al-Kamel, filho de al-Adel, acaba por lhes repelir.
1129: Al-Kamel entrega Jerusalém ao imperador Frederico II de Hohenstaufen, causando assim uma tempestade de indignação no mundo árabe.

A Expulsão

1244: Os *franj* perdem Jerusalém pela última vez.
1248-1250: Invasão do Egito pelo rei da França Luís IX, que é vencido e capturado. Queda da dinastia aiúbida, substituída pelos mamelucos.
1258: O chefe mongol Hulagu, neto de Gengis Khan, saqueia Bagdá, massacrando a população e matando o último califa abássida.
1260: O exército mongol, que acabava de ocupar Alepo e Damasco, é vencido na batalha de Ain Jalut, na Palestina. Baibars torna-se soberano do sultanato mameluco.
1269: Baibars se apodera de Antioquia, que era aliada dos mongóis. Destruições e massacres.
1270: Luiz IX morre perto de Túnis no decurso de uma invasão fracassada.
1289: O sultão mameluco Qalaun se apodera de Trípoli.
1291: O sultão Khalil, filho de Qalaun, toma Acre, colocando fim a dois séculos de presença franca no Oriente.


GRÉCIA
Mar Negro
Ancara
TURQUIA
CRETA
Nicósia
SÍRIA
CHIPRE
LÍBANO
Mediterrâneo
Beirute
Damasco
ISRAEL
Telavive
Amã
Jerusalém
Gaza
JORDÂNIA
Cairo
EGITO
Mar Vermelho


URSS
Mar Cáspio
IRÃ
Teerã
IRAQUE
SÍRIA
LÍBANO
Damasco
Bagdá
Amã
Jerusalém
JORDÂNIA
KUWEIT
Kuwait
Golfo Pérsico
ARÁBIA SAUDITA

FACULDADE INTEGRADA BRASIL AMAZÔNIA
Biblioteca
FIBRA

Sobre o autor

História e literatura combinam. Amin Maalouf sabe disso. Com apenas três livros publicados, permaneceu vários meses nas listas dos mais vendidos na França, tendo seus livros traduzidos em vários idiomas. São dele este *As Cruzadas Vistas pelos Árabes* (*Les Croisades vues par les Arabes,* 1983), *Léon l'Africain* (1986) - uma autobiografia fictícia mas baseada na história real de Hassan al-Wazzan, um embaixador árabe que, no ano de 1518 em viagem de peregrinação à Meca, é capturado por piratas sicilianos e entregue a Leão X, o grande papa da Renascença, tornando-se assim o geógrafo Jean-Léon de Médicis, conhecido como Léon, o Africano - e o recente *Samarcande* (1988), aonde Maalouf conta a vida de um homem que, além de matemático genial, astrônomo e filósofo estudioso dos dogmas do corão, é um dos maiores poetas de todos os tempos: Omar Kayyan (1047-1122).

por um desconhecido mercador, o livro de Maalouf se abre oferecendo surpresas incríveis. Comprometido com a historiografia árabe, a lógica narrativa de *As Cruzadas Vistas pelos Árabes* é diversa daquela que estamos acostumados. Defendendo postulados contrários às propostas repetidas entre nós, o livro desperta a "visão dos árabes sobre as cruzadas", exibindo um inventário crítico que nos coloca como "violentos", "invasores", "atrasados", "desconhecedores das regras elementares da ética social".

O livro é épico e narra a história da defesa dos árabes em relação ao ataque das Cruzadas, na Idade Média. Percorrendo uma longa galeria de figuras de realce na defesa das Terras Santas, os fatos belicosos são contracenados com casos pitorescos que em conjunto formulam uma história continuada. A unificação dos árabes, nesse sentido passa a ser o resultado de uma provocação continuada do ocidente "bárbaro" e causticador de uma civilização muito mais adiantada, à oriental.

Reunindo atrativos da história medieval do Oriente, da visão da historiografia árabe (tão desconhecida) e da relação Oriente x Ocidente, este texto convida para uma reflexão sobre a necessidade de tocar em alguns pressupostos da visão histórica Ocidental.

Mostrando os cristãos como cruéis e selvagens, como ignorantes e despreparados culturalmente, os árabes desenvolveram uma explicação messiânica, da qual o Islamismo seria a expressão da vontade divina. Para cumprir o plano islâmico seria preciso que os árabes fizessem a Guerra Santa. O enredo destes embates, cercados de detalhes interessantes, é a base deste livro.

José Carlos Sebe

FINALMENTE A VERSÃO DOS VENCEDORES

"Invasores!", "Atrasados", "Desconhecedores das regras elementares de ética social"... Era assim que os muçulmanos viam os cruzados: europeus cristãos que invadiam suas terras na tentativa de reconquistar Jerusalém, a "Cidade Santa". Das primeiras invasões, no século XI, até a derrocada final dos cruzados no século XIII, Amin Maalouf constrói aqui uma narrativa inversa à corrente entre nós, ocidentais. Em um livro que nunca deixa de ser épico e emocionante, ele percorre a longa galeria de personagens históricos que participaram da "Guerra Santa", bem como relata os fatos belicosos, as batalhas e os acontecimentos pitorescos surgidos do entrechoque de duas culturas tão diversas.

Mostrando os cristãos como cruéis e selvagens, como ignorantes e culturalmente despreparados, Maalouf faz o leitor pensar. Afinal, naquela época, quem eram os verdadeiros bárbaros?

Área de interesse: História.

ISBN 85-11-13078-0

9 788511 130782

brasiliense

Capa: Isabel